



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA**  
**INSTITUTO DE LETRAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LÍNGUA E CULTURA**

**LORENNNA OLIVEIRA DOS SANTOS**

**LULA EM CAPAS DA REVISTA VEJA: UM ESTUDO SEMÂNTICO-  
COGNITIVO EM PERSPECTIVA ECOLÓGICA**

Salvador

2023

**LORENNA OLIVEIRA DOS SANTOS**

**LULA EM CAPAS DA REVISTA VEJA: UM ESTUDO SEMÂNTICO  
COGNITIVO EM PERSPECTIVA ECOLÓGICA**

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura do Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, na área Linguagem e Interação, na linha de pesquisa Linguagem, Cognição e Discurso, como parte dos requisitos para o Trabalho de Conclusão.

Orientadora: Profa. Dra. A. Ariadne Domingues Almeida

Salvador-BA

2023

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema Universitário de Bibliotecas (SIBI/UFBA),  
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Oliveira dos Santos, Lorena  
LULA EM CAPAS DA REVISTA VEJA: UM ESTUDO SEMÂNTICO  
COGNITIVO EM PERSPECTIVA ECOLÓGICA / Lorena Oliveira  
dos Santos. -- Salvador, 2023.  
236 f. : il

Orientadora: Aurelina Ariadne Domingues Almeida.  
Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Língua  
e Cultura) -- Universidade Federal da Bahia,  
Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia,  
2023.

1. Linguística Cognitiva. 2. Teoria da  
Complexidade. 3. Revista Veja. 4. Conceptualização de  
Lula. 5. Técnica da Saturação. I. Domingues Almeida,  
Aurelina Ariadne. II. Título.

**LORENNA OLIVEIRA DOS SANTOS**

**LULA EM CAPAS DA REVISTA VEJA: UM ESTUDO SEMÂNTICO-  
COGNITIVO EM PERSPECTIVA ECOLÓGICA**

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Aurelina Ariadne Domingues Almeida – Orientadora  
Universidade Federal da Bahia

---

Prof. Dr. Paulo Henrique Duque – Examinador Externo  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Elisângela Santana dos Santos – Examinadora Externa  
Universidade do Estado da Bahia

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Naira de Almeida Velozo – Examinadora Externa  
Universidade do Estado do Rio de Janeiro

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Solange Coelho Vereza – Examinadora Externa  
Universidade Federal Fluminense

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Neila Maria Oliveira Santana – Suplente  
Universidade do Estado da Bahia

---

Prof<sup>ª</sup> Dr<sup>ª</sup> Natália Elvira Sperandio – Suplente  
Universidade Federal de São João Del-Rei

---

Prof<sup>ª</sup> Dr. Mailson dos Santos Lopes – Suplente  
Universidade Federal da Bahia

---

Prof. Dr. Ricardo Yamashita Santos – Suplente  
Universidade Potiguar

Pelo amor, dedico esta tese a meus pais.

Pela persistência, dedico a mim.

## AGRADECIMENTOS

Enquanto parte de todos que me cercam, preciso agradecer às pessoas que me encontraram na teia da vida e fizeram de mim um todo complexo.

Aos meus pais, Marilene dos Santos e Ulisses Oliveira do Amaral, agradeço por serem a razão da minha existência, por apoiarem os meus sonhos e por me darem o melhor dos sentimentos: o amor. A vocês, toda a minha gratidão.

À minha madrinha, Valéria Viana, e ao meu padrinho, Warley Campos, agradeço por acreditarem em mim, por serem presentes e por serem as palavras que me aconselham e os abraços que me acolhem. Vocês são os meus exemplos.

À minha orientadora, Ariadne Almeida, agradeço por me conduzir no caminho acadêmico, por me questionar, por me promover uma consciência social e política, por me mostrar que posso ser o que eu quiser e por me fazer ser melhor. Você é inspiradora.

Aos meus amigos de infância (e de uma vida toda), Daniel Teixeira, Patrick Peixoto e Thiago Macêdo, agradeço por serem escuta e por tornarem os meus caminhos mais leves. Ao meu amigo Caio Aguiar, agradeço por ser a minha companhia diária e por ser meu apoio e cuidado. Às minhas amigas Evangeline Cabral, Hayat Passos e Gabriela Gonçalves, agradeço por serem partilha. Vocês são o meu riso fácil, as minhas melhores experiências e a sinceridade que, por vezes, não quero encarar.

Às minhas amigas Evani Rodrigues, Gemima Arcanjo e Sandra Prudencio, agradeço por serem acolhimento, conselhos e compreensão e, ainda, por terem me apresentado novos caminhos. Vocês são os anjos que conheci em Salvador.

Ao meu companheiro de vida, Rogério Magalhães, agradeço por ser amor, carinho, abraço, segurança e lar. Você é o equilíbrio na minha desordem.

A Márcia Marinho, agradeço por ser minha família em Salvador.

Ao meu psicólogo Lucas Matias, agradeço por promover o meu autoconhecimento e por me ensinar a lidar com a complexidade da vida.

Aos amigos que conheci nos caminhos da pesquisa, Neila Santana, Dalva Barreto, Simone Martinez, Nival Neto e Sinval Medeiros (*in memoriam*), agradeço por terem me incentivado academicamente.

À professora Elisângela Santana, agradeço pelas contribuições para a realização desta tese. Aos professores Paulo Duque, Solange Vereza e Naira Velozo, agradeço por aceitarem o convite para participarem da banca de defesa.

A Deus, agradeço pelas bênçãos e por me mostrar que tudo é possível.

E, por fim, agradeço a mim, pela coragem de persistir.

“A partir de agora, se me prenderem, eu viro herói.  
Se me matarem, viro mártir. E, se me deixarem solto,  
viro presidente de novo”.

(LULA,2016)



## RESUMO

Neste estudo, tendo como objeto de estudo a conceptualização de Luiz Inácio Lula da Silva, objetivamos investigar como se deu essa conceptualização em capas da revista *Veja* desde 1979 até 2020, à luz da Semântica Cognitiva e da Teoria da Complexidade. A conceptualização, segundo Almeida (2016), é um processo cognitivo realizado por nós, seres humanos, para compreendermos a realidade que está a nossa volta, relacionando-a ao entendimento hominal de experiências construídas, temporal e espacialmente, em uma cultura, e exteriorizadas pela língua ou mediante outras linguagens. Para a compreensão do processo de conceptualizar, partimos de pressupostos da Semântica Cognitiva sobre domínio, frame, metáfora, metonímia e esquemas imagéticos, postulados por Lakoff e Johnson (1980; 1999), Grady (1997), Kövecses (2009) e Forceville (2016). Além disso, partindo de uma perspectiva holística e interdisciplinar da conceptualização, visto que a fragmentação impede a compreensão da complexidade de um todo, consideramos que a Teoria da Complexidade proporciona o entendimento sobre a maneira como os diferentes processos de significação interagem entre si e com o social, o linguístico, o cultural etc., assim, trouxemos, para a discussão proposta, autores como Capra (2005;2006), Morin (2009; 2011) e Paiva (2011). Desse modo, tendo em vista o caráter multimodal do *corpus* e os pressupostos teórico-metodológicos da Semântica Cognitiva e da Teoria da Complexidade, respondemos aos seguintes questionamentos: a) como o político brasileiro Lula é conceptualizado através de capas da Revista *Veja*; b) como a Revista *Veja* perspectiva Lula, diante dos resultados positivos e negativos de sua política; c) como se dá a interação entre o verbal e o imagético para manifestar a conceptualização humana; d) como os mecanismos cognitivos (domínio, *frame*, metáfora, metonímia e esquemas imagético) interconectam-se no âmbito dessa conceptualização; e) como se relacionam linguagens, cognição, sócio-história e conceptualização; f) como atuam padrão (organização), processo e estrutura (matéria) na conceptualização; e, por fim, g) como o não equilíbrio opera como fonte de ordem no fenômeno da pauta. Ademais, a metodologia deste trabalho é baseada em uma abordagem qualitativa de natureza bibliográfica, documental, exploratória, descritiva, explicativa e hermenêutica, relacionando linguagem, cognição, conceptualização, história e sociedade, a partir de uma visão sistêmica. Enfim, como resultados, mediante as conceptualizações identificadas, notamos como linguagens, cognição e conceptualização interagem para manter o equilíbrio-estável, pois, inicialmente, conceptualizamos/categorizamos Lula como político, mas a multimodalidade das diversas capas nos permitiu outras interpretações (objeto, criminoso, inimigo, granada, líder, prisioneiro etc.). Esse deslocamento de sentido opera como uma desordem, que, posteriormente, origina nova organização que pode se tornar um conhecimento dentro de determinado contexto. Somado a isso, as conceptualizações apresentadas revelaram um padrão de organização tanto do gênero da linguagem capa quanto da construção de um frame de Lula através da mídia tradicional.

Palavras-chave: Conceptualização de Lula; Semântica Cognitiva; Teoria da Complexidade; Revista *Veja*.

## ABSTRACT

In the present study, having as object of study the conceptualisation of Luiz Inácio Lula da Silva, we aim to investigate how such conceptualisation was displayed in the front pages of *Veja* magazine since 1979 until 2020, in the light of Cognitive Semantics and Complexity Theory. Conceptualisation, according to Almeida (2016), is a cognitive process conducted by us, human beings, in order to comprehend the reality that surrounds us, relating it to the human understanding of constructed experiences, temporally and spatially, in a culture, and externalised by the language or other means of communication. So as to comprehend the conceptualisation process, we made use of Cognitive Semantics' concepts about domain, frame, metaphor, metonymy, and image schemas, postulated by Lakoff and Johnson (1980; 1999), Grady (1997), Kövecses (2009), and Forceville (2016). Moreover, from a holistic and interdisciplinary perspective of conceptualisation, inasmuch as the fragmentation hinders the comprehension of the complexity of a whole, we consider that the Complexity Theory provides the understanding about the way different signification processes interact with each other, and with the social, the linguistic, the cultural, etc., thus, we have brought in, to the proposed discussion, authors such as Capra (2005; 2006), Morin (2009; 2011) e Paiva (2011). In this manner, considering the corpus' multimodal nature and the theoretical-methodological fundamentals of Cognitive Semantics and Complexity Theory, we respond the following questions: a) how is the Brazilian politician Lula conceptualised via the front pages of *Veja* magazine; b) how does the *Veja* magazine put Lula into perspective, as regards the positive and the negative results of his policies; c) how does the interaction between the verbal and the image phenomena take place to manifest the human conceptualisation; d) how do cognitive mechanisms (domain, frame, metaphor, metonymy, and image schemas) get interconnected within this conceptualisation; e) how do languages, cognition, socio-history, and conceptualisation interrelate; f) how do pattern (organisation), process and structure (matter) act upon the conceptualisation; and, at last, g) how does the non-balance operate as a source of order in the magazine's agenda phenomenon. Furthermore, this work's methodology is based on a qualitative approach of bibliographic, documental, exploratory, descriptive, explanatory, and hermeneutical nature, relating language, cognition, conceptualisation, history, and society, from a systemic viewpoint. Finally, as for results, through the identified conceptualisations, we noticed how languages, cognition, and conceptualisation interact to keep the stable-balance, because at first we conceptualised/categorised Lula; the multimodality of various front pages made other interpretations possible (object, criminal, enemy, grenade, leader, prisoner, etc.). This meaning displacement operates as a disorder, which, later, gives rise to a new arrangement that might become a piece of knowledge within a certain context. In addition to that, the conceptualisations presented herein indicated an arrangement pattern of the front-page-language genre, and of the construction of a frame of Lula through traditional media alike.

Keywords: Conceptualisation of Lula; Cognitive Semantics; Complexity Theory; *Veja* Magazine.

## LISTA DE QUADROS E TABELAS

Quadro 1 - Metáforas na conceptualização de Lula na capa da edição 1847 .....	66
Quadro 2 - Domínios na conceptualização de Lula em capas da Revista <i>Veja</i> .....	104
Quadro 3 - Síntese acerca da conceptualização de Lula na capa da edição 551, publicada em 28/03/1979 .....	111
Quadro 4 - Síntese acerca da conceptualização de Lula na capa da edição 605, publicada em 09/04/1980 .....	116
Quadro 5 - Síntese acerca da conceptualização de Lula na capa da edição 652, publicada em 04/03/1981 .....	120
Quadro 6 - Síntese acerca da conceptualização de Lula na capa da edição 903, publicada em 25/12/1985 .....	127
Quadro 7 - Síntese acerca da conceptualização de Lula na capa da edição 1095, publicada em 06/09/1989 .....	132
Quadro 8 - Síntese acerca da conceptualização de Lula na capa da edição 1101, publicada em 17/10/1989 .....	138
Quadro 9 - Síntese acerca da conceptualização de Lula na capa da edição 1351, publicada em 03/08/1994 .....	143
Quadro 10 - Síntese acerca da conceptualização de Lula na capa da edição 1752, publicada em 22/05/2002 .....	147
Quadro 11 - Síntese acerca da conceptualização de Lula na capa da edição 1775, publicada em 30/10/2002 .....	152
Quadro 12 - Síntese acerca da conceptualização de Lula na capa da edição 1784, publicada em 08/01/2003 .....	158
Quadro 13 - Síntese acerca da conceptualização de Lula na capa da edição 1785, publicada em 15/01/2003 .....	163
Quadro 14 - Síntese acerca da conceptualização de Lula na capa da edição 1910, publicada em 22/06/2005 .....	168
Quadro 15 - Síntese acerca da conceptualização de Lula na capa da edição 1914, publicada em 20/07/2005 .....	173
Quadro 16 - Síntese acerca da conceptualização de Lula na capa da edição 1922, publicada em 14/09/2005 .....	178
Quadro 17 - Síntese acerca da conceptualização de Lula na capa da edição 2140, publicada em 25/11/2009 .....	182

Quadro 18 - Síntese acerca da conceptualização de Lula na capa da edição 2150, publicada em 03/02/2010 .....	186
Quadro 19 - Síntese acerca da conceptualização de Lula na capa da edição 2184, publicada em 29/09/2010 .....	192
Quadro 20 - Síntese acerca da conceptualização de Lula na capa da edição 2189, publicada em 03/11/2010 .....	196
Quadro 21 - Síntese acerca da conceptualização de Lula na capa da edição 2197, publicada em 29/12/2010 .....	199
Quadro 22 - Síntese acerca da conceptualização de Lula na capa da edição 2412, publicada em 11/01/2015 .....	203
Quadro 23 - Síntese acerca da conceptualização de Lula na capa da edição 2446, publicada em 07/10/2015 .....	208
Quadro 24 - Síntese acerca da conceptualização de Lula na capa da edição 2535, publicada em 21/06/2017 .....	212
Quadro 25 - Domínios novos acerca de Lula em capas da Revista <i>Veja</i> .....	213
Quadro 26 - Frames na conceptualização de Lula em capas da Revista <i>Veja</i> .....	215
Quadro 27 - Frames na conceptualização de Lula em capas da Revista <i>Veja</i> .....	218
Quadro 28 - Domínios novos na conceptualização de Lula em capas da Revista <i>Veja</i>	221
Quadro 29 - Princípios da complexidade na conceptualização de Lula em capas da <i>Veja</i> .....	223
Quadro 30 - Princípios da complexidade na conceptualização de Lula em capas da <i>Veja</i> .....	224
Quadro 31 - Princípios da complexidade na conceptualização de Lula em capas da <i>Veja</i> .....	225
Tabela 1 – Capas da Revista <i>Veja</i> selecionadas .....	94

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capa da Revista <i>Veja</i> , edição 2242, publicada em 09/11/2011 .....	32
Figura 2 – Capa da Revista <i>Veja</i> , edição 2567, publicada em 31/01/2018 .....	35
Figura 3 – Capa da Revista <i>Veja</i> , edição 1106, publicada em 22/11/1989 .....	40
Figura 4 – Capa da Revista <i>Veja</i> , edição 1918, publicada em 17/08/2005 .....	44
Figura 5 – Capa da Revista <i>Veja</i> , edição 2595, publicada em 15/08/2018 .....	49
Figura 6 – Capa da Revista <i>Veja</i> , edição 1550, publicada em 10/06/1998 .....	51
Figura 7 – Capa da Revista <i>Veja</i> , edição 1934, publicada em 07/12/2005 .....	53
Figura 8 – Capa da Revista <i>Veja</i> , edição 2527, publicada em 26/04/2017 .....	54
Figura 9 – Capa da Revista <i>Veja</i> , edição 2220, publicada em 08/06/2011 .....	59
Figura 10 - Capa da Revista <i>Veja</i> , edição 1329, publicada em 02/03/1994 .....	60
Figura 11 – Capa da Revista <i>Veja</i> , edição 1847, publicada em 31/04/2003 .....	65
Figura 12 – Capa da Revista <i>Veja</i> , edição 1847, publicada em 31/04/2003 .....	77
Figura 13 – Capa da Revista <i>Veja</i> , edição 1770, publicada em 25/09/2002 .....	78
Figura 14 – Capa da Revista <i>Veja</i> , edição 1, publicada em 11/09/1968 .....	96
Figura 15 – Capa da Revista <i>Veja</i> , edição 1109, publicada em 13/12/1989 .....	97
Figura 16 – Capa da Revista <i>Veja</i> , edição 1255 .....	98
Figura 17 – Capa da Revista <i>Veja</i> , edição 551, publicada em 28/03/1979 .....	108
Figura 18 – Capa da Revista <i>Veja</i> , edição 605, publicada em 09/04/1980 .....	114
Figura 19 – Capa da Revista <i>Veja</i> , edição 652, publicada em 04/03/1981 .....	118
Figura 20 – Capa da Revista <i>Veja</i> , edição 903, publicada em 25/12/1985 .....	124
Figura 21 – Capa da Revista <i>Veja</i> , edição 1095, publicada em 06/09/1989 .....	129
Figura 22 – Capa da Revista <i>Veja</i> , edição 1101, publicada em 17/10/1989 .....	135
Figura 23 – Capa da Revista <i>Veja</i> , edição 1351, publicada em 03/08/1994 .....	140
Figura 24 – Capa da Revista <i>Veja</i> , edição 1752, publicada em 22/05/2002 .....	145
Figura 25 – Capa da Revista <i>Veja</i> , edição 1775, publicada em 30/10/2002 .....	148
Figura 26 – Capa da Revista <i>Veja</i> , edição 1784, publicada em 08/01/2003 .....	155
Figura 27 – Capa da Revista <i>Veja</i> , edição 1785, publicada em 15/01/2003 .....	160
Figura 28 – Capa da Revista <i>Veja</i> , edição 1910, publicada em 22/06/2005 .....	166
Figura 29 – Capa da Revista <i>Veja</i> , edição 1914, publicada em 20/07/2005 .....	171
Figura 30 – Capa da Revista <i>Veja</i> , edição 1922, publicada em 14/09/2005 .....	176
Figura 31 – Capa da Revista <i>Veja</i> , edição 2140, publicada em 25/11/2009 .....	180
Figura 32 – Capa da Revista <i>Veja</i> , edição 2150, publicada em 03/02/2010 .....	184
Figura 33 – Capa da Revista <i>Veja</i> , edição 2184, publicada em 29/09/2010 .....	189

Figura 34 – Capa da Revista <i>Veja</i> , edição 2189, publicada em 03/11/2010 .....	194
Figura 35 – Capa da Revista <i>Veja</i> , edição 2197, publicada em 29/12/2010 .....	197
Figura 36 – Capa da Revista <i>Veja</i> , edição 2412, publicada em 11/01/2015 .....	201
Figura 37 – Capa da Revista <i>Veja</i> , edição 2446, publicada em 07/10/2015 .....	206
Figura 38 – Capa da Revista <i>Veja</i> , edição 2535, publicada em 21/06/2017 .....	210
Figura 39 – Interação dos domínios .....	220

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LC	Linguística Cognitiva
SC	Semântica Cognitiva
SCSH	Semântica Cognitiva-Sócio-Histórica
MCI	Modelo Cognitivo Idealizado
TC	Teoria da Complexidade
Esquema-I	Esquema de Imagem
PT	Partido dos Trabalhadores
FT	<i>Financial Times</i>

# SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	17
<b>1 A REDE TEÓRICA</b> .....	21
1.1 A REDE SÓCIO-HISTÓRICA-CULTURAL-SISTÊMICA-COGNITIVA.....	22
1.1.1 Semântica Sócio-Histórica-Sistêmica-Cognitiva .....	22
1.1.2 A Teoria da Complexidade e Multimodalidade .....	28
1.1.3 Cognição: categorização e os MCIs .....	36
1.1.4 O <i>Frame</i> .....	41
1.1.5 Esquemas Imagéticos .....	50
1.1.6 Metáfora Conceptual .....	55
1.1.6.1 <i>Metáfora Pictórica e Multimodal</i> .....	68
1.1.7 Metonímia Conceptual .....	71
1.1.8 <i>A Metáfora e a Metonímia: a Metaftonímia</i> .....	79
<b>2 A REDE METODOLÓGICA</b> .....	83
2.1 A COMPLEXIDADE E OS MITOS QUE CERCAM A CIÊNCIA.....	83
2.2 A ABORDAGEM E A NATUREZA DA PESQUISA .....	88
2.3 O CORPUS .....	90
2.3.1 A Revista <i>Veja</i> .....	93
2.3.1.1 <i>Breve histórico da Revista Veja</i> .....	95
2.4 O TRATAMENTO DOS DADOS .....	100
2.4.1 Processo de coleta e descrição dos dados.....	101
<b>3 A REDE CONCEPTUAL DE LULA EM CAPAS DA REVISTA VEJA</b> .....	107
3.2 A CONCEPTUALIZAÇÃO DE LULA EM CAPAS DA REVISTA <i>VEJA</i> ENTRE OS ANOS 1979 E 2017 .....	107
3.2 O ENTRELAÇAMENTO DOS DOMÍNIOS E DOS <i>FRAMES</i> .....	213
3.3 O ASPECTO SISTÊMICO MULTIMODAL NA CONCEPTUALIZAÇÃO DE LULA .....	222
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	227
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	232



## INTRODUÇÃO

Luiz Inácio Lula da Silva, registrado como Luiz Inácio da Silva e conhecido como Lula, nasceu em 27 de novembro de 1945, em Caetés-PE, e é um filho do casal de lavradores: Aristides Inácio da Silva e Eurídice Ferreira de Melo (dona Lindu), que experienciaram a fome marginalizada de Pernambuco (JINKINGS *et al*, 2019).

Em 24 de janeiro de 2018, na cidade de Porto Alegre, Lula, um já consagrado político brasileiro que ocupou por duas vezes o posto máximo do executivo brasileiro, foi condenado, pelo então juiz federal Sérgio Moro, por corrupção passiva e lavagem de dinheiro. Sobre a fase de recurso da sentença prolatada pelo referido juiz de primeiro grau, Jinkings *et al* (2019) afirmam o seguinte:

Num jogo de cartas marcadas, três desembargadores do Tribunal Regional Federal da 4ª Região (TRF-4) confirmaram a sentença e ampliaram a pena anterior. Nenhuma prova foi apresentada. Do lado de fora, milhares de pessoas, na maioria, trabalhadores e estudantes, manifestavam apoio ao mais popular líder político que a classe trabalhadora brasileira produziu (JINKINGS *et al*, 2019, p.9).

Como permite entrever a cena descrita por Jinkings *et al* (2019), apesar da sua condenação, Lula era um personagem bastante popular no cenário político brasileiro. Sua popularidade foi alta durante os seus dois mandatos e inclusive depois de ter se tornado ex-presidente. É assim que, em uma pesquisa realizada pelo Ibope, publicada em 16 de dezembro de 2010, a popularidade do político era de 87%, o que era inédito no mundo (JINKINGS *et al*, 2019). Os dados, apontados pelo Instituto Sensus, apresentaram a mesma porcentagem, considerando Lula como o presidente, já no final do mandato, com a maior aprovação do planeta, superando Nelson Mandela, quem terminou o governo, em 1999, com a popularidade de 82%. Na pesquisa do Datafolha, o valor apresentado foi 83%, maior do que o primeiro mandato, com 76% (JINKINGS *et al*, 2019). Além disso, o político, em 2010, entrou para a lista das 100 personalidades mais influentes do mundo da revista *Time*<sup>1</sup>.

Ainda sobre essa situação descrita, em uma entrevista feita com o petista, pouco antes de ser preso, ele relata o seguinte:

[...] Quando contarem a minha história, quero que digam: ‘Esses caras estão condenando o Lula não porque ele roubou, estão condenando o Lula porque o Lula é um peão metalúrgico, só tem diploma primário, um curso no Senai; não era para ele chegar a presidente. Ele chegou

---

<sup>1</sup> Disponível em: [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/08/150811\\_lula\\_imagem\\_ru](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2015/08/150811_lula_imagem_ru). Acesso em: 02 de junho de 2019.

[...]’. Neste momento que estou vivendo, o que me contenta é poder dizer: ‘Estou fazendo história’. Não sei quando ela vai ser contada verdadeiramente, mas estou tentando contribuir, fazer história. É por isso que as pessoas acham: ‘Ah, Lula, você poderia ir para uma embaixada, você poderia pedir asilo’. Mas eu vou ficar aqui no Brasil, na minha casa. Se eles quiserem fazer história me perdendo, façam [...] (JINKINGS *et al*, 2019, p.80).

Compreendemos que, em tal relato, é demonstrada a persistência do político em defender seu caráter sem procurar meios para evitar uma possível prisão. Também nessa entrevista, com o julgamento movido pela operação Lava Jato, foi perguntado o seguinte:

De onde vem esse ódio todo? Quando o senhor foi eleito pela primeira vez, fez a Carta ao povo brasileiro, um documento muito controverso, com o objetivo de acalmar os mercados; saiu do governo com quase 90% de aprovação; veio o governo Dilma, que continuou acalmando o mercado. Por que acha que, ainda assim, a elite não o aceita? (JINKINGS *et al*, 2019, p.50).

Esse questionamento é o que também nos motivou a realizar este estudo. O governo Lula foi marcado por programas sociais que possibilitaram a ascensão do Brasil e, apesar de ser condenado por corrupção, Lula liderava as pesquisas eleitorais, em 2018. Nesse contexto, hipotetizamos que a mídia – enquanto um produto social que circula e produz informação, além de formar opiniões e construir significados sobre o tempo presente – delineou uma imagem do político que pôde ter influenciado e, ainda, pode influenciar a percepção das pessoas.

Isso pode ser confirmado de antemão por um estudo apresentado por Moraes (2021) na biografia de Lula no capítulo intitulado “*Radiografia do comportamento dos grandes veículos de comunicação na guerra contra Lula e seu partido*”. O autor utiliza os adjetivos intensificação e desequilíbrio para caracterizar o comportamento que ele categoriza como perseguição. Na investigação de Moraes (2021), feita no intervalo de abril de 2014 a abril de 2021, houve 87 referências ao petista nas capas e nas reportagens interiores da *Veja*, sendo 82 negativas, cinco neutras e somente uma positiva – “ironicamente, a matéria que informa a volta de Lula à competição política em 2021, quando se restabeleceram seus direitos políticos” (MORAIS, 2021, p. 410). Além disso, foram analisadas, também, 48 capas da *Veja*, das quais 35 são negativas e apresentam a imagem centralizada de Lula. Nesse intervalo verificado de sete anos, a revista publicou, conforme Moraes (2021), 357 edições com, praticamente, todas conotações negativas acerca do ex-presidente. Nas palavras do escritor:

[...] a *Veja* demonizou Lula em quase todas as suas publicações [...]. A estratégia comunicativa adotada pelo periódico foi de chocar, tanto o

assinante como as pessoas que passam pelas bancas de revista, e para isso a direção de arte se valeu de todos os recursos possíveis – fotos modificadas digitalmente, títulos apelativos e ilustrações verborrágicas (MORAIS, 2021, p.410, grifo do autor).

Assim, essa observação de Moraes (2021) endossa a nossa motivação para a realização da pesquisa em questão. Com essa motivação, estabelecemos o seguinte objetivo: estudar, nesta tese, a conceptualização de Lula em capas da Revista *Veja*, entre os anos de 1979 e 2020, à luz da Linguística Cognitiva e da Teoria da Complexidade. Acreditamos que o estudo sobre o fenômeno da conceptualização de Lula, no gênero da linguagem multimodal em questão, servirá de base para compreendermos os sentidos, construídos sobre Lula, que são gerados no tempo presente, em um momento marcante para a história política brasileira, considerando a inter-relação entre sócio-história e cognição, portanto, abordando as conexões da ecologia<sup>2</sup> dessa conceptualização.

Em face disso, levantamos os seguintes questionamentos: a) como o político brasileiro Lula é conceptualizado através de capas da Revista *Veja*; b) como a Revista *Veja* perspectiva Lula, diante dos resultados positivos e negativos de sua política; c) como se dá a interação entre o verbal e o imagético para manifestar a conceptualização humana; d) como os mecanismos cognitivos (domínio, *frame*, metáfora, metonímia e esquemas imagético) interconectam-se no âmbito dessa conceptualização; e) como se relacionam linguagens, cognição, sócio-história e conceptualização; f) como atuam padrão (organização), processo e estrutura (matéria) na conceptualização; e, por fim, g) como o não equilíbrio opera como fonte de ordem no fenômeno da pauta.

Para responder a tais questões e alcançar o objetivo geral mencionado, estabelecemos os seguintes objetivos específicos:

- a) Investigar mecanismos de conceptualização presentes nas capas selecionadas: domínios, *frames*, metáforas, metonímias e esquemas-imagéticos, associados a modelos cognitivos idealizados;
- b) Traçar a rede de *frames* e domínios da política de Lula, através das capas da *Veja*;
- c) Investigar e descrever modelos cognitivos idealizados e culturais interconectados às conceptualizações multimodais de Lula;

---

<sup>2</sup> Capra (2006 [1996]) disserta sobre o conceito de ecologia profunda, o qual consideramos neste estudo. Para o autor, “a ecologia profunda não separa seres humanos — ou qualquer outra coisa — do meio ambiente natural. [O] mundo não é como uma coleção de objetos isolados, mas como uma rede de fenômenos que estão fundamentalmente interconectados e são interdependentes. A ecologia profunda reconhece o valor intrínseco de todos os seres vivos e concebe os seres humanos apenas como um fio particular na teia da vida”. (CAPRA, 2006, p.17).

- d) Identificar a interconexão entre a multimodalidade e os mecanismos de conceptualização;
- e) Investigar o não equilíbrio como fonte de ordem na conceptualização e multimodalidade nas capas da *Veja*;
- f) Identificar as relações entre tempo, espaço, sociedade, cultura e cognição na conceptualização de Lula;
- g) Relacionar linguagens, cognição, história, cultura e conceptualização, a partir de um estudo hermenêutico do corpus.

A partir desses objetivos, defendemos que nosso estudo é construído por uma rede que inter-relaciona cognição, complexidade e contexto sócio-histórico-cultural-ideológicos, isto é, procura religar o complexo que é a conceptualização de Lula em capas da revista *Veja*. Para tanto, compomos o presente trabalho em quatro seções, a saber: 1) *A rede teórica*; 2) *A rede metodológica*; e, por fim, 3) *A rede conceptual de Lula em capas da revista Veja*. Essas seções são antecedidas por essa Introdução e seguidas pelas Considerações Finais e Referências. Fomos motivados a considerar a rede, ao concordamos com a discussão de Capra (2006 [1996]) sobre a desconstrução acerca da ideia de hierarquização concebida para caracterizar as relações da natureza, conceituando-as como estruturas rígidas e multiniveladas. Conforme o autor, esses níveis da natureza são uma espécie de representação humana que não são da natureza, assim, sugere a concepção de rede – a teia da vida – para promover uma nova perspectiva acerca das inter-relações da vida. Partindo desse pressuposto, assumimos, aqui, as redes da linguagem e das conceptualizações, as quais formam uma rede retroalimentar.

Para iniciar, abordamos os questionamentos e os objetivos do estudo realizado. No Capítulo 1, intitulado *A rede teórica*, enfocamos os pressupostos teóricos, apresentando o caráter sócio-histórico-cultural-sistêmico-cognitivo desta tese, as premissas da Linguística Cognitiva (LC), mais especificamente, os fundamentos dos Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs), os quais são compostos, entre outros, pelos modelos cognitivos: *frames*, esquemas imagéticos, metáforas e metonímias. Somado a isso, dissertamos sobre a Multimodalidade, os princípios da Teoria da Complexidade (TC) e a História do Tempo Presente. Para tanto, baseamo-nos, principalmente, em autores como Lakoff e Johnson (2003[1980]), Johnson (1991 [1987]), Lakoff (1993; 2016), Barcelona (2012), Soriano (2012), Almeida (2016; 2018), Forceville (1996; 2009;

2017), Oliveira e Paiva (2010; 2011; 2019), Morin (2001 [1999]), Teixeira (2004), Capra (2006 [1996]), Maturana (2001), Rousso (2009) e Ferreira e Delgado (2013).

No Capítulo 2, intitulado *A rede metodológica*, explicitamos a natureza da pesquisa, juntamente com os procedimentos metodológicos, propondo, ainda, um método de para interpretação de dados, chamado de *Estudo sistemático de modelos cognitivos idealizados*, o qual foi inspirado na *análise sistemática das metáforas* (ASM), desenvolvida por Schmitt (2017). Paralelo a isso, discutimos a proposta postulada por Santana (2019) e Almeida (2020) sobre a Teoria dos Fractais e a Técnica da saturação, as quais serviram de base para selecionarmos as capas de revista que compuseram o *corpus* deste estudo.

No Capítulo 3, intitulado *A rede conceptual de Lula em capas da revista Veja*, discutimos a complexidade das conceptualizações de Lula no gênero multimodal capa, por meio dos processos cognitivos (domínios, *frames*, metáfora, metonímia e esquemas imagéticos). Nela, inicialmente, abordamos a conceptualização de Lula nas capas selecionadas; posteriormente, tratamos do entrelaçamento dos domínios e dos *frames*; e, por fim, dissertamos sobre o aspecto sistêmico e a multimodalidade a partir dos processos cognitivos acionados.

Finalmente, nas *Considerações Finais*, retomamos a hipótese, o objetivo geral e a composição da tese, para apontarmos algumas conclusões feitas, diante dos questionamentos levantados, além de indicarmos as perspectivas futuras.

## **1 A REDE TEÓRICA**

Nesta seção, abordamos os pressupostos teóricos em que nos baseamos para realizar este estudo. Para tanto, organizamos a discussão teórica, inicialmente, pela apresentação da natureza ecológica deste trabalho, na qual expomos os princípios da LC, bem como os fundamentos dos Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs). Em paralelo, explicitamos a Multimodalidade, e, também, as premissas da TC. Ademais, como este estudo possui natureza histórica, tecemos, também, brevemente, algumas considerações sobre a História do Tempo Presente, abordando, ainda, questões sociais.

## 1.1 A REDE SÓCIO-HISTÓRICA-CULTURAL-SISTÊMICA-COGNITIVA

O significado, por vezes, é pouco enfatizado nos estudos da linguagem. Santos (2015) advoga que isso pode ocorrer por conta da falta de consenso em relação ao conceito mais exato sobre o que seja o significado ou por conta da variedade de investigação desse objeto de pesquisa, que serviu para o desenrolar da Semântica enquanto uma área de estudos da Linguística. Para Ilari e Geraldi (2006, p. 6), a Semântica tem seus limites pouco precisos, como podemos ver a seguir:

[...] a semântica é um domínio de investigação de limites moveidões; semanticistas de diferentes escolas utilizam conceitos e jargões sem medida comum, explorando em suas análises fenômenos cujas relações não são sempre claras: em oposição à imagem integrada que a palavra ciência evoca, a semântica aparece, em suma, não como um corpo de doutrina, mas como o terreno em que se debatem problemas cujas conexões não são sempre óbvias (ILARI;GERALDI, 2006, p.6).

Contudo, Santos (2015) aborda que essa falta de unidade na definição da Semântica e do seu objeto é produtiva para os estudos linguísticos, porque pode possibilitar variadas explicações para prováveis associações entre significados, configurando múltiplas investigações que pesquisadores podem desenvolver. Ainda para a referida autora, ao retomar Silva (2006), o interesse pelo estudo semântico tem sido revalorizado pela Linguística Cognitiva (Semântica Cognitiva), que é um paradigma teórico no qual nos baseamos para realizar esta tese.

Consideramos que o objeto da semântica – o significado – tem limites que são como fios de uma teia, e os fios dos significados podem ser esticados até determinado ponto, mas, quando ultrapassam a fronteira do significado, eles podem ser quebrados. Ou seja, o significado pode ser esticado, adequando-se a variados contextos, porém somente até determinado limite.

Percebemos que a palavra e os demais elementos da linguagem não carregam um significado, mas, sim, que este é construído pela pessoa conceptualizadora-categorizadora no contexto geo-sócio-histórico-cultural-político-ideológico. Partindo dessa premissa, abordaremos, nesta seção, os pressupostos teóricos da Linguística Cognitiva, conceituando os mecanismos cognitivos, como domínio, *frame*, metáfora, metonímia e esquemas de imagem, em associação aos pressupostos da Teoria da Complexidade.

### 1.1.1 Semântica Sócio-Histórica-Sistêmica-Cognitiva

Desenvolvida no final da metade do século XX, principalmente, pelos linguistas George Lakoff, Ronald Langacker, Leonard Talmy e Charles Fillmore – que insatisfeitos com o estudo formal da linguagem, foram motivados a investigar o significado –, a LC é um paradigma, cujos fundamentos gerais, conforme Silva (1999), compreendem os seguintes pressupostos:

- A linguagem, enquanto domínio cognitivo, está conectada a outros domínios cognitivos, o que gera a necessidade de um estudo interdisciplinar;
- A organização linguística tem uma relação de dependência com o processo de conceptualização;
- Os itens linguísticos estão sujeitos à categorização, a qual, normalmente, concebe estruturas baseadas em protótipos;
- A gramática é fomentada por fatores semânticos;
- A significação de um elemento linguístico é construída a partir de uma estrutura conceptual convencionalmente ligada a tal elemento e deve ser caracterizada, de maneira relativa, a determinadas estruturas de conhecimento;
- Devido à interação entre a linguagem e outros domínios cognitivos, a noção de uma linguagem autônoma e as dicotomias que caminham com essa noção devem ser superadas. Por exemplo, a dissociação entre os conhecimentos linguístico e extralinguístico.

Nesse sentido, a LC é qualificada como cognitiva, porque foi concebida, na interdisciplinariedade da Ciência Cognitiva, pelo estudo da linguagem perspectivada e conectada à experiência humana no mundo, rejeitando, portanto, a autonomia da linguagem. Contudo, a compreensão da natureza cognitiva da linguagem não é nova, pois já foi apontada por Aristóteles, pela gramática especulativa medieval e pela gramática filosófica dos séculos XVII e XVIII. De acordo com Silva (1999), a grande novidade da Linguística Cognitiva se dá pelo fato de a função cognitiva da linguagem ser objeto de investigação.

Conforme o referido autor, então, as teses desse modelo teórico são: (1) a investigação do significado como um elemento da cognição humana, interconectado a atividades como conceptualização, categorização, percepção, atenção, memória, entre outras; (2) o estudo semântico ligado à experiência e ao contexto cultural, porque a linguagem é uma ferramenta básica do ser humano, tendo como habilidades cognitivas

a interpretação, a organização, a fixação e a manifestação da experiência humana, característica de um indivíduo ou de uma cultura. Assim, os significados de estruturas linguísticas apenas podem ser distintos mediante experiências, individual, cultural, social e histórica e por meio de estruturas de conhecimento, como, por exemplo, domínios cognitivos, modelos cognitivos idealizados, *scenes-and-frames* e espaços mentais; (3) o aspecto científico do estudo semântico é orientado sob uma perspectiva hermenêutica, ou seja, interpretativa – isso promove a discussão sobre a problemática da objetividade, questão que será abordada na Seção 2; e, por fim, (4) a significação é um processo linguístico básico, enciclopédico e perspectivador, pois “a linguagem, pela sua função categorizadora, não reflete *objetivamente* a realidade, mas impõe uma estrutura no mundo, interpreta-o e constrói-o” (SILVA, 1994, p.18, grifo do autor).

Como podemos ver, na LC, o estudo do significado está em evidência. Por isso, às vezes, esse paradigma científico é compreendido como Semântica Cognitiva (SC). Além disso, diante desses pressupostos, é difícil imaginar a linguagem como um módulo isolado, pois ela está integrada à cognição, tornando a significação associada às experiências do indivíduo e, conseqüentemente, ao contexto geo-sócio-histórico-cultural. A conceptualização é, então, segundo Almeida (2016), um mecanismo cognitivo realizado por nós, seres humanos, para compreendermos a realidade que está a nossa volta, relacionando-a ao entendimento hominal de experiências construídas, temporal e espacialmente, em uma cultura, e exteriorizadas pela língua ou por outras linguagens. Em suma,

[...] as mentes individuais não são entidades autônomas, mas corporizadas encarnadas e altamente interactivas com o seu meio; e é através dessa interação e acomodação mútua que a cognição e a linguagem surgem, se desenvolvem e se estruturam. Não existe, pois, propriamente linguagem humana independentemente do contexto sócio-cultural. Mas não é menos verdade que a linguagem reside primeiramente nas mentes individuais, sem as quais a interacção não poderia ocorrer (SILVA, 2004, p. 2).

Logo, é nessa perspectiva que defendemos uma Semântica Cognitiva Sócio-histórica (SCSH), termo cunhado por Almeida (2020). Segundo a pesquisadora, evidenciar essa abordagem do significado é preciso para estabelecer uma inter-relação com os aspectos cognitivos, sociais e históricos, bem como práticas orais-escritas e multimodais. Isso é importante para determinar os limites da área de estudo, já que trabalhos com perspectiva diacrônica são voltados, muitas vezes, para a temporalidade, e não para a historicidade.



Essa abordagem se justifica pelo fato de a cognição humana ser situada, “de modo que não é cabível desconsiderar essa inter-relação no complexo da linguagem, isto é, no tecido junto das dimensões da vida hominal, entrelaçadas na emergência textual do discurso [...]” (ALMEIDA, 2020, p.369). Sobre essa historicidade, que não poucas vezes é desprezada pelos estudos da linguagem, defendemos o conceito de História do Tempo Presente.

Segundo Henry Rousso (2009), esse conceito parte de um contexto francês, quando foi criado o Instituto de História do Tempo Presente (IHTP), entre os anos de 1978 e 1980. Os estudos desenvolvidos no IHTP eram voltados para o passado próximo e para a História Contemporânea, na qual o historiador pesquisa “um tempo que é o seu próprio tempo com testemunhas vivas e com uma memória que pode ser a sua” (ROUSSO, 2009, p.202). Essa noção possibilita que o pesquisador possa realizar seus estudos dedicando-se ao entendimento de um período que não se limita a um passado distante, mas, sim, como já destacado, às vivências históricas recentes, de modo que a compreensão é construída mediante uma experiência, na qual ele é atuante como outros indivíduos. Partindo dessa perspectiva, o principal aspecto desse campo do saber é o fato de haver testemunhas vivas, as quais podem argumentar com o pesquisador, atestando o privilégio dele de vivenciar os fatos. Ademais, o tempo presente tem por objetivo enfatizar o evento, as probabilidades e a aceleração da história, possuindo, então, fronteiras flexíveis, as quais se movimentam, conforme a ausência gradativa de seus informantes. Nesse sentido, o conhecimento se dá de maneira provisória, passando por modificações, durante o período de realização do estudo, e fazendo com que a história seja reconstruída, constantemente, por meio de correções, revisões e acréscimos de informações. Logo, na História do Tempo Presente, há um passado que não passa, sendo, sempre, presente e em constante processo de atualização (FERREIRA; DELGADO, 2013).

Outro conceito importante para a História do Tempo Presente é o de memória. Apesar de haver diversas abordagens acerca desse conceito, consideramos a memória como um registro de comunidades sociais, sendo a memória individual constituída pela percepção da memória coletiva (HALBWACHS, 1990). Não há como abordar o passado (ainda que seja um passado próximo) sem tratar de memória, pois ela “funda a transmissão entre gerações [e] estrutura a filiação, o laço familiar e social” (AVELAR, 2016, p.194). Isso faz com que o sujeito seja incluído em um coletivo, o qual está inscrito em um tempo que não está restrito mais ao presente.

A abordagem da História do Tempo Presente se justifica na pesquisa empreendida, porque, ao estudarmos a conceptualização de Lula em capas da Revista *Veja*, foi preciso compreendermos não só o passado, tanto do político quanto do contexto em que as capas foram publicadas, como também o presente, quando o corpus ainda estava sendo construído devido às publicações e aos acontecimentos do momento de realização do estudo. Isso demonstra como a memória individual do estudioso é integrada à memória coletiva da sociedade, bem como ratifica a afirmação de Almeida e Santana (2019) sobre a LC ser cognitiva ao mesmo tempo que é sócio-histórica. Adotamos, então, a premissa de que o entendimento do pesquisador é produto e produtora da historicidade (princípio da recursividade que será desenvolvida na subseção da TC).

Para a realização de estudos direcionados à História do Tempo Presente, são utilizados *corpora* orais ou iconográficos. Neste trabalho, fizemos o uso de registros iconográficos – material pictórico –, um dos modos de linguagem que faz parte das capas de revista, além da linguagem verbal. Acreditamos que um corpus documental verbo-imagético revela costumes de sujeitos históricos, públicos ou anônimos, registrados em um certo espaço e tempo, possibilitando que acionemos memórias que contribuem para a pesquisa que realizamos.

Desse modo, considerando a SCSH e o nosso objeto de estudo, julgamos necessário ampliar alguns conceitos de maneira que sejam contemplados, além dos itens linguísticos, os imagéticos e os verbo-imagéticos, pois, também, estão submetidos à conceptualização/categorização. Então, precisamos dissertar sobre a multimodalidade na LC e conseqüentemente SCSH.

Segundo Forceville (2009), se considerarmos modalidade como um sistema que é interpretado por um processo de percepção, cada modalidade corresponderia a um dos cinco sentidos, assim, teríamos as seguintes modalidades: visual; sonora; olfativa; gustativa e tátil. No entanto, essa categorização falha, pois a língua falada, a música e o som não verbal estariam agrupados na modalidade sonora. Por isso, para fazer distinções, por exemplo, entre gestos e imagens, entre língua escrita e falada, entre música, sons e língua falada, é necessário, ao avaliar uma modalidade, levar em consideração outros fatores, tais como a forma de produção (sinais feitos por partes do corpo e sinais gramaticais).

Ainda, para o referido autor (FORCEVILLE, 2009), é difícil definir, satisfatoriamente, o que é modalidade ou, ainda, elencar uma exaustiva lista tentando categorizá-la. Porém, isso não impede de elencarmos, com ele, as diversas modalidades

em: (1) sinais pictóricos; (2) sinais escritos; (3) sinais falados; (4) gestos; (5) sons; (6) música; (7) olfato; (8) paladar e (9) tato. Sobre as modalidades, Kress e Van Leeuwen (2001) defendem que os modos são estruturas abstratas de um elemento específico da semiose de uma cultura, criados mediante práticas de produção e de outras tecnologias, reconhecidas como relevantes e significativas. Nesse sentido, o modo tem um valor social, dependendo do contexto no qual está inserido, não sendo, portanto, um meio comunicacional autônomo. Em resumo, nas palavras dos referidos autores:

Em qualquer modo todos os elementos realizacionais estão disponíveis para a produção de significado e são usados para tal. Do momento em que uma cultura toma a decisão de escolher um material particular para o seu processo comunicativo, esse material torna-se parte dos recursos semiótico e cultural daquela cultura e está disponível para ser usado na produção de signos” (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001, p. 111, tradução nossa)<sup>3</sup>.

Diante disso, os referidos autores levantam os seguintes questionamentos: os modos devem ser estudados de maneira dissociada ou integrada? O significado do todo deve ser compreendido como a soma de suas partes ou as partes devem ser compreendidas como meios que interagem e afetam uns aos outros? A partir dos pressupostos da TC – a ser abordada na subseção, a seguir – julgamos que o texto multimodal é sistêmico, sendo os diversos modos interconectados pelos conceptualizadores, fato que caracteriza a multimodalidade. Conforme Kress e Van Leeuwen (2001), a multimodalidade é a utilização de múltiplas modalidades semióticas na produção de um fenômeno ou evento semiótico.

Agora, se pensarmos em uma manchete escrita com letras vermelhas ou nas cores que compõem uma imagem de Lula ou, ainda, em um texto emitido pelo rádio, teremos textos monomodais ou multimodais? Como os modos são elementos abstratos que promovem a semiose de uma cultura, podemos dizer que os exemplos citados são textos multimodais, pois as cores, a grafia da manchete, a imagem, o som e a linguagem verbal são diferentes modos que se interconectam na produção de sentido. Portanto, poderíamos levantar o questionamento se existe mesmo uma linguagem monomodal.

Para além disso, a concepção de multimodalidade adotada nesta tese é formada por meio de um diálogo com a TC, a qual será discutida na subseção seguinte.

---

<sup>3</sup> No original: In any one mode allrealisational elements are available for the making of signs, and are used for that. From the moment that a culture has made the decision to draw a particular material into its communicative processes, that material has become part of the cultural and semiotic resources of that culture and is available for use in the making of signs (KRESS; VAN LEEUWEN, 2001, p. 111).

### 1.1.2 A Teoria da Complexidade e Multimodalidade

Antes de abordarmos o caos/a complexidade, é preciso esclarecer que, assim como Oliveira e Paiva (2011), optamos por estudar a Teoria do Caos e a Ciência da Complexidade como uma só, visto que ambas têm a mudança como foco, ao promoverem discussões sobre o fenômeno da auto-organização, e servirem de subsídio, para interpretarmos o fenômeno da conceptualização. Essa mudança e auto-organização são pertinentes para a pesquisa empreendida porque as conceptualizações de Lula, além de serem produto do entrelaçamento dos aspectos geo-sócio-histórico-cultural-político-ideológico-cognitivos, são produtores deles ao promoverem ressignificações. Ademais, para estabelecermos uma conversa entre a LC e a TC, baseamo-nos, principalmente, nos estudos brasileiros das pesquisadoras Oliveira e Paiva (2010; 2011; 2019) e Almeida (2016; 2018), bem como nos de Teixeira (2004), um autor português. A partir deles, recorreremos aos postulados do francês Morin (2001 [1999]), do belga Capra (2006 [1996]) e do chileno Maturana (2001).

Na Ciência, tradicionalmente, são feitos trabalhos sistematizados, repartindo o universo, em diversos campos científicos, e ignorando as variáveis que pareciam não influenciar os resultados. Contrastando essa tradição, na Teoria do Caos, todas as variedades, “todas as condições a que um sistema está sujeito, por mais insignificantes que sejam, contribuem para o percurso funcional que esse sistema irá ter” (TEIXEIRA, 2004, p.192). Na mesma linha, Morin (2001), ao dissertar sobre a TC, propõe uma reforma do pensamento. Esta é vinculada a uma ideia de integração que busca uma realidade complexa construída na interação e um pensamento não fragmentado, entendendo que o conhecimento das partes depende do conhecimento do todo e que este, por sua vez, depende do conhecimento das partes; reconhecendo os aspectos multidimensionais; e, por fim, respeitando a diferença e, ao mesmo tempo, reconhecendo a unicidade. Então considerando esse tecido junto e associando-o à SCSH, conforme Almeida e Santana (2019), não se pode desconstruir

as teias constituintes do sistema linguageiro e da significação, sob pena de gerarmos saberes fragmentados que mutilam os significados que construímos, no nosso dia a dia. Afinal, a construção do significado é, variavelmente, inter-relacionada a práticas sócio-histórico-culturais orais-escritas, multimodais, e, também, interconectada a questões de autoridade social e de poder, localizada, espacialmente, impregnada por ideologias, fruto das culturas das pessoas e dos grupos sócio-histórico-

culturais dos quais são partes constituintes (ALMEIDA; SANTANA, 2019).

Essa reforma do pensamento está associada ao princípio sistêmico e organizacional da complexidade, o qual vincula o conhecimento das partes ao conhecimento do todo (MORIN, 2009). Em capas de revista, esse princípio ocorre da seguinte maneira: determinada capa é composta por cores, letras, expressões metafóricas e metonímicas, imagens etc. No entanto, só reconhecemos tal gênero como uma capa, isto é, a capa somente faz sentido para nós quando o conhecimento de suas partes estabelecer uma interconexão ao conhecimento de seu todo, fato que, ainda, pode gerar qualidades e propriedades emergentes. Então, “o todo é maior do que a soma das suas partes e, também, menor, uma vez que algumas qualidades são inibidas pela geração do conjunto” (ALMEIDA, 2016, p. 110).

Partindo dessa noção de integração, considerando todas as variedades a que um sistema está submetido, segundo Paiva (2011), os principais aspectos do caos e da complexidade são a mudança e, por conseguinte, a auto-organização. Os sistemas mudam, para se adaptarem às situações do ambiente, havendo, assim, uma tendência para a desorganização, a qual “só o é relativamente à etapa anterior do modelo, pois tende constituir-se em nova organização para a etapa subsequente”. (TEIXEIRA, 2004, p. 192). Seguindo esse raciocínio, de acordo com Almeida (2016), a multimodalidade é caracterizada pelos diversos modos semióticos que estão interconectados pelo(a) conceptualizador(a), então, a semiose é concebida pelos distintos conceptualizadores que elaboram a interação entre os diferentes modos. Em suma:

É [...] multimodal qualquer texto em que o(a) conceptualizador(a) utiliza mais de um modo semiótico, em sua elaboração, e os interconecta para a sua compreensão, de tal modo que, por exemplo, o modo visual não é entendido como algo dependente do verbal; assim sendo, inspirando-me na TC, entendo que esses modos semióticos, nos multimodais, possuem padrão de organização e estrutura interconectados por processo (ALMEIDA, 2016, p.102).

Isso configura-se em um sistema adaptativo complexo. Nesta perspectiva, assim como a língua pode desestruturar-se em estruturas (TEIXEIRA, 2004), acreditamos que, ao estudarmos a conceptualização de Lula em capas de revista, ocorre um equilíbrio entre a instabilidade e a estabilidade, visto que o gênero não carrega um sentido, pois este é atualizado de indivíduo para indivíduo. No entanto, ainda que os indivíduos sejam diferentes, é conservada uma estabilidade instável no significado. Para elucidar melhor

essa questão da auto-organização e da estabilidade, recorremos a Capra (2006 [1996]) que, a partir de uma noção ecológica profunda, postula o seguinte:

[...] um sistema vivo é, ao mesmo tempo, aberto e fechado – é estruturalmente aberto, mas organizacionalmente fechado. A matéria flui continuamente através dele, mas o sistema mantém uma forma estável, e o faz de maneira autônoma, por meio da auto-organização. (CAPRA, 2006 [1996], p.141-142).

Nesse sentido, conforme Almeida (2016), a linguagem é parte do ser humano, podendo ser compreendida, de maneira metonímica, como um sistema vivo, pois é uma parte que compõe esse ser humano, quem a realiza, cria e recria. Ademais, na conceptualização, “os MCI’s metafóricos, metonímicos e esquemoimagéticos funcionam como um padrão de organização (forma), enquanto as expressões metafóricas, metonímicas, imagéticas, musicais etc. acham-se no plano da estrutura” (ALMEIDA, 2016, p.108). Desse modo, na Teoria do Caos e na Ciência da Complexidade, assume-se a existência de alguma subjetividade e da objetividade entre parênteses<sup>4</sup>, no sentido de reintroduzir o sujeito-pesquisador, no estudo, indo a uma direção diferente daquela dos estudos de natureza analítica quantitativa.

Morin (2001) propõe que o sujeito seja visto a partir de uma base-biológica. Para tanto, é preciso considerarmos a noção de autonomia inseparável da de auto-organização. Essa autonomia tem dependência com o meio ambiente biológico, social ou cultural: “nós, seres culturais e sociais, só podemos ser autônomos a partir de uma dependência original em relação à cultura, em relação à língua, em relação a um saber” (MORIN, 2001, p.118). Além disso, faz-se necessário abordarmos o conceito de indivíduo. Biologicamente, o indivíduo é visto como um produto de um ciclo de reprodução e, também, como um reprodutor de seu ciclo. Portanto, para Morin (2001), somos, simultaneamente, produto e produtores, sendo que são as nossas interações com outros indivíduos que produzem a sociedade, “mas a sociedade com sua cultura, suas normas, retroage sobre os indivíduos humanos e os reproduz enquanto indivíduos sociais dotados de uma cultura” (MORIN, 2001, p.119). Esse processo retroalimentar caracteriza o princípio da reintrodução do conhecimento em todo conhecimento.

Apresentadas as noções de autonomia e indivíduo, para chegarmos à definição de sujeito, precisamos ter em mente que a dimensão cognitiva é essencial à vida, pois todo

---

<sup>4</sup> Conforme Maturana (2001), a existência depende do observador. Isso é denominado de objetividade entre parênteses. Isto é, as afirmações cognitivas do ser humano são constatadas no contexto das coerências que as constituem como válidas. Assim, é possível haver diversas afirmações, pois há variados domínios que envolvem o explicar e o observador.

ser vivo, ainda que não tenha sistema neurocerebral, obtém informações de seu meio ambiente, realizando uma ação cognitiva inerente à sua atividade de ser vivo.

Essas abordagens de Morin (2001) caracterizam sete princípios que o autor elenca para auxiliarmo-nos no pensamento da complexidade, sendo eles: (1) o sistêmico ou organizacional; (2) o hologrâmico; (3) o do circuito retroativo; (4) o do circuito recursivo; (5) o da autonomia/dependência (auto-organização); (6) o dialógico; e o (7) da reintrodução do conhecimento em todo conhecimento. Os princípios sistêmico ou organizacional (o conhecimento da parte está relacionado ao conhecimento do todo), autonomia/auto-organização (processo de mudança e adaptação ao ambiente) e reintrodução do conhecimento em todo conhecimento (o conceptualizador é produto e produtor de conhecimento) já foram abordados no início desta subseção.

Agora, discutiremos mais profundamente tais princípios (sistêmico ou organizacional, hologrâmico, circuito recursivo, autonomia/dependência, dialógico, reintrodução do conhecimento em todo conhecimento), com exceção do circuito retroativo, o qual não será utilizado neste estudo.

O princípio dialógico reúne concepções que deveriam ser excluídas de forma recíproca, mas são inseparáveis dentro de uma mesma realidade. Assim, esse princípio permite admitir a indissociabilidade de conceitos distintos para gerar uma estrutura complexa. A dialógica entre ordem, desordem e organização é produzida desde o nascimento do universo, mediante várias formas, estando em constante funcionamento nos mundos físico, biológico e humano. Por exemplo, se, por um lado, considerarmos, somente, a espécie e a sociedade, o indivíduo é anulado; por outro lado, se considerarmos, apenas, o indivíduo, a espécie e a sociedade são apagadas. Logo, o pensamento deve permitir a integração dessas noções, dialogicamente (MORIN, 2001). A dialógica, ainda, concorda com o fato de defendermos um estudo semântico sem separar corpo, mente, sociedade e história, o que caracteriza a semântica sócio-histórica-cognitiva. Em seu estudo sobre memes, Almeida (2018) exemplifica esse princípio advogando que, em tal gênero, há um deslocamento de imagens, o qual faz parte de determinado contexto. Assim, uma imagem que é circulada em uma situação específica, é deslocada para outra, produzindo, portanto, desordem e desequilíbrio em nosso conhecimento sobre tal imagem. Entretanto, essa desordem gera uma nova organização e, por conseguinte, novos sentidos são construídos.

O princípio do circuito recursivo vai além da regulação, pois é conduzido pelas noções de autoprodução e de auto-organização. Nesse circuito, os produtos e os efeitos

são, simultaneamente, produtores e causadores daquilo que os geram. Como foi dito, nós, humanos, somos produto e produtores de um sistema de reprodução. Além disso, o indivíduo constrói a sociedade nas e pelas interações, da mesma forma que a emergência da sociedade fornece humanidade aos indivíduos, por meio da cultura e da linguagem (MORIN, 2001). Nessa perspectiva, as capas de revista são produto de uma sociedade e, também, produtoras de cultura e de linguagem, como um mecanismo retroalimentar.

Por fim, o princípio hologrâmico aponta o suposto paradoxo referente às organizações complexas, nas quais assim como a parte está no todo, o todo está na parte. Por exemplo, o indivíduo está na sociedade, a qual está inscrita no indivíduo, por meio da linguagem, da cultura, das normas etc. (MORIN, 2011). Almeida (2018), sobre esse princípio e o seu estudo de memes, postula que os memes estão inseridos na sociedade, consequentemente, ocorrências cotidianas influenciam a geração de memes, os quais fazem parte da sociedade, sendo veiculados em espaços diferentes. Assim, julgamos que, da mesma maneira, acontece com as capas de revista. Verifiquemos, então, esses princípios em uma capa da *Veja*:

Figura 1– Capa da Revista *Veja*, edição 2242, publicada em 09/11/2011





Fonte: Arquivo Digital Veja

Nessa capa, provavelmente, a fotografia de Lula não foi feita para a revista. Consideramos que houve um deslocamento da foto para compor tal gênero da linguagem – conforme denomina Paiva (2019) – em um contexto de doença (desordem). Nesse sentido, quando ao princípio dialógico, Lula, antes categorizado como político (ordem), foi conceptualizado, logo, recategorizado, como um guerreiro, pois a doença (o câncer) é compreendida como uma guerra. A metáfora conceptual (estrutural) DOENÇA É GUERRA foi acionada, como pode ser constatado, pelo uso dos itens léxicos “luta” e “contra (preposição que indica combate e oposição), os quais manifestam um confronto, além de “câncer”, o que aciona o domínio DOENÇA. Ademais, em relação ao princípio sistêmico e da organização da TC, Lula não foi apenas conceptualizado como um político (o que poderia acontecer se pensássemos nele isoladamente), mas, também, como um paciente. Esse processo demonstra o deslocamento de sentido. No que diz respeito ao princípio do circuito recursivo, conduzido pela auto-organização, as conceptualizações de doença como guerra e de Lula como paciente são produtos dos MCIs, acionados devido aos fatores geo-sócio-histórico-cultural-político-ideológicos que compartilhamos e, simultaneamente, são produtores deles, uma vez que os modelos são reforçados. Isso, também, corrobora o princípio holográfico, pois a sociedade está inserida nessa capa,

bem como a capa está inserida na sociedade, considerando os diversos lugares em que ela pode ser publicada e compartilhada.

Desse modo, tomando como base essas considerações, a definição de sujeito abordada por Morin (2011) está ligada à distinção, à diferenciação e à reunificação. Esse princípio torna inseparável o “Eu” subjetivo e o “eu” objetivo, permitindo que o sujeito tenha a habilidade de se reportar a si (auto-referência), enquanto se reporta ao mundo exterior (exo-referência), distinguindo, assim, o que é exterior a si. Em suma, “o sujeito não é uma essência, não é uma substância, mas não é uma ilusão” (MORIN, 2001, p. 128). Ele é ator e autor das interações sociais, sendo capaz de, cognitivamente, escolher e decidir. Portanto, acreditamos que a TC nos auxilia na compreensão do processo de conceptualizar, na maneira como nós, sujeitos interacionais e objetivos-subjetivos, construímos os sentidos, gerando uma nova organização.

Em adição a essas concepções, há o conceito de fractal, cunhado pela matemática. Conforme Oliveira e Paiva (2011), nesse conceito, é considerado que os padrões da natureza são fragmentados e têm distintos graus de complexidade, sendo suas estruturas, apesar de irregulares e fragmentadas, semelhantes em todas as escalas. Esses padrões se repetem e são segmentados em partes que podem se tornar, ainda, menores. A autora cita o exemplo de uma árvore, pois esta é auto-similar em suas ramificações, por exemplo, podemos observar uma folha de determinada árvore e percebermos estruturas similares de seu tronco. Esse raciocínio pode ser associado aos processos cognitivos e à materialidade textual, pois

para produzir sentido, utilizamos diariamente uma proliferação de cenas que são recursivamente ativadas, integradas, fundidas, e compactadas de forma fractal, ou seja, auto-semelhante. Da mesma forma esse processamento é atualizado textualmente, em palavras, diálogos, textos/gêneros de forma recursivamente auto-semelhante. Reversamente, ao interpretarmos esses textos, também operamos de forma auto-similar com ativações e descompressão de cenas (OLIVEIRA E PAIVA, 2010, p.13).

Diante disso, Oliveira e Paiva (2011) advoga que a linguagem é uma rede de compressões e de descompressões. A pesquisadora recorre a Fauconnier e Turner (2003), para explicar tais conceitos. A compressão é um mecanismo conceitual que nos possibilita monitorar, de maneira simultânea, cadeias difusas (descompressão) de raciocínio lógico, para entendermos o significado global dessas cadeias. A descompressão, por sua vez, é o processo inverso ao da compressão, sendo avaliado como mais simples e rápido. Ainda segundo Oliveira e Paiva (2011), ao produzirmos um texto (oral ou escrito), eliminamos

aspectos redundantes, mediante a compactação de sentidos, e, quando o texto é lido ou ouvido, ele é descompactado. Seguindo essa linha, compreendemos, portanto, que, nas capas de revista, as partes que a integram são descompressões que, juntas, formam uma compressão, isto é, a cadeia global. Assim, a metonímia estaria para a descompressão e a metáfora para a compressão. Para ilustrar esse processo, verifiquemos uma capa da *Veja*, publicada em 2018:

Figura 2 - Capa da Revista *Veja*, edição 2567, publicada em 31/01/2018



Fonte: Arquivo Digital Veja

Nessa capa, são reunidos (compressão) elementos que formam a conceptualização de Lula como um prisioneiro. Vejamos que há uma fotografia dele (à esquerda) quando foi preso em 1980 pelo DOPS (Departamento Estadual de Ordem Política e Social); e outra (à direita) ilustrando a condenação. Porém, em janeiro de 2018, quando a capa foi publicada, o petista ainda não tinha sido preso, como consequência da Operação Lava Jato. Ademais, no subtítulo da manchete (O que falta para Lula ser preso), há o seguinte: “Com a condenação unânime e a pena aumentada para doze anos, o ex-presidente fica com poucas saídas na Justiça – e, no cenário mais extremo, pode estar na cadeia em quarenta dias”. A partir do uso do modalizador “pode”, percebemos que a revista aponta

uma possibilidade, porém isso se contradiz quando visualizamos a fotografia à direita. Essas partes acionam metonimicamente *frames* como PRISÃO e AGENTE POLÍTICO (descompressão) que são contemplados, respectivamente, pelos domínios JUSTIÇA e POLÍTICA (compressão). Por conseguinte, ao integrá-las (compressão), compreendemos Lula como um prisioneiro no tempo presente (em 2018), retomando a metáfora primária SITUAÇÃO É RECIPIENTE, pois, a partir da fotografia mencionada e, ainda, do item léxico “preso”, notamos que o político é compreendido como um conteúdo (prisioneiro) dentro de um recipiente (prisão)<sup>5</sup>. Somado a isso, ao associarmos tais domínios, podemos ter a percepção de que políticos são corruptos, por exemplo, e, ainda, entender que a história se repete, porque haveria o pressuposto de que, se Lula foi condenado e preso em 1980, poderia ser também em 2018. Assim, inferimos que, para a *Veja*, se ele já fora imoral, continuará com esse caráter.

Desse modo, reafirmamos a abordagem de Oliveira e Paiva (2011), sobre as estruturas fragmentadas que se repetem, formando padrões e acionando processos cognitivos mediante a atualização das linguagens verbal e não verbal.

A seguir, apresentaremos os MCIs e seus constituintes, demonstrando seus aspectos multimodais e complexos.

### 1.1.3 Cognição: categorização e os MCIs

Em dois de maio de 2019, a revista *Fórum* publicou uma matéria com a seguinte manchete: *Associação Americana de Juristas reconhece Lula como preso político*<sup>6</sup>. Diante do processo judicial ao qual Lula foi submetido, ocasionando o seu encarceramento, circularam notícias categorizando Lula como o preso político. Então, para entendermos o processo de categorização, retomemos esse contexto da notícia mencionada e, ainda, o fato de o político fazer parte do Partido dos Trabalhadores – PT. Além disso, imaginemos a sequência de palavras: Lula, trabalhadores, prisão e questões políticas. Provavelmente, as pessoas poderiam dizer que, em um contexto como, por exemplo, em 2018, quando Lula foi preso, esses itens léxicos teriam algo em comum, podendo ser incluídos em uma mesma categoria. Conforme Lakoff (1987), a noção de que as categorias são definidas pelas propriedades que compartilham não é só uma teoria

<sup>5</sup> As classificações metafóricas serão explicitadas na subseção 1.1.6.

<sup>6</sup> Disponível em: <https://www.revistaforum.com.br/associacao-americana-de-juristas-reconhece-lula-como-preso-politico/>. Acesso em: 04 de julho de 2019

popular, mas, também, técnica. Essa definição clássica não está errada, porque, realmente, categorizamos a partir de características que estabelecem relações semelhantes, porém estudos comprovam que a categorização é mais complexa do que isso, tendo em vista que esse processo ultrapassa propriedades compartilhadas. Por exemplo, se retomarmos os termos mencionados: Lula, trabalhadores, prisões e questões políticas, pensaríamos que eles não têm características em comum, mas também poderíamos agrupá-los na categoria “Lula” ao considerarmos aspectos socio-histórico-culturais.

A categorização, geralmente, ocorre de maneira inconsciente e automática, e, quando acontece de termos a consciência da sua existência, é porque estamos diante de algum caso problemático ou intencional. Não só categorizamos coisas de caráter mais concreto, como pessoas, animais e plantas, as quais nos dão a impressão de estarmos categorizando-as como elas são, mas, também, categorizamos entidades abstratas, como ações, emoções, relacionamentos sociais, governos e teorias científicas. Se não pudéssemos realizar o mecanismo da categorização, não poderíamos agir no mundo físico ou em nossas vidas sociais e intelectuais. Assim, compreender como categorizamos é de suma importância para entendermos como pensamos e agimos e, por conseguinte, para concebermos o que nos torna humanos.

Para Lakoff e Johnson (2003 [1980]), a linguagem tem uma função categorizadora, não sendo uma representação do mundo, mas, sim, uma construção, que acontece a partir da nossa interação com o meio, ocorrendo, assim, um fenômeno denominado pelos referidos autores como *Experiencialismo*. Esse fenômeno é caracterizado pelo fato de a cognição e, por conseguinte, a linguagem serem definidas a partir da nossa experiência corporal, individual e coletiva. As experiências são compreendidas por meio de conceitos preexistentes – os quais já temos e fazem parte do nosso conhecimento enciclopédico.

Nesse sentido, esses conceitos operam como modelos interpretativos, os quais são chamados de MCIs:

Modelos Cognitivos são corporificados, direta ou indiretamente, mediante ligações sistemáticas a conceitos corporificados. Um conceito é corporificado quando seu conteúdo e suas características são motivados pela experiência corporal ou social. Isso não significa necessariamente que o conceito é previsível a partir da experiência, mas que faz sentido que ele tenha o seu conteúdo (ou outras características), dada a natureza da experiência correspondente. A corporificação,

portanto, fornece uma ligação *não arbitrária* entre a cognição e a experiência. (LAKOFF, 1987, p.154, grifo do autor, tradução nossa).<sup>7</sup>

Diante disso, os MCIs são compreendidos como modelos cognitivos, porque são idealizados individualmente, ao mesmo tempo que são compartilhados por indivíduos de uma mesma comunidade. Em relação ao caráter idealizado, a explicação se dá pela possibilidade de não serem ajustados de forma precisa ao mundo natural, constituindo-se, então, em criações da mente humana, podendo, até ser conflitantes entre si.

Para entendermos melhor como se configuram os MCIs, relembremos o exemplo citado por Lakoff (1987), o dia da semana terça-feira. Esse dia, incluído no ciclo semanal de sete dias, só pode ser definido em relação a um MCI que envolve o ciclo natural definido pelo movimento do sol, seguindo um padrão que marca o fim do dia e o início do próximo. Nesse MCI, a semana é composta por sete partes organizadas em uma sequência linear, a qual cada parte é chamada de dia, e a terceira é terça-feira. Em adição a isso, o conceito de fim de semana está vinculado à noção de que a semana de trabalho é composta por cinco dias, tendo um intervalo de dois dias de descanso. Assim, são fechados os sete dias da semana. Esse nosso modelo de semana é idealizado, porque ele não existe naturalmente, sendo criado por nós, seres humanos, e por nossa cultura, uma vez que nem todas as sociedades possuem o mesmo ciclo semanal que o apresentado.

Agora, rememoremos o contexto da manchete citada (*Associação Americana de Juristas reconhece Lula como preso político*). Para Lula ser categorizado como um preso político, temos o MCI de processo judicial, no qual, baseado em leis brasileiras, é seguido um rito jurídico preestabelecido e uma burocracia predeterminada, cabendo ao juiz de direito determinar uma sentença ao réu. Ademais, podemos exemplificar o conceito de guerra, o qual, ainda que não tenhamos experienciado efetivamente, se configura como um MCI, a partir do nosso conhecimento enciclopédico adquirido por filmes, documentários, jornais, livros etc.

É válido ressaltarmos, ainda, que os princípios dos MCIs foram desenvolvidos, segundo os estudos de Fillmore (1982) no âmbito da Semântica dos *Frames*; de Lakoff e Johnson (1980) sobre a Teoria da Metáfora e da Metonímia conceptuais; de Langacker

---

<sup>7</sup> Nas palavras do autor: “Cognitive models are embodied, either directly or indirectly by way of systematic links to embodied concepts. A concept is embodied when its content or other properties are motivated by bodily or social experience. This does not necessarily mean that the concept is predictable from the experience, but rather that it makes sense that it has the content (or other properties) that it has, given the nature of the corresponding experience. Embodiment thus provides a *nonarbitrary* link between cognition and experience” (LAKOFF, 1987, p.154).

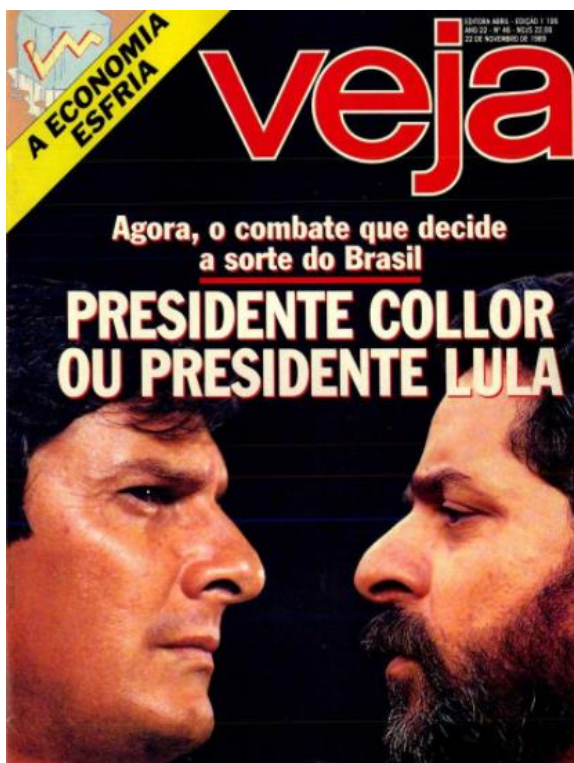
(1986) sobre a Gramática Cognitiva; e de Fauconnier (1985) sobre a Teoria dos Espaços Mentais. Cada MCI é uma estrutura complexa e gestáltica, sendo composta por: (1) estruturas proposicionais, que compreende os *frames* para Fillmore, além de serem distribuídas em outras categorias também, como cenário ou *script*, *cluster models*, taxonomia e categoria radial; (2) esquemas imagéticos, os quais foram baseados na Gramática Cognitiva de Langacker e Johnson (1987); (3) mapeamentos metafóricos e (4) mapeamentos metonímicos, sendo que esses últimos apenas foram descritos nesta obra de Lakoff e Johnson (2003 [1980]) lateralmente.

A teoria dos MCIs, desse modo, tem como base três princípios: (i) estrutura proposicional, que consiste no complexo de aspectos usados no MCI, podendo ser composto por concepções ou aspectos de nível básico (entidades, ações, propriedades etc.), ou por concepções configuradas por outros modelos cognitivos; (ii) esquemas imagéticos, que são a base para a estrutura conceptual dos MCIs; e, por último, o princípio (iii) metafórico e metonímico, no qual os MCIs são estruturados por meio de uma projeção da metáfora ou da metonímia. Para além disso, considerando os pressupostos da TC, especificamente, o princípio do circuito recursivo, Almeida (2016) defende que os MCIs são recursivos,

[...] de modo que participam da conceptualização de experiências, quando o(a) conceptualizador(a) mapeia metonímica e metaforicamente, respectivamente, saberes de um domínio da experiência em outro ou em um mesmo domínio e, ao mesmo tempo, estrutura esses conhecimentos com base em esquemas imagéticos e, simultaneamente, se realimenta com outros conhecimentos elaborados, por meio de nova conceptualização, que, deixando de ser nova, passa a fazer parte do conhecimento adquirido em um dado domínio (ALMEIDA, 2016, p.108).

Nesse sentido, os MCIs são um processo cíclico de auto-organização, no qual todos os seus constituintes têm uma inter-relação. Analisemos a capa da *Veja* a seguir:

Figura 3 - Capa da Revista *Veja*, edição 1106, publicada em 22/11/1989



Fonte: Arquivo Digital Veja

Nessa capa, podemos identificar o MCI de GUERRA, visto que há uma imagem que expressa um embate entre Lula e Collor. Tal embate é ainda reforçado pelo item léxico “combate” presente no subtítulo da manchete “Agora, o combate que decide a sorte do Brasil”. A partir desses elementos e também do contexto socio-histórico-cultural da eleição presidencial de 1989, notamos que acionamos esse MCI para compreendermos a política, mais especificamente a eleição, em termos de guerra. Assim, percebemos que, mediante expressões verbo-imagéticas, ativamos cognitivamente modelos de organização. Isto é, inicialmente, ao visualizarmos essa capa, foi causada uma desordem, então acionamos elementos e estabelecemos relações entre eles, como, por exemplo, a metáfora conceptual POLÍTICA É GUERRA, a fim de gerar uma nova ordem, o que revela o princípio dialógico da TC.

Sobre os constituintes que inter-relacionam no MCI, primeiramente, dissertaremos acerca da estrutura proposicional, a qual determina os elementos, suas designações e o vínculo entre eles. Nesse caso, os MCIs são distribuídos em proposição simples, *frame*, cenário ou *script*, *cluster models*, taxonomia e categoria radial. Neste



trabalho, para realizarmos o estudo das capas, utilizamos o conceito de *frame*, o qual será apresentado na subseção seguinte.

#### 1.1.4 O *Frame*

A concepção de *frame* tem sido usada por diferentes campos do conhecimento, além da Linguística, como a Psicologia e a Inteligência Artificial. Nos anos 70, quando linguistas tentaram estudar os significados mediante condições necessárias e suficientes, diante dos obstáculos postos por essa abordagem, Fillmore (1975) propôs uma alternativa de análise, por meio de um paradigma de cenas e de *frame*, ressaltando que o uso da palavra *cena* parte de um sentido amplo, o qual inclui cenas visuais, tipos de transações interpessoais, cenários definidos pela cultura, estruturas institucionais, experiências ativas, imagem corporal etc.<sup>8</sup>. Em adição a isso, o referido autor utilizou a palavra *frame*, para qualquer sistema de escolhas linguísticas que pode ser usado para casos prototípicos de cenas. Por exemplo, expressões como *eleger*, *candidato político* e *campanha política* evocam uma cena geral, a *política*, a qual tem o *frame* ELEIÇÃO.

Nessa perspectiva, o *frame* consiste no conjunto de sistemas conceptuais relacionados de tal maneira que, para entender qualquer um deles, temos que entender toda a estrutura em que eles estão encaixados, pois, quando uma palavra é introduzida no discurso, todas as outras são realizadas automaticamente, ou seja, o significado das palavras é ancorado a *frames*, e estes, por sua vez, constituem o sistema de conhecimento organizado, memorizado a longo prazo e estruturado pela esquematização da experiência. Nesse sentido, palavras operam como pistas linguísticas classificadoras de sentido, acionando, assim, os *frames* (FILLMORE, 1982). De acordo com os estudos de Souza e Duque (2018), essa ação depende da forma como a linguagem é aplicada; assim, uma mesma expressão linguística, por exemplo, pode acionar *frames* diferentes, pois o que sistematiza a ativação de *frames* é o conhecimento enciclopédico, ou melhor, a perspectiva do indivíduo. Ademais, uma palavra enfatiza, apenas, uma parte do *frame*, de maneira que nenhuma expressão linguística proporciona a ativação da estrutura completa dele.

Lakoff (1987) recobra Fillmore (1982) e cita a palavra *solteirão* como um exemplo de *frame*. Esse item lexical é determinado, a partir da cultura de uma

---

<sup>8</sup> O conceito de cena advogado por Fillmore (1975) corresponde ao que tratamos nesta tese como domínio.

comunidade marital que considera haver uma idade “certa” para se casar. Nesse sentido, “se o MCI em que *solteiro* é definido se encaixa em uma situação perfeitamente e a pessoa a que se refere o termo é inequivocamente um homem adulto solteiro, então, ele se qualifica como um membro da categoria *solteiro*”. (LAKOFF, 1987, p. 70, grifo do autor, tradução nossa)<sup>9</sup>. Entretanto, há alguns homens que, apesar de não serem casados, não se encaixam nessa categoria, por exemplo, papa, padres e monges. Com isso, podemos perceber que os MCIs não se moldam no mundo de forma exata, pois eles têm graus de aproximação ou semelhança diferentes, ocasionando um efeito prototípico.

Conforme Lakoff e Wehling (2012), os *frames* são estruturas de ideias que utilizamos para compreender o mundo. Desse modo, ao adotarmos essa concepção de *frame* para o nosso estudo, consideramos, como foi dito, que há *frames* interligados e que, ao ativarmos determinado *frame* através de mecanismos da linguagem, não, necessariamente, ativamos toda a sua estrutura, mas, sim, enfatizamos parte dela. Diante disso, os *frames* estão em conformidade com as metas que propomos, os planos que fazemos, as ações que executamos etc.

Nossas ações moldam nossas políticas sociais e, ainda, as instituições que criamos para realizá-las. Assim, ao mudar nossos *frames*, mudamos tudo isso, ou seja, a alteração dos *frames* é, também, social. Essas estruturas não podem ser vistas ou ouvidas, pois são parte do que os cientistas denominam de inconsciente cognitivo – estruturas do cérebro que não podemos acessar conscientemente, mas que sabemos das suas consequências: a maneira de raciocinarmos e o que entendemos por bom senso. (LAKOFF, 2007).

Diante disso, por haver poucos estudos que retratem o *frame* em múltiplas linguagens, defendemos, assim como Duque (2020), a ampliação do conceito de *frame* apresentado, o qual é centrado na linguagem verbal. Assim, acreditamos que, por realizarmos um trabalho de natureza multimodal, não só expressões linguísticas, como também elementos pictóricos possibilitam o acionamento de *frames* (DUQUE, 2020). Em outras palavras, defendemos que os *frames* não são estanques, derivam de diversas fontes e são um conjunto de conhecimentos geo-sócio-histórico-culturais.

Os termos *frame*, MCI e domínio podem servir para interpretar significados de múltiplas linguagens. Às vezes, há uma sobreposição no uso desses termos, mas, conforme Cienki (2007), cada termo tem uma teoria que o adequa melhor. Os *frames*

---

<sup>9</sup> Nas palavras do autor: “If the ICM in which *bachelor* is defined fits a situation perfectly and the person referred to by the term unequivocally na unmarried adult male, then he qualifies as a member of the category *bachelor*.” (LAKOFF, 1987, p. 70).

preparam o campo para as teorias relacionadas a gramáticas, como a Gramática de Construção. Os MCIs são utilizados para entender a função do conhecimento de base ao realizarmos estudos semânticos, principalmente, quando esses se relacionam com a categorização. Por fim, os domínios são usados, geralmente, na Teoria da Metáfora Conceptual e na Gramática Cognitiva. Essas divisões, contudo, nem sempre são realizadas nos estudos de natureza semântica, no âmbito da LC, de modo que é possível encontrar *frame* por domínio, e MCI como um conceito mais geral em que se situam os conceitos de *frame* e domínio.

Conforme Kövecses (2016), o nosso conhecimento sobre o mundo é derivado de conceitos hierárquicos, organizados em vários níveis (nível superior, nível básico, nível subordinado). Nesse sentido, os conceitos são relacionados pela noção de esquematicidade, logo os domínios-fonte de uma metáfora conceptual – a qual será abordada na subseção 1.1.6 – podem ser considerados como um sistema de conceitos relacionados entre si em vários níveis de especificação. Apesar dessa noção de hierarquia, que não adotamos em SCSH, por nos inspirarmos na TC, consideramos que os níveis não estabelecem limites rígidos, mas são classificados quanto à sua esquematicidade.

Mediante essa abordagem postulada por Kövecses (2016), o domínio difere do *frame* quanto ao nível de esquematicidade. Desse modo, o primeiro é mais esquemático do que o segundo, pois este apresenta propriedades mais específicas. Contudo é necessário considerarmos, ainda, a concepção de SCSH adotada neste estudo, porque, a partir dela, as relações entre os significados se dão em rede, de modo a não considerar a noção de hierarquia. Por isso, ao optarmos pela diferenciação entre domínios e *frames* postulada por Kövecses (2016), fazemos uma ressalva sobre o grau de esquematicidade ser estabelecido de maneira hierárquica, porque defendemos que, ao não estabelecer limites rígidos entre esses processos cognitivos, temos relações em rede. Por fim, para exemplificar as definições apresentadas para realizar esta pesquisa, vejamos uma capa da Revista *Veja*, publicada em agosto de 2005:

Figura 4 - Capa da Revista *Veja*, edição 1918, publicada em 17/08/2005



Fonte: Arquivo Digital Veja

Nessa figura 04, podemos acionar o domínio POLÍTICA e os *frames* – integrados a esse domínio – AGENTE POLÍTICO, PROCESSO POLÍTICO e ESQUERDA, identificados não só pelo item léxico “impeachment”, mas, também, pela imagem de Lula que é um político de esquerda, sendo esta também atualizada pela cor vermelha presente no nome da revista “Veja”. Ademais, ao ativar tal domínio, no processo fractal, caracterizamos a compressão, ao passo que, ao acionarmos os *frames*, por exemplo, fazemos um mecanismo de descompressão.

Partindo desse contexto político, aproveitamos para dissertar, agora, sobre aplicação da LC na política, iniciando com um exemplo de Lakoff (2007) que consideramos multimodal, embora o autor não o tenha abordado dessa forma. Lakoff (2007) relata que, quando ensinou a questão da mudança de *frame*, no seu primeiro curso de Ciência Cognitiva, em Berkeley, passou um exercício para os alunos: não pense em um elefante. Faça o que fizer, mas não pense em um elefante. Ao indicar tal exercício, a palavra *elefante* aciona um *frame*, o qual pode ser uma imagem ou outro tipo de

conhecimento. Por exemplo, os elefantes são grandes, têm orelhas pendentes, são associados ao circo ou, ainda, ao Partido Republicano dos Estados Unidos da América. Assim, a palavra é definida em relação a essa estrutura. Logo, ao negar um *frame*, ele acaba sendo evocado. Se pensarmos no contexto desta tese, ao falarmos: “não pense em uma estrela vermelha”, muito provavelmente, de maneira automática, acionaremos o *frame* do Partido dos Trabalhadores, do qual Lula faz parte.

Lakoff (2007) realizou estudos sobre Linguística Cognitiva e Política. Para tanto, o linguista partiu dos seguintes questionamentos: a) por que os conservadores falam tanto dos valores familiares; b) por que certos valores eram considerados familiares e outros não; e, por fim, c) por que, durante uma campanha presidencial, quando o futuro foi ameaçado pela proliferação nuclear e pelo aquecimento global, alguém falava sobre os valores familiares o tempo todo. Diante disso, ele menciona ter se lembrado de uma pesquisa de um aluno, na qual mostrava que os americanos têm a família como a metáfora da nação. Essa é uma metáfora natural, pois, geralmente, concebemos os grandes grupos sociais como nações e os pequenos grupos como as famílias e as comunidades. Como resultado dessa metáfora, há outra questão: se há concepções diferentes de nação, há, também, concepções distintas de família. Partindo desse pressuposto, Lakoff (2007), ao analisar as diferentes posições políticas dos conservadores/republicanos e dos progressistas/liberais, considerou dois modelos de família distintos: a família do pai estrito/severo e a família do pai protetor. A moralidade dos conservadores é um sistema estruturado pelo modelo de família do pai severo, enquanto a moralidade dos progressistas é estruturada pelo modelo de família do pai protetor.

Diante dessa perspectiva, para o referido autor, as pessoas podem pensar através dos *frames* do pai severo e do pai protetor, cada um seguindo uma lógica. Nesse sentido, uma verdade<sup>10</sup>, para ser aceita, precisa se adequar aos *frames* das pessoas. Se os fatos não se enquadram em determinada estrutura, esta é mantida, e os fatos são recuperados. Conforme Lakoff (2007), na neurociência<sup>11</sup>, cada um dos conceitos que estrutura o

---

<sup>10</sup> Na obra *Metaphors we live by*, Lakoff e Johnson (2003) discutem sobre a verdade. Para os autores, não há uma verdade absoluta, incondicional e objetiva, mas, sim, verdades, as quais fazem parte do nosso cotidiano, pois nossas ações, tanto físicas quanto sociais, são baseadas a partir do que tomamos como verdade. Além disso, esta é relativa a um sistema conceptual que é em grande parte metafórico. A maioria das metáforas evoluíram em uma cultura por um longo período, porém podem ter sido impostas por pessoas que detêm o poder, como a mídia, os líderes, políticos e religiosos, os empresários etc.

<sup>11</sup> Segundo Steve Pinker (2001), “[...] a neurociência é o estudo da fisiologia do cérebro e do sistema nervoso [...]. [Para o autor], o processamento de informações é a atividade fundamental do cérebro, sendo o principal motivo pelo qual os neurocientistas estão mais interessados em neurônios do que em células gliais, [tipos celulares que não formam sinapses], embora as células gliais ocupam mais espaço no cérebro.

pensamento humano a longo prazo está embutido nas sinapses de nosso cérebro. Conceitos não podem ser mudados, apenas, porque alguém nos diz um fato. Os fatos podem ser apresentados a nós, porém, para que possamos significá-los, eles precisam ser encaixados com o que já está nas sinapses do cérebro, caso contrário, os fatos entram e saem rapidamente. Isso é o que acontece quando os progressistas confrontam os conservadores com fatos. Há pouco ou nenhum efeito, a não ser que os conservadores tenham um *frame* que dê sentido aos fatos (LAKOFF, 2007).

As pessoas, no entanto, podem não ter, apenas, um *frame* sobre determinado modelo de família, algumas podem ter *frames* relacionados aos dois modelos, estas são denominadas por Lakoff (2016) como biconceptuais. Isso não quer dizer que há um meio termo, na política, ou que há uma política moderadora na qual todos os biconceptuais concordam. Um moderado conservador pode admitir algumas posições progressistas, do mesmo modo, um progressista moderado pode concordar com algumas questões conservadoras. Em resumo, os moderadores têm visões de mundo morais políticas, mas usam, principalmente, um deles. Essas duas visões gerais de mundo, normalmente, contradizem-se. Então, como elas podem estar no mesmo cérebro simultaneamente? Ambas são caracterizadas no cérebro por circuitos neurais, sendo ligadas por um circuito comum: uma inibição mútua. Assim, quando um circuito está ligado, o outro está desligado; quando um é fortalecido, o outro é enfraquecido.

A linguagem relativa à determinada perspectiva de mundo ativa o *frame* dessa perspectiva, fortalecendo-a, enquanto causa o desvio da outra perspectiva, enfraquecendo-a. Desse modo, tomando como exemplo a política de Trump, Lakoff (2016) diz que, quanto mais as opiniões do presidente dos EUA são discutidas na mídia, mais elas são ativadas e mais fortes ficam, tanto na mente dos conservadores extremistas quanto na dos progressistas moderados. Isso é fato, ainda que a mídia esteja atacando as ações de Trump. A razão é que, ao negar um *frame*, acabamos ativando-o, como exemplificamos ao citarmos as expressões “Não pense num elefante” e “Não pense em uma estrela vermelha”. Seguindo esse raciocínio e aplicando-o ao nosso estudo, não importa se a Revista *Veja* está atacando ou promovendo Lula, porque, de certa forma, ela

---

O axônio (filamento longo de saída) de um neurônio é projetado, em todos os seus detalhes moleculares, para propagar informações com alta fidelidade por longas lacunas de separação e, quando seu sinal elétrico é traduzido em um sinal químico na sinapse (a junção entre os neurônios), o formato físico das informações muda enquanto as informações permanecem as mesmas [...].”

o está ajudando a reforçar o *frame*, seja de maneira negativa ou positiva, mas, no caso, negativa.

Conforme Lakoff (2009), é necessário construir um *frame*, para que uma verdade importante possa ser vista. Para o referido autor, palavras nomeiam elementos dos *frames*, isto é, itens lexicais ativam aspectos dos *frames*. Partindo desse pressuposto e dos estudos de Lakoff relacionados à política, um dos questionamentos deste trabalho é saber o porquê de Lula ser exposto, na grande maioria das vezes, pela Revista *Veja*, de uma maneira negativa, apesar dos resultados positivos de sua política.

Em adição a isso, outro objetivo nosso é elaborar e reelaborar o *frame* e o domínio acerca da política de Lula, através das capas da *Veja*. Ou seja, traçar a (re)ativação de velhos e/ou novos *frames* e domínios para a construção de significado sobre Lula. Isso se justifica porque partimos do pressuposto de que os liberais/progressistas estadunidenses teriam alguma equivalência com a esquerda brasileira, salvaguardadas as devidas diferenças sócio-históricas-culturais-político-ideológicas. Logo, consideramos que, devido ao fato de Lula fazer parte de um partido de ideologia de esquerda, a sua conceptualização está ligada ao *frame* do pai protetor.

Com isso, ratificamos que cada visão moral tem um conjunto de *frames*. Toda política é moralmente estruturada, então, a escolha de qualquer política específica é uma política moral. Sobre isso, Lakoff e Wehling (2012) citam o seguinte exemplo: Rudolph Giuliani, em sua candidatura à presidência em 2008, comparou os cuidados de saúde a um produto, utilizando o exemplo de uma TV de tela plana. Ele argumentou que nem todo mundo pode ter uma TV de tela plana. Assim, se a pessoa precisar desse produto, é necessário trabalhar e economizar para obtê-lo. Do mesmo modo, nem todos podem ter assistência médica, as pessoas precisam ser livres para pagar por ela se quiserem. Portanto, como uma TV de tela plana, a assistência médica é um produto. Se o indivíduo quiser o produto, deve obter recursos financeiros para comprá-lo, mas se não quiser, o governo nem ninguém pode forçá-lo a comprá-lo, porque seria inconstitucional (fora dos poderes do governo). A partir disso, podemos entender, metaforicamente, assistência médica como um produto. Então, é imposto, ao *frame* dos cuidados de saúde, o *frame* do mercado de economia. Notemos o que não está no *frame*: assistência médica é um produto e não um direito. A prestação dos cuidados de saúde não é uma preocupação moral, é uma questão econômica.

De acordo com Lakoff (2016), todo pensamento usa circuitos neurais. Toda ideia é constituída por circuitos neurais, mas não temos acesso consciente a esses circuitos.

Como resultado, a maior parte do pensamento, aproximadamente 98%, é inconsciente, sendo o pensamento consciente a ponta do iceberg. O pensamento inconsciente funciona, por alguns mecanismos básicos, os quais, consideramos que a mídia pode usá-los, instintivamente, para transformar o cérebro das pessoas na direção ao que ela quer, como, por exemplo, apresentar uma figura negativa de Lula. Esses mecanismos são: (a) as palavras; (b) o enquadramento; (c) os exemplos cotidianos; (d) a gramática; e (e) as metáforas e metonímias.

As palavras estão ligadas, de maneira neural, aos circuitos que determinam seu significado. Desse modo, quanto mais uma palavra é ouvida ou lida, mais um circuito é ativado.

O *framing*, processo de evocação de *frames*, é um modo de pensamento, uma maneira de ação e um sinal de caráter. Não são, apenas, palavras, embora essas tenham de ser ditas repetidas vezes. Nesse sentido, a *Veja*, ao enquadrar Lula, conscientemente, como um político corrupto, por exemplo, e, ao repetir esse enquadramento, pode fazer com que as pessoas pensem sobre ele, inconscientemente, dessa forma.

Assim, se for reforçado um enquadramento de Lula como corrupto, conseqüentemente, ele poderá ser considerado imoral por (supostamente) ter cometido um ato ilegal. Nesse sentido, Lakoff (2016) aponta que existe uma metáfora comum: IMORALIDADE É ILEGALIDADE, e que agir contra a moralidade do pai severo (o único tipo de moralidade, geralmente, conhecida) é ser imoral. Logo, se considerarmos que Lula, ao fazer parte de um partido político de esquerda, guiar-se-ia pelo modelo de pai protetor, por conseguinte, ele seria imoral para os seus opositores.

Os exemplos bem conhecidos estão ligados ao fato de que a divulgação de evento ativa o enquadramento, repetidamente, fortalecendo-o e aumentando a probabilidade de que o enquadramento ocorra facilmente. Então, repetir exemplos de corrupção ou manifestações contra Lula reforça a suposta imoralidade do político.

O penúltimo mecanismo citado por Lakoff (2016) foi a gramática, a qual, neste estudo, está relacionada ao fato de as manchetes das capas direcionarem os *frames* de Lula. Por exemplo, após a prisão de Lula em 2018, o político, ainda, tentou participar das eleições para presidente desse mesmo ano. Nesse contexto, foi publicada, em 15 de agosto de 2018, a seguinte capa da Revista *Veja*:



Figura 5 - Capa da Revista *Veja*, edição 2595, publicada em 15/08/2018



Fonte: Arquivo Digital Veja

Nessa manchete: “As artimanhas de Lula”, podemos perceber que o ex-presidente é colocado na mesma escala linear de um enganador, impondo um *frame* a essa escala e sugerindo que Lula utiliza artifícios para enganar outrem. Logo, é reiterado um *frame* imoralidade de Lula, e isso, em um processo retroalimentar, produz sentidos para a sociedade e, ainda, reforça modelos já existentes nela, o que ratifica a nossa defesa sobre o *frame* ser um complexo de conhecimentos geo-sócio-histórico-culturais.

Por fim, os outros mecanismos estão vinculados às metáforas e metonímias conceptuais, as quais serão discutidas mais adiante, após a próxima subseção dos esquemas imagéticos.

### 1.1.5 Esquemas Imagéticos

Os esquemas imagéticos têm origem, na nossa atividade sensório-motora e na nossa percepção dos eventos cotidianos, sendo estruturas cognitivas pré-linguísticas, dinâmicas e universais. Nesse sentido, é preciso que haja um modelo e uma ordenação em nossas ações, percepções e concepções, para que tenhamos experiências significativas e conectadas, sobre as quais nos seja possível compreender e raciocinar (JOHNSON, 1991 [1987]). Assim, “um esquema é um padrão recorrente, uma forma e uma regularidade nessas ou dessas atividades de ordenação que estão em andamento.” (JOHNSON, 1991 [1987], p. 85, grifo do autor, tradução nossa)<sup>12</sup>; por exemplo, o esquema CAMINHO/TRAJETÓRIA<sup>13</sup> é concebido, a partir de nossas experiências com entidades que se movem ou que precisam se mover, ao longo de um percurso. Esse caminho tem um ponto de início e outro de fim. Desse modo, quando dizemos “Lula chegou ao Palácio do Planalto outra vez”, essa expressão linguística é estruturada pelo esquema CAMINHO, pois Lula é uma entidade em movimento que chegou ao fim, isto é, à meta de sua trajetória. Em adição a esse exemplo, esquemas como CONTÊINER e TRAJETÓRIA/CAMINHO podem ser ativados por palavras como *sobre*, *em*, *de* e *para*. Vejamos um exemplo de esquema de imagem em uma capa da *Veja*:

---

<sup>12</sup> Na tradução espanhola: “Un esquema es un patrón recurrente, una forma y una regularidad en o de esas actividades de ordenamiento en curso.” (JOHNSON, 1991, p.85)

<sup>13</sup> Exemplo inspirado nos postulados de Peña Cervel (2012).

Figura 6 - Capa da Revista *Veja*, edição 1550, publicada em 10/06/1998



Fonte: Arquivo Digital Veja

A manchete dessa capa “Lula entra no Jogo” é estruturada pelos esquemas DENTRO-FORA e CONTEÚDO-CONTÊINER, visto que Lula é uma entidade compreendida como um conteúdo que entra em uma situação conceptualizada como um recipiente, ou seja, ele começa a participar do jogo que se refere tanto à eleição quanto ao momento da copa do mundo de 1998<sup>14</sup> (quando a capa foi publicada). Percebamos, ainda, que tal esquema foi acionado tanto pelo modo verbal da linguagem através da manchete (“Lula entra no jogo”) como pelo modo imagético por meio da imagem de Lula que se encontra dentro do campo de futebol.

Além de terem uma estrutura própria, os esquemas podem servir de base para outros conceitos, isto é, eles podem originar e estruturar construções abstratas. Desse modo, um esquema é composto por uma quantidade reduzida de partes e relações, as quais podem estruturar de maneira ilimitada percepções, imagens e acontecimentos. Paralelo a isso, buscando uma forma de demonstrar como ocorre esse processo cognitivo na multimodalidade, baseamo-nos no aspecto *gestáltico* da LC, que diz respeito a julgar

<sup>14</sup> A edição apresentada foi publicada em junho de 1998, momento em que ocorreu uma copa do mundo. Além disso, no canto inferior direito da capa, é apresentado um “Guia da copa”. Por isso, foi possível acionar o jogo da copa do mundo através da imagem de Lula jogando bola na capa da revista.

os conceitos de uma forma integrada, como uma estrutura global e não atomística, sendo necessário entender o todo, para entender as partes.

Conforme Peña Cervel (2012), os esquemas são: a) pré-conceptuais, pois nós os conhecemos antes de rotulá-los conceptualmente; b) não proposicionais, visto que o significado não está presente em proposições e frases. Eles emergem das nossas experiências, percepções e formações de imagens; c) corpóreos, porque são gerados a partir da nossa experiência física; d) estruturados, uma vez que são compostos por padrões organizacionais definidos, os quais possuem diversos aspectos estruturais e uma lógica interna que se desenvolve à medida que esses aspectos se relacionam; e) abstratos ou esquemáticos, já que são concebidos, através da nossa interação com o mundo; f) dinâmicos, pois não estão enraizados na nossa memória a longo prazo, são, porém, entidades que emergem da nossa capacidade de organização, a qual está sujeita a uma constante reformulação; g) axiológicos, porque, em esquemas com dois lados opostos, um deles é positivo e outro é negativo, por exemplo, na orientação CIMA-BAIXO, associada ao esquema verticalidade, CIMA é ligado a questões positivas e BAIXO a negativas; h) culturais (dimensão cultural), visto que o aspecto cultural contribui para a configuração dos esquemas, apesar de eles serem considerados universais por causa da abstratização de seus padrões; i) superposicionais (superposição), já que os esquemas interagem não somente com eles mesmos, mas, também, com outros MCIs; e j) transformativos (transformações), porque as relações entre esquemas motivam a polissemia.

Alguns dos esquemas elencados por Johnson (1991 [1987]) são: PARTE-TODO; LIGAÇÃO; CENTRO-PERIFERIA; FRENTE-TRÁS; PERCURSO-TRAJETO-META; CONTÊINER-CONTEÚDO e VERTICALIDADE. Sobre como os esquemas se combinam, é possível exemplificar essa combinação com esse último esquema; assim, VERTICALIDADE se combina com a orientação CIMA-BAIXO. Além disso, dentre os diferentes tipos de esquema, vamos comentar o de FORÇA para demonstrar a sua diversidade. Assim sendo, os principais esquemas de FORÇA são classificados por Johnson (1991 [1987]) como: a) COMPULSÃO, ocorre, quando um agente é empurrado para uma determinada direção por forças externas; b) BLOQUEIO, configura-se, quando uma entidade é impedida de mover-se no caminho previsto por causa de um obstáculo; c) CONTRA-FORÇA, acontece, quando um agente ou uma entidade encontra uma força que exerce pressão sobre ele/ela, dificultando o movimento para a direção planejada; d) DESVIO, caracteriza-se, quando um agente ou uma entidade colide com uma força que

faz com que se desvie do curso pretendido; e) **ELIMINAÇÃO DE RESTRIÇÃO**, ocorre, quando uma barreira é eliminada, permitindo o movimento sem obstrução de um agente ou de uma entidade; f) **HABILITAÇÃO**, acontece, quando algum tipo de força interna ou externa fornece os meios para o agente ou entidade se deslocar na direção desejada; e g) **ATRAÇÃO**, configura-se quando uma entidade é, fisicamente, atraída para um objeto ou lugar. Verifiquemos algumas dessas dimensões dos esquemas de **FORÇA** e **VERTICALIDADE** em capas da Revista *Veja*:

Figura 7- Capa da Revista *Veja*, edição 1934, publicada em 07/12/2005



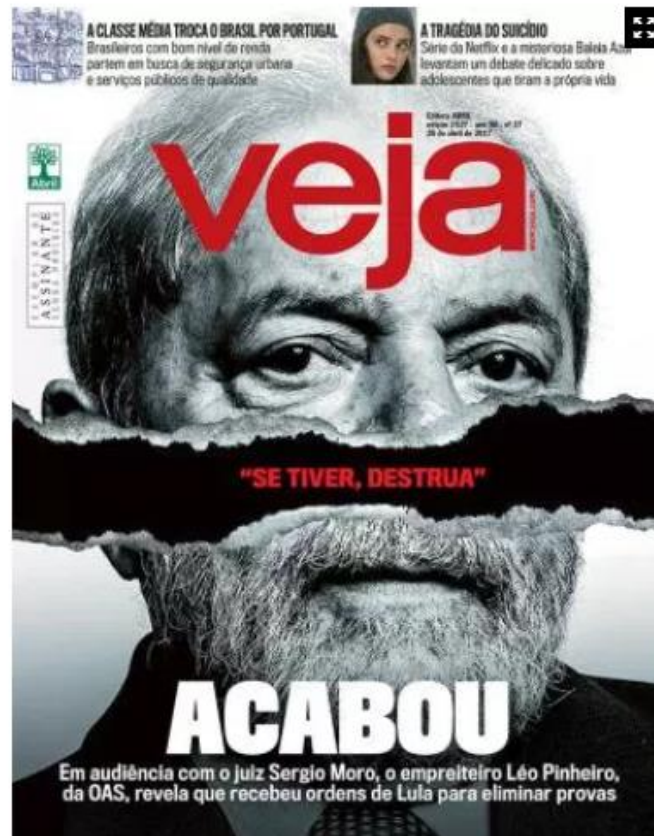
Fonte: Arquivo Digital Veja

Nessa edição 1934, publicada em 2005, podemos perceber que a manchete “O grande salto”, bem como a ilustração de um salto motivado pelas molas acionam os esquemas **VERTICALIDADE**, especialmente **CIMA-BAIXO**, e **FORÇA**, especificamente **COMPULSÃO** e **HABILITAÇÃO**. O esquema **VERTICALIDADE** é ativado devido à indicação de um movimento para cima, manifestado pelas molas e pelo item léxico “salto”. Essas expressões verbo-imagéticas também evocam os esquemas de **FORÇA** (**COMPULSÃO** e **HABILITAÇÃO**), porque as molas são uma espécie de força externa que empurra para cima o presidente (Lula), metonimicamente conceptualizado



pela faixa presidencial em volta dos sapatos, promovendo o crescimento da economia. Já na edição 2527 a seguir, podemos analisar o esquema de FORÇA como DESVIO e, também, ELIMINAÇÃO:

Figura 8 - Capa da Revista *Veja*, edição 2527, publicada em 26/04/2017



Fonte: Arquivo Digital Veja

Vejamos que a manchete “Se tiver, destrua” faz referência a uma possível fala de Lula sobre eliminar provas, o que poderia indicar um desvio na Operação Lava Jato, ou seja, um desvio no resultado da investigação. Logo, foram acionados os esquemas ELIMINAÇÃO e DESVIO. Por fim, é válido ressaltarmos que os esquemas de FORÇA como domínio-fonte nos ajudam a moldar e estruturar domínios-alvo abstratos. Para Johnson (1991 [1987]), é preciso explorar como experiências corporais de força dão origem a esquemas imagéticos que podem ser modificados, ampliados e elaborados em domínios que não estão estritamente ligados ao corpo, tais como interações sociais, argumentos racionais e deliberação. Ainda segundo o autor, nós experimentamos forças

por meio da interação, uma vez que elas nos afetam ou algo em nosso campo perceptivo; movimentamo-nos através do espaço em uma certa direção; uma coisa sujeita a uma força tende a seguir um caminho específico de movimento; forças têm origens e, sob a influência de agentes, podem ser direcionadas para certos alvos; forças têm graus de intensidade; e as forças podem ser sentidas de acordo com uma certa estrutura ou sequência de causalidade.

De modo a sustentar as discussões acerca de como os esquemas atuam na conceptualização de Lula no corpus, tomamos como base os trabalhos de Forceville (2017) sobre os esquemas de FORÇA em animações e os estudos de Almeida (2016) sobre como a ex-presidenta Dilma, seu partido e seus eleitores são conceptualizados em memes. Embora o primeiro seja voltado para um texto “monomodal”, o imagético, (se considerarmos somente as ações de força dos personagens analisadas), foi importante para percebermos como o esquema imagético é instanciado por imagens. Já o segundo ressalta que não há uma abordagem satisfatória sobre o comportamento dos MCIs na conceptualização multimodal, mas aponta que o esquema imagético tem a função de estruturar projeções metafóricas e metonímicas em textos multimodais. Diante disso, defendemos que os esquemas ativados no mapeamento de uma metáfora ou metonímia multimodal são resultados da integração dos diversos modos presentes em determinado gênero da linguagem.

Após apresentarmos essa breve abordagem acerca dos esquemas imagéticos, seguiremos, agora, para o fio da metáfora conceptual.

### 1.1.6 Metáfora Conceptual

Lakoff e Johnson (1980) consideram que a essência da metáfora conceptual é “compreender e experienciar uma coisa em termos de outra” (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p. 47), podendo identificar, em cada metáfora, um domínio-fonte, que se caracteriza por ser o domínio de experiência, normalmente de natureza concreta que nos baseamos para compreender o alvo, que, por sua parte, que se caracteriza por ser aquilo que queremos compreender, sendo, geralmente, de natureza abstrata. Desse modo, o mapeamento metafórico ocorre da seguinte forma: X É Y, ou seja, ALVO É FONTE.

Sobre a projeção metafórica entre o domínio-fonte e domínio-alvo, é válido apresentar, ainda, a hipótese da invariância (LAKOFF; TURNER, 1989), que consiste no princípio de que a projeção do domínio-fonte para o domínio-alvo conserva os aspectos

estruturais dos esquemas imagéticos, zelando, desse modo, pela consolidação empírica até dos domínios mais abstratos. No entanto, conforme Almeida *et al* (2013), essa hipótese é vaga, uma vez que não sabemos quais elementos dos esquemas de imagem são transferidos na projeção metafórica sem mudanças do domínio-fonte para o domínio-alvo.

Para ilustrar o processo metafórico, pensemos em algumas expressões linguísticas ditas diariamente, como: “Lula está *perdendo o seu tempo com o centrão*” ou “O presidente não deve *gastar seu tempo* com isto”. Nelas, podemos perceber a metáfora TEMPO É DINHEIRO<sup>15</sup>, na qual, compreendemos o conceito *tempo* (domínio-alvo), de caráter abstrato, a partir da nossa experiência com o *dinheiro* (domínio-fonte), que tem um caráter mais concreto. No entanto, a partir dessas expressões, é importante que apreendamos não somente o conceito de *tempo* em termos de *dinheiro*, mas que, também, apreendamos o processo cognitivo metafórico do nosso sistema conceptual que se manifesta na linguagem e nas nossas ações. Outrossim, não quer dizer que *tempo* seja uma subespécie de *dinheiro*, já que tempo e dinheiro são conceitos totalmente diferentes; porém quer dizer que o tempo é, parcialmente, organizado e compreendido em termos do domínio experiencial dinheiro. Por esse aspecto parcial da interação entre domínios, consideramos que a forma da metáfora conceptual deva ser lida como X É PARCIALMENTE Y ou ALVO É PARCIALMENTE FONTE. Tal abordagem é fundamentada pelo conceito apresentado por Barcelona (2003):

[A] metáfora é um mecanismo cognitivo no qual um domínio experiencial é parcialmente ‘mapeado’, ou seja projetado, em um domínio experiencial diferente, de tal forma que o segundo domínio seja parcialmente entendido em termos de outro”. (BARCELONA, 2003, p.3, tradução nossa)<sup>16</sup>.

Conforme Ibarretxe-Antuñano (1999), sobre a Teoria da Seleção de Propriedades, o domínio-fonte pode ser constituído por propriedades prototípicas, sendo somente algumas delas projetadas ao domínio-alvo. Em adição a isso, há, no domínio-fonte, elementos que importam e outros que não. Esse processo é chamado de foco do

<sup>15</sup> O exemplo da metáfora conceptual TEMPO É DINHEIRO (TIME IS MONEY) foi citado por Lakoff e Johnson (1980). No entanto, Lakoff e Johnson (2003 [1980]) ampliam essa metáfora para TEMPO É PRODUTO VALIOSO (TIME IS A VALUABLE COMMODITY) ou, ainda, TEMPO É RECURSO LIMITADO (TIME IS A LIMITED RESOURCE).

<sup>16</sup> “Metaphor is the cognitive mechanism whereby one experiential domain is partially ‘mapped’, i.e. projected, onto a different experiential domain, so that the second domain is partially understood in terms of the first one”. (BARCELONA, 2003, p.3)



significado (*meaning focus*). Portanto, o foco do domínio-fonte é o aspecto mais importante do seu significado, o que também foi discutido por Almeida (2020).

Além da parcialidade, outro princípio da projeção entre domínios é o da unidirecionalidade, no qual a estrutura do domínio-fonte é projetada no domínio-alvo e não em direção oposta. Assim, na metáfora citada, TEMPO É DINHEIRO, tempo é compreendido em termos dinheiro, mas dinheiro não é compreendido como tempo.

Entretanto, de acordo com Soriano (2012), em alguns casos, as duas direções são possíveis, como conceptualizar pessoas como animais e animais como pessoas. Apesar disso, em muitos desses casos, as metáforas são diferentes, tendo seus respectivos focos de significado. Por exemplo, considerando as crenças das sociedades humanas, todos os seres podem ser organizados hierarquicamente. Nós, seres humanos, ocupamos o nível mais alto, por uma questão de raciocínio, moralidade e senso estético. Abaixo de nós, estão os outros animais, sendo caracterizados pelos seus instintos. A referida autora exemplifica esse argumento, mediante as seguintes expressões linguísticas: “Minha mãe é uma leoa” e “O leão é o rei da selva”. Desse modo, fica evidente que, na primeira expressão, ao conceptualizarmos a mãe como uma leoa, enfatizamos os instintos do animal, no humano, ao passo que, na segunda, focamos em aspectos racionais, morais e estéticos do ser humano, no animal. No entanto, por vezes, características estéticas dos animais, também, podem ser projetadas no humano. Quando se diz: “O filho do presidente é um gato”, é o equivalente a dizer: “O filho do presidente é bonito”; ou, quando se diz “Lula é um rato”, corresponde a “Lula é um corrupto”. Nesse sentido, as propriedades projetadas na metáfora SER HUMANO É ANIMAL dão ênfase no aspecto estético ou comportamental do animal.

De todo modo, essa argumentação reflete que o princípio da unidirecionalidade não está isento de críticas. Neste trabalho, concordamos com Castilho (2014), quando este defende o princípio da multidirecionalidade, visto que a linguagem é um sistema múltiplo, complexo e dinâmico. Para além disso, é válido ressaltarmos que não consideramos esses adjetivos, apenas, para a língua em suas diversas modalidades, oral ou escrita, mas, sim, para a linguagem como um todo, da qual a língua não está dissociada. Em outras palavras, defendemos o princípio da multidirecionalidade na linguagem multimodal, a qual é complexa e dinâmica.

As metáforas conceituais não são arbitrárias, mas, sim, motivadas. A sua principal motivação pode estar na base experiencial e na compreensão que temos de algo semelhante entre domínios (GRADY, 1999). No tocante à primeira motivação, uma das

justificativas para distintas metáforas conceptuais serem comuns a vários idiomas é a base experiencial presente na projeção entre domínios. Desse modo, os domínios coocorrem, sistematicamente, nas interações que estabelecemos com o que nos rodeia. Por exemplo, imaginemos a sentença “Lula deu um *abraço caloroso* em sua esposa”. A partir dela, podemos identificar a metáfora AFEIÇÃO É CALOR, na qual o domínio-fonte, CALOR, manifestado pelo item léxico “caloroso”, estrutura o domínio-alvo, AFETO, identificado pela palavra “abraço”. Isso, provavelmente, ocorre devido ao fato de associarmos calor e afeto, mediante as nossas experiências mais básicas, como o afeto criado, quando experienciamos o calor ao estarmos envolvidos nos braços da mãe ou outro cuidador. Já no que diz respeito à segunda motivação, a percepção estabelecida por meio de semelhança entre domínios é construída por entidades distintas, mas que, de acordo com os nossos modelos culturais, têm algum aspecto em comum. Além disso, as metáforas conceptuais já indicam que há características semelhantes entre elas. Por exemplo, a sujeira (domínio-fonte) pode ser relacionada à má reputação e, também, à deslealdade, o que nos permite dizer que a imoralidade (domínio-alvo) é compreendida em termos de sujeira. Assim, temos a metáfora conceptual IMORAL É SUJO<sup>17</sup>, como na capa a seguir:

---

<sup>17</sup> O exemplo da metáfora conceptual IMORAL É SUJO foi citado por Soriano (2012).

Figura 9 - Capa da Revista *Veja*, edição 2220, publicada em 08/06/2011



Fonte: Arquivo Digital Veja

Nessa capa, a manchete “Anatomia da corrupção” e a imagem de uma cabeça de rato fazendo parte de um corpo humano indicam que o fenômeno da corrupção formado por um animal racional (o ser humano) e um irracional (o rato). Este, por sua vez, culturalmente, é compreendido como um bicho sujo e disseminador de pragas. Desse modo, a corrupção é conceptualizada como algo sujo e imoral, o que nos permite ativar a metáfora conceptual **IMORAL É SUJO**.

Em adição a isso, outros fatores, conforme Soriano (2012), podem influenciar a motivação de uma metáfora, como a existência de metáforas prévias que constituem uma estrutura conceptual, podendo gerar novas metáforas. Isso revela outra característica desse processo cognitivo, o fato de ele não ser um fenômeno isolado, visto que metáforas compõem casos específicos de metáforas mais gerais, constituindo, então, uma hierarquia, ou, em nossa compreensão, uma rede de metáforas. Um exemplo disso é a metáfora conceptual **ATIVIDADE DE LONGA DURAÇÃO COM OBJETIVO É**

VIAGEM<sup>18</sup>, pois compreendemos casamento, vida, carreiras universitárias e mandato como uma viagem, já que, assim como a viagem, esses domínios experienciais têm um objetivo, um destino. Verifiquemos um exemplo em uma capa da Revista *Veja*:

Figura 10 - Capa da Revista *Veja*, edição 1329, publicada em 02/03/1994



Fonte: Arquivo Digital Veja

Em 1994, Lula foi candidato à presidência durante as eleições. Podemos perceber que, nessa edição, ele foi conceptualizado como um viajante solitário, por meio de sua imagem caminhando em uma estrada e da manchete “Lula sozinho na estrada”. Tal conceptualização é baseada na metáfora CARREIRA POLÍTICA É UMA VIAGEM, a qual é um caso mais específico da metáfora ATIVIDADE DE LONGA DURAÇÃO COM OBJETIVO É VIAGEM. Todavia, apesar de considerarmos o princípio de haver metáforas mais gerais e específicas, não julgamos que isso se dá, necessariamente, de forma hierárquica, pois compreendemos que essas projeções metafóricas formam uma teia complexa, na qual a interação se dá de forma contínua e simultânea, conforme a

<sup>18</sup> O exemplo da metáfora conceptual ATIVIDADE DE LONGA DURAÇÃO COM OBJETIVO É VIAGEM foi citado por Soriano (2012).

abordagem da Ecologia Profunda proposta por Capra (2006 [1996]) – a qual será discutida na Seção 3.

Ademais, o processo metonímico (o qual discutiremos na subseção 1.1.7), também, pode induzir a produção de metáforas, principalmente, nos casos em que as projeções têm a mesma base experiencial, como MAIS (quantidade) e CIMA (posição). Esses domínios, MAIS e CIMA, estão relacionados, porque, no nosso cotidiano, temos a experiência de empilhar coisas ou encher recipientes; assim, à medida em que aumentamos a quantidade de algo, aumentamos a altura que este alcança. Nesse sentido, inicialmente, entendemos que os domínios pertencem a uma mesma base experiencial, visto que ocorrem simultaneamente; desse modo, o domínio CIMA pode ativar, metonimicamente, o domínio MAIS. Por exemplo, dizer “No copo, tem água até o *topo*”, equivale a dizer que “O copo está *cheio*”. No entanto, posteriormente, esses domínios funcionam de forma independente, como na expressão linguística “Na última pesquisa, a vantagem do candidato Lula em relação ao outro candidato subiu”, ou seja, aumentou. (SORIANO, 2012).

Quanto à classificação da metáfora conceptual, conforme Soriano (2012), há alguns critérios que nos permitem classificá-las em diversos tipos. O primeiro critério é a estrutura. Nesse caso, temos projeções com uma correspondência (*one-correspondence*), nas quais o domínio-fonte transfere, apenas, um elemento juntamente com as suas correspondências ontológicas mais básicas. O objetivo dessas projeções é dar saliência a uma parte do domínio-alvo, por meio de uma propriedade essencial do domínio-fonte. Por exemplo, quando dizemos “O presidente é um leão”, equivale a dizer que “O presidente é feroz”. A ferocidade é uma das características mais proeminentes que atribuímos ao leão. Ademais, temos as projeções com várias correspondências (*many-correspondence*), nas quais o domínio-fonte transfere um conjunto de propriedades, tanto ontológicas quanto epistêmicas<sup>19</sup>, tornando a estrutura do domínio-alvo mais completa, o que nos possibilita realizar mais inferências. Como exemplo, temos a metáfora já citada TEMPO É DINHEIRO. A partir dela, podemos dizer que o tempo é valioso, que a pessoa pode roubar seu tempo, que o tempo pode ser gasto etc., pois nos baseamos na experiência

---

<sup>19</sup>A ontologia é uma parte da filosofia que estuda a natureza dos seres. Maturana (2001) disserta sobre o conceito de ontologia constitutiva, a qual diz respeito às condições que formam os objetos como tais, sendo oriundas de uma rede de relações estabelecidas. Desse modo, os objetos não são existentes em si mesmos. Já a epistemologia diz respeito ao conhecimento científico, intelectual e cognitivo. Ainda, conforme Maturana (2001), a epistemologia é composta por fatores biológicos e cognitivos, produzidos como resultado de um processo evolutivo que se constitui em complexidade.

de utilizarmos o dinheiro (um material de valor) para compreendermos o tempo, algo abstrato.

O segundo critério, utilizado para classificar metáforas conceptuais, é a sua motivação, abordada anteriormente. Esse pressuposto faz com que classifiquemos as metáforas conceptuais como correlacionais (*correlational*) ou semelhantes (*resemblance*). Uma correlação é uma coocorrência sistemática de dois domínios mediante a nossa interação com o mundo. Por causa dessas associações baseadas na experiência, estruturamos metáforas como AFEIÇÃO É CALOR. Outras metáforas, pelo contrário, são instanciadas por semelhanças criadas por nós, como em IMORAL É SUJO. No entanto, conforme Grady (1999), essa característica semelhante não é entendida por uma perspectiva tradicional da metáfora, pois a base em comum entre os domínios relacionados metaforicamente está em um nível conceptual, não dependendo, desse modo, de uma semelhança literal e objetiva entre eles. Segundo a classificação de Grady, Tauby e Morgan (1996), as metáforas correlacionais são denominadas metáforas primárias e as semelhantes são chamadas de complexas.

Em geral, as metáforas primárias estão relacionadas às nossas sensações e percepções corporais e estão, em certo grau, ligadas a elementos universais da experiência humana. Nelas, os domínios, fonte e alvo, são, igualmente, estruturados a partir de nossa experiência básica diária. Ademais, as relações que estabelecemos entre esquemas e *frames* resultam de metáforas primárias, as quais servem de subsídio para compreendermos metáforas mais complexas (GRADY, 1997).

A partir dessa abordagem sobre metáforas primárias, é importante lembrarmos que a metáfora é considerada um processo cognitivo realizado de maneira automática, sendo esta uma de suas características mais polêmicas. De acordo com Lakoff (1993), as metáforas conceptuais são realizadas, automaticamente, sem que nos esforcemos. No entanto, conforme Soriano (2012), não é possível sustentar tal pressuposto, mediante os estudos a que temos acesso, atualmente. Nas metáforas primárias, há resultados mais consistentes em relação a esse princípio, por causa da sua base sensório-motora. Assim, nesses casos, o processo cognitivo parece, sim, ocorrer de forma automática e inconsciente. Em relação às outras metáforas conceptuais, não podemos afirmar o mesmo, visto que, na maioria delas, o foco é em atividades de processamento linguístico. Desse modo, as projeções conceptuais subjacentes são acionadas, dependendo de alguns fatores: a) o tipo de atividade, pois o processamento metafórico só é possível se os conceptualizadores refletirem conscientemente sobre o significado de uma expressão; b)

a convencionalidade da expressão, porque estruturas linguísticas criativas ativam a metáfora conceptual mais facilmente. Talvez, isso aconteça pelo fato de haver um elemento surpresa que obriga o conceptualizador a dar atenção conscientemente, gerando, então, inferências ao ligar dois domínios; e c) o contexto, pois, ainda que as expressões sejam convencionais, o contexto que as rodeia pode evocar seu potencial metafórico. O que deve ser levado em conta é a tentativa do indivíduo de construir uma estrutura metafórica no discurso (SORIANO, 2012). Esses fatores elencados deram ênfase em metáforas conceptuais acionadas, apenas, por elementos linguísticos, mas acreditamos que esse acionamento se dá de forma mais ampla, pela interação de múltiplas linguagens. Em nosso estudo, essa interação acontece entre o pictórico e o verbal.

Além dos dois critérios utilizados para classificar metáforas, a estrutura e a motivação, Kövecses (2002) elenca outros quatro parâmetros para classificação: o grau de convencionalidade, a função, a natureza e a generalidade das metáforas. A partir da convencionalidade, distinguimos entre metáforas convencionais (aquelas enraizadas no uso da linguagem) e criativas ou inovadoras. Essa separação ocorre de maneira contínua e não categórica. Segundo Lakoff e Johnson (2003 [1980]), as metáforas criativas estão fora do nosso sistema conceptual convencional; elas são capazes de nos fornecer um entendimento novo acerca da nossa experiência, produzindo um novo significado ao nosso passado, às nossas atividades diárias e ao que sabemos e acreditamos. As metáforas criativas fazem sentido, na nossa experiência, do mesmo modo que as convencionais, pois dão-nos estruturas coerentes, nas quais umas são destacadas e outras não.

Com um caráter similar às metáforas criativas, há estudos que versam sobre a metáfora situada, a qual utilizaremos neste estudo. Esta ocorre em determinado evento discursivo, mediante o relacionamento entre cognição e linguagem em uso. Essas metáforas são de “natureza mais deliberada e menos convencional, fazendo parte da tessitura textual e da construção de *frames* on-line”. (VEREZA, 2016, p.568, grifo da autora). Vereza (2016) aborda sobre a dimensão sociocultural (abarca aspectos culturais e ideológicos) da metáfora no discurso (no uso linguístico), denominando-a de metáfora situada, instanciada no nível “e” ou episódico (on-line), em oposição às metáforas conceptuais que são mais estáveis e ocorrem no nível off-line. Nesse sentido, a metáfora retoma sua função retórica e argumentativa, e isso, para a autora, reflete na impossibilidade de afirmar que a metáfora no discurso seja realmente inconsciente. Além disso, a metáfora situada é fundamentada em *frames* estáveis (off-line) e em metáforas conceptuais, pois essas, por sua vez, promovem efeitos ideológicos no discurso que

desenvolvem a argumentatividade: “uma visão de mundo no nível do sistema passa a ser tratada como um ponto de vista tecido na rede discursiva. Ou seja, a metáfora em uso pode determinar uma dada ‘orientação argumentativa’” (VEREZA, 2016, p.22).

Como estudamos a conceptualização de Lula em capas de revista, consideramos que esse gênero acolhe o uso de metáforas situadas, uma vez que a mídia também pode ter uma função persuasiva, o que permite a atualização de metáforas no nível episódico. Somado a isso, na pesquisa realizada, Lula é o domínio-alvo, e as metáforas (e metonímias – a serem abordadas na subseção 1.1.7) relacionadas a esse objeto de estudo serão situadas, ancoradas a metáforas conceptuais (orientacionais, ontológicas e estruturais – as quais serão explicadas adiante) e a primárias. É válido ressaltar, ainda, que, quando há a seleção de propriedades do domínio-fonte ou do domínio-alvo, para a geração de metáforas situadas a partir de uma metáfora conceptual, há uma ação metonímica ancorada ao padrão PARTE PELO TODO, por exemplo.

Vejamos alguns exemplos do que aqui está sendo exposto a partir de uma capa da *Veja*, publicada em abril de 2003, quando Lula ainda era presidente do Brasil:



Figura 11 – Capa da Revista *Veja*, edição 1847, publicada em 31/04/2003<sup>20</sup>



Fonte: Arquivo Digital Veja

Na capa mencionada, há a expressão linguística “Lula cai nas pesquisas”, por meio da qual podemos compreender que a ação de cair é algo negativo. No caso de Lula, inferimos que esse contexto ocasiona uma perda de popularidade e, por conseguinte, uma perda de poder. Logo identificamos a seguinte metáfora conceptual orientacional: RUIM É PARA BAIXO, apoiando a metáfora situada *Lula é percentual baixo*<sup>21</sup>, estruturadas pelo esquema de imagem CIMA-BAIXO. A partir do questionamento “Como sair dessa?”, no qual o pronome demonstrativo faz referência à situação pela qual Lula está passando, acionamos a metáfora primária SITUAÇÃO É RECIPIENTE, que serve como base para a metáfora situada *Lula é conteúdo*, instanciadas pelo esquema de imagem DENTRO-FORA. Por fim, mediante a expressão “[Lula] tem que carregar o peso morto do ex-homem forte do planalto”, evocamos a metáfora primária DIFICULDADE É PESO, integrando a metáfora situada *Zé Dirceu é um peso para Lula*, estruturadas pelo esquema imagético FORÇA. Percebamos que, nessa descrição, tanto no domínio-fonte

<sup>20</sup> Manchete: “Como sair dessa?”

Subtítulo: “Com seu governo paralisado, Lula cai nas pesquisas e ainda tem de carregar o peso morto do ex-homem forte do planalto.”

<sup>21</sup> Em nosso estudo, metáforas e metonímias serão grafadas em letra minúscula e em itálico.

quanto no domínio-alvo, foram selecionadas propriedades das metáforas conceptuais para gerar as situadas. Analisemos, agora, um quadro síntese acerca dessas conceptualizações:

Quadro 1 - Metáforas na conceptualização de Lula na capa da edição 1847

Metáfora(s) conceptual(is)	Expressões verbais	Expressão imagética	Metáfora(s) situada(s)
RUIM É PARA BAIXO	Expressão linguística: “Lula cai nas pesquisas”	Imagem de Lula	<i>Lula é percentual baixo</i>
SITUAÇÃO É RECIPIENTE	Expressão linguística: “Como sair dessa”		<i>Lula é conteúdo</i>
DIFICULDADE É PESO	Expressão linguística: “Lula [...] tem de carregar o peso morto do ex-homem forte do planalto”	Imagem de Lula carregando Zé Dirceu (ministro-chefe da Casa Civil no governo de Lula)	<i>Zé Dirceu é um peso para Lula</i>

Fonte: Elaborado pela autora

Em suma, percebemos que a atualização das metáforas foi possível tanto pelo imagético quanto pelo verbal (esse aspecto da multimodalidade será abordado na próxima subseção). Segundo Vereza (2016), essa estratégia discursiva hiperboliza o argumento, que indica as dificuldades do governo de Lula e, ainda, proporciona a conceptualização de Zé Dirceu como um peso para o então presidente, isto é, algo que precisa ser evitado. Desse modo, o ponto de vista da revista é construído pela rede entrelaçada mediante processos cognitivos, como metáforas conceptuais, situadas e *frames*. Ainda para a linguista, a utilização dessas ferramentas cognitivo-discursivas pressupõe um determinado grau de intencionalidade e, por conseguinte, de consciência, o que retoma o grau de convencionalidade das metáforas.

Posto isso, ainda sobre a classificação das metáforas, pelo critério da função, Lakoff e Johnson (1980) classificam as metáforas conceptuais em: metáforas estruturais, orientacionais e ontológicas. As metáforas estruturais são geradas pelas projeções complexas, partindo de um conceito para falar de outro, como o exemplo citado: TEMPO É DINHEIRO. Já as metáforas orientacionais (ou espaciais) estão relacionadas às direções que têm origem, na nossa experiência corporal e cultural, por exemplo: para cima, para baixo, à frente, centro-periferia etc. Lakoff (2016) cita a seguinte metáfora: ESTADOS SÃO LOCAIS NO ESPAÇO, que classificamos como orientacional, por causa do movimento de poder entrar em um estado, bem como ser profundo nesse estado

e, ainda, sair dele. Podemos, também, entrar em um restaurante, sair dele e, depois, voltarmos para o mesmo lugar que estávamos antes de entrar. No entanto, isso não significa que acontecerá a mesma coisa com o estado. Por exemplo, pensemos no fato de Lula ter entrado para a presidência do Brasil, durante dois mandatos, e, depois, ter saído desse estado de ser presidente. Ele não voltou, necessariamente, para o mesmo estado de antes, o de não ser presidente, pois houve mudanças. Lula deixou de ser o candidato operário, o presidente de origem popular, inicialmente bem avaliado, depois passou a ser o ex-presidente “corrupto”, o “preso político”. Outrossim, Lula, ao tentar se candidatar à presidência, novamente, no ano de 2018, não encontrou o mesmo país que deixou, quando terminou o seu mandato, em 2010. Assim, se ele tivesse conseguido retornar à presidência, nesse período, não teria voltado, exatamente, para o mesmo estado de ser presidente. Nesse sentido, a metáfora de entrar e sair de um estado (ESTADOS SÃO LOCAIS NO ESPAÇO) pode ser usada, pela mídia ou pela oposição, para dizer que o Brasil voltará a ser o que era antes do governo de Lula. Desse modo, quem conceptualiza como bom o Brasil anterior a Lula concorda com tal metáfora e, conseqüentemente, reforçará determinado *frame*.

Por fim, tal como nossas experiências básicas sobre orientação espacial geram metáforas orientacionais, nossas experiências com objetos físicos (principalmente, o nosso corpo) promovem a base para uma ampla diversidade de metáforas ontológicas, as quais são maneiras de compreender eventos, atividades, emoções, ideias etc. como entidades e substâncias (LAKOFF, 2003), por exemplo: INFLAÇÃO É UMA ENTIDADE<sup>22</sup> ou CORRUPÇÃO É ENTIDADE. Podemos verificar essa metáfora, em expressões linguísticas como: a) *A inflação* está diminuindo nosso padrão de vida ou b) Precisamos combater *a inflação*. Segundo Grady (1997), as metáforas estruturais, apresentadas por Lakoff e Johnson (1980), por exemplo, TEORIAS SÃO CONSTRUÇÕES, podem ser constituídas a partir de metáforas primárias, como ORGANIZAÇÃO É ESTRUTURA FÍSICA.

Pelo critério da natureza do domínio-fonte, dois tipos de projeção se opõem às metáforas regulares, como TEMPO É DINHEIRO/TEMPO É PRODUTO VALIOSO, são as metáforas esquemoimagéticas ou as metáforas de imagem. Elas não possuem domínios-fonte complexos, no lugar deles, a primeira possui esquemas de imagem, como

---

<sup>22</sup> O exemplo da metáfora ontológica INFLAÇÃO É ENTIDADE (INFLATION IS NA ENTITY) foi citado por Lakoff e Johnson (2003).

o esquema PERTO-LONGE na metáfora SEMELHANÇAS SÃO PRÓXIMAS, e a segunda uma imagem em si.

Finalmente, pelo critério da generalidade, temos as metáforas gerais e as específicas, como nas metáforas vistas SER HUMANO É ANIMAL IRRACIONAL e POLÍTICO É RATO. A primeira é genérica e a segunda é uma especificidade da primeira (a genérica). Por fim, antes de concluirmos a abordagem sobre a classificação das metáforas, precisamos observar que Lakoff e Johnson (2003) passaram a considerar todas metáforas como estruturais.

Em nosso estudo, optamos por utilizar a noção de metáfora situada, pois realizamos um estudo sobre uma personalidade específica em contextos que, embora apresentem processos cognitivos frequentes na conceptualização humana, têm caráter criativo. Ademais, utilizamos também as concepções de metáfora conceptual, orientacional, primárias e, ainda, gerais, às quais consideramos que estão ancoradas as situadas.

#### *1.1.6.1 Metáfora Pictórica e Multimodal*

Forceville (1996) desenvolveu, inicialmente, os estudos sobre metáforas pictóricas e multimodais, baseando-se na teoria da integração de Black (1979), que, por sua vez, era voltada, apenas, para a metáfora verbal. De acordo com Black (1979), a metáfora é regida pelos seguintes princípios: a) é composta por dois assuntos, o primário e o secundário; b) o aspecto secundário<sup>23</sup> deve ser considerado como um sistema e não como um aspecto individual<sup>24</sup>; c) no enunciado metafórico, é projetado sobre o assunto primário um conjunto de implicações associadas, incluídas no complexo implicativo, que são propriedades do assunto secundário; d) o indivíduo, ao fazer uma declaração metafórica, enfatiza, suprime, seleciona e organiza os fatores do assunto principal, aplicando a isso sentenças isomórficas por meio das propriedades do assunto secundário; e, por fim, e) no contexto de determinada declaração metafórica, os dois assuntos interagem pela presença do assunto primário, o qual incita o ouvinte a selecionar algumas

---

<sup>23</sup> Forceville (1996) discute ainda que “o assunto secundário, de certa maneira, dependendo, em parte, do contexto metafórico estabelece um conjunto que foi denominado por Aristóteles como *endoxa*, opiniões atuais compartilhadas por membros de uma comunidade de fala” (FORCEVILLE, 1996, p.6).

<sup>24</sup> Para ilustrar o assunto secundário, Forceville (1996) cita como exemplo a frase dita por Wallace Stevens: “A sociedade é um oceano”, na qual, o oceano não é considerado como uma coisa individual, isto é, literal, mas, sim, um sistema de relações (o complexo implicativo).

características do assunto secundário, construindo um complexo de implicações paralelas que possam se encaixar no assunto principal, e, assim, induzindo, de maneira recíproca, mudanças no assunto secundário.

Partindo desses pressupostos, Forceville (1996) considera os assuntos como principal e subsidiário, sendo uma dualidade marcada pelo contraste entre o foco e o quadro. O foco diz respeito ao aspecto da metáfora utilizado não convencionalmente, ao passo que o quadro está relacionado ao aspecto utilizado de forma convencional. Desse modo, o assunto primário ou principal corresponde ao quadro da metáfora e o assunto secundário ou subsidiário corresponde ao foco.

Apesar de Black (1979) ter apontado, nesses princípios, que o aspecto secundário é um sistema, deixando que interpretemos, então, o assunto primário somente como algo individual e literal, Forceville (1996) defende que, mediante os estudos de Black (1979), pode-se chegar à conclusão de que este julga tanto o assunto primário quanto o secundário como um sistema de coisas e não apenas coisas individuais. Nesse sentido, esses assuntos são um sistema associado de lugares comuns, isto é, uma complexa rede de características que pode manifestar fatores ligados a crenças, superstições, valores, comportamentos, emoções etc. Ainda de acordo com Forceville (1996), essa percepção de “sistemas” foi uma grande contribuição para os estudos da metáfora, não sendo exagerado afirmar que foi uma das premissas subjacentes à Teoria da Metáfora Conceptual de Lakoff e Johnson (1980).

Baseando-se na teoria abordada por Lakoff e Johnson (2003 [1980]), Forceville (1996) adere ao conceito de domínio cognitivo, pois esse termo abarca aspectos semânticos e pragmáticos. Desse modo, estabelecendo um diálogo com a proposta de Black (1979), o assunto secundário está para o domínio-fonte, assim como o assunto principal está para o domínio-alvo.

Em um estudo anterior, Forceville (1996) argumentou que, para uma metáfora ser considerada pictórica, no mínimo, um dos termos/domínios (ou aspectos particulares desses domínios) deve ser realizado por meio de imagens. Em um estudo posterior, Forceville (2016) propõe a Metáfora Multimodal. O autor, refinando seus estudos sobre a metáfora verbo-pictórica (acontece, quando um termo é manifestado, visualmente, e outro, verbalmente), desenvolve a metáfora multimodal, sendo aquela um subtipo desta. Para o referido autor, a metáfora multimodal ocorre, quando o “domínio fonte e o alvo são representados exclusiva ou predominantemente em modalidades distintas” (FORCIVILLE, 2016, p.3). É necessário dizermos exclusiva e predominantemente, pois,

as metáforas não verbais, geralmente, têm domínios apresentados em mais de uma modalidade ao mesmo tempo.

Entretanto, Andrade (2016), em seu estudo sobre metáforas multimodais em anúncios publicitários, defende que a utilização dos advérbios exclusivamente e predominantemente no conceito de metáfora multimodal é problemática. O autor levanta os seguintes questionamentos:

[...] como decidir que uma única palavra escrita na publicidade não serve de âncora a ponto de nos permitir, dessa maneira, chamá-la de metáfora pictórica monomodal porque é produzida predominantemente por meio de imagens? Ou, ainda, por que incluir essa palavra para chamar a metáfora de multimodal, pois já não é produzida exclusivamente por meio de imagens? (ANDRADE, 2016, p. 77)

Diante disso, Andrade (2016) propõe que, “nas metáforas multimodais, há níveis de interdependência entre texto escrito e imagem, que cumprem funções distintas nos anúncios publicitários impressos” (ANDRADE, 2016, p.78).

Em síntese, podemos compreender uma metáfora monomodal como aquela que o domínio-fonte e o domínio-alvo fazem parte de uma única modalidade. Além disso, a metáfora monomodal prototípica é a verbal que era conhecida como metáfora *tout court*, mas, recentemente, a metáfora monomodal visual ou pictórica se tornou objeto de pesquisa de vários estudos, o que levou Forceville (1996, 2016) ao desdobramento da metáfora multimodal.

Na ativação de metáforas, é importante refletirmos também que uma expressão linguística, escrita com uma fonte tipográfica (desenho da letra) ou cor que influencie a construção de sentido, pode acionar o imagético e o verbal. Nesse sentido, poderia não haver a monomodalidade em tal expressão. Além disso, ainda que isso não aconteça, no momento da conceptualização, é questionável a separação de modalidades porque, nesse processo, há a integração delas, o que nos faz concordar com Andrade (2016), quando ele considera que há uma interdependência entre os diversos modos de linguagem, mas não atribuímos níveis a essa relação de dependência, pois tudo está conectado como uma rede, sem hierarquias, conforme prelecionado pelo pensamento complexo-sistêmico.

Isso pode ser exemplificado pelas conceptualizações apresentadas na Figura 3, quando os processos cognitivos acionados foram instanciados tanto pela manchete “Como sair dessa? Lula cai nas pesquisas e ainda tem de carregar o peso morto do ex-homem forte do planalto” quanto pela imagem de Lula carregando Zé Dirceu (o peso morto). Vejamos que o domínio-alvo, Lula, nas metáforas situadas, foi ativado pela

integração entre a sua imagem e a menção de seu nome, bem como Zé Dirceu foi conceptualizado como um peso, porque esse item léxico foi citado na manchete e, também, devido à ilustração do ex-ministro como um objeto sendo carregado pelo petista.

Enfim, apesar de questionarmos a monomodalidade e de julgarmos que a grande maioria das metáforas (ou de quaisquer outros processos cognitivos, como *frames*, metonímias e esquemas imagéticos), neste estudo, sejam multimodais, por conta da composição da capa de revista, não afirmamos que não existe a monomodalidade. Isso porque, na conceptualização de Lula, por vezes, ativamos elementos somente pela linguagem verbal ou imagética.

A seguir, abordaremos a metonímia conceptual.

### 1.1.7 Metonímia Conceptual

A metonímia, conforme Lakoff e Johnson (2003), tem uma função referencial, possibilitando a utilização de uma entidade no lugar de outra. No entanto, não se trata, simplesmente, de um artifício referencial, visto que, também, é um recurso com papel cognitivo que auxilia na compreensão, como salientam Lakoff e Johnson (2002 [1980]). Por exemplo, no padrão metonímico PARTE PELO TODO, há muitas partes que podem acionar o todo, porém a parte que selecionamos determina em qual elemento do todo estamos focando. Quando dizemos: “Lula é *a cabeça* do PT”, utilizamos *cabeça* para fazer referência a uma pessoa inteligente, a um líder. A questão não é usar uma parte (cabeça) para acionar o todo (pessoa), mas, sim, escolher um aspecto da pessoa (a inteligência, a liderança) que é associado à cabeça.

De acordo com Barcelona (2012), no entanto, essa definição referencial de metonímia faz com que levantemos alguns questionamentos: (1) se há metonímias que não são referenciais; (2) se a metonímia é uma projeção conceptual; e (3) se for, é do mesmo tipo da metáfora. Para o referido autor, pode haver metonímias que não são referenciais, por exemplo, em “Pedro é um cérebro”<sup>25</sup>, o sintagma nominal “um cérebro” não é referencial, pois não o utilizamos para fazer referência a uma entidade, mas, sim, para indicarmos, de forma indireta, uma propriedade de Pedro, o qual é um referente, ainda que não seja metonímico. Quanto ao mapeamento conceptual, Lakoff e Johnson (2003) afirmam que ocorre na metáfora e na metonímia, porém a principal diferença,

---

<sup>25</sup> O exemplo “Pedro é um cérebro” (Pedro es um cerebro”) foi citado por Barcelona (2012).

entre esses dois mecanismos, é que, na primeira, o mapeamento ocorre entre dois domínios diferentes e, na segunda, em um mesmo domínio. No entanto, Barcelona (2012) advoga que isso não explica como esses domínios se configuram. Logo, não é fácil distinguir o que é metáfora e o que é metonímia, visto que os domínios cognitivos não são bem delimitados. Diante dessas observações, Barcelona (2012) define metonímia como:

[...] a projeção assimétrica de um domínio conceptual, chamado ‘fonte’, sobre outro domínio conceptual, chamado ‘alvo’, situados ambos dentro do mesmo domínio conceptual funcional e conectados por uma função pragmática. O resultado da projeção é a ativação mental do alvo. (BARCELONA, 2012, p.126, tradução nossa)<sup>26</sup>.

Nesse conceito, percebemos que Barcelona (2012) utiliza o termo domínio ao invés de entidades. Estudiosos, como Radden e Kövecses (2007), apontam a metonímia como a relação entre entidades conceptuais; essas, por sua vez, fazem referência aos papéis desempenhados pelos domínios fonte e alvo. Esses domínios, comumente, são caracterizados com uma relativa abstração. Por exemplo: lugar, agente, parte, todo, causa, efeito, substituição etc. No entanto, as concepções abstratas são domínios que têm uma complexidade conceptual. Conforme Barcelona (2012), mesmo o conceito de uma entidade física individual, como *dedo*, constitui um domínio, visto que aciona uma teia de conceitos como mão, corpo humano e fisiologia humana, além de ativar conhecimentos referentes à própria estrutura, como unhas, falanges, articulações etc. Além disso, Lakoff (1987) aborda que, frequentemente, uma subcategoria evoca, metonimicamente, a categoria que a inclui. Por esses motivos, para falar de conceitos ligados por um processo metonímico, é mais adequado utilizar o termo domínio do que entidade, pois este é vago.

Paralelo a isso, a metonímia é uma projeção, porque o domínio-fonte aciona o domínio-alvo, ao impor uma perspectiva sobre ele, mas o domínio em comum que atua nesse processo cognitivo é de natureza funcional, ou seja, é um *frame* ou um MCI. É importante ressaltarmos isso, pois, se pensarmos na frase “Pedro é uma porta”, a qual significa que Pedro é uma pessoa de raciocínio lento, temos a ativação da metáfora SER HUMANO É OBJETO. No entanto, se considerarmos que tanto ser humano quanto objeto fazem parte do domínio de entidades físicas, teremos uma metonímia. Embora

---

<sup>26</sup> Nas palavras do autor: “La metonimia es la proyección asimétrica de un dominio conceptual, llamado «fuente», sobre otro dominio conceptual, llamado «meta», situados ambos dentro del mismo dominio conceptual funcional y conectados por una función pragmática. El resultado de la proyección es la activación mental de la meta”. (BARCELONA, 2012, p.126).



saibamos que esses domínios partilham uma classificação, ou melhor, um domínio em comum (entidades físicas), este não é o domínio relevante e, conseqüentemente, não é o funcional, isto é, não o mesmo *frame*. Por isso, Barcelona (2012) defende a metonímia é definida como o processo operante, em um mesmo domínio funcional, ao passo que a metáfora é operante entre dois domínios funcionais (dois *frames*). Logo, diante dessas considerações, o exemplo citado pode ser considerado uma projeção metafórica.

No que diz respeito à função pragmática da metonímia, há a conexão privilegiada, entre os papéis do domínio-fonte e do domínio-alvo, em um mesmo domínio funcional. Desse modo, a função pragmática é uma intensa conexão, geralmente, automática, entre os papéis de um mesmo *frame*, como as ligações existentes entre os padrões CAUSA E EFEITO, AUTOR PELA OBRA, PARTE PELO TODO, CONDIÇÃO E RESULTADO, AGENTE E AÇÃO, INSTRUMENTO E AGENTE etc. Esse aspecto pragmático da metonímia é fundamental, porque, como assinalam Kövecses e Radden (1998), dois domínios taxonômicos ou funcionais podem concorrer, no mesmo domínio funcional, mas não serem conectados de maneira metonímica. Por exemplo, o olho humano e o nariz humano fazem parte do domínio do rosto humano, mas não é comum que um ative o outro, metonimicamente, como acontece em AUTOR E OBRA, na sentença “Eu li Clarice Lispector”. Além disso, na função pragmática entre fonte e meta, este pode ser mais ou menos forte, pois sua força depende da proximidade conceitual entre fonte e objetivo. Pensemos na seguinte sentença: “Salvador decidiu alterar os dias do carnaval”. Nela, a ligação entre Salvador e o governo da Bahia é forte, mas se pensarmos na frase “Vitória da Conquista decidiu alterar os dias do carnaval”, o vínculo entre Vitória da Conquista e governo da Bahia é mais indireto e, conseqüentemente, mais fraco. Nesse sentido, o grau de elo pragmático é um aspecto que facilita a compreensão e a convencionalização de uma expressão linguística metonímica. No último exemplo, para realizarmos uma leitura metonímica, precisamos fazer um esforço para nos lembrar que Vitória da Conquista é uma cidade baiana, para, então, estabelecermos a conexão entre Vitória da Conquista e governo da Bahia. No entanto, é válido ressaltar que, se essa situação ocorrer com um conceptualizador que é cidadão de Vitória da Conquista, ou da mesma região, tal relação pode ser mais direta. Outro exemplo seria a manchete da capa da figura 13 (a qual será apresentada a seguir): “O PT está preparado para a presidência?”, pois, metonimicamente, podemos conceptualizar o partido como Lula devido à relação pragmática entre esses domínios.

Sobre as classificações da metonímia, Barcelona (2012) observa que não há, na LC, uma tipologia detalhada e aceita por todos, mas há alguns critérios de classificação. Assim, fazendo um compilado de estudos sobre tal processo cognitivo, o autor reúne alguns parâmetros e algumas classificações acerca do tema.

O primeiro parâmetro está relacionado ao tipo de função pragmática que estabelece a conexão entre domínio-fonte e domínio-alvo. Por exemplo: (1) LOCALIZAÇÃO E LOCALIZADO (Brasil por Governo do Brasil); (2) SUBEVENTO E EVENTO COMPLETO (Eleição presidencial e ato completo da eleger candidatos na eleição de 2022) (3) PROPRIEDADE SALIENTE E PROPRIEDADE (Esquerda e PT); (4) PRODUTOR E PRODUTO (Autor pela obra, como em “Eu li Jessé de Souza”); (5) UNIDADE GEOGRÁFICA E PARTE SALIENTE (América Latina por Brasil, América por Estados Unidos, Conquista por Vitória da Conquista); (6) PARTE CORPORAL E PESSOA (Cabeça por pessoa inteligente; Rosto pela pessoa); (7) CAUSA E EFEITO (Condenação e causa da condenação); (8) EMPRESA E EMPREGADO (Coluna da Revista *Veja* e colunista da Revista *Veja*); (9) RECIPIENTE E CONTEÚDO (Vaso pelo líquido); (10) CATEGORIA E MEMBRO (PT – membro – e Partido político – categoria), dentre outros.

O segundo critério está conectado ao anterior e diz respeito à generalização e ao grau de abstração. Nesse sentido, é possível classificarmos as metonímias com critérios mais abstratos de PARTE PELO TODO; TODO PELA PARTE e PARTE PELA PARTE. No padrão PARTE PELO TODO, o domínio-fonte é caracterizado por ser parte do domínio-alvo, o qual é o domínio-comum, como no exemplo, inicialmente, citado: “Aquele político é o *cabeça* do partido”. Já no padrão TODO PELA PARTE, acontece o contrário, o domínio-fonte é o domínio-comum, sendo o alvo um subdomínio dele, como nas sentenças “comemos peixe” e “votamos no PT”, pois, apesar de fazermos referência ao todo (o peixe/o PT), ingerimos, apenas, uma parte do animal (a carne) ou, no caso da segunda expressão, direcionamos o voto para um candidato específico do partido. Enfim, no padrão PARTE PELA PARTE, os domínios fonte e alvo são subdomínios de um domínio cognitivo mais abrangente, como o verbo “hibernar”, o qual significa passar o inverno em estado de adormecimento. Para compreendê-lo, projetamos o período do ano no qual se realiza determinada ação, sobre essa mesma ação, ou seja, há o inverno como o domínio cognitivo mais amplo, há a atividade de recolher-se e, depois, a de adormecer, as quais são os subdomínios.

Por fim, o terceiro critério está ligado à prototipicidade das metonímias. Segundo Barcelona (2012), as metonímias prototípicas são as referenciais, aquelas estudadas na retórica e na semântica tradicional. Um menor grau de prototipicidade são as metonímias chamadas de simplesmente típicas, como PARTE PELO TODO e PARTE PELA PARTE. Já as metonímias TODO PELA PARTE são periféricas ou puramente esquemáticas, cujo alvo é um subdomínio minimamente primário ou secundário do domínio-fonte.

Radden e Kövecses (2007), ao dissertarem sobre os tipos de metonímia e como elas são produzidas, abordam que as relações conceituais, dentro de um MCI, podem originar a metonímia, porém não são todas as relações, pois uma orelha não pode, por exemplo, referir-se, metonimicamente, à boca. A metonímia só pode ser produzida quando o alvo pretendido é mais ou menos acessível de maneira única. Quanto mais distintos forem o veículo (domínio-fonte) e o alvo, mais adequada será a relação para ser explorada metonimicamente. Desse modo, um MCI, como um todo e suas partes, comumente, são concepções distintas o suficiente para licenciar uma metonímia do todo para a parte e da parte para o todo. A diferença entre o todo e a parte é um aspecto relevante, para a metonímia, visto que o nosso conhecimento sobre o mundo é organizado por estruturas de MCIs, que Radden e Kövecses (2007) percebem como totalidades com partes e sugerem que os padrões metonímicos TODO PELA PARTE e PARTE PELO TODO sejam integrados, constituindo um aspecto mais geral “todo e suas partes”, ao passo que o padrão PARTE PELA PARTE seja considerado como “partes de um MCI”.

Na relação “todo e suas partes”, a metonímia ocorre quando há o foco de uma parte de um MCI por meio de seu todo; ou quando acionamos o todo do MC, por meio de suas partes, estabelecendo conexões como: coisa e parte, escala, constituição, evento complexo etc. Já a relação “partes de um MCI” acontece, quando acionamos uma parte por meio de outra parte do MCI, conectando entidades conceituais que operam como partes que dizem respeito a um MCI inteiro. Normalmente, aplica-se a entidades dentro de um evento, por exemplo: ação, percepção, causa, produção, controle, posse, contentor, localização etc.

Ainda sobre as classificações da metonímia, Almeida (2020), em um estudo sobre metonímia, modernidade líquida e emoção na antroponímia, retoma dois tipos desse processo cognitivo em questão, abordados por Pinheiro (2010): a metonímia convencional e a não convencional. A primeira diz respeito ao conhecimento natural do domínio-alvo, que é usado como referência, sem grande dependência do contexto, ao

passo que a segunda – a metonímia não convencional – está relacionada ao estranhamento, sendo, portanto, criativa. Diante disso, Almeida (2020) defende que as metonímias convencionais são mais gerais; já as metonímias não convencionais são incomuns, sendo mais específicas, pois dependem de um contexto.

Neste trabalho, adotamos a noção de metonímia defendida por Barcelona (2012), por considerarmos que a relação metonímica, além de não ser apenas referencial, ocorre mediante domínios funcionais, levando em consideração a função pragmática, ou seja, é preciso avaliar o contexto.

Segundo Kovecces (2016), estruturas genéricas de *frames* são mais desenvolvidas ao selecionar informações específicas de um contexto. No mapeamento metonímico, também consideramos que as metonímias podem ser influenciadas pelo contexto, sendo, então, mais específicas, como postula Almeida (2020). Nesse caso, defendemos que elas contêm propriedades específicas derivadas de domínios ou *frames* genéricos com construções de sentido particulares que emergem de determinado contexto. Por isso, ampliando a discussão de Vereza (2016) sobre as metáforas em uso, propusemos o estudo da metonímia situada, a qual ocorre no nível episódico, com *frames* on-line e contextuais, e é apoiada a metonímias conceituais (convencionais). Por exemplo, vejamos a figura a seguir:

Figura 12 – Capa da Revista *Veja*, edição 1847, publicada em 31/04/2003<sup>27</sup>



Fonte: Arquivo Digital Veja

Nessa capa, produzida durante a atuação de Lula como presidente, os termos “seu governo” (o qual faz referência a Lula) e “Lula” e a imagem do presidente, acionamos a metonímia conceptual PESSOA PELA FUNÇÃO e, como especificidades dessa metonímia geral, verificamos a situada *Lula por presidente*. Sobre isso, é válido ressaltar que, conforme Vereza (2016), “governo” é, metonimicamente, conceptualizado como um homem, o que, considerando a perspectiva do gênero, revela uma ideologia sexista.

Em adição a esse conceito, há, ainda, a metonímia multimodal. De acordo com Oliveira e Paiva (2010), esse processo cognitivo não está, somente, no pensamento, mas, também, na ação materializada em gestos, textos escritos ou imagéticos e nos sons. Nesse sentido, Almeida (2016) advoga que a metonímia multimodal “ocorre quando, em um mesmo MCI, veículo e meta são ativados por diferentes modos, enquanto, na metonímia monomodal, ambos seriam acionados por um mesmo modo”. (ALMEIDA, 2016, p. 105). No entanto, conforme pontuamos na subseção acerca da metáfora, a monomodalidade pode ser questionável, pois sejam os fatores verbais ou imagéticos, eles podem ser

<sup>27</sup> Manchete: “Como sair dessa?”

Subtítulo: “Com seu governo paralisado, Lula cai nas pesquisas e ainda tem de carregar o peso morto do ex-homem forte do planalto”

compostos por cores, tamanhos, formatos etc. que se inter-relacionam na construção de sentido. Vejamos o exemplo:

Figura 13 – Capa da Revista *Veja*, edição 1770, publicada em 25/09/2002



Fonte: Arquivo Digital Veja

Na figura 13, podemos encontrar a metonímia situada *Estrela pelo PT*, associada à metonímia conceptual SÍMBOLO PELA INSTITUIÇÃO, sendo instanciada tanto pelo imagético quanto pelo verbal. O domínio-alvo, PT/Instituição, foi acionado pela expressão linguística “presidência” e pela sigla “PT”, presentes na manchete, e o domínio-fonte foi ativado pela imagem da estrela vermelha. Podemos notar, ainda, a metonímia situada *Vermelho pelo PT* e *PT por Lula*, vinculada à metonímia COR POR INSTITUIÇÃO, sendo, também, instanciada pela sigla expressão mencionada (domínio-alvo) e pela cor da estrela (domínio-fonte). Nesse sentido, julgamos que as imagens, as cores, os tamanhos das letras podem funcionar de ponto de referência para ativarem outro modo semiótico e, conseqüentemente, produzirem conceptualizações sobre determinado fenômeno. Ademais, se considerarmos a noção de descompressão, percebemos que, ao

conceptualizarmos o PT, demos uma espécie de *zoom*, em uma parte da revista, e essa compreensão foi possível, pois recorrermos a uma cena (descompressão), a um conhecimento enciclopédico, que, inicialmente, pode ter causado uma desordem/um desequilíbrio na compreensão, mas, posteriormente, houve uma auto-organização (ALMEIDA, 2018). Conforme Oliveira e Paiva (2010):

As expressões metonímicas, elementos essenciais no processo complexo de produção de sentido, evocam cenas através de elementos ou atributos de elementos em interação dentro de uma mesma cena [...]. Ao visualizar [uma] cena, dependendo da extensão, ou seja, do *zoom* que damos à cena, podemos trazer à nossa mente toda a cena, partes maiores ou menores, ou apenas um pequeno detalhe [...]. Esse raciocínio nos leva ao conceito de fractal [...]. (OLIVEIRA E PAIVA, 2010, p.13).

Assim, neste trabalho, classificamos as metonímias em conceptuais e em situadas, podendo ser ativadas por diversos modos de linguagem.

Por fim, apresentada essa discussão sobre a metonímia multimodal, na próxima subseção, abordaremos a interação entre a metáfora e a metonímia.

#### 1.1.8 A Metáfora e a Metonímia: a Metaftonímia

O termo metaftonímia, cunhado por Goossens (1990), diz respeito à interação entre metáfora e metonímia. Segundo o autor, há dois tipos de metaftonímia: a) a metáfora a partir da metonímia, na qual ocorre um processo sequencial dos dois mecanismos; e b) a metáfora dentro da metonímia ou a metonímia dentro da metáfora, na qual acontece uma operação simultânea. Para exemplificar o primeiro tipo, Goossens (1990) cita a palavra *giggle*. Esse item léxico, inicialmente, significava rir de um jeito nervoso, mas esse sentido pode ser, metonimicamente, estendido para “falar enquanto dá risada”, como na sentença: “Oh, querida! – Ela riu – eu me esqueci” (*Oh dear, she giggled, I’d quite forgotten*). Se considerarmos, ainda, uma maior extensão do significado para “falar como se estivesse dando risada”, teremos uma leitura metafórica. Já o segundo tipo é explicado pelo referido autor pela expressão “pegar a orelha de alguém” (*catch someone’s ear*), que significa assegurar a atenção de alguém. No português brasileiro, temos a expressão “pegar no pé de alguém” (exemplo: “pegou no pé de Lula) que significa ser insistente com outrem ou chamar atenção. Essas sentenças poderiam significar “segurar parte do corpo de uma pessoa”, mas são, metonimicamente, estendidas para ter a atenção de alguém. Isto é, segurar a orelha ou o pé de alguém é metonimicamente conceptualizado

como uma causa de obter a atenção. Ao mesmo tempo, há um aspecto metafórico, envolvendo o desenvolvimento de *catch* (pegar), pois o verbo deixa de ter uma leitura material para ter uma imaterial.

A metaftonímia, na qual a metáfora parte da metonímia, é vista por Geeraerts (2013) como um caso em que a metáfora e a metonímia ocorrem, consecutivamente, ou seja, quando um dos links motivacionais envolve uma sequência de extensões semânticas de uma expressão linguística; ao passo que a metaftonímia, na qual a metáfora atua, dentro da metonímia, ou vice-versa, é chamada por esse autor como um caso em que a metáfora e a metonímia acontecem em paralelo, isto é, quando existe uma diferença de tipo entre os diferentes links motivacionais que ocorrem na semântica de uma expressão linguística. Neste caso, tanto um caminho metafórico quanto um metonímico poderia ser construído para chegar à leitura derivada. Para além desses tipos, Geeraerts (2013) acrescenta o caso em que a metonímia e a metáfora ocorrem de maneira intercambiável, por exemplo, o pesquisador cita a expressão composta “touca de natação” (*swimming cap*), a qual pode ser utilizada, pejorativamente, para pessoas carecas. Logo, temos o processo metonímico, ao pensarmos em uma pessoa com uma touca de natação, e um processo metafórico ao pensarmos em uma pessoa careca como se ela estivesse usando uma touca de natação. Paralelo a isso, há uma operação metafórica, quando consideramos que um chapéu como a touca de natação parece uma pessoa calva e há uma operação metonímica, quando associamos a uma pessoa calva.

Em nosso estudo, encontramos o caso em que a metonímia e a metáfora operam de maneira consecutiva, mas na direção oposta apontada por Goossens (1990). Em outras palavras, identificamos o processo consecutivo da metonímia partindo da metáfora, por exemplo, há a metáfora ontológica de que PAÍS É PESSOA e, por conseguinte, a metonímia PRESIDENTE PELO PAÍS. Logo, mediante esses processos cognitivos, Lula pode ser conceptualizado como país. Assim, durante o mandato de Lula, quando a mídia o conceptualiza/categoriza como corrupto, é como dizer que o Brasil, sob o governo de tal político, é corrupto.

Sobre a interação entre metáfora e metonímia, Barcelona (2009), recobrando outros pesquisadores, aborda que “há uma perspectivação metonímica do domínio-fonte e do domínio-alvo metafóricos” (BARCELONA, 2009, p. 9). Para explicar essa perspectivação, o referido autor cita a sentença “Julia usa cores muito chamativas na saia”, a qual instancia a metáfora COR CHAMATIVA É SOM. Cores podem ser e, geralmente, são compreendidas, metonimicamente, por um de seus subdomínios. No



exemplo citado, há o subdomínio do efeito que a cor produz a quem a percebe. O efeito é atrair a atenção de alguém, que nota essas cores, de maneira irresistível e, por vezes, desagradável. Esse subdomínio, também, está presente no domínio dos sons estridentes. Logo, o domínio do som estridente é o domínio-fonte que pode explicitar, metaforicamente, a concepção dos efeitos de uma cor.

Essa explicação ratifica a noção de metonímia, definida por Barcelona (2012), que apresentamos na subseção anterior, a de que a metonímia é uma projeção conceptual dentro de um mesmo domínio, na qual o domínio-fonte aciona, mentalmente, o domínio-alvo. Assim, voltando ao exemplo da metáfora COR CHAMATIVA É SOM, a existência desta é possível, pois um dos subdomínios da cor mais relevante para um indivíduo é a reação que ele tem ao notá-la. Nesse sentido, nas palavras de Barcelona (2009):

Os efeitos da cor estão associados a ela em um mesmo bloco de experiência. O fato de que categorizemos as cores em função desse efeito demonstra que tal efeito é parte do domínio experiencial da cor. Além de categorizar as cores em função de sua gama (vermelho, cinza...), de sua luminosidade (claras, escuras...) ou de sua saturação (fortes, suaves, intensas...), o falante comum as categoriza, em função da sua reação diante delas, como agradáveis, *chamativas*, desagradáveis, relaxantes, insossas etc. O mero fato de categorizar uma experiência qualquer, neste caso, uma experiência sensorial, a partir de uma perspectiva particular, pode ser considerado [...] como uma operação metonímica (BARCELONA, 2009, p. 11, grifo do autor, tradução nossa).

Diante disso, percebemos que, nesse exemplo citado, há, implicitamente, a metonímia EFEITO POR CAUSA, a qual categoriza as cores pelo seu efeito. Ainda conforme Barcelona (2009), a metáfora surge, possivelmente, como uma maneira de preencher uma lacuna do léxico-semântico, visto que, no domínio das cores, não há conceitos ou vocábulos determinados, para caracterizar os efeitos gerados por certas cores.

Neste trabalho, além de considerarmos a existência de uma projeção metonímica em cada processo metafórico, uma vez que, metonimicamente, um aspecto do domínio-fonte é destacado, na projeção metafórica, para a compreensão do domínio-alvo, reconhecemos que, por vezes, há dificuldade, para delimitarmos o que é metáfora, e o que é metonímia, por isso, a noção de domínio funcional, explicitada na subseção anterior é importante. Em nossos estudos, por exemplo, a Revista *Veja* poderia nos fornecer indícios para conceptualizarmos Lula como guerreiro. No entanto, essa conceptualização seria metafórica ou metonímica? Por um lado, se partirmos do pressuposto de que, assim como Lula, o guerreiro faz parte do domínio do ser humano, teremos a metonímia *Guerreiro*

*por Lula*; por outro lado, se entendermos que guerreiro não faz parte da experiência de Lula, pois este é um político brasileiro, de modo que se trata de domínios diferentes, teremos a metáfora *Lula é guerreiro*. Assim, a perspectiva dependerá da dimensão da experiência, isto é, do domínio funcional, e da função pragmática (BARCELONA, 2012)

Depois dessa discussão teórica que fundamentou o nosso estudo, na próxima seção, apresentaremos os procedimentos metodológicos utilizados para a sua realização.

## 2 A REDE METODOLÓGICA

No geral, para a realização da pesquisa empreendida, seguimos as etapas listadas: 1) leitura do referencial teórico correspondente à LC, à TC e à História do Tempo Presente; 2) constituição do corpus; 3) investigação, nas capas selecionadas, dos mecanismos de conceptualização (*frames*, metáforas, metonímias e esquemas imagéticos); 4) descrição dos MCIs interconectados das conceptualizações em multimodais; 5) sistematização dos dados, a partir de um estudo bibliográfico, documental, exploratório, descritivo, explicativo e hermenêutico, relacionando linguagem, cognição, conceptualização, história e sociedade, a partir de uma visão sistêmica.

Posto isso, a seguir, descreveremos a metodologia deste estudo, em quatro subseções: 1) Na subseção “A complexidade e os mitos que cercam a ciência”, apresentamos a visão de ciência adotada; 2) Em “Abordagem e natureza da pesquisa”, defendemos uma pesquisa de caráter qualitativo; 3) Em “Corpus”, justificamos a escolha da Revista *Veja*, explicamos o processo de seleção das capas estudadas e, ainda, explanamos um breve histórico desse periódico; por fim, na subseção 4) “Tratamento dos dados”, descrevemos os critérios de identificação e de interpretação dos mecanismos cognitivos (*frames*, metáforas, metonímias e esquemas imagéticos).

### 2.1 A COMPLEXIDADE E OS MITOS QUE CERCAM A CIÊNCIA

Historicamente, segundo Teixeira (2004), as diversas esferas da ciência buscavam explicações sobre a realidade através dos fatores que podiam ser sistematizados e que influenciavam diretamente o objeto estudado.

Na Teoria do Caos e na Ciência da Complexidade, a ênfase está no processo e na mudança, logo as variedades e os acontecimentos, tanto em pequena quanto em larga escala, estão interconectados e são igualmente influenciadores de um dado fenômeno, como o da conceptualização de Lula.

Nesse sentido, há, conforme Capra (2006 [1996]), um novo paradigma científico, que pode ser nomeado como uma perspectiva holística, admitindo o mundo como um todo integrado, e não como um conjunto de partes isoladas que não interagem entre si.

Ademais, esse novo paradigma pode ser chamado de visão ecológica, se concebermos ecológica a partir de um sentido mais amplo e profundo. A concepção ecológica profunda assume a relação de dependência entre os fenômenos e, ainda, “o fato de que, enquanto indivíduos e sociedades, estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza” (CAPRA, 2006 [1996], p. 16).

Assim, apesar de as concepções holística e ecológica serem pouco diferentes, segundo Capra (2006 [1996]), a concepção ecológica é a mais adequada para caracterizar esse paradigma. Por exemplo, podemos ter uma visão holística de uma capa de revista, compreendendo a inter-relação entre suas partes e o seu funcionamento. No entanto, se pensarmos a partir de uma perspectiva ecológica profunda, incluiremos os ambientes social e natural nos quais as capas estão inseridas, verificando, também, como o seu uso afeta o ambiente e a comunidade, e vice-versa. Desse modo, na ecologia profunda, diferentemente da ecologia rasa – centralizada no ser humano, vendo este como um ser isolado da natureza que apenas a utiliza e não a integra – não dissociamos o ser humano do meio ambiente natural e entendemos o mundo como uma rede de fenômenos que se interconectam. Diante desse raciocínio de que o mundo é integrado por uma rede, dispensamos a noção de estrutura hierárquica, pois essa é uma forma de organização humana que propõe dominação e controle rígidos. A concepção de rede (A teia da vida) promove uma visão contrária à denominada hierarquia da natureza. Nas palavras de Capra (2006 [1996]):

Desde que os sistemas vivos, em todos os níveis, são redes, devemos visualizar a teia da vida como sistemas vivos (redes) interagindo à maneira de rede com outros sistemas (redes). Por exemplo, podemos descrever esquematicamente um ecossistema como uma rede com alguns nodos. Cada nodo representa um organismo, o que significa que cada nodo, quando amplificado, aparece, ele mesmo, como uma rede (CAPRA, 2006 [1996], p. 35).

A partir dessa citação, percebemos a premissa de que o todo está na parte e a parte está no todo. Além disso, a teia da vida é caracterizada por redes dentro de redes. Então, quando nós, geralmente, tentamos organizar esses sistemas de forma hierárquica, como se fosse uma pirâmide, fazemos isso por meio de uma projeção nossa. (CAPRA, 2006 [1996]). Diferentemente disso, entendemos que as múltiplas linguagens são interconectadas como um sistema complexo, mediante redes dentro de redes, sem hierarquias.

Seguindo, também, uma visão ecológica profunda, a LC é uma área do saber que conduz a um caminho interdisciplinar. Em seguida, apresentaremos a visão complexa de

ciência e a perspectiva do realismo experiencialista como aportes para a metodologia deste trabalho.

A ciência, conforme Maturana (2001), é um domínio cognitivo, no qual, o pesquisador conduz a existência mediante seu próprio domínio de existência, que o faz se distinguir enquanto um sistema vivo. Ou seja, tratamos a ciência através da “explicação e compreensão de nossa experiência humana [...], e não com a explicação e compreensão da natureza ou realidade como se estas fossem domínios objetivos de existência independentemente do que fazemos” (MATURANA, 2001, p. 153). Partindo desse pressuposto, a ciência é um campo de explicações emergentes do nosso domínio de constituição na qualidade de sistemas vivos. Nós estamos inseridos na nossa própria experiência, na práxis de viver de indivíduos que são sistemas vivos de linguagem, “como algo que acontece em nós e a nós à medida que linguajamos” (MATURANA, 2001, p. 153).

Dialogando com essa perspectiva, trazemos, ainda, a concepção de Morin (2009) sobre a existência humana, a qual, segundo o autor, não pode ser expressa matematicamente, visto que nós seres humanos compreendemos outros seres humanos e as entidades que construímos a partir de nós mesmos. Consequentemente, é a experiência do observador que organiza a complexidade de um estudo, explicando, portanto, a existência humana. Em outras palavras, a existência está diretamente ligada ao que fazemos e, ao mesmo tempo que tentamos explicá-la, tentamos aceitá-la. Por isso, para essa explicação ter um caráter científico, é preciso haver um critério de validação. Nas palavras de Maturana (2001):

O que torna científica uma explicação ou teoria científica não é a quantificação ou a possibilidade que ela cria, para o observador, de prever algumas de suas futuras experiências, mas o fato de ela ser validada através da aplicação dos critérios de validação das explicações científicas sem referência à quantificação ou qualquer restrição de domínio. Um observador-padrão pode gerar uma explicação ou teoria científica em qualquer domínio no qual ele ou ela possa aplicar o critério de validação das explicações científicas. (MATURANA, 2001, p.141).

Nesse sentido, a ciência é construída e validada, a partir da práxis do viver do observador ao atuar em seus domínios experienciais. No entanto, ainda segundo Maturana (2001), esse fato não qualifica as afirmações científicas como subjetivas, pois a dicotomia objetivo-subjetivo faz parte de uma esfera cognitiva, na qual, o objetivo é direcionar explicações que indicam uma realidade independente. Assim, considerando que o critério

de validação das explicações científicas compõe a ciência como um domínio explicativo, a referência científica concebida como uma realidade objetiva e independente passa a ser algo, operacionalmente, impossível.

Partindo desses princípios da TC, estabelecemos uma ponte entre esse paradigma científico e a noção de Realismo Experiencialista, abordado na LC. Para tanto, apresentamos, inicialmente, algumas percepções do objetivismo e do subjetivismo. Desse modo, se, por um lado, partirmos do mito do objetivismo, o mundo será composto por objetos e eventos que têm suas propriedades e relações. Nesse sentido, a língua tem itens lexicais utilizados para descrever a realidade, os quais formam categorias através de condições necessárias e suficientes, sendo fixas e bem definidas. Assim, os itens léxicos são considerados literais e revelam a essência das coisas do mundo. Por outro lado, se partirmos do mito do subjetivismo, o significado não tem uma estrutura fixa e rígida, visto que são individuais e particulares, sem dependência da realidade externa. No entanto, nesses mitos, é compartilhada a segregação entre o ser humano e o seu meio.

Como uma terceira via, Lakoff e Johnson (1980) propõem o Realismo Experiencialista. Nessa proposta, o foco é voltado para a metáfora, a qual é um processo cognitivo caracterizado pela razão e pela imaginação, sendo, portanto, uma racionalidade imaginativa. Na metáfora, compreende-se a racionalidade pelo fato de envolver a categorização, a implicação e a inferência, ao passo que o aspecto imaginativo é compreendido por entendermos uma coisa em termos de outra sem relação prévia.

É importante observarmos que, no realismo experiencialista, alguns fatores dos mitos do objetivismo e da subjetividade são preservados em certa medida. Da objetividade, apesar de não acreditarmos em uma objetividade absoluta, entendemos que há uma objetividade referente ao sistema conceptual de determinada cultura. Nesse contexto,

a questão da imparcialidade e da justiça no domínio social é a de elevar-se acima dos vieses individuais relevantes. A questão da objetividade na experimentação científica é a de destacar-se dos efeitos da ilusão e dos erros individuais. (LAKOFF; JOHNSON, 1980, p.303).

Essa citação conecta-se com o que Maturana (2001) apresenta como o critério de validação. Como dissemos, o estudo científico é atravessado pela práxis de viver do observador, no entanto, como apontado na citação, é necessário pensar, também, na objetividade relativa a um sistema conceptual, distanciando-se de tendências individuais e sistematizando uma explicação que seja aceita pela cultura de determinada sociedade em um tempo histórico.

Do subjetivismo, o realismo experiencialista preserva a concepção de que o significado está ligado à imaginação, sendo o conhecimento racional, o qual é organizado através de experiências, valores e sentimentos.

Conforme Lakoff e Johnson (1999), a concepção do realismo corporificado (ou realismo experiencialista) está mais próxima do realismo exato dos gregos do que da representação descorporificada do realismo da filosofia analítica e cartesiana, a qual é fundamentalmente segregada do mundo. Assim, o realismo corporificado, rejeitando a separação cartesiana, é um realismo baseado na nossa habilidade de lidar com o ambiente físico. É, então, um realismo baseado na evolução, pois essa nos forneceu corpos e cérebros adaptados que nos permitem acomodar e até transformar o nosso entorno. O realismo exato dos gregos pode ser caracterizado por três aspectos: 1) o aspecto realista, que se refere à suposição de que o mundo material existe e de que conseguimos lidar com ele; 2) o aspecto exato, que se relaciona à falta de qualquer lacuna entre corpo e mente; e 3) o aspecto absoluto, que diz respeito à perspectiva de que o mundo é uma estrutura única e absolutamente objetiva, da qual podemos ter um conhecimento correto e, também, objetivo. Diante desses aspectos, o realismo corporificado aceita o 1) e o 2), mas nega que temos acesso ao 3). Em suma, o realismo corporificado é sobre o nosso sucesso ao agir no mundo, é sobre estar em contato com o mundo, de modo que nos permita sobreviver e alcançar nossos objetivos, mas o fato de estar em contato requer algo que interaja com um corpo e com uma mente de maneira simbiótica. Uma ciência cognitiva corporificada revela o nosso corpo com um papel central na compreensão do significado e na estrutura de nosso pensamento. O significado tem a ver com as maneiras pelas quais funcionamos, significando o mundo a nossa volta e entendendo-o via estruturas corporais e imaginativas.

A principal premissa dessa vertente, portanto, é a interação do ser humano com o meio, o que permite gerar conceptualizações/categorizações baseados em uma mente corporificada. Dessa maneira, a nossa experiência no meio físico é ancorada a *gestalts* experienciais.

O realismo corporificado, segundo Lakoff e Johnson (1999), nega uma ciência que cria suposições para predeterminar resultados da pesquisa antes de os dados serem estudados e, ainda, contesta o fato de haver suposições para circunscrever o que deve ser considerado como dado, de maneira a, também, predeterminar resultados. Assim, para impedirmos que os dados sejam, artificialmente, circunscritos, precisamos de suposições que garantam acesso a usos reais da linguagem no cotidiano. Portanto, ao aplicarmos um

método, devemos observar se ele não determina o resultado antes da investigação empírica ou se não a distorce artificialmente. Um método comum para alcançar isso é buscar evidências convergentes, usando diferentes metodologias; desse modo, os referidos autores listam alguns pressupostos metodológicos para uma investigação responsável, como: a) o compromisso com uma realidade cognitiva, no qual a teoria deve levar em conta a mente que é cognitivamente realista; e b) o compromisso com uma evidência convergente, no qual a teoria deve estar comprometida com a busca de evidências convergentes a partir de um maior número possível de fontes.

É seguindo esse raciocínio que, neste estudo, investigamos o verbal e o imagético, para termos uma visão amplificada acerca da conceptualização de Lula e, ainda, chegarmos a um padrão de organização da capa de revista.

Em síntese, consideramos admissível e produtivo realizar um estudo que estabeleça um diálogo entre a TC e a LC, desde a formação do corpus até à interpretação dos elementos coletados, pois as três perspectivas, além de serem atravessadas por uma noção da Ecologia Profunda da linguagem, são conduzidas pela premissa de que a Ciência é concebida e explicada pela experiência humana.

## 2.2 A ABORDAGEM E A NATUREZA DA PESQUISA

O objetivo geral da pesquisa empreendida, como já informado, foi entender como se deu a conceptualização do político brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva, à luz da SCSH e da TC. Nesse sentido, optamos por um estudo de caráter qualitativo, pois nos preocupamos, principalmente, com a compreensão e explicação das dinâmicas das interações sociais e das construções de sentido.

Segundo Minayo (2001), em uma pesquisa de cunho qualitativo, são desenvolvidos estudos relacionados ao âmbito dos significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, sendo, portanto, focado o processo do fenômeno em questão e não a operacionalização de variáveis. Assim, consideramos que as principais características de um estudo qualitativo são:

[...] *descrever, compreender, explicar* [...] relações entre o global e o local em determinado fenômeno [...] [e] respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos [...] (SILVEIRA; CORDOVA, 2009, p. 32, grifos dos autores).



Diante disso, consideramos a objetivação no sentido filosófico de que o ser humano experiencia uma alienação de sua natureza subjetiva, projetando-se em objetos, ou, nesse caso, em fenômenos de investigação científica, e construindo uma realidade externa. Quanto à hierarquização das ações de pesquisa, julgamos que não há uma ordem ou um grau de importância entre as atividades realizadas, pois acreditamos na interação dessas ações, acontecendo simultaneamente, apesar de, por vezes, apresentarmos-las, separadamente, por uma questão de organização do fazer científico atrelado à tradição.

Além dessa abordagem qualitativa, classificamos o nosso estudo como sendo de natureza (1) *bibliográfica*, pois fizemos uma reflexão a partir da leitura de referenciais teóricos estudados. Simultaneamente a esse processo, dissertamos sobre as diversas teorias lidas e estabelecemos diálogos entre elas; (2) *documental*, porque utilizamos, no estudo da conceptualização de Lula em capas, fontes diversas que não tinham, necessariamente, um tratamento científico, tais como: revistas, jornais, entrevistas etc., para promover a contextualização. Assim, inicialmente, fizemos a leitura desse material e escrevemos sobre eles, associando-os ao fenômeno de investigação; (3) *exploratória*, uma vez que, buscando maior familiaridade com o fenômeno da conceptualização e com o objeto de estudo, fizemos um levantamento bibliográfico, estudamos exemplos, selecionamos as capas de revista da *Veja* e, ainda, realizamos leituras a fim de entender o contexto em que as capas foram publicadas; (4) *descritiva*, visto que descrevemos como a pesquisadora e os editores da Revista *Veja* conceptualizam Lula em textos multimodais; (5) *explicativa*, pois, conforme Maturana (2001), o que nos acontece em ciência é o que queremos explicar. Além disso, a explicação é uma espécie de reformulação da experiência aceita por um observador. Se o leitor deste estudo não aceitar as explicações dadas, elas deixam de ser explicações. Desse modo, o caráter explicativo deste trabalho não é independente do investigador e nem do leitor; e, por fim, (6) *hermenêutica*, já que nosso interesse foi interpretar a conceptualização humana por meio de aspectos verbais e imagéticos, a fim de refletirmos e de compreendermos o mundo a partir do que experienciamos. Diante da abordagem e da natureza deste estudo, é válido ressaltarmos que, no procedimento de investigação, é importante a reintrodução do sujeito-pesquisador.

Diante do que foi exposto, portanto, este estudo é baseado em uma abordagem qualitativa de natureza bibliográfica, documental, exploratória, descritiva, explicativa e hermenêutica. Essa metodologia coloca em evidência a interpretação do pesquisador, estabelecendo, assim, uma concordância com o Realismo Experiencialista, no que diz

respeito à compreensão humana mediante à sua interação com o mundo, e com a TC, no que se refere à ciência como algo que objetiva explicar a nossa existência, pois compreendemos outros seres humanos e as entidades que construímos através de nós mesmos.

Agora, apresentaremos a formação do nosso corpus e um breve histórico da revista *Veja*, uma vez que o material textual estudado é constituído por capas dessa revista.

### 2.3 O CORPUS

Para composição do corpus do estudo realizado, selecionamos a Revista *Veja* pela sua ampla circulação social e pelo fato de veicular abordagens políticas. Antes de abordarmos como se deu a seleção de capas e o histórico da *Veja*, dissertaremos sobre o gênero capa de revista. Para tanto, é necessário recorrermos, brevemente, à Linguística Textual, para introduzir o conceito de gênero textual, pois é importante esclarecer como o nosso corpus (capa de revista) se organiza enquanto gênero e dialoga com a TC.

Segundo Marcuschi (2010), ainda em uma fase em que os povos tinham uma cultura, essencialmente, oral, já havia gêneros textuais. Depois, com o advento da escrita alfabética, por volta do século VII a.C, surgiram os gêneros, tipicamente, da escrita. Mas, a partir do século XV, com a cultura de impressão, houve um aumento dos gêneros, tendo uma expansão, ainda maior, na fase da industrialização, no século XVII. Então, partindo da concepção de língua como interação social, privilegiando não o seu aspecto formal e estrutural, mas sim seu fator funcional e interativo, enfocaremos os gêneros textuais.

De acordo com Marcuschi (2006), os gêneros textuais, em geral, têm um caráter histórico, são ligados à vida cultural e à social, caracterizados por suas atividades comunicativas, cognitivas e institucionais. Portanto, quando compreendemos um determinado gênero textual, dominamos a forma de produzir, linguisticamente, objetivos próprios de uma situação social e não uma estrutura linguística. No entanto, em alguns casos, a forma, o suporte ou o ambiente podem determinar os gêneros. Além disso, os gêneros textuais são indispensáveis, para a organização de uma ação comunicativa, já que são entidades sociodiscursivas, maleáveis e dinâmicos ou, como disse Bakhtin (1997), os gêneros são “relativamente estáveis”.

Os gêneros textuais, consoante Marcuschi (2006), são consequências da necessidade sociocultural, e, como vivemos em uma sociedade de informação e cultura

eletrônica, a quantidade de gêneros textuais, atualmente, é muito maior se compararmos a sociedades anteriores de comunicação escrita. Dessa maneira, podemos afirmar que a tecnologia influencia a criação de gêneros textuais, porém não é a tecnologia por si só, mas, sim, o uso intenso dela que interfere nas realizações comunicativas diariamente.

Como dissemos anteriormente, a tecnologia exerce intervenção, no surgimento de gêneros textuais, no entanto, “esses novos gêneros não são inovações absolutas [...]. O fato já fora notado por Bakhtin (1997) que falava na ‘transmutação’ dos gêneros e na assimilação de um gênero por outro gerando novos [...]” (MARCUSCHI, 2010, p. 21). Como, por exemplo, as mensagens eletrônicas do e-mail têm estruturas encontradas em cartas pessoais, comerciais etc., todavia, essas cartas eletrônicas (mensagens via e-mail) possuem peculiaridades que formam um novo gênero.

Para ampliar essa noção de gênero e estabelecer um diálogo com a TC, recorreremos à pesquisadora Oliveira e Paiva (2019), quem realizou um estudo sobre gêneros na perspectiva da complexidade. Como dissemos, a linguagem é composta por diversas modalidades que interagem e produzem sentido. Essas múltiplas linguagens são sistemas compostos por outros sistemas complexos, de modo que todos estejam interconectados. Assim, considerando essa abordagem de Oliveira e Paiva (2019), acreditamos que as diversas linguagens são redes dentro de redes, como abordado por Capra (2006 [1996]), e que os gêneros têm um padrão de organização (ALMEIDA; SANTANA, 2019). Logo, partindo do pressuposto de que os gêneros são relativamente estáveis (BAKHTIN, 1997) e de que o sistema é dinâmico, estando em contínua mudança, adaptação e crescimento, concordamos com Oliveira e Paiva (2019) que o texto, atravessado por uma noção de linguagem como sistema complexo, não é formado pela soma de significados de sentenças e palavras, pois inclui atividades sociais, cognitivas e linguísticas. Ademais, no texto, não há uma linearidade, se levarmos em conta que ele é um sistema de conexões entre variados elementos, inclusive, os do contexto. Seguindo essa linha, a autora ainda postula que “agir na sociedade por meio da linguagem é agir com gêneros materializados não apenas no texto linguístico, mas também em outros sistemas semióticos” (OLIVEIRA E PAIVA, 2019, p.68), e, por esse motivo, opta por utilizar gêneros da linguagem ao invés de gêneros textuais. Adotamos, também, essa escolha, porque, assim como Oliveira e Paiva (2019), nossa percepção da linguística vai além da linguagem verbal humana e contempla outros modos de linguagem.

Desse modo, considerando que os gêneros da linguagem estão presentes em qualquer atividade humana, defendemos a capa de revista como um gênero da linguagem,

no qual há um procedimento de elaboração aprimorado, constituído por elementos que trabalham, de maneira integrativa, na construção do significado, como imagens, letras com tamanhos variados, títulos e subtítulos (os quais, também, chamamos de manchete e de notícia respectivamente)<sup>28</sup>, assinatura, data, número da edição, logotipo da empresa. Ademais, pelo fato de as revistas, de um modo geral, desempenharem as funções de informar, anunciar e persuadir, elas fazem parte de dois campos: o jornalístico e o publicitário. Diante disso, as capas seguem um padrão de organização, apesar da variação de conteúdo ocorrer, de acordo com o tipo de informação que cada revista veicula, nas quais são expostas diversas manchetes sobre mudanças e acontecimentos contínuos de um tempo presente. Logo, o reconhecimento desse gênero, normalmente, acontece de maneira imediata.

É válido ressaltarmos, também, que a capa de revista é produzida por uma equipe, a qual tem a responsabilidade de anunciar a matéria veiculada em cada edição e de seduzir o leitor, conduzindo-o a inferências ligadas a determinadas perspectivas. Por isso, ao realizarmos o estudo da conceptualização de Lula em capas da revista *Veja*, há um processo interativo, pois nossa compreensão parte dos elementos que compõem tal gênero, e estes, por sua vez, foram formados por um grupo editorial, o qual é formado por conceptualizadores. Em outras palavras, a nossa conceptualização é construída através das pistas que a *Veja* nos fornece. Portanto, embora as conceptualizações sejam nossas, elas também são direcionadas por uma perspectivação da referida revista, por conta disso, por vezes, utilizamos a terceira pessoa no estudo.

Ademais, ainda sobre o gênero em questão, no que diz respeito à sua composição, Silva e Cabral (2015) afirmam que as fotos de pessoas públicas, do âmbito político e cultural, são um dos elementos mais explorados nas capas de revista, pois, por terem um grande potencial na representação da realidade, as imagens provocam um maior impacto no processo de persuasão. Por isso, a linguagem pictórica pode ser um dos primeiros componentes que estabelece o contato com o leitor. Nas palavras de Silva Lopes (2011, p.76):

Através dos discursos gráficos tem início uma comunicação visual entre leitores e suportes, onde estes buscam capturar aqueles. O discurso gráfico, enquanto um conjunto de elementos visuais que dão forma aos impressos, pode ser considerado como um dos primeiros pontos de contato com o leitor em um jornal. Ao se admitir que todo discurso tem

---

<sup>28</sup> A manchete é caracterizada por ser uma notícia de maior destaque, por isso, em nosso estudo, ela corresponde ao Título da capa. Ademais, chamamos, apenas, de notícia o subtítulo, para diferenciarmos da manchete.

significações, pode-se afirmar que os discursos gráficos são repletos de significantes e que um jornal pode ser lido a partir de múltiplos percursos dentre eles gráfica e textualmente.

Não queremos dizer com isso que, em um texto multimodal, o pictórico é, apenas, um acessório da linguagem verbal, pois, ao basearmos-nos na TC, concordamos que a capa é um tecido junto, sendo entendida através de uma visão da Ecologia Profunda (ALMEIDA, 2016). Nesse sentido, acreditamos que mecanismos visuais geram imagens da realidade que estão relacionadas a interesses sociais diante do contexto que são elaboradas e lidas, sendo, portanto, ideológicas e possuindo uma extensão semântica relevante (KRESS; VAN LEEUWEN, 2006).

Logo, consideramos que, na interação verbo-imagética, os elementos visuais, apesar de, aparentemente, chamarem atenção em um primeiro contato, não promovem uma visualização de maneira desconectada do todo. Além da organização gráfica, há o conteúdo central e o anúncio das matérias que serão tratadas no corpo da edição. No entanto, neste trabalho, focamos no assunto central da capa, direcionado ao político Lula. Os demais anúncios relativos a outras matérias que fazem parte da edição só foram integrados ao estudo quando estavam associados ao político em questão.

A seguir, apresentaremos a constituição do corpus e o breve histórico da *Veja*.

### 2.3.1 A Revista *Veja*

A revista *Veja* é publicada pela editora Abril, sendo distribuída semanalmente, às quartas-feiras. Nesse periódico, são publicados assuntos diversificados de natureza nacional e global, tendo principal enfoque em questões políticas, econômicas e culturais.

Como o nosso objeto de estudo é a conceptualização do político brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva, selecionamos capas da Revista *Veja*, nas quais ele foi matéria da capa. Para tanto, acessamos o acervo digital da referida revista e observamos as capas publicadas desde 1968, pois foi o primeiro ano de publicação desse periódico, a 2020. No entanto, só encontramos publicações referentes a Lula, a partir do ano de 1979. *A priori*, separamos todas as revistas que fazem referência a Lula, mas, posteriormente, a fim de focalizar e refinar nosso estudo, optamos somente pelas capas que têm como abordagem principal o indivíduo Luiz Inácio Lula da Silva ou que, metonimicamente, apresentem Lula como o Partido dos Trabalhadores (PT). Após essa seleção, dividimos as revistas

por ano de publicação, verificando a quantidade encontrada em cada intervalo de tempo, conforme a tabela a seguir:

Tabela 1 – Capas da Revista *Veja* selecionadas

<b>ANO</b>	<b>QUANTIDADE</b>
1979	1
1980	1
1981	1
1985	1
1989	6
1994	2
1998	1
2001	1
2002	5
2003	5
2004	3
2005	10
2006	8
2008	1
2009	1
2010	5
2011	1
2012	2
2014	2
2015	4
2016	9
2017	7
2018	5
2019	0
2020	1
<b>Total</b>	<b>83</b>

Fonte: Elaborada pela autora

A quantidade de capas, em cada ano, está relacionada aos níveis de destaque (positivo ou negativo) que Lula desempenhava na sociedade na visão da revista *Veja*. Nas capas dos anos iniciais, o político era um líder de greves que defendia os direitos trabalhistas. A partir de 1989, quando foram publicadas seis capas, o partido que Lula

criara (PT) começou a ter relevância e, paralelo a isso, ele se candidata à presidência. Depois disso, até 2002, quando ganha as eleições, as capas manifestam as chances percentuais de Lula nas eleições e, ainda, o seu plano de governo. Em 2005 e 2006, as dezoito capas são direcionadas para o mensalão e para a dúvida se Lula sabia ou não desse ato de corrupção, nesse período. A ocorrência de capas volta a crescer, em 2010, com cinco publicações, quando Lula está no final de seu último mandato e propõe Dilma como sua sucessora. Por fim, principalmente, a partir de 2015, as capas são voltadas para as acusações de que Lula participou do esquema de corrupção e para a sua condenação. Assim, de 2015 a 2018, foram publicadas vinte e cinco capas. Diante dessa descrição, percebemos que a frequência de publicações de Lula, como notícia principal, cresce quando são relacionadas à corrupção.

### *2.3.1.1 Breve histórico da Revista Veja*

Conforme os estudos de Velasquez e Kushir (2009), a *Revista Veja* foi criada pelos jornalistas Roberto Civita e Mino Carta, no dia 11 de setembro de 1968. Embora sempre tenha sido chamada, apenas, de *Veja*, de seu número 1 até o 351, na primeira capa, foi exibido o título *Veja e leia*.

Inicialmente, era uma proposta nomeada de “Projeto Falcão”, a qual tinha como planejamento ser confeccionada por Raymond Cohen, contendo 25 páginas de publicidade e com uma tiragem de 150 (cento e cinquenta) a 300 (trezentos) mil exemplares. No período do seu lançamento, o país vivia sob o impacto do crescimento da oposição à ditadura militar. Assim, durante os movimentos de contestação ao regime militar, o espaço para a cobertura crítica dos acontecimentos na imprensa ampliou-se, ainda que de forma limitada. A sua primeira edição vendeu 650 (seiscentos e cinquenta) dos 700 (setecentos) mil exemplares impressos. Beneficiando-se do contexto político da época, a sua primeira capa tinha uma imagem de uma foice e de um martelo na cor preta, sobre um fundo vermelho e a seguinte manchete: “O grande duelo no mundo comunista”:

Figura 14 – Capa da Revista *Veja*, edição 1, publicada em 11/09/1968



Fonte: Arquivo Digital *Veja*

Após o lançamento da primeira edição, as vendas caíram e as edições que se seguiram não passaram de 16 mil exemplares vendidos. Ademais, em dezembro de 1968, a revista foi censurada por conta do Ato Institucional nº 5 (AI-5) do governo militar. Assim, o projeto de uma capa da *Veja* sobre esse ato institucional ocasionou o veto de algumas declarações de políticos (FILHO, 2020)<sup>29</sup>.

No ano de 1989, quando ocorreram as eleições diretas para presidente da República, os editores da revista tentaram ser equânimes, em relação aos espaços destinados aos candidatos políticos. Contudo, a preferência da *Veja* era voltada para os programas de governo que apontavam ideias neoliberais, as quais defendiam o fim da interferência econômica do Estado. Desse modo, foi demonstrada, na revista, a admiração pelo ex-governador de Alagoas, Fernando Collor de Melo, o qual teve uma ascensão nas pesquisas. Na última edição que se antecedeu ao segundo turno (17 de dezembro de 1989) das eleições naquela época, em 13 de dezembro, havia, na capa, uma foto de Collor sob

<sup>29</sup> FILHO, E. AI-5: o fantasma de 52 anos que insiste em assombrar os brasileiros. *Veja*, 2020.



as frases: “combate aos privilégios na máquina do governo”, “a tentativa de abrir a economia”, “a promessa de privatizar estatais”, “aumentar o bolo e dividir a renda”; em contrapartida, perante a foto de Lula, estava escrito: “a crença no papel do governo para melhorar a vida dos pobres”, “a confiança na ação das empresas estatais”, “a fé no calote da dívida externa”, “reforma agrária a partir de 500 hectares.” Nessa mesma edição, ainda, é publicada na Carta ao leitor: “Não será com estatização, com cerceamentos à livre iniciativa, com incremento de conflitos entre capital e trabalho, com restrições aos investimentos, com o isolamento do mundo desenvolvido e com o nivelamento por baixo que o país irá melhorar”:

Figura 15 – Capa da Revista *Veja*, edição 1109, publicada em 13/12/1989



Fonte: Arquivo Digital Veja

Apesar desse apoio a Collor durante as eleições, no editorial de 2 de setembro de 1992, quando houve a indicação do processo de *impeachment* ao referido político pela CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito), a revista se posicionou favoravelmente ao seu afastamento, publicando: “O presidente deve sair: Fernando Collor traiu a confiança dos brasileiros, perdeu a autoridade moral, não tem credibilidade nem para governar o Brasil

nem para representá-lo no exterior. Tem que ser substituído pelo vice.” Assim, após a autorização da Câmara dos Deputados para o começo do processo de impeachment e o afastamento de Collor, foi publicada uma “Edição histórica – Extra”, na qual, havia, na capa, uma foto do até então presidente, com a cabeça baixa e a manchete na cor vermelha: “Caiu!”:

Figura 16 – Capa da Revista *Veja*, edição 1255



Fonte: Arquivo Digital Veja

Por fim, essa cobertura jornalística da *Veja* foi reconhecida, internacionalmente, o que levou Mário Sérgio Conti a ganhar o prêmio *Intertional Editors of the Year*, em 1993, pela *World Press Review*.

Em março de 1994, foi anunciado, sob o governo de Itamar Franco, o Plano Real do então ministro da fazenda, Fernando Henrique Cardoso (FHC), quem, na época, era candidato à presidência da República. Diante desse contexto, na revista, foram destacados o desenvolvimento do plano econômico que adotou o Real e a campanha presidencial, a qual foi polarizada entre FHC e Lula. A repercussão do Plano Real, apontada pela *Veja*, serviu de base para a campanha de FHC. Já Lula, que era o candidato preferido até a virada do segundo semestre do ano, caiu nas pesquisas eleitorais, justamente no período da aprovação popular ao Plano Real.

Depois dessa breve explanação acerca dos primeiros anos da sua publicação, nos quais são feitas referências a Lula, abordaremos as características editoriais da revista. Entre os anos de 1968 e 1970, foram estabelecidos o modelo gráfico e a organização das matérias e das seções da *Veja*, os quais são mantidos, atualmente. Desse modo, a revista é estruturada seguindo esta ordem: entrevista (que é impressa em páginas amarelas), seções de humor (associadas ao contexto social do momento), destaques da semana, cartas, o editorial (Cartas ao Leitor), uma matéria ampla que aborda o resumo da semana (geralmente, de caráter político), os temas culturais (cinema, livros, músicas etc.) e, por fim, uma página de opinião assinada.

Por conta da diversidade de temas da seção de cultura e das propagandas veiculadas, a *Veja* tornou-se a principal mídia de divulgação escrita voltada para um público leitor/consumidor das classes média e alta. Por exemplo, uma pesquisa sobre a publicação dos livros mais vendidos aponta que essa seção teve um papel importante na formação de um “leitor médio” brasileiro, considerado como um consumidor de uma mercadoria editorial valorizada comercialmente (VELASQUEZ; KUSHIR, 2009)

Em 2003, a *Veja* ganhou o prêmio Caboré de Melhor Veículo de Comunicação para Mídia Impressa, tendo uma tiragem de um milhão de exemplares semanais e nove milhões de leitores. Além disso, segundo o site da revista<sup>30</sup>, a *Veja* tem forte presença nas plataformas digitais. No ano de 2017, ultrapassou a marca de 30 milhões de visitantes mensais. Já em 2018, no período da prisão de Lula, houve 30,2 milhões de leitores. Na página da revista no Facebook, há 7,2 milhões de pessoas que a seguem. Apesar disso, de acordo com o Instituto Verificador de Comunicação<sup>31</sup>, a revista teve uma média geral negativa no ano de 2018, pois houve uma queda na tiragem de exemplares impressos. Ademais, conforme o G1<sup>32</sup>, o Grupo Abril, do qual a revista faz parte, passou por uma crise econômica recentemente, deixou de pertencer à família Civita e foi vendido, por R\$ 100 mil, para o empresário Fábio Carvalho.

Em suma, a abordagem desse contexto político e da posição da *Veja* foram necessárias para vermos como a mídia pode influenciar a construção da opinião popular. Além disso, como o nosso objeto de estudo é Lula, julgamos importante a apresentação

---

<sup>30</sup> Disponível em: <https://veja.abril.com.br/brasil/os-50-anos-de-veja-uma-linha-do-tempo/>. Acesso em: 24 de junho de 2019.

<sup>31</sup> Disponível em: <https://www.meioemensagem.com.br/home/midia/2019/03/11/revistas-semanais-recuperam-audiencia-no-digital.html>. Acesso em: 03 de julho de 2019.

<sup>32</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2019/01/08/cade-aprova-venda-do-grupo-abril.ghtml>. Acesso em: 03 de julho de 2019.

das inclinações políticas da revista desde as primeiras edições. Após essa explanação sobre a história da revista *Veja*, descreveremos, agora, os procedimentos utilizados para o tratamento dos dados coletados no corpus.

## 2.4 O TRATAMENTO DOS DADOS

Para o tratamento dos dados, partimos de uma reinterpretação do método de pesquisa desenvolvido por Schmitt (2017): a *análise sistemática das metáforas* (ASM), que, baseado nos postulados de Lakoff e Johnson (1980)<sup>33</sup>, é um mecanismo hermenêutico que busca unir fatores subjetivos e procedimentos metodológicos na análise das metáforas. Nesse sentido, mediante a ASM, tenta-se reconstituir modelos de pensamentos, de linguagem e de ação. Assim, nas palavras de Schmitt (2017):

A reconstrução de modelos metafóricos não pode ser automatizada, esse processo só pode ser aprendido. A compreensão investigativa das imagens linguísticas de outra pessoa é expressa através de horizontes culturais de um sujeito, sua experiência de vida e seu nível de educação tanto permitem como limitam essa compreensão. Regras práticas aparam a coleta de material e procedimentos para o processamento não impõem limites ao pesquisador, mas convidam-no à descoberta de vários conceitos metafóricos de pensamento, sentimento e ação, os quais são, então, tecidos em interpretações multifacetadas e apresentadas de uma maneira compreensível e convincente [...]. (SCHMITT, 2017, p. 35)

Esse processo de reconstrução da metáfora está fundamentado no Realismo Experiencialista. No entanto, propondo uma versão estendida da ASM, identificamos, além de metáforas, domínios, *frames*, metonímias e esquemas imagéticos. Ademais, por considerarmos que o termo análise (separação de elementos) está voltado para uma ciência de inspiração cartesiana mecanicista que desconsidera a indissociabilidade entre mente e corpo e, ainda, a interação entre sujeito e mundo. Assim sendo, entendemos que esse termo não compreende a visão ecológica profunda e sistêmica deste trabalho. Por conseguinte, reconfiguramos tal método para *Estudo sistemático de modelos cognitivos idealizados*. Em acréscimo, é importante nos lembrarmos de que, nesse método, consideramos também a objetividade entre parênteses postulada por Maturana (2001). Nesse sentido, o *Estudo sistemático de modelos cognitivos idealizados* é realizado incluindo as conceptualizações da Revista *Veja* e do sujeito-pesquisador.

---

<sup>33</sup> Johnson (1987); Lakoff (1987); Lakoff e Johnson (1980; 1999).

Somado a isso, Schmitt (2017) distribui os estágios da ASM em duas partes: procedimentos e interpretações. A primeira se refere a sugestões para a coleta e tratamento dos dados, e a segunda diz respeito às preocupações que o pesquisador deve ter ao interpretar os dados levantados. Na pesquisa feita, apenas desenvolvemos a primeira etapa, a seguir, descrita.

#### 2.4.1 Processo de coleta e descrição dos dados

Baseando-nos nas propostas de Schmitt (2017), apresentaremos quais estágios seguimos, adequando-os à visão da Ecologia Profunda da pesquisa realizada. Desse modo, na primeira parte, a de procedimentos, orientamo-nos pelas seguintes etapas:

##### 1) Identificação do fenômeno alvo e do problema de pesquisa para o estudo dos MCIs.

Nesse momento, determinamos o tópico que será estudado, traçando as questões que buscamos responder e construindo o planejamento de investigação. Nesse sentido, como já dissemos, nosso tópico é a conceptualização do político brasileiro Luiz Inácio Lula da Silva em capas da Revista *Veja* e levantamos os seguintes questionamentos: a) como o político brasileiro Lula é conceptualizado em capas da Revista *Veja*; b) por que Lula é, negativamente, exposto, pela Revista *Veja*, apesar dos resultados positivos de sua política; c) como se dá a interação entre o verbal e o imagético para manifestar a conceptualização de Lula; d) como os processos cognitivos (domínios, *frames*, metáforas, metonímias e esquemas imagéticos) interconectam-se; e) como se relacionam linguagens, cognição, conceptualização, história, cultura, ideologia e política no espaço brasileiro; f) como atuam padrão (organização), processo e estrutura na conceptualização em pauta; e, por fim, g) como o não equilíbrio opera como fonte de ordem.

##### 2) Estudo sobre os processos cognitivos (domínio, *frame*, metáfora, metonímia e esquema imagético) de base, a partir das pistas da *Veja*

Nessa etapa, selecionamos materiais relacionados ao tópico em questão, como: enciclopédias, periódicos, livros etc., estabelecendo uma comparação, a fim de prepararmos a pesquisa e documentarmos a base cultural existente para a descrição do fenômeno. Assim, em nosso estudo, investigamos, principalmente, teses e dissertações

que versam sobre a conceptualização de políticos brasileiros e que exploram o processo de conceptualizar em textos multimodais, como já assinalamos. Ademais, realizamos a leitura de textos que abordam a política e sobre Luiz Inácio Lula da Silva. Diante disso, foi possível organizar aspectos norteadores que estruturaram a pesquisa realizada. É válido ressaltarmos ainda que o produto desse processo é de caráter hermenêutico, como também já assinalado anteriormente, considerando o conhecimento enciclopédico da pesquisadora e, conseqüentemente, a sua interação com o corpus.

### 3) Estudo do Corpus

Esse estágio diz respeito ao estudo das linguagens verbais e imagéticas encontradas nos textos multimodais, sendo realizado em dois momentos: identificação dos mecanismos produtores de conceptualização (domínios, *frames*, metáforas, metonímias e esquemas-imagéticos) e seleção das capas de revista. É válido ressaltar que as metáforas e metonímias situadas, no estudo, foram grafadas com letra minúscula e em itálico, ao passo que as metáforas e metonímias conceptuais foram grafadas com letra maiúscula. Além disso, para compilar os processos cognitivos acionados, foi feito um quadro síntese, após a apresentação das conceptualizações de Lula.

A identificação dos elementos cognitivos e a seleção das capas são momentos que consistem em, inicialmente, enumerar os processos cognitivos relacionados à área da pesquisa, buscando como acontece a interação entre eles na construção de sentido, e, posteriormente, investigar os aspectos dos MCIs relacionados à conceptualização de Lula. Essa investigação ocorreu nas capas em que Lula aparece na manchete, como notícia principal; e os outros fatores que constituem a capa, como cores e notícias secundárias, foram considerados para o estudo quando direcionados ao político em questão.

Nesta etapa, ainda, estabelecemos um diálogo com a Técnica da Saturação, a qual, geralmente, é aplicada em, por exemplo, investigações realizadas nas áreas de saúde e administração, mas já tem sido empregada em Linguística também a exemplo do seu uso por Santana (2019). Diante disso, primeiramente, na sequência cronológica, mediante o Acervo Digital da Revista *Veja*, identificamos todas as capas que faziam referência a Lula na manchete e as catalogamos em um documento, utilizando o processador de texto chamado *Word*, desenvolvido pela Microsoft Office. Posteriormente, dessas capas,

selecionamos as que integravam as linguagens verbal e não verbal. Após essas duas etapas, recolhemos um total de 83 capas.

Santana (2019), em sua tese de doutorado, confirmando a proposta de Almeida (2020), defende que não haverá mudança no padrão de organização de uma carta de amor, embora possa haver variação nas expressões linguísticas que acionam determinadas conceptualizações. A partir disso, defendemos, também, que há um padrão de organização nas capas de revista, porque todas as capas de revista são semelhantes, assim, a parte está inscrita no todo. Essa defesa retoma a Teoria dos Fractais, na qual cada parte de um fractal é igual ou semelhante a todo fractal, possibilitando, então, um padrão dentro de outro padrão (CAPRA, 2006). Nesse sentido, retomamos conversa proposta por Santana (2019) e Almeida (2020) entre a Teoria dos Fractais e a Técnica da Saturação para justificar o uso desta última neste estudo.

A saturação, conforme Santana (2019), “é uma técnica utilizada em pesquisas de abordagem qualitativa, nas quais o tamanho da amostra não é definido pela estatística, mas pelo critério de saturação” (SANTANA, 2019, p.80). Sobre isso, Fontanella *et.al* (2011) abordam que essa técnica diz respeito à interrupção da coleta de dados quando aspectos novos identificados não são importantes para o desenvolvimento da pesquisa. É preciso, pois, considerar quais elementos são necessários e suficientes para responder aos questionamentos levantados no estudo. Assim, ao serem manifestadas repetições ou redundâncias, a coleta é suspensa por considerar que não haverá mais contribuições relevantes para a investigação (GLAUSER, STRAUSS, 1979).

Para aplicarmos tal técnica, a partir das expressões verbo-imagéticas, começamos a verificação dos domínios de experiência ativados nas 83 capas, inicialmente, catalogadas. Em um quadro, colocamos, na primeira coluna, os domínios identificados e, nas colunas seguintes, os anos de 1979 a 2020. Cada vez em que um domínio novo era acionado, marcávamos um X (maiúsculo) no ano correspondente; e, quando o domínio se repetia, sinalizávamos um x (minúsculo), também, no ano referente. No final, selecionamos apenas as capas em que eram evocados novos domínios, as quais foram publicadas no período entre 1979 e 2017, chegando a um total de 22 capas e 32 domínios. Na próxima seção, o estudo dessas capas será apresentado em ordem cronológica. Vejamos, então, o quadro com os domínios acionados:

Quadro 2 - Domínios na conceptualização de Lula em capas da Revista *Veja*

DOMÍNIOS/ANO	1979	1980	1981	1985	1989	1994	1998	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2008	2009	2010	2011	2012	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020
ARTE										<b>X</b>		x			x		x				x	x			
CORPO HUMANO	<b>X</b>	x	<b>X</b>	x	x	<b>X</b>	x	x	x	x	<b>X</b>	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
CORRUPÇÃO												<b>X</b>	x			x		x	x	x	x	x	x		
COR				<b>X</b>	x	<b>X</b>	x	x	x			x				x	x				x	x	x	x	x
DOENÇA																<b>X</b>	x								
ECONOMIA		<b>X</b>			x				x	x		x													
ESPAÇO	<b>X</b>		<b>X</b>	x	x											x									
ESTATÍSTICA						<b>X</b>																			
FAMÍLIA										<b>X</b>			x												
FESTA																				<b>X</b>	x				
FÉRIAS																<b>X</b>									
FORÇA						<b>X</b>		x								x									
GUERRA	<b>X</b>	x										x	x				x					x		x	
HISTÓRIA												<b>X</b>													
ESPORTE/ JOGO					<b>X</b>	<b>X</b>	x		x										x	x					
JUSTIÇA			<b>X</b>		x							x	x			x		x	x	x	x	x	x	x	
MITOLOGIA															<b>X</b>	x					x				
NAVEGAÇÃO																						<b>X</b>			x
OBJETO												<b>X</b>				x				x					



SER VIVO				<b>X</b>						x		x													
POLÍTICA		<b>X</b>	<b>X</b>	x	x	<b>X</b>	x	x	x	x	<b>X</b>	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x	x
PRISÃO																				<b>X</b>			x		x
RELIGIÃO															<b>X</b>										
SER HUMANO		<b>X</b>																							
SÍMBOLO					<b>X</b>																				
MATÉRIA					<b>X</b>																				
SOCIEDADE									<b>X</b>																
TEMPO																<b>X</b>									
TRABALHO	<b>X</b>	x			x																				
VEÍCULO										<b>X</b>															
VIAGEM					<b>X</b>	<b>X</b>				x															

Fonte: elaborado pela autora

Como dissemos anteriormente, Schmitt (2017) propõe um método somente para a análise metáforas, por isso, o referido autor elenca os seguintes critérios para a identificação desse processo cognitivo:

a palavra ou frase, estritamente falando, pode ser compreendida para além do sentido literal no contexto; e o sentido literal provém de uma área da experiência sensorial ou cultural (domínio-fonte), que, no entanto, é transferido para uma segunda área, geralmente abstrata (domínio-alvo). (SCHMITT, 2017, p.41)

Esses critérios estabelecidos por Schmitt (2017), no entanto, além de serem focados na metáfora, são relacionados, apenas, à linguagem verbal e, ainda, apontam a dicotomia literal x não literal, a qual procuramos superar na LC. Desse modo, dialogando com Andrade (2016), elegemos, também, os parâmetros de identificação de metáforas multimodais postulados por Forceville (2009), a saber: a) quais os domínios da metáfora; b) qual é o domínio-alvo e o domínio-fonte, visto que os domínios metafóricos podem ser instanciados por modalidades diferentes; e, por fim, c) quais elementos são mapeados do domínio-fonte para o alvo.

Além disso, estabelecemos outros critérios para o reconhecimento de domínios, *frames*, metonímias, metáforas e esquemas imagéticos em textos multimodais, como verificar: a) relação de esquematicidade entre domínio e *frame* b) área da experiência focalizada no interior de um único domínio, isto é, a relação intradomínios caracterizada pela projeção metonímica; c) as experiências sensório-motoras, isto é, os esquemas imagéticos que estruturam as metáforas e as metonímias; d) a interconexão entre o imagético e o verbal na composição do todo que é mais e menos a soma de suas partes; e) o padrão (organização) dos elementos constituintes de um texto complexo; f) os *frames* acionados na conceptualização multimodal; e, ainda, g) a desordem que atua como fonte de ordem, o que caracteriza o princípio dialógico da complexidade.

A seguir, apresentaremos o estudo sobre a conceptualização de Lula através de capas da Revista *Veja*. Para tanto, primeiramente, descreveremos as conceptualizações de Lula nas capas selecionadas, contextualizando-as e apresentando os elementos cognitivos verificados (subseção: a conceptualização de Lula em capas da revista *Veja* entre os anos de 1979 e 2017). Depois, abordaremos a interação entre os domínios e os *frames* (subseção: o entrelaçamento dos domínios e dos *frames*). Por fim, estabeleceremos a relação entre o estudo realizado e a TC (subseção: o aspecto sistêmico multimodal na conceptualização de Lula).

### 3 A REDE CONCEPTUAL DE LULA EM CAPAS DA REVISTA VEJA

Neste capítulo, descrevemos, inicialmente, como se deu a conceptualização de Lula em capas da Revista *Veja*<sup>34</sup>, abordando os mecanismos cognitivos (domínio, *frame*, metáfora, metonímia e esquemas imagéticos). Posteriormente, enfocaremos a complexidade no âmbito dessa conceptualização e na multimodalidade; e, ainda, dissertamos sobre a relação entre os domínios e os *frames* acionados na construção da imagem de Lula.

#### 3.2 A CONCEPTUALIZAÇÃO DE LULA EM CAPAS DA REVISTA VEJA ENTRE OS ANOS 1979 E 2017

Nesta subseção, descrevemos os processos cognitivos identificados nas capas selecionadas a partir da Técnica da Saturação. As capas apresentadas foram publicadas nos anos de 1979, 1980, 1981, 1985, 1989, 1994, 2002, 2003, 2005, 2009, 2010, 2015 e 2017, como já assinalado anteriormente.

A primeira capa estudada foi a da edição 551, publicada em 1979, que está situada em um período no qual havia a emergência de um movimento sindical dos operários brasileiros. Em 1978, Lula<sup>35</sup> se tornou o líder do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, onde teve início a uma série de movimentos grevistas, em 12 de maio do referido ano, nas indústrias de caminhões da Saab-Scania. Nesse momento, cerca de dois mil metalúrgicos pararam suas atividades para reivindicar 20% de aumento salarial. A partir disso, o movimento se espalhou para outras regiões do ABC – região industrial paulista – estendendo-se a outras categorias, além dos metalúrgicos, como professores, jornalistas, funcionários públicos, médicos, lixeiros etc. (MEMÓRIA GLOBO, 2021)<sup>36</sup>

---

<sup>34</sup> É válido lembrar que a construção de sentido acerca de Lula em capas da Revista *Veja* foi feita considerando as conceptualizações do periódico e as do sujeito-pesquisador.

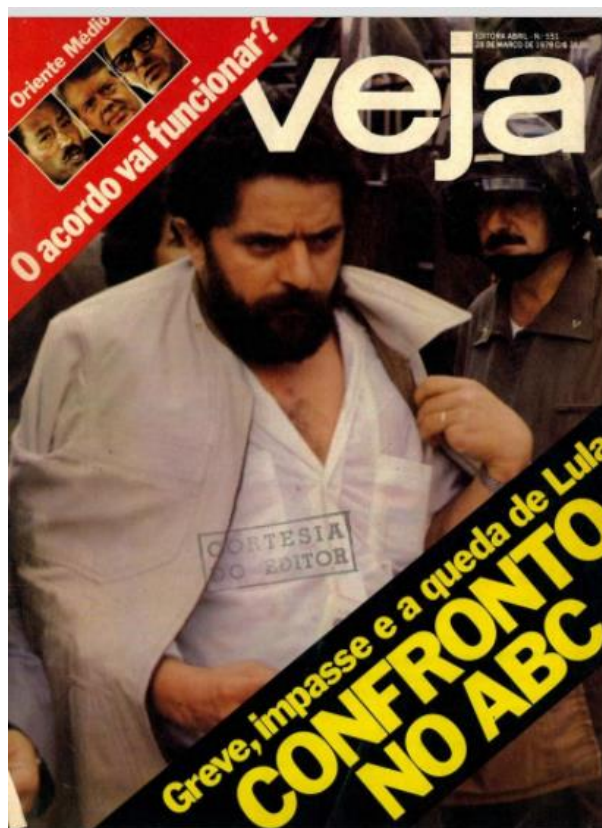
<sup>35</sup> No livro organizado por Jinkings *et al* (2019), Lula relata o seguinte: “[...] eu fui para o Sindicato [em 1968] porque o Frei Chico [irmão de Lula, militante dos quadros sindicais do Partido Comunista Brasileiro] pediu para eu ir, porque era pra ele ir. Aí eu fui. Jamais imaginei ser presidente do Sindicato. Jamais imaginei virar liderança da primeira greve depois do golpe militar [em 1978], mas virei. Não só criei um partido que até hoje toma conta dos meus dias, como fui deputado federal constituinte mais votado e virei presidente da República.” (JINKINGS *et al*, 2019, p.54)

<sup>36</sup> GREVES DO ABC. *Memória Globo*, 2021. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/greves-do-abc/noticia/greves-do-abc.ghtml>. Acesso em 05 de agosto de 2022.

Em 1979, conforme a Revista *Veja* (1979), dois dias antes de o general João Baptista Figueiredo<sup>37</sup> tomar posse como presidente do Brasil, 180.000 metalúrgicos entraram em greve, e a Justiça do Trabalho declarou a ilegalidade do ato grevista, porém o movimento não terminou. Ainda de acordo com o periódico, apesar de o ministro do Trabalho, Murilo Macedo<sup>38</sup>, ter tentado a mediação entre os grevistas e o governo, ele não alcançou sucesso. Posteriormente, foi estabelecida uma intervenção federal nos sindicatos metalúrgicos de São Bernardo do Campo, Santo André e São Caetano do Sul, e a polícia bloqueou suas sedes.

No entanto, a nova equipe do Palácio do Planalto ficou surpresa com a persistência dos trabalhadores, pois esses, mesmo com o afastamento dos chefes dos sindicatos, continuavam nas ruas de São Bernardo do Campo, homenageando Lula, “símbolo da greve que o governo estava determinado a vencer” (VEJA, 1979, p. 22). Vejamos a capa:

Figura 17 – Capa da Revista *Veja*, edição 551, publicada em 28/03/1979



Fonte: Arquivo Digital Veja

<sup>37</sup> João Baptista Figueiredo foi o trigésimo presidente do país, de 1979 a 1985, o último da ditadura militar.

<sup>38</sup> “Murilo Macedo foi ministro do Trabalho de 1979 a 1985, no governo de Figueiredo, e, nessa condição, foi responsável pela intervenção no Sindicato dos Metalúrgicos do ABC, que só se encerraria em 1981. Morreu em 26 de agosto de 2003.” (JINKINGS *et al.*, 2019, p.57).

Nessa capa, a partir das expressões linguísticas “confronto”, “queda de Lula” e “impasse”, ativamos o domínio GUERRA, bem como os *frames* ADVERSÁRIO e DERROTA e QUEDA, pois Lula estava experienciando uma situação na qual houve uma divergência entre os grevistas e o governo, sendo o chefe do sindicato considerado como uma oposição ao governo.

A partir dessa ativação, consideramos a metáfora conceptual GREVE É GUERRA e as metáforas situadas *Lula é inimigo* e *Lula é guerreiro derrotado*. Esses processos cognitivos foram estruturados pelos esquemas de imagem CONTRA-FORÇA e BLOQUEIO, visto que, entre os grevistas e o governo, existem dois centros de força fortes, um bloqueando o movimento do outro, o que, por conseguinte, ocasiona a queda do sindicalista.

Somados a esses aspectos cognitivos, acionamos o domínio ESPAÇO e o *frame* POSIÇÃO, associados à metáfora conceptual multimodal orientacional RUIM É PARA BAIXO. Esta foi evocada tanto pela expressão linguística “queda de Lula” quanto pela cabeça inclinada para baixo do líder sindical, sendo, ainda, estruturada pelo esquema imagético CIMA-BAIXO.

Durante o movimento grevista, os chefes dos sindicatos foram afastados, e o governo estava motivado a vencer Lula, apesar das homenagens que lhe foram feitas pelos operários. Nesse contexto, notamos que, na *Veja*, Lula foi compreendido como um líder derrotado, por causa da expressão “queda de Lula” e, também, devido à sua postura levemente caída na imagem. Assim, a queda de Lula é conceptualizada como uma perda de poder e, conseqüentemente, de prestígio.

Ademais, acionamos o domínio TRABALHO e o *frame* GREVE, mediante o uso do item léxico “greve” e, também, a sigla ABC, que faz metonimicamente referência a uma região tradicionalmente industrial de São Paulo promotora de empregos. Considerando esse acionamento e a conceptualização de Lula abordada anteriormente, podemos inferir que Lula foi compreendido, pela Revista *Veja*, como um inimigo para os empreendedores e para o governo, principalmente, por ser o líder de tal movimento. Essa conceptualização está ligada às metonímias PESSOA PELA OCUPAÇÃO e TODO PELA PARTE, das quais decorrem a metonímia situada *Lula por líder*. Esses mecanismos cognitivos foram instanciados pelo esquema imagético PARTE-TODO, uma vez que há uma relação de contigüidade entre os domínios ativados, enfatizando determinadas características em detrimento de outras.

Por último, ativamos, ainda, o domínio CORPO HUMANO e o *frame* BUSTO por meio da imagem de Lula, quem apenas foi apresentado na capa da revista por meio da parte superior do seu corpo. Por conseguinte, há a metonímia BUSTO PELA PESSOA, que é associada à metonímia mais geral PARTE PELO TODO. Esses processos cognitivos foram estruturados pelo esquema imagético PARTE-TODO. Essas metonímias, por sua vez, foram base para a metonímia situada *Busto de Lula por Lula*.

Diante disso, percebemos que os domínios TRABALHO e GUERRA estão relacionados. Nessa construção de sentido, Lula foi compreendido como um líder e um inimigo que foi derrotado, e não apenas como um líder que buscava o pagamento justo pelo trabalho. Logo, há o início de uma conceptualização de Lula como um líder imoral e, por conseguinte, fraco, pois foi derrotado. Isso aciona o MCI da imoralidade, mecanismo que, apesar de partir de uma conceptualização idealizada do grupo de editores da Revista *Veja*, foi compartilhada com o público-alvo do veículo de comunicação.

A seguir, vejamos um quadro síntese acerca dessas conceptualizações descritas.

Quadro 3 - Síntese acerca da conceptualização de Lula na capa da edição 551, publicada em 28/03/1979

<b>Domínio(s) da metáfora</b>	<b>Frame(s)</b>	<b>Expressões verbais</b>	<b>Expressões imagéticas</b>	<b>Contexto</b>	<b>Metáfora(s) conceptual(ais)</b>	<b>Metáfora(s) situada(s)</b>	<b>Esquema(s) imagético(s)</b>
GUERRA	ADVERSÁRIO	Expressão linguística: “Greve, impasse e a queda de Lula: confronto no ABC”	Imagem de Lula com a cabeça inclinada para baixo	Contexto: Lula líder da greve	GREVE É GUERRA	<i>Lula é inimigo/oposição</i> <sup>39</sup>  <i>Lula é guerreiro derrotado</i>	FORÇA
TRABALHO	GREVE				RUIM É PARA BAIXO		CONTRA-FORÇA
ESPAÇO	POSIÇÃO						CIMA/BAIXO
<b>Domínio(s) da metonímia</b>	<b>Frame(s)</b>						
TRABALHO	GREVE				TODO PELA PARTE  PESSOA PELA OCUPAÇÃO	<i>Lula por líder</i>	PARTE-TODO
CORPO HUMANO	BUSTO		Imagem do busto de Lula		PARTE PELO TODO  BUSTO PELA PESSOA	<i>Busto de Lula por Lula</i>	PARTE-TODO

Fonte: Elaborado pela autora

<sup>39</sup> As metáforas e metonímias situadas, conforme explicitado no Seção 2, serão grafadas com letra minúscula e em itálico, ao passo que as metáforas e metonímias conceptuais serão grafadas com letra maiúscula.

A próxima capa situa-se contextualmente no início de uma nova década. Mas ainda com conflitos sociais no âmbito do trabalho. Assim sendo, em 1980<sup>40</sup>, houve um contexto de movimentos grevistas marcado pelo confronto entre governo, empresários e trabalhadores. Na ocasião, segundo a reportagem de capa da edição 605 da Revista *Veja* (1980), por decisão do TRT (Tribunal Regional do Trabalho), foi concedido um aumento de 7% para os funcionários que ganham de um a três salários-mínimos e de 6% para os que ganham mais de três. Sobre isso, Lula declarou que somente haveria acordo se a decisão do TRT fosse associada à estabilidade por um ano, assim nenhuma empresa poderia demitir os trabalhadores em um período de doze meses.

Com essa declaração, Lula foi considerado intransigente, e os empresários não concordaram com seu posicionamento. Conforme a *Veja* (1980), nesse momento, Lula se revelava como um porta-voz competente no que diz respeito às reivindicações trabalhistas, mas não tinha a mesma relevância em relação a questões político-partidárias, pois, nos comícios do PT, o público não era superior a 2000 pessoas e considerava-se improvável que tal figura política, enquanto candidato a deputado federal<sup>41</sup>, conseguisse reunir as 70 000 pessoas que aprovaram a greve no estádio de Vila Euclides.

De todo modo, no contexto da greve, acreditava-se que nenhum desfecho seria desfavorável para tal líder, porque, por um lado, se os empresários concedessem a estabilidade, Lula seria o líder de uma greve bem-sucedida; por outro lado, se houvesse intervenção, Lula poderia se entregar inteiramente “ao trabalho de montagem do partido aureolado pela imagem de mártir” (VEJA, 1980, p.19).

Ainda na edição 605, publicada em 1980, na seção “Carta ao leitor” da Revista *Veja*, o jornalista J.R.G. de tal veículo de comunicação apresenta a sua opinião acerca da greve na região do ABC:

A situação de confronto que se armou na região do ABC, em São Paulo, não parece prometer nada de bom para o futuro próximo. A questão foi marcada, desde o início, pela intransigência. As lideranças sindicais deixaram claro que queriam uma greve – sua linguagem não foi a de negociação, mas a do ataque a um inimigo, e sua lista de reivindicações foi apresentada junto com um ultimato. O governo, antes mesmo de a greve começar, esmerou-se em fazer desfilar diante de São Paulo todo

---

<sup>40</sup> Em 19 de abril de 1980, Lula foi preso pelos “policiais do Departamento de Ordem Política e Social (Dops), órgão de repressão da ditadura militar que governava o país [...]. A esperança dos militares era de que a prisão de Lula e de outros líderes sindicais desmobilizasse greve. Isso não aconteceu, no entanto. A detenção do proeminente sindicalista fortaleceu o movimento e estimulou a opinião pública a tomar partido de suas demandas”. Na ocasião, Lula ficou 31 dias preso. (MACHADO, 2019. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-50297742>. Acesso em 03 de julho de 2021).

<sup>41</sup> Em 1986, com 650 mil votos, Lula foi o deputado federal constituinte mais votado. (JINKINGS *et al*, 2019, p.54.



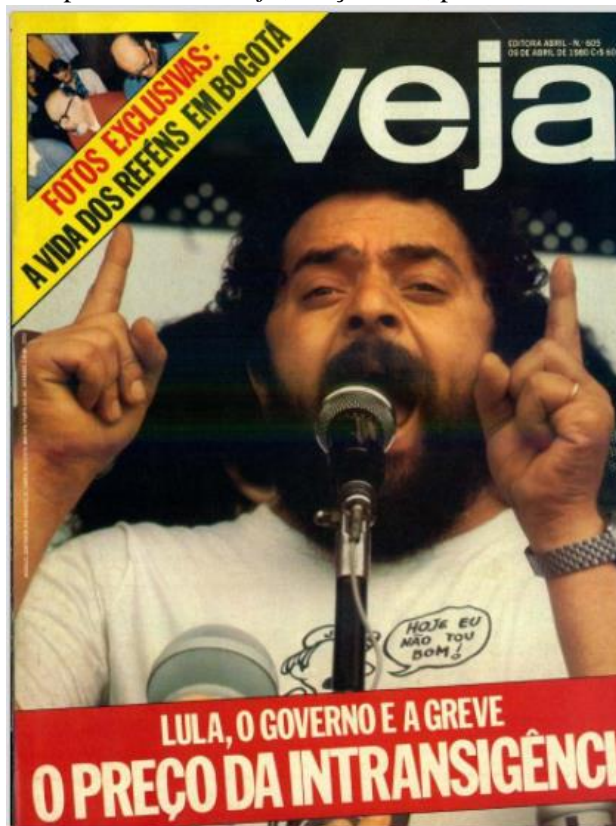
um cenário de beligerância anti-sindical. Veio a greve, como queria o líder do PT<sup>42</sup>, mas não veio o troco como queria o governo [...]. A recusa dos sindicatos em encerrar a greve [...] colocou tudo de novo em questão – e reconduziu a situação para a mesma trilha que havia marcado o seu início, a da intransigência [...]. Por esse caminho, a discussão de salários no Brasil, em vez de progredir no rumo legítimo da negociação e do jogo de interesses, tenderá mais e mais a se transformar numa sucessão de operações de guerra, com cada lado visando, mais que tudo, a derrota do outro [...]. (J.R.G., 1980, p. 15).

Nessa descrição, foi retratado um conflito, como posto, um ataque e um cenário de beligerância marcados pela intransigência. Assim, mediante o contexto apresentado tanto pela reportagem de capa quanto pela “carta ao leitor” da edição 605, os domínios GUERRA e TRABALHO foram novamente ativados nesta outra capa, visto que se trata de uma situação semelhante à que foi abordada na capa anterior. Ademais, aparecem domínios novos: ECONOMIA e POLÍTICA. Vejamos os processos cognitivos identificados de tal edição:

---

<sup>42</sup> O Partido dos Trabalhadores (PT) foi oficializado em 10 de fevereiro, em 1980, a fim de promover mudanças para trabalhadores da cidade e do campo, militantes de esquerda, intelectuais e artistas. Em 1982, Gilson Menezes foi o primeiro prefeito eleito por tal partido, em Diadema – SP. Em 1984, o PT foi essencial na reivindicação de eleições presidenciais diretas no Brasil, que teve como protagonistas Lula, Tancredo Neves, Leonel Brizola e Miguel Arraes. Em 1988, as reivindicações sociais do partido influenciaram propostas levadas à aprovação da atual Constituição brasileira. Em 1989, Lula, pelo partido, chega ao segundo turno das eleições presidenciais. Em 1990, houve a posse do primeiro senador petista: Eduardo Matarazzo Suplicy. Em 2003, Lula tomou posse como o primeiro presidente eleito pelo partido e foi reeleito em 2006. Isso atrelado à sua participação na criação do partido e ao fato de ter sido o deputado federal mais votado em 1986 caracterizam Lula como o membro mais proeminente do PT. Por fim, em 2011, Dilma, também filiada ao PT, se tornou a primeira mulher presidenta do Brasil, sendo reeleita em 2014 para continuar no cargo em 2015. (Disponível em: <https://pt.org.br/nossa-historia/> . Acesso em 30 de junho de 2021).

Figura 18 - Capa da Revista *Veja*, edição 605, publicada em 09/04/1980



Fonte: Arquivo Digital *Veja*

Nessa capa, foram acionados o domínio ECONOMIA e o *frame* VALOR – ativados pelo termo “preço”. Diante disso, pelo contexto, pela imagem de Lula apontando os dedos para cima, falando ao microfone, e pela expressão linguística da manchete “Lula, o governo e a greve: o preço da intransigência”, identificamos que Lula foi conceptualizado como intransigente, ou seja, um líder severo e intolerante. Logo, há a metonímia QUALIDADE PELA PESSOA com a metonímia situada *Intransigência de Lula por Lula*, estruturadas pelo esquema imagético LIGAÇÃO, visto que há uma relação entre a característica e o indivíduo, e, ainda, pelo esquema de FORÇA, especificado como BLOQUEIO, porque Lula foi compreendido como uma força intransigente, ou seja, estabeleceu-se uma obstrução no trabalho.

Paralelo a isso, essa intransigência foi considerada como um produto fornecido por Lula, já que é atribuída a ela um preço. Então, há a metáfora mais geral QUALIDADE É MERCADORIA e a metáfora situada *Intransigência de Lula é produto*, instanciadas, também, pelos esquemas-imagéticos LIGAÇÃO e FORÇA-BLOQUEIO.

Além disso, ativamos também o domínio TRABALHO e o *frame* GREVE – evocados pelo item léxico “greve”. Esse domínio e *frame* associam-se à metáfora conceptual GUERRA É GREVE e a metáfora situada *Lula é inimigo*, estruturadas pelo esquema de imagem FORÇA-BLOQUEIO. Isso porque, através da carta ao leitor mencionada<sup>43</sup>, a greve citada na capa foi compreendida como um confronto entre o governo e os trabalhadores, sendo Lula o líder intransigente destes, e a guerra uma espécie de força que bloqueia a relação entre eles.

Essa compreensão se relaciona com domínio POLÍTICA (ativado pelo item léxico “governo) e o *frame* SINDICALISMO, pois, nesse contexto, Lula era líder não só da greve, mas também do Partido dos Trabalhadores, o que nos leva às metonímias PESSOA PELA OCUPAÇÃO e TODO PELA PARTE, tornando possível a metonímia situada *Lula por líder*, estruturada pelo esquema PARTE-TODO.

Por fim, ativamos, como na capa publicada em 1979, as metonímias BUSTO PELA PESSOA e PARTE PELO TODO, juntamente com as metonímias situadas *Busto de Lula por Lula*, acionadas pela imagem de Lula e, também, pelo item léxico “Lula”, estruturadas pelo esquema imagético PARTE-TODO.

Com este estudo, pode ser ratificada uma construção de sentido negativa (a elaboração de um *frame*) em relação a tal líder, pois o que ele oferece é algo ruim. Logo, quando ele foi conceptualizado como um líder intransigente de uma greve considerada um confronto, por conseguinte, pôde ser compreendido como um inimigo do governo. Desse modo, a relação entre os domínios TRABALHO, POLÍTICA e ECONOMIA revelaram que a greve poderia prejudicar a economia, bem como a política. Então, novamente, não foram colocados em evidência os direitos trabalhistas, mas, sim, a possível intransigência do movimento grevista indicada na chamada da capa, assim um *frame* omite outro, como postula Lakoff (2009).

Após a abordagem dessas conceptualizações, verifiquemos um quadro síntese sobre elas.

---

<sup>43</sup> É válido ressaltar que, no estudo da capa da edição 605, a carta de leitor foi considerada somente para contextualização do periódico.

Quadro 4 - Síntese acerca da conceptualização de Lula na capa da edição 605, publicada em 09/04/1980

<b>Domínio(s) da metáfora</b>	<i>Frame(s)</i>	<b>Expressões verbais</b>	<b>Expressões imagéticas</b>	<b>Contexto</b>	<b>Metáfora(s) conceptual(ais)/Metáfora(s) geral(ais)</b>	<b>Metáfora(s) situada(s)</b>	<b>Esquema(s) imagético(s)</b>
ECONOMIA	VALOR	Expressão linguística: “Lula o governo e a greve: o preço da intransigência”	Imagem do busto de Lula	Contexto: Lula líder do Partido dos Trabalhadores	QUALIDADE É MERCADORIA	<i>Intransigência de Lula é produto</i>	LIGAÇÃO
TRABALHO	GREVE				GUERRA É GREVE	<i>Lula é inimigo</i>	FORÇA BLOQUEIO
<b>Domínio(s) da metonímia</b>	<i>Frame(s)</i>				<b>Metonímia(s) conceptual(ais)</b>	<b>Metonímia(s) situada(s)</b>	<b>Esquema(s) imagético(s)</b>
SER HUMANO	QUALIDADE				QUALIDADE PELA PESSOA	<i>Intransigência de Lula por Lula</i>	FORÇA BLOQUEIO LIGAÇÃO
POLÍTICA	SINDICALISMO				PESSOA PELA OCUPAÇÃO	<i>Lula por líder</i>	PARTE-TODO
CORPO HUMANO	BUSTO				PARTE PELO TODO BUSTO PELA PESSOA	<i>Busto de Lula por Lula</i>	

Fonte: Elaborado pela autora

Já a capa da edição 652, publicada em 1981, diz respeito ao momento em que Lula foi condenado a três anos e meio de prisão pela 2ª Auditoria Militar de São Paulo por causa das greves do início de 1980. Na época, como aqui já assinalado, o político era presidente do Partido dos Trabalhadores, e a condenação se deu pelo fato de o Tribunal Regional do Trabalho, órgão do Poder Judiciário, ter considerado ilegal a paralisação dos metalúrgicos. Assim, Lula foi condenado por ter violado a Lei de Segurança Nacional. No mesmo dia em que o presidente do PT soubera de sua condenação, ele se apresentou ao DOPS (Departamento de Ordem Política e Social), acompanhado de sua esposa Marisa<sup>44</sup>. Na ocasião<sup>45</sup>, o ex-presidente do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo e mais dez ex-dirigentes sindicais passaram uma noite em tal departamento e, depois, recorreram ao STM – Supremo Tribunal Militar – (ROCHA, 2018)<sup>46</sup>.

Na reportagem dessa capa, intitulada *A amarga conta da greve*, há a transcrição da seguinte fala de Lula: “Não nego que a condenação foi uma surpresa para mim, mas o que fiz era o mínimo que poderia fazer pelos trabalhadores [...]. O governo prende lideranças operárias, mas não acaba com os problemas que atingem a classe” (SILVA, 1981, p.45). Diante disso, inferimos que Lula não esperava a condenação. Ademais, a revista pode ter feito a seleção da imagem do presidente do PT cabisbaixo para dialogar com a manchete “Condenado”. Vejamos a seguir:

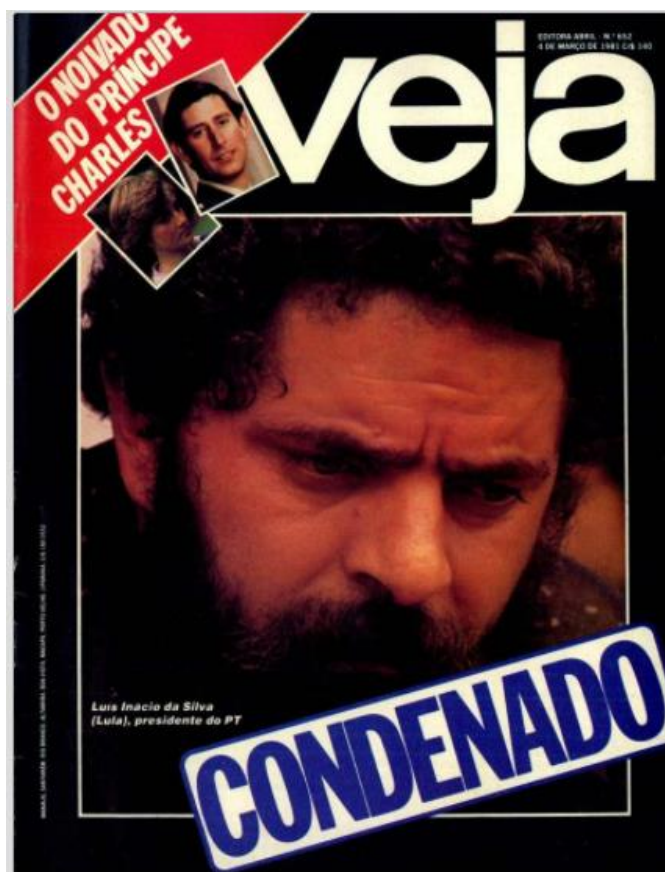
---

<sup>44</sup> Marisa Letícia Lula da Silva, descendente de italianos, foi a segunda esposa de Lula. Eles foram casados de 1974 até sua morte, em 3 de fevereiro de 2017, devido a um acidente vascular cerebral (AVC) (JINKINGS *et al*, 2019).

<sup>45</sup> Sobre esse período, é importante abordar uma amizade que se iniciou. Lula estava no aeroporto de Manágua, capital da Nicarágua, na tarde de 19 de julho de 1980, aguardando Fidel Castro. O petista tinha saído do Brasil devido à denúncia relacionada à Lei de Segurança Nacional, a qual, conforme já foi assinalado, ocasionou a sua prisão meses mais tarde. Como Lula estava sub judice, precisava pedir autorização, para sair do país, ao juiz militar Nelson da Silva Machado Guimarães, quem determinou ao DOPS a devolução do seu passaporte e, ainda, a concessão do visto de saída, pois, nesse momento, por causa da ditadura, as autoridades solicitavam aos cidadãos tal visto para esses irem ao exterior. Apesar disso, Lula não quis deixar de conhecer Fidel Castro, quem implantou um regime comunista em Cuba. Ainda nesse encontro, Fidel convidou Lula para visitar Cuba, mas essa viagem apenas ocorreria anos depois e exerceria influência na carreira política do petista. Depois disso, Lula e Fidel iniciaram uma amizade que perdurou até a morte do dirigente cubano, em 2016 (MORAIS, 2021).

<sup>46</sup> ROCHA, Raphael. Em 1981, o petista foi condenado por tribunal militar; ação prescreveu. *Diário do grande ABC*. Disponível em: <https://www.dgabc.com.br/Noticia/2824269/em-1981-petista-foi-condenado-por-tribunal-militar-acao-prescreveu>. Acesso em 05 de agosto de 2022.

Figura 19 – Capa da Revista *Veja*, edição 652, publicada em 04/03/1981



Fonte: Arquivo Digital Veja

Nessa edição, ativamos os domínios: ESPAÇO, com o *frame* POSIÇÃO; JUSTIÇA, com o *frame* PODER JUDICIÁRIO; POLÍTICA, relacionado com o *frame* AGENTE POLÍTICO; e, por fim, CORPO HUMANO, ligado com o *frame* ROSTO.

Através da cabeça de Lula inclinada para baixo e do contexto de condenação que indica uma condição ruim, evocamos o domínio ESPAÇO e o *frame* POSIÇÃO. Associada a eles, identificamos a metáfora conceptual (orientacional) RUIM É PARA BAIXO, estruturada pelo esquema de imagem CIMA-BAIXO.

Esses mecanismos ativados estão ligados à conceptualização de Lula como condenado por ter violado uma lei. Assim, tanto pelo item léxico “condenado” quanto pela imagem de Lula com a cabeça inclinada para baixo, o que pode ser associado à fala dele na reportagem, ao dizer que não esperava pela condenação, acionamos o domínio JUSTIÇA. Nesse sentido, verificamos a metonímia CONDIÇÃO PELA PESSOA juntamente com a metonímia situada *Condenado por Lula*, estruturadas pelos esquemas de imagem FORÇA, pois o poder judiciário funcionou como uma força exercida sobre o

presidente do PT, mudando a condição deste, e PROCESSO, porque houve uma sequência de ações na justiça para Lula ser considerado culpado.

O segundo domínio, POLÍTICA, foi acionado pelo fato de Lula ser o líder do PT, o que foi identificado pelos itens léxicos “Lula” e “presidente” constantes na legenda da foto presente na capa “Luís Inácio da Silva (Lula) presidente do PT”, e, ainda, pela imagem dele. Logo, a partir dessa linguagem verbo-imagética, verificamos as metonímias OCUPAÇÃO PELA PESSOA e PESSOA PELA OCUPAÇÃO com as metonímias situadas *Presidente do PT por Lula* e *Lula por presidente do PT*, estruturadas pelo esquema de imagem PARTE-TODO, já que a habilidade de liderar é uma parte constituinte da pessoa.

Finalmente, o último domínio, CORPO HUMANO, foi ativado pela imagem do rosto de Lula e, também, pela legenda da foto. Nele, identificamos as metonímias ROSTO PELA PESSOA e *Rosto de Lula por Lula* originadas pelo padrão metonímico PARTE PELO TODO, sendo estruturados, também, pelo esquema de imagem PARTE-TODO.

Os resultados dessas conceptualizações de Lula reforçam que a greve liderada por ele foi compreendida como negativa e imoral, de modo que o foco foi a condenação do presidente do PT por um movimento grevista considerado ilegal e não a sua busca por melhores condições trabalhistas. Essa construção de significado foi semelhante as conceptualizações de Lula nas capas anteriormente estudadas.

Quadro 5 - Síntese acerca da conceptualização de Lula na capa da edição 652, publicada em 04/03/1981

<b>Domínio(s) da metáfora</b>	<i>Frame(s)</i>	<b>Expressões verbais</b>	<b>Expressões imagéticas</b>	<b>Contexto</b>	<b>Metáfora(s) conceptual(ais)</b>	<b>Metáfora(s) situada(s)</b>	<b>Esquema(s) imagético(s)</b>
ESPAÇO	POSIÇÃO	Expressão linguística: “condenado”  Legenda da foto: “Luís Inácio da Silva (Lula) presidente do PT”	Imagem do rosto de Lula	Contexto: Lula líder do Partido dos Trabalhadores, condenado por ter violado a Lei de Segurança Nacional	RUIM É PARA BAIXO	_____	CIMA-BAIXO
<b>Domínio(s) da metonímia</b>	<i>Frame(s)</i>				<b>Metonímia(s) conceptual(ais)</b>		<b>Esquema(s) imagético(s)</b>
JUSTIÇA	PODER JUDICIÁRIO				CONDIÇÃO PELA PESSOA	<i>Condenado por Lula</i>	FORÇA PROCESSO
POLÍTICA	AGENTE POLÍTICO				PESSOA PELA OCUPAÇÃO	<i>Lula por presidente do PT</i>	PARTE-TODO
CORPO HUMANO	ROSTO				OCUPAÇÃO PELA PESSOA	<i>Presidente do PT por Lula</i>	
				PARTE PELO TODO	<i>Rosto de Lula por Lula</i>		
				ROSTO PELA PESSOA			

Fonte: Elaborado pela autora



Tempos depois da publicação da capa anterior, o contexto se apresentava um pouco distinto, de modo que havia, segundo Moraes (2021), uma perspectiva de que a ditadura estava próxima de ser finalizada. Para o autor, a redemocratização do Brasil era prevista devido à absolvição de Lula no caso da greve, à aprovação da anistia (perdão concedido por ato de poder público) e à convocatória do general Figueiredo, sob a lei n.6978 (que estabeleceu normas para o período eleitoral de 1982) estabelecida para as eleições diretas, livres e secretas para governadores, vice-governadores, senadores, deputados federais e estaduais, prefeitos, vice-prefeitos e vereadores no dia 15 de novembro de 1982 (a última votação para governadores tinha sido em 1965).

No entanto, para ocorrer, de fato, a volta da democracia plena do país, faltavam as eleições diretas para presidente da República, que apenas aconteceram, em 1989 (um ano após a Assembleia Nacional Constituinte), como vai ser abordado nas capas seguintes.

De todo modo, as eleições para governadores, nesse período, já eram uma conquista. Em São Paulo, o PT apostou na candidatura de Lula. Assim, como os votos ainda eram manuais, tal partido providenciou a alteração oficial no nome de Luiz Inácio da Silva para Luiz Inácio Lula da Silva, a fim de evitar que os votos destinados apenas a “Lula” fossem anulados. Dessa forma, foi necessária, também, a mudança no nome de Marisa e dos quatro filhos de Lula para a inclusão do apelido, então todos passaram a ter o sobrenome “Lula da Silva”.

Porém esse não era o único problema para alavancar a campanha do partido, pois havia, ainda, a falta de recursos. Marisa tinha feito um curso gratuito de *silk-screen* na Prefeitura de São Bernardo do Campo, o que a permitiu montar um ateliê-oficina, sendo operado por ela mesma para imprimir camisetas com a estrela do PT, o nome do marido, como candidato a governador, e o do seu vice Hélio Bicudo, que era advogado. Na ocasião, Marisa conseguiu produzir 22 mil camisetas.

Além disso, Lula fazia suas viagens pelo estado de automóvel e, quando não havia comício organizado, ele ficava no estribo do fusca com um megafone, rodando a cidade e fazendo sua propaganda. Ademais, como não tinha recursos financeiros para contratar institutos de pesquisa, Lula analisava a sua popularidade a partir da quantidade de pessoas presentes nas praças e nos comícios (MORAIS, 2021).

Ainda conforme Moraes (2021), na ditadura, havia a Lei Falcão (criada pelo ministro da Justiça de Geisel, Armando Falcão), na qual era postulado que, em programas eleitorais de televisão, deveria aparecer somente a fotografia do candidato e um locutor,

quem, brevemente, realizava a leitura da biografia do político que pleiteava o cargo. Como o PT tinha o objetivo de atrair o público de classes sociais mais populares, depois do anúncio da sucinta biografia do candidato, era dito: “Um brasileiro igualzinho a você” (MORAIS, 2021, p.392). Contudo, considerando que alguns candidatos do partido tinham condenações na biografia, eram normais textos como, por exemplo: “Fulano de tal, ex-membro da guerrilha urbana, condenado a cinquenta anos de prisão. Um brasileiro igualzinho a você” (MORAIS, 2021, p.392). Tempos depois, segundo Moraes (2021), ao se lembrar disso, Lula dizia o seguinte:

Nossas campanhas pareciam prontuários policiais. Nossos candidatos pareciam um bando de fugitivos da cadeia [...]. A minha propaganda era assim: ‘Luiz Inácio Lula da Silva – ex-tintureiro. Ex-engraxate. Ex-metalúrgico. Ex-dirigente sindical. Ex-presos político. Um brasileiro igualzinho a você’. Mas ninguém queria ser igual a mim [...]. O eleitor queria ser igual a [Eduardo] Suplicy, que era rico, bonito, formado em economia, com pós-graduação no exterior! (MORAIS, 2021, p.392).

Com esse contexto e relato, percebemos um pouco da trajetória de Lula para ganhar destaque no meio político e, também, como essa reflexão a propósito da sua campanha eleitoral ratifica o que abordaremos em capas seguintes acerca das manchetes da *Veja* que o apresentam como um candidato operário, a exemplo da capa que foi publicada em novembro de 1989.

Ainda em 1985, conforme Moraes (2021) e como já anteriormente mencionado, Lula havia viajado para Cuba, onde havia um seminário organizado por Fidel Castro acerca da dívida externa dos países pobres com instituições financeiras internacionais. Na ocasião, Lula estava frustrado em relação à política, e Fidel, ao saber que o petista estava em Havana, convidou-o para um diálogo. Após escutar as queixas do ex-sindicalista, Fidel disse o seguinte:

Escuta, Lula: desde que a humanidade inventou o voto, inventou as eleições, nenhum trabalhador... repito, nenhum trabalhador, nenhum operário, em nenhum lugar do mundo... recebeu um milhão de votos<sup>47</sup>, como aconteceu com você. Se permite a opinião de alguém mais velho e mais experiente, ouça o que estou dizendo: você não tem o direito de abandonar a política. Você não tem o direito de fazer isso com a classe trabalhadora (MORAIS, 2021, p.398).

---

<sup>47</sup> Esse episódio faz referência ao ano de 1982, quando Lula tinha recebido 1 144 648 votos nas eleições para governador de São Paulo. Durante a campanha eleitoral, a popularidade do petista havia crescido, com isso, ele acreditava vencer as eleições, porém ficou em quarto lugar, o que o deixou frustrado (MORAIS, 2021).

Lula ouviu Fidel Castro e um ano depois, em 1986, foi candidato a deputado federal com 651 763 votos. Na época, foi a maior votação concedida a um parlamentar no país (MORAIS, 2021).

Um ano antes da sua eleição para deputado federal, em dezembro de 1985, foi publicada a edição 903 da Revista *Veja*. Nesse momento, na reportagem de capa dessa edição, intitulada *A estrela do partido*, foi destacada a extensão de território conquistada pelo PT. De acordo com a *Veja* (1985), em 1979, o tamanho do PT era compatível com uma cela do DOPS e tinha uma bancada composta por cinco deputados federais que caberia dentro de um Fiat<sup>48</sup>, sendo, portanto, a menor do Congresso Nacional.

Entretanto, depois da eleição para prefeito em 15 de novembro de 1985, quando Maria Luíza Fontenele<sup>49</sup>, do PT, foi eleita a prefeita de Fortaleza, o partido prosperou. Lula fortaleceu a Campanha Nacional de Filiações e, assim, o partido já contava com 320.000 filiados em todo o país, com a perspectiva de, em 1986, alcançar 1 milhão de filiados. Ligado aos sindicatos, o partido ganhou espaço nas cidades e nos campos, pois, por meio da CUT (Central Única dos Trabalhadores), o PT controlava o Sindicato dos Metalúrgicos em São Bernardo do Campo, em São Paulo, além do Sindicato dos Bancários do Rio de Janeiro, do Sindicato dos Bancários de São Paulo e do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Miraguá, no Rio Grande do Sul.

O Partido dos Trabalhadores, cresceu, inicialmente, nas seguintes capitais brasileiras: Manaus, Goiânia, Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Vitória, Aracaju e Fortaleza. Por fim, posteriormente, ainda segundo a *Veja* (1986), os movimentos do PT agitaram o governo do presidente José Sarney<sup>50</sup>, quem declarou que tal partido pregava uma sublevação, a fim de promover uma eleição em 1986. A seguir, estudemos a capa mencionada:

---

<sup>48</sup> FIAT (*Fabbrica Italiana Automobili Torino*) é uma marca de automóveis, associada à Stellantis, um dos maiores fabricantes de automóveis do mundo. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/FIAT>. Acesso em: 05 de julho de 2021.

<sup>49</sup> Maria Luíza Fontenele foi prefeita de Fortaleza entre 1986 e 1989 e foi a primeira mulher a ganhar a prefeitura de uma capital de estado brasileiro. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Maria\\_Lu%C3%ADza\\_Fontenele](https://pt.wikipedia.org/wiki/Maria_Lu%C3%ADza_Fontenele). Acesso em 05 de julho de 2021.

<sup>50</sup> José Sarney, no início de 1985, era o vice-presidente de Tancredo Neves (presidente da república, porém não empossado). No entanto, com o falecimento desse último em 21 de abril de 1985, Sarney, em conformidade com o artigo 76º da Constituição, assumiu a presidência até 1990, sendo o 31º presidente do Brasil. Disponível em: <https://josesarney.org/presidencia/>. Acesso em 05 de julho de 2021.

Figura 20 – Capa da Revista *Veja*, edição 903, publicada em 25/12/1985



Fonte: Arquivo Digital Veja

Nessa edição, encontramos o domínio SER VIVO e o *frame* SER HUMANO, evocados pelos verbos “crescer” e “agitar” presentes na manchete “O PT cresce e agita”. Isso mostra que o partido político foi compreendido, metaforicamente, como uma entidade com características que podem ser atribuídas aos humanos, e, metonimicamente, como Lula.

Assim, identificamos a metáfora conceptual (ontológica) INSTITUIÇÃO É SER VIVO, tendo como metáforas situadas *Partido político é ser vivo* e *PT é ser humano*; além de verificarmos o domínio ESPAÇO e o *frame* POSIÇÃO, associando-se à metáfora orientacional BOM É PARA CIMA, que apoia a situada *PT é ser humano em crescimento*. Esses processos cognitivos foram acionados pela expressão linguística “O PT cresce e agita” e também pela imagem de Lula (presidente do partido) direcionando o olhar para cima. Somados a isso, tais mecanismos foram estruturados pelos esquemas imagéticos ESCALA e CIMA-BAIXO, pois o PT está crescendo e agitando, e, ainda, pelo esquema LIGAÇÃO, porque o partido foi associado a Lula – a estrela do PT, como foi intitulada a reportagem de capa, e, também, porque foi o político quem protagonizou a capa com a sua imagem.

Além disso, acionamos o domínio POLÍTICA juntamente com os *frames* PARTIDO POLÍTICO e AGENTE POLÍTICO, que foram instanciados pela sigla “PT”, pela cor vermelha e, ainda, pela imagem de Lula. Associadas a esse domínio, verificamos as seguintes metonímias: PESSOA POR INSTITUIÇÃO (decorrente da metonímia TODO PELA PARTE) e sua metonímia situada *Lula por PT*, já que Lula é um representante proeminente do PT; e, também, INSTITUIÇÃO PELA PESSOA juntamente com a metonímia situada *PT por Lula*, pois Lula é o destaque na capa ligado ao partido. O PT pode ser compreendido, então, como o próprio presidente do partido, ou seja, houve o acionamento da metonímia TODO PELA PARTE. Tais metonímias foram estruturadas pelos esquemas de imagem LIGAÇÃO e PARTE-TODO.

Ademais, pela cor vermelha no fundo da capa e pelo fato de o PT ser um partido de esquerda, evocamos o domínio COR, constituído também pelo *frame* VERMELHO. Nesse sentido, identificamos a metáfora conceptual multimodal COR É INSTITUIÇÃO, bem como a situada *Vermelho é esquerda*. Logo, esses mecanismos cognitivos foram estruturados pelo esquema imagético LIGAÇÃO, pois tal cor, no Brasil, está ligada à esquerda. Ressaltamos, ainda, que dessas metáforas decorrem as metonímias COR POR INSTITUIÇÃO e *Vermelho por esquerda/PT*. Estas, por sua vez, são estruturadas pelo esquema imagético PARTE-TODO devido à contiguidade entre os domínios e *frames* estabelecida pela sua relação cristalizada na cultura brasileira, o que configura a metaftonímia. Ou seja, o MCI da ideologia política esquerda pode ser evocado pela cor vermelha. Consideramos esse processo metaftonímico porque, apesar de os domínios COR e POLÍTICA estarem ligados metaforicamente em diversas culturas, o *frame* VERMELHO não é associado metonicamente ao *frame* ESQUERDA em todos os modelos culturais.

O último domínio acionado foi CORPO HUMANO, bem como o *frame* BUSTO a partir da imagem de Lula. Assim, encontramos, novamente, as metonímias BUSTO PELA PESSOA e PARTE PELO TODO, estruturadas pelo esquema de imagem PARTE-TODO. Portanto, notamos que a repetição do acionamento desse domínio já pode revelar o padrão de organização de uma capa de revista, no que concerne às chamadas para reportagem sobre o PT e o seu presidente à época.

Mediante a conceptualização de Lula nessa capa, inferimos que, à medida que o PT e o seu presidente crescem, o governo, conforme a *Veja* (1985), compreende tal crescimento como uma ameaça, qualificando os movimentos do partido como uma sublevação, ou seja, uma rebelião. Isso é apresentado tanto no contexto quanto na

manchete do veículo de comunicação por meio do item léxico “agita”. O verbo “agitar”, por sua vez, é definido pelo Dicionário Aulete Digital<sup>51</sup> como uma ação que estimula ou incita a revolta, sublevação, reivindicação, protesto etc., além também de um sentido mais neutro: mover-se e, frequentemente, mexer-se. Mas com a prevalência de acepções que expressam as ações anteriormente citadas.

Desse modo, esse entendimento atualiza, no domínio SER VIVO e no *frame* CRESCIMENTO, a metonímia CAUSA-CONSEQUÊNCIA e a metonímia situada *Crescimento do pt por sublevação*, estruturadas pelos esquemas de imagem PROCESSO, visto que há uma ação que desencadeia outra, e ESCALA, pois há a perspectiva de crescimento do partido. Essa percepção contradiz a compreensão de que o crescimento do partido seria um aspecto positivo e corrobora, novamente, uma imagem negativa e imoral de Lula.

A seguir, vejamos o quadro síntese acerca dessas conceptualizações:

---

<sup>51</sup> Disponível em: <https://aulete.com.br/agitar>. Acesso em 05 de agosto de 2022.

Quadro 6 - Síntese acerca da conceptualização de Lula na capa da edição 903, publicada em 25/12/1985

<b>Domínio(s) da metáfora</b>	<i>Frame(s)</i>	<b>Expressões verbais</b>	<b>Expressões imagéticas</b>	<b>Contexto</b>	<b>Metáfora(s) conceptual(ais)</b>	<b>Metáfora(s) situada(s)</b>	<b>Esquema(s) imagético(s)</b>
SER VIVO	SER HUMANO	Expressão linguística: “o PT cresce e agita”	Imagem do busto de Lula com um plano de fundo na cor vermelha	Contexto: trajetória de Lula para promover o PT	INSTITUIÇÃO É SER VIVO	<i>Partido político é ser vivo</i>  <i>PT é ser humano</i>	LIGAÇÃO
ESPAÇO	POSIÇÃO				BOM É PARA CIMA	<i>PT é ser humano em crescimento</i>	ESCALA
COR	VERMELHA				COR É INSTITUIÇÃO	<i>Vermelho é esquerda</i>	LIGAÇÃO
<b>Domínio(s) da metonímia</b>	<i>Frame(s)</i>				<b>Metonímia(s) conceptual(ais)</b>	<b>Metonímia(s) situada(s)</b>	<b>Esquema(s) imagético(s)</b>
POLÍTICA	AGENTE POLÍTICO ESQUERDA				PESSOA PELA INSTITUIÇÃO	<i>Lula por PT</i>	PARTE-TODO
					PARTE PELO TODO		
					INSTITUIÇÃO PELA PESSOA	<i>PT por Lula</i>	
					TODO PELA PARTE		
SER VIVO	CRESCIMENTO				CAUSA-CONSEQUÊNCIA	<i>Crescimento do PT por Sublevação</i>	PROCESSO ESCALA CIMA-BAIXO
COR	VERMELHA				COR POR INSTITUIÇÃO	<i>Vermelho por esquerda/PT</i>	PARTE-TODO
CORPO HUMANO	BUSTO	BUSTO PELA PESSOA	<i>Busto de Lula pela pessoa</i>				

Fonte: Elaborado pela autora

A próxima capa a ser estudada será a da edição 1095, publicada em setembro de 1989. Nesse ano, os cidadãos brasileiros foram às urnas para eleger o novo presidente da República, sendo, depois de 29 anos, a primeira eleição por voto direto. Além desses fatos importantes, essa eleição foi marcada pelo uso inaugural de um sistema de totalização informatizado, contribuindo para a continuidade da modernização dos trabalhos da Justiça Eleitoral. Isso promoveu a criação de um cadastro único e a adoção de um novo título eleitoral. A apuração e os seus mapas de totalização ainda eram feitos manualmente, contudo a somatória destes foi feita por meio de um sistema eletrônico (TRIBUNAL REGIONAL ELEITORAL-PR, 2021)<sup>52</sup>.

Nessa eleição, segundo a Memória Globo (2021)<sup>53</sup>, Fernando Collor foi a grande novidade, porque, embora tenha se candidatado por um partido pouco conhecido, liderou as pesquisas sobre intenções de voto. Ele tinha “um discurso agressivo contra o governo de José Sarney e uma política de marketing que enfatizava a imagem de político independente, jovem e empreendedor” (MEMÓRIA GLOBO, 2021). No que diz respeito a Lula, tal veículo de comunicação aborda a participação ativa do petista nas campanhas pelas Diretas Já e o fato de ele ter sido eleito, em 1986, deputado federal por São Paulo com o maior número de votos. Vejamos, então, as conceptualizações de Lula na capa da edição 1095:

---

<sup>52</sup> MEMÓRIAS ELEITORAIS: ELEIÇÕES 1989 - A PRIMEIRA COM MAPAS DE TOTALIZAÇÃO INFORMATIZADOS. *Tribunal Regional Eleitoral-PR*, 2021. Disponível em: <https://www.tre-pr.jus.br/comunicacao/noticias/2021/Julho/memorias-eleitorais-eleicoes-1989-a-primeira-com-mapas-de-totalizacao-informatizados>. Acesso em: 05 de agosto de 2022.

<sup>53</sup> ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS – 1989. *Memória Globo*, 2021. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/eleicoes-presidenciais-1989/noticia/eleicoes-presidenciais-1989.ghtml>. Acesso em 05 de agosto 2022.



Figura 21 – Capa da Revista *Veja*, edição 1095, publicada em 06/09/1989



Fonte: Arquivo Digital Veja

Nessa capa, o domínio MATÉRIA e o *frame* MATERIAL RÍGIDO foram ativados. A partir da ativação desses elementos, identificamos a metáfora primária DIFICULDADE É MATERIAL RÍGIDO ligada à metáfora situada *Trajectoria política difícil de Lula é material rígido*, estruturadas pelos esquemas imagéticos PROCESSO e ORIGEM-PERCURSO-META.

Esse acionamento foi realizado, porque, na manchete “A dura jornada de Lula na sucessão”, especificamente os itens léxicos “dura jornada” indicam um trajeto composto por dificuldade, evidenciada pelo item léxico “dura”. Ademais, a expressão franzida de Lula apresenta uma expressão aflitiva, o que, também, revela essa situação de dificuldade. Logo, nesse trajeto, há uma meta a ser alcançada: ganhar a eleição – ação percebida não só pelo objetivo de uma campanha eleitoral, mas também pelo gesto da imagem de Lula com o braço direito erguido, em busca de uma vitória, o que nos leva ao acionamento da metáfora orientacional BOM É PARA CIMA, associada ao domínio ESPAÇO e ao *frame* POSIÇÃO e estruturada pelo esquema de imagem CIMA-BAIXO.

Ademais, considerando os itens léxicos “jornada” e “sucessão”, ativamos o domínio VIAGEM, bem como o *frame* TRAJETÓRIA. Isso possibilita a compreensão da eleição, contexto em que a capa foi publicada, como uma viagem. Assim, há as metáforas conceptuais ELEIÇÃO É VIAGEM e CANDIDATO É VIAJANTE ligadas à metáfora situada *Lula é viajante*. Tais mecanismos cognitivos foram estruturados pelos esquemas imagéticos ORIGEM-PERCURSO-META e PROCESSO, visto que há um objetivo a ser alcançado e uma sucessão entre candidatos.

O *frame* ELEIÇÃO está ligado com o domínio POLÍTICA, e foram evocados pela cor vermelha no fundo da capa, pela sigla do PT – o que aciona também o *frame* PARTIDO POLÍTICO – e pelo item léxico “candidato” – que, juntamente com a imagem de Lula, possibilita que o *frame* AGENTE POLÍTICO também seja ativado –.

Assim, além dos elementos cognitivos já indicados, identificamos, o domínio COR e o *frame* VERMELHO, bem como a metáfora conceptual COR É INSTITUIÇÃO e a metáfora situada *Vermelho é esquerda*, das quais, em um processo metaftonímico, decorrem as metonímias COR POR INSTITUIÇÃO e PARTE PELO TODO associadas à metonímia situada *Vermelho por esquerda/PT*.

Somado a isso, identificamos, devido à bandeira do fundo da capa com a estrela como símbolo do PT, o domínio SÍMBOLO e o *frame* ESTRELA. Nesse sentido, acionamos a metonímia SÍMBOLO POR INSTITUIÇÃO, apoiando a metonímia situada *Estrela por PT*. Por fim, esses processos foram estruturados pelos esquemas imagéticos LIGAÇÃO e PARTE-TODO, uma vez que há uma relação de continuidade entre os domínios ao enfatizar determinados aspectos em detrimento de outros.

Ainda, ativamos o domínio TRABALHO e o *frame* OPERÁRIO, instanciados pelo item léxico “operário”. Tais elementos fazem referência a Lula, pois há o nome dele na capa e também a sua imagem em destaque. Desse modo, foi encontrada a metonímia FUNÇÃO PELA PESSOA e a metonímia situada *Candidato operário por Lula*, sendo estruturadas pelo esquema de imagem PARTE-TODO.

Através da sigla PT, da cor vermelha, dos itens léxicos “Lula” e “candidato” e da imagem do petista, mediante o domínio POLÍTICA, além da metáfora, também foram encontrados processos metonímicos: PESSOA PELO PARTIDO POLÍTICO e PARTIDO POLÍTICO PELA PESSOA; e suas respectivas metáforas situadas *Lula pelo PT* e *PT por Lula*. Tais elementos cognitivos foram estruturados pelos esquemas imagéticos LIGAÇÃO e PARTE-TODO, porque há uma relação cristalizada entre o partido e Lula, promovendo, também, uma contiguidade.

Por fim, o domínio CORPO HUMANO e o *frame* BUSTO se repetiram como nas capas anteriores, sendo ativados mediante a imagem do candidato. Então, verificamos a metonímia BUSTO PELA PESSOA juntamente com *Busto de Lula por Lula*, estruturadas pelo esquema de imagem PARTE-TODO.

Em suma, Lula foi conceptualizado como um candidato viajante que faz uma trajetória política passando por obstáculos. Essa compreensão somada ao adjetivo operário que foi direcionado ao candidato na manchete nos levam a inferir que relacionar a profissão ao candidato é uma estratégia persuasiva. No caso em questão, o item léxico “operário” pode fazer referência à classe operária, que diz respeito à pessoa encarregada de exercer um trabalho mecânico ou manual, isto é, ao indivíduo que vende a sua força de trabalho. Essa profissão, por um lado, poderia levar o leitor da revista (o conceptualizador) a associar tal profissão a uma pessoa de baixa renda que poderia ter, por conseguinte, pouca escolaridade. Assim, Lula poderia ser considerado como um candidato sem qualificação para o cargo da presidência do Brasil.

Por outro lado, o conceptualizador poderia se identificar com o contexto do candidato e acreditar que este teria empatia pela classe trabalhadora, caso fosse eleito. No entanto, é preciso considerar o público-alvo da *Veja*, bem como o fato de o acesso à revista ocorrer mediante pagamento, o que restringe, ainda mais, o seu público. Nesse sentido, inferimos que a grande maioria dos leitores desse periódico, provavelmente, por não fazer parte da classe operária, pode não se identificar com o candidato, o que corrobora a carga negativa direcionada à profissão de Lula. Estratégias persuasivas como essa promovem o acionamento de *frames* pouco positivos que acionam conhecimentos elaborados a partir de preconceitos criados acerca do petista.

Por fim, verifiquemos, portanto, o quadro síntese dessas conceptualizações.

Quadro 7 - Síntese acerca da conceptualização de Lula na capa da edição 1095, publicada em 06/09/1989

Domínio(s) da metáfora	Frame(s)	Expressões verbais	Expressões imagéticas	Contexto	Metáfora(s) conceptual(ais)	Metáfora(s) situada(s)	Esquema(s) imagético(s)
MATÉRIA	MATERIAL RÍGIDO	Expressão linguística: “A dura jornada de Lula na sucessão”  Sigla: “PT”	Imagem do busto de Lula com a bandeira do partido como plano de fundo  Imagem da bandeira vermelha composta pelo símbolo “estrela”	Contexto: período de eleições	DIFICULDADE É MATERIAL RÍGIDO	<i>Trajectoria difícil de Lula é material rígido</i>	FORÇA CONTRA-FORÇA  DENTRO-FORA  ESCALA
					POLÍTICO É COMPETIDOR	<i>Lula é competidor</i>	
VIAGEM	TRAJETÓRIA				ELEIÇÃO É VIAGEM		ORIGEM-PERCURSO-META  PROCESSO
					CANDIDATO É VIAJANTE	<i>Lula é viajante</i>	
ESPAÇO	POSIÇÃO				BOM É PARA CIMA	_____	
COR	VERMELHA				COR É INSTITUIÇÃO	<i>Vermelho é esquerda</i>	LIGAÇÃO
Domínio(s) da metonímia	Frame(s)						
TRABALHO	OPERÁRIO				OCUPAÇÃO PELA PESSOA	<i>Candidato operário por Lula</i>	PARTE-TODO
SÍMBOLO	ESTRELA				SÍMBOLO POR INSTITUIÇÃO	<i>Estrela por PT</i>	
POLÍTICA	AGENTE POLÍTICO ESQUERDA				PESSOA PELA INSTITUIÇÃO	<i>Lula pela esquerda</i>	

					OCUPAÇÃO PELA PESSOA	<i>Candidato por Lula</i>	
COR	VERMELHA				COR POR INSTITUIÇÃO PARTE PELO TODO	<i>Vermelho por esquerda/PT</i>	
CORPO HUMANO	BUSTO				BUSTO PELA PESSOA	<i>Busto de Lula pela pessoa</i>	

Fonte: Elaborado pela autora

A próxima capa é a da edição 1101, publicada em outubro de 1989, ainda no período das eleições. Conforme Jinkings *et al* (2019), nesse momento, no primeiro turno, Fernando Collor alcançou 20,6 milhões de votos; enquanto Lula, 11,6 milhões, Brizola<sup>54</sup>, 11,1 milhões; e Mário Covas, 7,8 milhões. Já no segundo turno, Collor obteve 35 milhões, Lula, 31 milhões, e Brizola direcionou praticamente todos os seus votos para o petista. Sobre essa relação com Brizola, Lula diz o seguinte:

O Brizola era uma figura extraordinária. O problema do Brizola é que era uma figura muito forte. Ele era uma pessoa pouco dada a ouvir. Sabe aquele tipo de líder que não gosta de ouvir? Que senta numa reunião e só fala? Mas houve um episódio muito engraçado com o Brizola, que foi no segundo turno de 1989. Nós estabelecemos uma conversa com ele e fomos à casa dele lá na avenida Atlântica, em Copacabana [...]. Começamos a conversar, e o Brizola diz: ‘Olha, Lula, eu queria te dizer que, no negócio da eleição, houve um empate técnico. Quinhentos votos não é muita coisa. Então, o que eu acho? Acho que eu e você deveríamos retirar a candidatura e apoiar o Mário Covas’. Falei: ‘Ô, Brizola, isso aqui não é pesquisa! É um resultado eleitoral. Se o povo quisesse votar no Mário Covas, teria votado [...]. Eu ganhei as eleições, eu quero conversar com você sobre o teu apoio, rapaz!’ [...]. Foi [...] uma avalanche. Quando fui conversar com o Brizola, já havia pesquisa de 75% dos eleitores dele tinham definido voto em mim no segundo turno. (JINKINGS *et al*, 2019, p.94-95).

Diante disso, percebemos que, embora a Revista *Veja*, conforme veremos a seguir, tenha apresentado Lula e Brizola como candidatos da esquerda que brigam para vencer, eles se apoiavam, de acordo com Jinkings *et al*. (2019).

---

<sup>54</sup> Nas palavras de Jinkings *et al* (2019): “Leonel Brizola foi um dos principais políticos do Brasil. Como governador do Rio Grande do Sul, ganhou projeção nacional ao liderar em 1961 a Campanha pela Legalidade para garantir a posse de João Goulart na Presidência, após a renúncia de Jânio Quadros, em 1961. Exilado depois do golpe de 1964, voltou ao Brasil em 1979, com a anistia. Fundou o PDT, elegeu-se governador do Rio de Janeiro em 1982 e, no cargo, revolucionou a educação no Estado com o lançamento dos Centros Integrados de Educação Pública (Cieps). Candidato a presidente em 1989, perdeu a vaga no segundo turno por pequena margem para Lula, apoiando-se vigorosamente na segunda etapa do pleito. Foi eleito outra vez governador do Rio de Janeiro em 1990. Uma das marcas de Brizola foi seu corajoso combate ao monopólio e às posições [...] da Rede Globo. Morreu em 21 de junho de 2004 devido a um infarto”. (JINKINGS *et al*, 2019, p.57).

Figura 22 – Capa da Revista *Veja*, edição 1101, publicada em 17/10/1989



Fonte: Arquivo Digital Veja

Nesta edição, ativamos o domínio JOGO e os *frames* BARALHO e COMPETIÇÃO, sendo este último associado, também, ao *frame* BRIGA devido à expressão linguística “[...] na briga pelo segundo turno”, o que revela uma competição no período eleitoral. Esse acionamento também foi instanciado a partir da imagem de cartas de baralho, sendo o Ás de copas composto pela figura de Lula.

Diante desse domínio, notamos que Lula foi conceptualizado como uma carta de baralho, especificamente um Ás de copas. O Ás equivale ao número 1 e, em alguns jogos de baralho, é considerado a carta mais alta. O naipe, copas, faz referência ao outono, estação do ano que é a transição entre o verão e o inverno. Essa última estação é caracterizada pelo naipe Rei de espadas (rei Davi), composta pela figura de Brizola. O Rei de espadas é uma carta que representa um poder supremo, o qual devemos respeitar, sendo, ainda, relacionada à inteligência. Assim, identificamos a metáfora conceptual multimodal SER HUMANO É OBJETO juntamente com a metáfora situada *Lula é carta de baralho*.

Conforme o Aulete Digital<sup>55</sup>, o item léxico “briga” pode ser compreendido como competição e disputa. Por isso, encontramos também, relacionada com o domínio JOGO, a metáfora conceptual multimodal POLÍTICO É COMPETIDOR e a metáfora situada *Lula é competidor*. Isso porque, na capa, é dito que Lula “entra na briga” – o que aciona, também, a metáfora primária SITUAÇÃO É RECIPIENTE – ou seja, Lula entrou na competição do período eleitoral que foi entendido em termos de um jogo.

Os domínios-alvo (político e Lula) foram acionados pelo contexto, pelas expressões linguísticas “esquerda” e “segunda turno” e pelas imagens de representantes políticos. Por fim, os esquemas de imagem que estruturaram tais metáforas são FORÇA, DENTRO-FORA e ESCALA, visto que há uma competição na qual Lula começa a participar, ou seja, entra para o jogo e promove a ascensão da esquerda. No caso do esquema de FORÇA, encontramos, mais especificamente, CONTRA-FORÇA, pois há uma competição entre dois lados da esquerda igualmente fortes, mas há uma promoção maior de Lula quando ele encosta em Brizola, o que podemos verificar no resultado do primeiro turno, em que Lula alcança o segundo lugar.

Em relação à metonímia, identificamos PESSOA PELA OCUPAÇÃO juntamente com *Lula por competidor* e *Lula por candidato*, decorrentes da metonímia TODO PELA PARTE. Esses processos cognitivos foram estruturados pelos esquemas imagéticos FORÇA e DENTRO-FORA, já que Lula ganhou força ao entrar na competição, e PARTE-TODO, visto que, quando Lula foi compreendido como um candidato e um competidor, essas funções são parte da contiguidade de construção de sentido dele.

Paralelo a isso, foram evocados o domínio VIAGEM e o *frame* TRAJETÓRIA, bem como o domínio POLÍTICA e os *frames* AGENTE POLÍTICO, ESQUERDA e ELEIÇÃO. Os dois primeiros foram ativados porque os termos “esquerda sobe” e “Lula encosta [...] no segundo turno” levaram-nos a compreender a eleição como uma trajetória, uma vez que os candidatos da esquerda fizeram um percurso para chegar ao objetivo de vencer a competição, isto é, a participação do candidato em uma eleição foi entendido como um agente que se desloca no espaço. Nesse sentido, acionamos também a metáfora conceptual (orientacional) BOM É PARA CIMA (ancorada no domínio ESPAÇO e no *frame* POSIÇÃO), bem como as metáforas conceptuais ELEIÇÃO É VIAGEM e CANDIDATO É VIAJANTE, ligadas à metáfora situada *Lula é viajante*, que são estruturadas pelos esquemas de imagem ORIGEM-PERCURSO-META e ESCALA. Já

---

<sup>55</sup> Disponível em: <https://aulete.com.br/briga>. Acesso em 05 de agosto de 2022.



o domínio POLÍTICA foi acionado pelos seguintes aspectos verbo-imagéticos: Lula (imagético e verbal) e Brizola (imagético e verbal), esquerda (imagético e verbal) e segundo turno (verbal). Nele, reiteramos as metáforas conceptuais POLÍTICA É JOGO e ELEIÇÃO É VIAGEM, bem como adicionamos COR É INSTITUIÇÃO e, conseqüentemente, *Vermelho é esquerda*, os quais foram acionados pela cor de fundo da capa relacionada à tal ideologia política. Esses dois últimos processos cognitivos foram estruturados pelo esquema de imagem LIGAÇÃO; além disso, eles geram as metonímias COR POR INSTITUIÇÃO e *Vermelho por esquerda/PT*, estruturadas pelo esquema PARTE-TODO, caracterizando, então, a metaftonímia.

Ademais, no domínio POLÍTICA, verificamos as metonímias INSTITUIÇÃO PELA PESSOA e, ainda, PESSOA PELA INSTITUIÇÃO, pois Lula é, intrinsecamente, associado à esquerda, logo temos as metonímias situadas *Esquerda por Lula* e *Lula por esquerda*. Tais mecanismos cognitivos foram estruturados pelos esquemas-imagéticos LIGAÇÃO, porque Lula é metonimicamente associado à esquerda, e PARTE-TODO, pois ser filiado a um partido político de esquerda é uma parte de Lula.

Finalmente, como em outras capas, verificamos o domínio CORPO HUMANO e o *frame* ROSTO. A partir deles, acionamos as metonímias ROSTO PELA PESSOA com *Rosto de Lula pela pessoa*, decorrentes de PARTE PELO TODO, estruturadas pelo esquema imagético PARTE-TODO, como já temos assinalado ao longo da apresentação do estudo empreendido.

Vejamos, agora, um quadro síntese acerca dessas conceptualizações:

Quadro 8 - Síntese acerca da conceptualização de Lula na capa da edição 1101, publicada em 17/10/1989

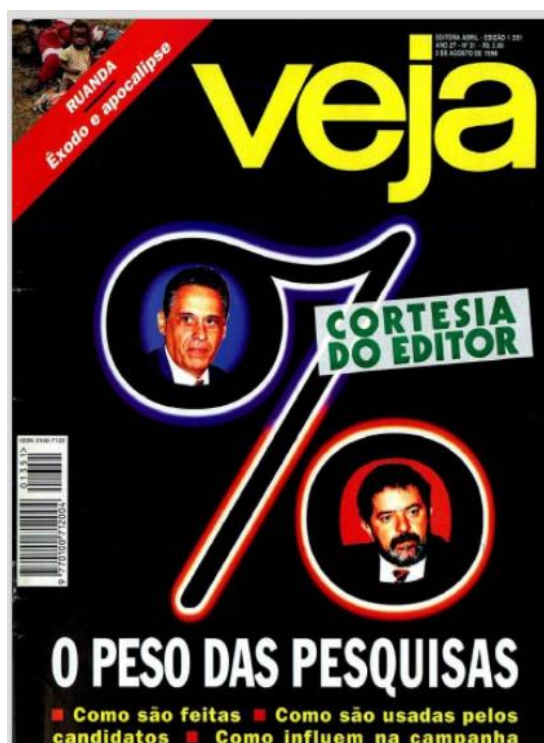
Domínio(s) da metáfora	Frame(s)	Expressões verbais	Expressões imagéticas	Contexto	Metáfora(s) conceptual(ais)	Metáfora(s) situada(s)	Esquema(s) imagético(s)
JOGO	BARALHO COMPETIÇÃO BRIGA	Expressão linguística: “Lula encosta em Brizola e entra na briga pelo segundo turno”	Imagem de carta de baralho com rosto de Lula em um plano de fundo vermelho	Contexto: período de eleições presidenciais	SER HUMANO É OBJETO	<i>Lula é carta de baralho</i>	FORÇA CONTRA-FORÇA  DENTRO-FORA  ESCALA
					POLÍTICO É COMPETIDOR	<i>Lula é competidor</i>	
VIAGEM	//TRAJETÓRIA	Expressão linguística: “a esquerda sobre”			ELEIÇÃO É VIAGEM CANDIDATO É VIAJANTE	<i>Lula é viajante</i>	ORIGEM-PERCURSO-META
ESPAÇO	POSIÇÃO				BOM É PARA CIMA	_____	ESCALA
COR	VERMELHA				COR É INSTITUIÇÃO	<i>Vermelho é esquerda</i>	LIGAÇÃO
Domínio(s) da metonímia	Frame(s)				Metonímia(s) conceptual(ais)	Metonímia(s) situada(s)	Esquema(s) imagético(s)
JOGO	BARALHO COMPETIÇÃO				PESSOA PELA OCUPAÇÃO TODO PELA PARTE	<i>Lula por competidor</i> <i>Lula por candidato</i>	PARTE-TODO
POLÍTICA	AGENTE POLÍTICO ESQUERDA				PESSOA PELA INSTITUIÇÃO	<i>Lula pela esquerda</i>	
					OCUPAÇÃO PELA PESSOA	<i>Candidato por Lula</i>	

COR	VERMELHA				COR POR INSTITUIÇÃO	<i>Vermelho por esquerda/PT</i>	
CORPO HUMANO	ROSTO				ROSTO PELA PESSOA	<i>Rosto de Lula pela pessoa</i>	

Fonte: Elaborado pela autora

A seguir, estudaremos como Lula foi conceptualizado na edição 1351, publicada em agosto de 1994. Nesse ano, foram oito candidatos à presidência, a saber: Fernando Henrique Cardoso - FHC<sup>56</sup> (PSDB-PFL), Luiz Inácio Lula da Silva (PT), Enéas Carneiro (PRONA), Orestes Quécia (PMDB), Leonel Brizola (PDT), Esperidião Amin (PPR), Carlos Antônio Gomes (PRN) e Hernani Fortuna (PSC). Após Collor renunciar à presidência em 1992 – pouco antes de ser condenado pelo Senado por crime de responsabilidade e ter seus direitos políticos suspensos por oito anos –, Lula era a preferência dos eleitores. Porém foi lançado o Plano Real, quando FHC era ministro da Fazenda (1993-1994), durante o governo de Itamar Franco, e isso estabilizou a economia no país, o que propiciou a popularidade de FHC (MEMÓRIA GLOBO, 2004<sup>57</sup>). Portanto, vejamos, agora, a capa que apresenta a eleição presidencial de 1994.

Figura 23 – Capa da Revista *Veja*, edição 1351, publicada em 03/08/1994



Fonte: Arquivo Digital Veja

<sup>56</sup>Para Jinkings et al (2019): “Fernando Henrique Cardoso foi presidente do Brasil entre 1995 e 2003, derrotando Lula nas eleições de 1994 (no primeiro turno, com 54% dos votos válidos) e 1998 (no primeiro turno, com 53% dos votos válidos [...]). Entre 1983 e 1992, foi senador por São Paulo. Um dos mais renomados sociólogos brasileiros, Fernando Henrique Cardoso teve uma trajetória da social-democracia ao neoliberalismo a partir dos anos 1990 e foi um dos incentivadores do golpe de Estado de 2015-2016 contra presidenta Dilma Rousseff”. (JINKINGS *et al*, 2019, p.32).

<sup>57</sup> ELEIÇÕES PRESIDENCIAIS – 1994. *Memória Globo*, 2021. Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/eleicoes-presidenciais-1994/>. Acesso em 14 de dez. 2021.

Nessa edição, 1351, evocamos o domínio ESTATÍSTICA, constituído pelos *frames* PORCENTAGEM e DADO ESTATÍSTICO. O primeiro domínio foi instanciado pelas imagens do símbolo de porcentagem e, também, do rosto dos candidatos. Mediante esse domínio, encontramos a metáfora conceptual (estrutural) SER HUMANO É NÚMERO e as metáforas situadas *Lula é porcentagem*, *Lula é dado estatístico* e *Lula é peso*. Nesse contexto, ao integrar a imagem do petista ao símbolo de porcentagem, como um dado estatístico, Lula foi conceptualizado pela *Veja* como um adversário que é um número, ou melhor, uma quantidade, mostrando que o resultado das pesquisas pode ser decisivo para vencer a eleição presidencial de 1994. Tais metáforas foram estruturadas pelos esquemas de imagem FORÇA e BALANÇA, pois, durante a campanha eleitoral, há uma força de Lula exercida nas porcentagens das pesquisas, as quais parecem estar em um equilíbrio entre tal candidato e FHC.

Identificamos, também, o domínio FORÇA, relacionado ao *frame* PESO, que foram instanciados pela expressão linguística “o peso das pesquisas” e pela imagem dos candidatos em lados opostos formando um símbolo de porcentagem. Conforme o dicionário Aulete Digital<sup>58</sup>, o peso é uma força que um corpo exerce sobre quaisquer obstáculos. No caso dessa edição, houve a força das pesquisas nas campanhas dos candidatos. Lula é um candidato que compõem o símbolo de porcentagem destacado. Diante disso, reforçamos a inferência de que Lula foi compreendido como uma porcentagem e, conseqüentemente, como um dado estatístico. Assim, verificamos a metáfora multimodal SER HUMANO É PESO com a metáfora situada *Lula é peso*, a qual foi estruturada pelo esquema de imagem FORÇA. Atrelado a isso, ainda, identificamos a metáfora conceptual (orientacional) RUIM É PARA BAIXO, estruturada pelo esquema imagético CIMA-BAIXO, devido à ilustração de Lula estar abaixo de FHC.

A partir da imagem da figura de Lula, da cor vermelha em volta do símbolo de porcentagem ligado a tal candidato, do item léxico “candidato”, do contexto do período eleitoral e do fato de tanto a cor quanto o agente político serem associados à esquerda, ativamos o domínio POLÍTICA, além dos *frames* AGENTE POLÍTICO, ESQUERDA e ELEIÇÃO. Diante disso, Lula foi compreendido como um candidato da esquerda e a eleição foi conceptualizada como uma porcentagem, ou seja, um dado estatístico. Logo, há a metáfora conceptual multimodal (estrutural) COR É INSTITUIÇÃO, associada à situada *Vermelho é esquerda/PT*, estruturadas pelo esquema imagético LIGAÇÃO, pois

---

<sup>58</sup> Disponível em: <http://www.aulete.com.br/peso>. Acesso em 14 de dez. 2020.

o vermelho é compreendido como uma ideologia política, a esquerda. Essas últimas metáforas desencadeiam a metonímia COR POR INSTITUIÇÃO e a metonímia situada *Vermelho por esquerda/PT*, estruturadas pelo esquema de imagem PARTE-TODO, porque, uma vez que essa conceptualização é cristalizada na sociedade, a cor vermelha é um aspecto que faz parte da esquerda e, conseqüentemente, do PT, sendo, portanto, um aspecto destacado.

Além disso, verificamos as metonímias PESSOA PELA INSTITUIÇÃO, com a metonímia situada *Lula pela esquerda*, e OCUPAÇÃO PELA PESSOA, com *Candidato por Lula*, estruturadas pelo esquema PARTE-TODO, uma vez que foi focalizado um aspecto do domínio SER HUMANO, mais especificamente, LULA, em detrimento de outros elementos.

Por fim, verificamos também o domínio CORPO HUMANO e o *frame* ROSTO, juntamente com a metonímia ROSTO PELA PESSOA e a metonímia situada *Rosto de Lula pela pessoa*, estruturada pelo esquema imagético PARTE-TODO.

Verifiquemos, agora, o resumo das conceptualizações antes descritas:

Quadro 9 - Síntese acerca da conceptualização de Lula na capa da edição 1351, publicada em 03/08/1994

<b>Domínio(s) da metáfora</b>	<b>Frame(s)</b>	<b>Expressões verbais</b>	<b>Expressões imagéticas</b>	<b>Contexto</b>	<b>Metáfora(s) conceptual(ais)</b>	<b>Metáfora(s) situada(s)</b>	<b>Esquema(s) imagético(s)</b>
ESTATÍSTICA	PORCENTAGEM DADO ESTATÍSTICO	Expressão linguística: “O peso das pesquisas”	Imagem dos rostos candidatos em lados opostos formando o símbolo de porcentagem	Contexto: período de eleições presidenciais	SER HUMANO É NÚMERO	<i>Lula é porcentagem Lula é dado estatístico/ Lula é peso</i>	FORÇA BLOQUEIO
FORÇA	PESO				SER HUMANO É PESO	<i>Lula é peso de balança</i>	ORIGEM-PERCURSO- META
COR	VERMELHA				RUIM É PARA BAIXO	<i>Vermelho é esquerda</i>	
<b>Domínio(s) da metonímia</b>	<b>Frame(s)</b>	Item léxico: “candidato”	Cor vermelha no símbolo da porcentagem		<b>Metonímia(s) conceptual(ais)</b>	<b>Metonímia(s) situada(s)</b>	<b>Esquema(s) imagético(s)</b>
POLÍTICA	AGENTE POLÍTICO ESQUERDA		Imagem do rosto de Lula		PESSOA PELA INSTITUIÇÃO	<i>Lula pela esquerda</i>	PARTE-TODO
					OCUPAÇÃO PELA PESSOA	<i>Candidato por Lula</i>	
COR	VERMELHA				COR POR INSTITUIÇÃO	<i>Vermelho por esquerda/PT</i>	PARTE-TODO
CORPO HUMANO	BUSTO				ROSTO PELA PESSOA	<i>Rosto de Lula pela pessoa</i>	PARTE-TODO

Fonte: Elaborado pela autora

A próxima capa é a da edição 1752, publicada em maio de 2002. Nela, é abordado o período em que Lula era, pela quarta vez, candidato à presidência, quando, ao buscar investidores, estabeleceu diálogos com banqueiros, industriais e fazendeiros. Nesse contexto, a *Veja* (2002) ouviu 26 instituições que representavam empresários e 21 organizações de trabalhadores acerca do temor gerado pelo PT. O empresariado se mostrou preocupado em relação ao tratamento que o PT iria dar à dívida externa, à taxa de juros e ao equilíbrio das contas públicas. Já os trabalhadores demonstraram tranquilidade, no que diz respeito à economia em um possível governo de tal partido. Segundo a *Veja* (2002), a grande preocupação dos eleitores era o temor de que o governo não conseguisse ter maioria no Congresso para que projetos de interesse do país fossem aprovados. Na revista, ainda, foi relatado que, nesse momento, Lula era considerado, pela maioria dos eleitores, um político honesto e decente, mas que o PT apresentava um comportamento ambíguo no campo ideológico, o que, conseqüentemente, influenciava a economia. Esta compreensão ocorria, porque não se sabia se o partido era comunista, socialista ou socialdemocrata. Assim, conforme a *Veja* (2002), as ideias de Lula e do PT em relação à economia eram nebulosas.

Antes de Lula tomar posse em 2003, nas reuniões de economistas, a conversa era a seguinte: “O Brasil está quebrado. O Brasil não vai dar certo. O Brasil quebrou duas vezes no governo Fernando Henrique Cardoso. O Lula não vai conseguir governar. O FMI não vai deixar”. (JINKINGS *et al*, 2019, p. 85-86). Sobre isso, em entrevista a Jinkings *et al* (2019), Lula relatou o que dizia às pessoas no geral: “Gente, se o Brasil está como vocês estão dizendo, por que vocês querem que eu seja eleito presidente da República? É melhor eles ganharem. Se é para quebrar, deixa para quebrar na mão deles” (JINKINGS *et al*, 2019, p. 86). Em relação à tal situação, na mencionada entrevista, o petista, ainda, comenta ter consciência do que era esperado dele, porém ressalta que tinha uma grande obsessão por não errar, visto que, para ele, era um compromisso de fé. Nas palavras do político:

Se eu errasse, como iria voltar para São Bernardo? Não posso errar porque não tenho como olhar para aquela peãozada no olho. Eles não sabem o que é isso. Nenhum deles que chegou lá sabe o que é isso, porque nenhum deles teve o compromisso que eu tenho (JINKINGS *et al*, 2019, p. 86).

Diante disso, percebemos como havia uma divergência entre o que era pensado por Lula e o que era construído pela mídia sobre o PT e o seu candidato. Vejamos, agora, o estudo da capa de revista publicada em maio de 2002:



Figura 24 – Capa da Revista *Veja*, edição 1752, publicada em 22/05/2002



Fonte: Arquivo Digital Veja

Nessa capa, acionamos os domínios POLÍTICA e JOGO, tanto pela linguagem multimodal presente na capa quanto pelo contexto sócio-histórico-cultural. O domínio POLÍTICA e os *frames* AGENTE POLÍTICO e ESQUERDA são evocados pela imagem do agente político e pelo seu nome “Lula”, pelo fato de ele ser filiado a um partido de esquerda, pelo período eleitoral e, por fim, pela cor vermelha presente tanto na linha vertical do gráfico quando no plano de fundo atrás do então candidato à presidência.

Em relação ao domínio JOGO e ao *frame* COMPETIÇÃO, eles foram instanciados pela expressão linguística “Empresários disputam a agenda do petista”. Nesses domínios, verificamos as metáforas conceituais POLÍTICA É JOGO e SER HUMANO É OBJETO juntamente com a metáfora situada *Lula é objeto de competição*, estruturadas pelo esquema imagético ORIGEM-PERCURSO-META, uma vez que há um processo para alcançar o objetivo de se encontrar com o petista.

Quanto ao domínio ECONOMIA e ao *frame* MERCADO, este foi ativado pela manchete “Lula assusta o mercado”, devido ao item léxico “mercado”. Nesse contexto, Lula foi compreendido como um agente que assusta, o que poderia prejudicá-lo nas intenções de voto. Assim, ele pode ser uma força que bloqueará a economia, caso seja eleito. Ademais, o mercado foi conceptualizado como algo que consegue sentir medo das ações de Lula, de modo que este exerça uma força sobre aquele. Por isso, essas expressões linguísticas atualizam a metáfora conceptual (ontológica) MERCADO É ENTIDADE que é estruturada pelo esquema de imagem LIGAÇÃO, pois o mercado foi associado a uma entidade que pode se assustar.

Também, no domínio POLÍTICA, associado ao domínio COR e ao *frame* VERMELHO, encontramos a metáfora conceptual multimodal COR É INSTITUIÇÃO e a metáfora situada *Vermelho é esquerda* – estruturadas pelo esquema imagético LIGAÇÃO –, as quais originam a metonímia COR POR INSTITUIÇÃO com a metonímia situada *Vermelho por esquerda/PT*, estruturadas pelo esquema PARTE-TODO, o que caracteriza a metaftonímia. Paralelo a isso, acionamos a metonímia PARTIDO POLÍTICO POR MEMBRO PROEMINENTE, com a metonímia situada *PT por Lula*, as quais foram estruturados pelo esquema imagético de PARTE-TODO, visto que, no gráfico, a linha de intenções de voto é vermelha e essa linha é relacionada ao candidato Lula.

Enfim, verificamos, novamente, o domínio CORPO HUMANO e o *frame* ROSTO. Neles, encontramos as metonímias ROSTO PELA PESSOA e PARTE PELO TODO, atreladas à metonímia situada *Rosto de Lula pela pessoa*, estruturadas pelo esquema de imagem PARTE-TODO.

Agora, verifiquemos um quadro síntese acerca dessas conceptualizações:

Quadro 10 - Síntese acerca da conceptualização de Lula na capa da edição 1752, publicada em 22/05/2002

Domínio(s) da metáfora	Frame(s)	Expressões verbais	Expressões imagéticas	Contexto	Metáfora(s) conceptual(ais)	Metáfora(s) situada(s)	Esquema(s) imagético(s)
ECONOMIA	MERCADO	Expressão linguística: “Lula assusta o mercado”	Imagem do rosto de Lula com um plano de fundo na cor vermelha  Imagem da linha vertical na cor vermelha	Contexto: período de eleições presidenciais	MERCADO É ENTIDADE	_____	LIGAÇÃO
JOGO	COMPETIÇÃO	Expressão linguística: “Empresários disputam a agenda do petista”			SER HUMANO É OBJETO	<i>Lula é objeto de competição</i>	ORIGEM-PERCURSO-META
POLÍTICA	AGENTE POLÍTICO ESQUERDA	Itens léxicos: “Lula” e “Petista”			POLÍTICA É JOGO	<i>Lula é objeto de competição</i>	
COR	VERMELHA				COR É INSTITUIÇÃO	<i>Vermelho é esquerda/PT</i>	LIGAÇÃO
Domínio(s) da metonímia	Frame(s)				Metonímia(s) conceptual(ais)	Metonímia(s) situada(s)	Esquema(s) imagético(s)
POLÍTICA	AGENTE POLÍTICO ESQUERDA	PARTIDO POLÍTICO POR MEMBRO PROEMINENTE			<i>PT por Lula</i>	PARTE-TODO	
COR	VERMELHA	COR POR INSTITUIÇÃO	<i>Vermelho por esquerda/PT</i>				
CORPO HUMANO	BUSTO	ROSTO PELA PESSOA	<i>Rosto de Lula pela pessoa</i>				

Fonte: Elaborado pela autora

A seguir, vejamos como Lula foi conceptualizado na capa da edição 1775, de outubro de 2002. Essa revista foi publicada após Lula vencer as eleições para presidente em 27 de outubro de 2002, quando também era o dia de seu aniversário. O candidato do PT, um ex-operário sem diploma universitário (como a mídia costumava destacar<sup>59</sup>), foi, aos 57 anos de idade, o primeiro governante de esquerda eleito no país, vencendo o economista José Serra<sup>60</sup>. A referida capa, então, aborda este momento da história brasileira, como podemos ver:

Figura 25 – Capa da Revista *Veja*, edição 1775, publicada em 30/10/2002



Fonte: Arquivo Digital Veja

Na edição publicada em 30 de outubro de 2002, a *Veja* apresentou o triunfo histórico de Lula em relação às eleições, quando o político venceu a disputa eleitoral,

<sup>59</sup> Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/brasil/ult96u41521.shtml>>. Acesso em 28 de agosto de 2021.

<sup>60</sup> José Serra foi deputado federal por São Paulo em 1986 e em 1990; em 1995, foi eleito senador pelo referido estado; além disso, durante o governo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, Serra assumiu os ministérios do Planejamento e Orçamento e da Saúde. Posteriormente, nos anos seguintes, foi prefeito da capital paulista. Em 2002 e em 2010, foi candidato à presidência do Brasil, mas perdeu as eleições, respectivamente, para Lula e para Dilma Rousseff. Nas eleições de 2010, na sua campanha, defendeu que Dilma era despreparada para assumir o cargo. Em 2014, foi novamente senador e, em 2016, durante o governo de Michel Temer, ocupou o Ministério das Relações Exteriores. (Disponível em: <<http://www.joseserra.com.br/biografia/>>. Acesso em 28 de agosto de 2021)

depois de ter se candidatado à presidência pela quarta vez. Para a revista, a vitória dele “representa o triunfo de uma idéia, de férrea vontade pessoal, mas é também o certificado de qualidade da democracia brasileira” (VEJA, 2002, p.35), pois se acreditava que isso mostraria que a democracia no país não seria atribuída apenas à elite, abrangeria a classe social representada pelo político – pernambucano, de origem pobre e ex-metalúrgico, aqui anteriormente observado. Entretanto, a revista se contradisse quando, também, apresentou, no mesmo editorial, o seguinte: “Meninos pobres como Lula não nascem no Brasil para ser presidentes da República [...]. Lula desafiou a história para chegar ao ponto máximo da atividade política [...]” (VEJA, 2002, p.35).

Na reportagem dessa edição 1775, além de a revista apresentar a trajetória de Lula durante vinte anos na oposição, abordou o desafio de o político continuar com o crescimento do país, corrigir injustiças sociais e manter as conquistas de Fernando Henrique Cardoso (FHC), como posto no subtítulo da manchete. Logo, Lula foi conceptualizado como um competidor desafiado. Conforme a *Veja* (2002), havia um distanciamento entre as promessas feitas na campanha eleitoral e o que se poderia realizar na Presidência. As dificuldades que o governo de Lula teria de lidar estavam ligadas umas às outras, de modo que havia o risco de atingir um ponto equivocado do problema, como, por exemplo, se o Brasil estagnasse o crescimento, pararia de gerar empregos e pressionaria mais os programas sociais. Somado a isso, poderia haver diminuição na renda, o que influenciaria o consumo e, conseqüentemente, afetaria os impostos (VEJA, 2002, p.43).

Ao abordar o percurso político de Lula, a *Veja* destacou algumas falas de Lula, como uma feita em 1998:

Vou chamar os banqueiros e dizer: Olhem, eu até reconheço a dívida, mas entre pagar juros para vocês e encher a pança do povo, vou ficar com o povo brasileiro. Enquanto houver uma criança morrendo de fome [...] não terei como pagar a dívida. (VEJA, 2002, p.41)

Outra fala citada ocorreu em 2002: “O acordo com o FMI pode dar tranquilidade para o Brasil conseguir respirar.” (VEJA, 2002, p.41). Nesse breve resumo feito acerca das reportagens das manchetes selecionadas, percebemos uma relação política e econômica.

O fato de a capa ter sido publicada em um contexto de resultado de uma eleição nos permitiu acionar o domínio JOGO e o *frame* COMPETIÇÃO. Nesse domínio, Lula foi conceptualizado como o vitorioso da competição, mas já desafiado para novos

enfrentamentos, pois precisaria manter o crescimento do país. Assim, identificamos a metáfora mais geral POLÍTICA É JOGO com a metáfora situada *Lula é jogador* e *Lula é competidor desafiado*, estruturadas pelo esquema imagético de FORÇA. Ao ser conceptualizada como uma competição, a política foi composta por adversários com o objetivo de vencer uma eleição, por exemplo. No caso de Lula, não é uma vitória qualquer, mas, sim, algo extraordinário e memorável, tanto pelo fato de um ex-metalúrgico ter chegado à presidência quanto pela quantidade de vezes que o petista participou dessa disputa. Tais elementos cognitivos também foram estruturados pelo esquema imagético ORIGEM-PERCURSO-META, acionado pelo contexto sócio-histórico-cultural e pela capa, visto que foi abordado o percurso político de Lula, desde sua origem humilde até o seu objetivo de ser presidente.

Na manchete, “Triunfo Histórico”, e o seu subtítulo, “Seu desafio: retomar o crescimento e corrigir as injustiças sociais sem colocar em risco as conquistas da era FHC”, possibilitam-nos ativar o domínio POLÍTICA e aos *frames* AGENTE POLÍTICO e ESQUERDA, pelo fato de (1) a manchete fazer referência à vitória de Lula, quem tem sua imagem destacada na capa da revista; (2) pela expressão “injustiças sociais”, a qual está associada à moral e não há como falar de política sem falar de tal fator; e, por fim, (3) pelo nome do político FHC. Nesse domínio, encontramos a metonímia OCUPAÇÃO PELA PESSOA, com a metonímia situada *Presidente por Lula* estruturada pelos esquemas imagéticos PARTE-TODO, pois foi evidenciada a função profissional de Lula: presidente; e, ainda, FORÇA, porque tal função exerceu uma força sobre o governo brasileiro.

Em relação ao domínio SOCIEDADE e ao *frame* CLASSE SOCIAL, as expressões linguísticas “crescimento” e “conquistas da era FHC” estão ligadas à situação econômica do Brasil, bem como a frase “O primeiro presidente de origem popular” que revela como Lula é do povo, tem origem simples, fazendo referência à sua classe social originária. Logo, isso também aciona o domínio ECONOMIA. É válido ressaltar que, na capa publicada em 1989, a *Veja* deu destaque a essa origem de Lula ao colocar a manchete “O candidato operário”. Através desse domínio, encontramos a metonímia CLASSE SOCIAL POR PESSOA e a metonímia situada *Classe baixa por Lula* (instanciada pela expressão linguística “presidente de origem popular”), estruturadas pelo esquema imagético de LIGAÇÃO, pois a classe social baixa é associada a Lula, e, também, ao esquema ORIGEM-PERCURSO-META, visto que apresenta a origem do agente político até o alcance de sua meta: a presidência.

Por fim, encontramos também o domínio CORPO HUMANO e o *frame* BUSTO. Neles, há as metonímias BUSTO PELA PESSOA e PARTE PELO TODO, estruturadas pelo esquema imagético PARTE-TODO.

Ademais, é importante abordar a ausência da cor vermelha na capa, algo tão comum quando Lula é apresentado como manchete da *Veja*. As cores predominantes compõem a bandeira brasileira, o que inferimos indicar um caráter mais nacionalista e um apagamento do partido político – PT, associado à esquerda. Desse modo, julgamos que a composição das cores funcionou como uma estratégia persuasiva.

Após essa descrição, verifiquemos, agora, um quadro que a sintetiza.

Quadro 11 - Síntese acerca da conceptualização de Lula na capa da edição 1775, publicada em 30/10/2002

Domínio(s) da metáfora	Frame(s)	Expressões verbais	Expressões imagéticas	Contexto	Metáfora(s) conceptual(ais)/ Metáfora(s) geral(ais)	Metáfora(s) situada(s)	Esquema(s) imagético(s)
JOGO	COMPETIÇÃO	Expressão linguística: “Triunfo Histórico: o primeiro presidente de origem popular”	Imagem do busto de Lula	Contexto: Lula vence a eleição presidencial de 2002	POLÍTICA É JOGO	<i>Lula é jogador</i> <i>Lula é jogador desafiado</i>	ORIGEM-PERCURSO-META  FORÇA
Domínio(s) da metonímia	Frame(s)				Metonímia(s) conceptual(ais)	Metonímia(s) situada(s)	Esquema(s) imagético(s)
POLÍTICA	AGENTE POLÍTICO  ESQUERDA  GOVERNO				OCUPAÇÃO PELA PESSOA	<i>Presidente por Lula</i>	PARTE-TODO
SOCIEDADE	CLASSE SOCIAL				CLASSE SOCIAL PELA PESSOA	<i>Origem popular por Lula</i>	LIGAÇÃO  ORIGEM-PERCURSO-META
CORPO HUMANO	BUSTO			BUSTO PELA PESSOA	<i>Busto de Lula por Lula</i>	PARTE-TODO	

Fonte: Elaborado pela autora



A próxima capa é a da edição 1784, publicada em janeiro de 2003. O governo de Lula, eleito com 52 milhões de votos, foi iniciado em um período no qual havia uma situação econômica crítica. Nesse contexto, conforme Fagnani (2011)<sup>61</sup>, a inflação chegou a 12,5% e a taxa de juros (Selic) a 25%. Paralelo a isso, as reservas internacionais estavam no seu menor nível, o saldo de transações correntes estava negativo e da dívida externa bruta/PIB alcançou 42%. Somada a esse quadro negativo no qual estava o Brasil, havia a desconfiança em relação ao PT.

Ainda nesse ano, havia divergências entre o ministro da Fazenda, Antonio Palocci Filho<sup>62</sup>, e o presidente do BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Social), Carlos Lessa<sup>63</sup>. Isso porque houve uma negativa do Ministério da Fazenda em relação ao pedido de capitalização de R\$ 15 bilhões feito pelo banco. O ministro era contra esse subsídio do Tesouro, pois poderia prejudicar a meta do superávit primário de 4,25% do PIB previsto para o ano de 2003 (BARROS, 2003)<sup>64</sup>. Apesar das divergências no que diz respeito a Palocci, Lula o defendeu. Nesse contexto, esse primeiro ano, segundo Souza (2003)<sup>65</sup>, jornalista da Folha de São Paulo, foi marcado pela recuperação dos indicadores financeiros e pelo alcance de credibilidade nos mercados. Assim, com a equipe econômica do ministro da Fazenda, havia uma perspectiva de melhora no crescimento para o ano de 2004.

Posteriormente, sobre o seu governo, Lula relata o seguinte na entrevista a Jinkings *et al* (2019):

Sou um cara agradecido a Fernando Henrique Cardoso pela lisura da transição. Não pense que esqueço, não. As críticas que tenho ao Fernando Henrique Cardoso são que, como ele esperava o meu fracasso para voltar, não soube lidar com o meu sucesso. Ele poderia ter sido, em parte, ganhador, sócio do meu sucesso. Mas não soube. Lamentavelmente, é isso. Então troquei toda a gordura política que eu tinha por fazer um ajuste pesado. Vocês estão lembrados que elevei o

---

<sup>61</sup> FANGANI, Eduardo. A política social do Governo de Lula (2003-2010): perspectiva histórica. *Texto para Discussão*. IE/UNICAMP, 2011. Disponível em: <<https://www.eco.unicamp.br/images/arquivos/artigos/3105/TD192.pdf>>. Acesso em 29 de agosto de 2021.

<sup>62</sup> “Antonio Palocci Filho foi ministro da Fazenda do governo de Lula de janeiro de 2003 a março de 2006 e ministro-chefe da Casa Civil no governo Dilma de janeiro de 2011 a junho do mesmo ano. Preso pela operação Lava Jato, negociou um acordo de delação premiada em setembro de 2017, desligando-se do PT.” (JINKINGS *et al*, 2019, p.37)

<sup>63</sup> Carlos Lessa foi professor e economista, filiado ao Partido Socialismo e Liberdade. Além de ser presidente do BNDES, foi reitor da Universidade Federal do Rio de Janeiro.

<sup>64</sup> BARROS, Guilherme. Após divergência, Palocci e Lessa se reúnem. *Folha de São Paulo*, 2003. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi2611200314.htm>. Acesso em 16 dez.2021.

<sup>65</sup> SOUZA, Leonardo. Em 2003, arrocho foi o custo da estabilidade. *Folha de São Paulo*, 2003. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/dinheiro/fi2112200316.htm>. Acesso em 16 dez.2021

superávit para 4,1% do PIB, porque eu tinha que trocar aquilo pelas coisas que eu queria fazer. (JINKINGS *et al*, 2019, p. 86)

Esse sucesso foi previsto no discurso feito à multidão depois da entrega da faixa presidencial, quando havia 200 mil pessoas na posse. Na ocasião, Lula disse que nenhum momento difícil impedi-lo-ia de fazer as reformas que o povo precisava. Nas palavras do então presidente à *Época*: “o que dissemos é que iremos recuperar a dignidade do povo brasileiro, recuperar a autoestima e gastar cada centavo que tivermos na perspectiva de melhorar as condições de vida de mulheres, homens e crianças” (*ÉPOCA*, 2003)<sup>66</sup>.

Segundo a *Memória Globo* (2004)<sup>67</sup>, na entrevista feita, em 2003, pelos jornalistas brasileiros Gloria Maria e Pedro Bial – quando marcava o início do primeiro mandato de Lula enquanto presidente –, havia uma euforia dos brasileiros com um ex-operário (termo utilizado pela coluna) se tornando o chefe do Estado. Na ocasião, Lula abordou a aprovação da reforma da presidência e os avanços no programa Fome Zero<sup>68</sup>. Ao *Memória Globo*, Pedro Bial, ainda, relatou o seguinte:

Foi um momento de abordagem desarmada do Fantástico<sup>69</sup>; e que deu uma grande audiência. A entrevista foi dividida: toda vez que entrava um trecho, subia a audiência. Imagina, entrevista com um político, com o presidente, dar audiência? Não dá. Era um momento em que o país estava encantado, em lua de mel (*MEMÓRIA GLOBO*, 2004).

Diante disso, percebemos que, economicamente, o país estava em crise e, como apresentado pela *Veja* na edição 1752, publicada em maio de 2002, Lula assustava o mercado, o que foi ratificado por Fagnani (2011), ao tratar da desconfiança relacionada ao PT. Apesar desse contexto, Lula era uma esperança para o Brasil, conforme indicado por Pedro Bial à *Memória Globo*. Percebemos, portanto, como a mídia insistia em compreender o petista negativamente, pela conceptualização de Lula como um assustador ou pelo item léxico “ex-operário”. Inferimos que tal compreensão foi utilizada em contextos que manifestavam essa função como algo extraordinário, fora dos padrões e

<sup>66</sup> Presidente Lula assume o país diante de 200 mil pessoas. Posse foi marcada por festa popular. *ÉPOCA*. 2003. Disponível em: <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EDG54749-6009,00-PRESIDENTE+LULA+ASSUME+O+PAIS+DIANTE+DE+MIL+PESSOAS+POSSE+FOI+MARCAD+A+POR+F.html>. Acesso em 16 dez. 2021.

<sup>67</sup> Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/jornalismo-e-telejornais/fantastico/entrevistas/presidente-lula/>. Acesso em 14 de dez. 2021.

<sup>68</sup> “O Programa Fome Zero foi idealizado em 2001 no Instituto Cidadania, ligado ao Partido dos Trabalhadores (PT) e transformado em Instituto Lula em 2011. O programa tornou-se política de governo em 2003 para combater a fome e garantir a segurança alimentar dos brasileiros”. (JINKINGS *et al*, 2019, p. 29)

<sup>69</sup> Programa da Rede Globo que estreou em 5 de agosto de 1973, com a proposta de ser uma revista eletrônica de variedades, composta por jornalismo e entretenimento.

que invalidava a capacidade de Lula para ser chefe do Estado devido à falta de formação acadêmica, o que causava medo a empresários, bem como a trabalhadores. Como foi assinalado anteriormente, o termo operário foi apresentado inicialmente na capa da *Veja* da edição 1095, publicada em 1989, também, posteriormente, vimos fazer referência a essa profissão mediante o item léxico “ex-metalúrgico”, na edição 1775, publicada em 2002, e reiterada na Memória Globo, como “ex-operário”. Assim, mediante a repetição desses itens léxicos que podem desvalorizar Lula como alguém competente e com habilitação para a presidência, a mídia pode ter construído uma significação negativa do petista, apesar de ele ter uma alta popularidade e encantar o país. Além disso, as palavras de Pedro Bial sobre o início do mandato de Lula, em 2003, ser uma lua de mel foram, também, usadas na capa de revista a seguir, publicada nesse período, como podemos visualizar:

Figura 26 – Capa da Revista *Veja*, edição 1784, publicada em 08/01/2003



Fonte: Arquivo Digital Veja

Nesta edição, o domínio VIAGEM foi identificado integrando o *frame* LUA-DE-MEL, sendo, também, associado ao domínio POLÍTICA. Esses elementos foram ativados pela expressão linguística presente na manchete “Lula-de-mel”, que apresenta uma integração dos itens léxicos “Lua” e “Lula”. A palavra composta “lua-de-mel”, segundo o Dicionário Aulete Digital<sup>70</sup>, pode ser compreendida como o começo de uma vida compartilhada posterior ao casamento, além de ser uma viagem de núpcias ou, ainda, um momento vivido com entusiasmo. Nesse sentido, inferimos que o casamento de Lula, após ganhar as eleições para presidente, teria sido com o Brasil. Assim, depois desse momento de entusiasmo e encantamento, conforme relatado por Pedro Bial (MEMÓRIA GLOBO, 2004), iniciariam as cobranças em relação às promessas feitas durante a campanha, que se confirmaram como metas a serem atingidas.

Na capa, a partir disso, foram acionadas a metáfora conceptual POLÍTICA É VIAGEM com a metáfora situada *Início do governo de Lula é lua de mel*, estruturadas pelo esquema imagético ORIGEM-PERCURSO-META, pois há uma trajetória durante o mandato do então presidente. Por exemplo, o que marca a origem é o início do governo, quando as promessas (dívidas) dele começariam a ser cobradas, como é posto no subtítulo da manchete. Nesse momento, no país, era vivenciada uma crise econômica, com uma alta dívida externa. Desse modo, inferimos que demandas presidenciais estão relacionadas, por exemplo, aos projetos sociais prometidos durante a campanha eleitoral e, também, a estratégias para lidar com a economia do país.

Já o domínio FAMÍLIA, constituído pelo *frame* MATRIMÔNIO, foi evocado pela imagem do então presidente com sua esposa e também pelo contexto, conforme foi mencionado inicialmente, sobre Lula ter se casado com o Brasil. Nesse contexto, Lula foi conceptualizado como esposo da nação, por meio da metáfora mais geral POLÍTICA É CASAMENTO e da situada *Lula é esposo da nação*. Nesse sentido, também, inferimos que a fase de lua de mel acabou, devido ao subtítulo da manchete. Essa conceptualização foi estruturada pelo esquema de imagem de LIGAÇÃO.

O domínio POLÍTICA integrou os *frames* AGENTE POLÍTICO e ESQUERDA, os quais foram acionados pelo contexto no qual o petista assume a presidência e, também, pelo item léxico “Lula”. Nesse domínio, identificamos a metonímia PESSOA PELA OCUPAÇÃO e a metáfora situada *Lula por presidente*, estruturadas pelos esquemas

---

<sup>70</sup> Disponível em: < <https://aulete.com.br/lua-de-mel> >. Acesso em 29 de agosto de 2021.

imagéticos PARTE-TODO, visto que ser presidente é uma parte que compõe o petista e, consequentemente, está ligado a ele.

Por fim, verificamos, ainda, o domínio CORPO HUMANO integrando o *frame* BUSTO. Nele, mediante a figura de Lula, encontramos a metonímia BUSTO PELA PELA PESSOA e a situada *Busto de Lula pela pessoa*, estruturadas pelo esquema de imagem PARTE-TODO.

A seguir, vejamos o quadro síntese desse estudo:

Quadro 12 - Síntese acerca da conceptualização de Lula na capa da edição 1784, publicada em 08/01/2003

<b>Domínio(s) da metáfora</b>	<b>Frame(s)</b>	<b>Expressões verbais</b>	<b>Expressões imagéticas</b>	<b>Contexto</b>	<b>Metáfora(s) conceptual(ais)</b>	<b>Metáfora(s) situada(s)</b>	<b>Esquema(s) imagético(s)</b>
VIAGEM	LUA-DE-MEL	Expressão linguística: “Lula-de-mel: a partir de agora, começa a cobrança”	Imagem de Lula ao lado da esposa	Contexto: Lula assume a presidência	POLÍTICA É VIAGEM	<i>Início do governo de Lula é lua de mel</i>	ORIGEM-PERCURSO-META
FAMÍLIA	MATRIMÔNIO				POLÍTICA É CASAMENTO	<i>Lula é esposo da nação</i>	LIGAÇÃO
<b>Domínio(s) da metonímia</b>	<b>Frame(s)</b>				<b>Metonímia(s) conceptual(ais)</b>	<b>Metonímia(s) situada(s)</b>	<b>Esquema(s) imagético(s)</b>
POLÍTICA	AGENTE POLÍTICO ESQUERDA GOVERNO		PESSOA PELA OCUPAÇÃO		<i>Lula por presidente</i>	PARTE-TODO	
CORPO HUMANO	BUSTO		Imagem do busto de Lula		BUSTO PELA PESSOA	<i>Busto de Lula por Lula</i>	PARTE-TODO

Fonte: Elaborado pela autora

A próxima capa permanece contextualizada no início do primeiro mandato de Lula. Nesse momento, o dólar teve uma queda e a inflação desacelerou<sup>71</sup>, contudo a capa da *Veja* mostra o começo do governo como uma promessa falsa. Nela, há Lula, pilotando um avião, e alguns dos ministros de seu governo, como Anderson Adauto<sup>72</sup>, Ciro Gomes<sup>73</sup>, Jacques Wagner<sup>74</sup>, José Viegas<sup>75</sup>, Roberto Amaral<sup>76</sup> e Gilberto Gil<sup>77</sup>. Isso porque Jacques Wagner, ministro do Trabalho, foi censurado quando propôs a extinção da multa de 40% do FGTS sobre as demissões; Roberto Amaral, ministro da Ciência e Tecnologia, defendeu o desenvolvimento da tecnologia da bomba atômica no país; Anderson Adauto, dos Transportes, queria recuperar estradas, porém essa recuperação já estava sendo feita; Ciro Gomes, ministro da Integração Nacional, comandou o projeto da Transposição do Rio São Francisco lidando com diversos opositores; Gilberto Gil, ministro da Cultura, coordenou o programa Mais Cultura, conhecido como PAC<sup>78</sup> da

---

<sup>71</sup> Disponível em: <<https://jovibarboza.wordpress.com/as-famosas-capas-da-revista-veja/>> Acesso em: 16 dez. 2021.

<sup>72</sup> Anderson Adauto, advogado, foi deputado federal de Minas Gerais, entre 2003 e 2007, mas se licenciou do mandato para ser Ministro de Estado dos Transportes, de 3 de fevereiro de 2003 a 15 de março de 2004. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/deputados/74146/biografia>>. Acesso em 25 de fevereiro de 2023.

<sup>73</sup> Ciro Gomes, professor e advogado, foi deputado estadual do Ceará, no período de 1983 a 1987 e, também, de 1987 a 1988; além de ter sido Prefeito no mesmo estado entre 1989 e 1990; Governador do Ceará, de 1991 a 1994; e, ainda, Ministro de Estado da Fazenda, 1994, e Ministro de Estado da Integração Nacional, 2003-2006. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/deputados/141406/biografia>>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2023.

<sup>74</sup> Jacques Wagner, pelo PT, foi deputado federal, governador e senador da Bahia, bem como Ministro de Estado, Ministério do Trabalho e Emprego, 2003 - 2004; Ministro de Estado, Secretaria de Relações Institucionais do Brasil, 2005 - 2006; Ministro de Estado, Casa Civil/Presidência da República, 2015 - 2016; Ministro de Estado, Ministério da Defesa, 2015 - 2015; Secretário estadual, Secretaria Estadual de Desenvolvimento Econômico, Salvador, BA, 2017 - 2018. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/deputados/74548/biografia>>.

<sup>75</sup> José Viegas filho, embaixador, foi Ministro da Defesa no período 2003 a 2004. Disponível em: <<https://www.marinha.mil.br/spsm/content/embaixador-jos%C3%A9-viegas-filho-%E2%80%93-situa%C3%A7%C3%A3o-dos-militares-na-reforma-da-previd%C3%Aancia>>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2023.

<sup>76</sup> Roberto Amaral, jornalista e cientista político, foi Ministro da Ciência e Tecnologia, entre 2003 e 2004, bem como foi presidente do PSB (Partido Socialista Brasileiro). Disponível em: <<https://www.cartacapital.com.br/author/roberto-amaral/>>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2023.

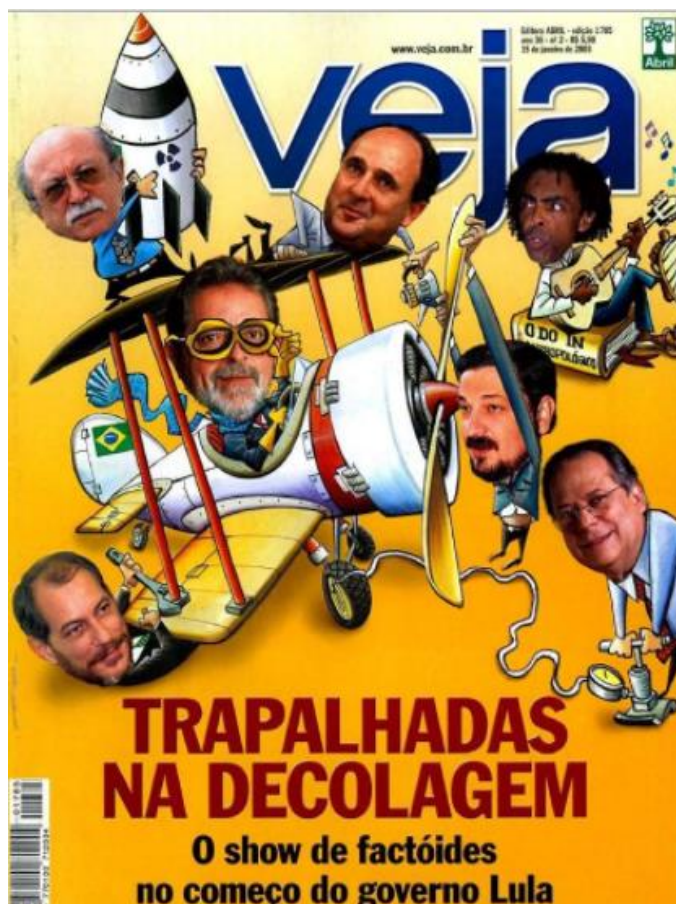
<sup>77</sup> Gilberto Gil, músico brasileiro, foi vereador na Câmara Municipal de Salvador, pelo Partido Verde, entre 1989 e 1992. Em 2003, foi nomeado Ministro da Cultura, desligando-se em janeiro de 2008. Disponível em: <[https://www.ebiografia.com/gilberto\\_gil/](https://www.ebiografia.com/gilberto_gil/)>. Acesso em: 25 de fevereiro de 2023.

<sup>78</sup> O PAC Cultural foi a inserção da Cultura no Programa de Aceleração do Crescimento, a fim de ampliar políticas públicas destinadas ao setor, considerando as seguintes perspectivas: Cultura e Cidadania, que contempla a cidadania, as identidades e a diversidade; Cidade Cultural, que objetiva a qualificação do ambiente social e o direito à cidade; e Cultura e Renda, que enfoca a ocupação, a renda e o financiamento da Cultura. Disponível em: <<https://culturaemercado.com.br/mais-cultura-pac-cultural-sera-lancado-esta-semana/>>. Acesso em 25 de fevereiro de 2023.



Cultura; José Viegas, ministro da Defesa, teve conflitos com representantes das Forças Armadas; e, por fim, Lula tinha garantido que verbas da FAB seriam direcionadas ao projeto Fome Zero. Verifiquemos, a seguir, essa capa e, posteriormente, o estudo das conceptualizações nelas expressas:

Figura 27 – Capa da Revista *Veja*, edição 1785, publicada em 15/01/2003



Fonte: Arquivo Digital Veja

Nesta edição, mediante o desenho de um avião pilotado por Lula, de um foguete segurado pelo ministro Roberto Amaral<sup>79</sup>, da imagem da bandeira do Brasil e do item léxico “decolagem”, ativamos o domínio VEÍCULO contemplando os *frames* AVIÃO e FOGUETE. Nesse sentido, inferimos que a *Veja* conceptualizou Lula como um piloto, e o Brasil foi compreendido como um avião. Logo verificamos a metáfora conceptual NAÇÃO É VEÍCULO juntamente com as metáforas situadas *Lula é piloto* e *Brasil é avião*.

<sup>79</sup> Roberto Amaral, jornalista e professor, foi ministro da Ciência e Tecnologia no governo de Lula. Além disso, foi presidente do PSB (Partido Socialista Brasileiro) até 2014.



A partir disso, identificamos, ainda, o domínio VIAGEM e o *frame* TRAJETÓRIA, ativando, então, a metáfora conceptual POLÍTICA É VIAGEM, associada, também, à metáfora situada *Lula é piloto* e à *Início do governo de Lula é decolagem desordenada*. Essas metáforas foram estruturadas pelos esquemas de imagem ORIGEM-PERCURSO-META, ESCALA e CIMA-BAIXO, porque pressupõe-se que o governo precisa traçar um trajeto para alcançar um objetivo. Como a capa foi publicada no início do primeiro mandato de Lula, esse contexto juntamente com a decolagem do avião indicariam a origem do percurso, que seria o período do governo, com a finalidade de alcançar êxito nos projetos políticos planejados (a meta).

Ademais, por meio do contexto e das figuras políticas, evocamos o domínio POLÍTICA, bem como o domínio ARTE juntamente com o *frame* ESPETÁCULO, sendo esses últimos ativados pela expressão linguística “show de factóides”. Nesse sentido, verificamos a metáfora mais geral POLÍTICA É ARTE e a metáfora situada *Lula é diretor de show*, visto que ele comanda o avião e o início de seu governo é considerado um show de factóides. Essas metáforas foram estruturadas pelo esquema de imagem PROCESSO, pois há uma sequência de ações tanto de Lula quanto dos ministros do seu governo que, sob a visão da revista *Veja*, podem desencadear uma administração desorganizada e falsa, como, por exemplo, Ciro Gomes consertando a asa do avião enquanto Lula o pilota, Roberto Amaral segurando um foguete e Gilberto Gil tocando violão.

Paralelo a isso, no domínio POLÍTICA, através da imagem de Lula, da expressão linguística “governo Lula” e do seu contexto enquanto presidente, evocamos a metonímia PESSOA PELA OCUPAÇÃO e a metonímia situada *Lula por presidente*, estruturadas pelo esquema I PARTE-TODO.

Além disso, corroborando o padrão de organização de uma capa de revista, ativamos o domínio CORPO HUMANO integrando o *frame* BUSTO, com a metonímia BUSTO DE LULA PELA PESSOA, instanciada pela imagem de Lula e estruturada pelo esquema de imagem PARTE-TODO.

Em suma, notamos que o país, conceptualizado como um avião pilotado por Lula, está rodeado de ministros, com alguns, como Ciro Gomes, tentando consertá-lo. Essa ilustração somada à manchete “trapalhadas na decolagem” podem indicar uma crise no início do governo de Lula, levando-nos a inferir que, na visão da *Veja*, o presidente estava sendo incompetente, assim como os seus ministros. Isso reforça um MCI com metáforas e metonímias que corroboram um estereótipo negativo do político, o que pode retomar a

compreensão, apresentada na conceptualização de Lula em capas anteriores, de que um operário não teria habilidade ou formação necessárias para ocupar tal cargo político.

Somado a isso, há a conceptualização de o início do governo de Lula ser não só uma decolagem desordenada, mas também um show de factóides, isto é, um espetáculo com informações que não podem ser comprovadas, a fim de atrair o público. Tais informações podem ser associadas à perspectiva de os projetos do governo não serem efetivamente executados, logo os projetos sociais prometidos por Lula, por exemplo –que eram o motivo de encantamento do eleitorado por ele, como visto na capa anterior –, seriam promessas mentirosas. Essa significação evidencia, pela *Veja*, o MCI de um político corrupto e amador, promovendo, pois, a construção de sentido de Lula como um político imoral.

Agora, vejamos um quadro síntese com as conceptualizações constantes da capa em pauta.

Quadro 13 - Síntese acerca da conceptualização de Lula na capa da edição 1785, publicada em 15/01/2003

<b>Domínio(s) da metáfora</b>	<b>Frame(s)</b>	<b>Expressões verbais</b>	<b>Expressões imagéticas</b>	<b>Contexto</b>	<b>Metáfora(s) conceptual(ais)</b>	<b>Metáfora(s) situada(s)</b>	<b>Esquema(s) imagético(s)</b>
VEÍCULO	AVIÃO FOGUETE	Item léxico: “decolagem”	Imagem do desenho de um avião pilotado por Lula  Imagem da bandeira do Brasil  Imagem dos ministros de Lula 2003	Lula enquanto presidente	NAÇÃO É VEÍCULO	<i>Brasil é avião Lula é piloto</i>	ORIGEM-PERCURSO-META ESCALA CIMA-BAIXO
VIAGEM	TRAJETÓRIA	Item léxico: “Lula”			POLÍTICA É VIAGEM	<i>Lula é piloto Início do governo de Lula é decolagem desordenada</i>	ORIGEM-PERCURSO-META ESCALA CIMA-BAIXO
ARTE	ESPETÁCULO	Expressão linguística: “show de factóide”  Expressão linguística: “governo Lula”			POLÍTICA É ARTE	<i>Lula é diretor de show</i>	PROCESSO
<b>Domínio(s) da metonímia</b>	<b>Frame(s)</b>	<b>Expressões verbais</b>			<b>Metonímia(s) conceptual(ais)</b>	<b>Metonímia(s) situada(s)</b>	<b>Esquema(s) imagético(s)</b>
POLÍTICA	AGENTE POLÍTICO  ESQUERDA  GOVERNO	Item léxico: “Lula”  Expressão linguística: “governo Lula”			PESSOA PELA OCUPAÇÃO	<i>Lula por presidente</i>	PARTE-TODO
CORPO HUMANO	BUSTO		Imagem do busto de Lula		BUSTO PELA PESSOA	<i>Busto de Lula por Lula</i>	PARTE-TODO

Fonte: Elaborado pela autora

Em 2005, depois do escândalo do Mensalão<sup>80</sup> (o neologismo “mensalão” foi criado para nomear o pagamento de mesada a parlamentares feito pelo PT), José Dirceu<sup>81</sup>, ministro da Casa Civil, pediu demissão, através de uma carta, escrita em 19 linhas, endereçada a Lula. No discurso de despedida, tal ministro disse o seguinte: “Não me envergonho de nada que fiz. Tenho as mãos limpas, o coração sem amargura. Saio de cabeça erguida do ministério. Continuo no governo como deputado da base de sustentação e continuo no governo porque sou PT” (O ESTADO DE SÃO PAULO, 2005)<sup>82</sup>. Sobre o Mensalão, de acordo com Jinkings *et al* (2019), Lula disse não acreditar nele. Para o político,

essa foi grande descoberta do século XXI: de como a mídia poderia ser utilizada para criminalizar pessoas antes da Justiça. A mídia tomou a decisão de, ao invés de criminalizar, transformar alguns líderes do PT em bandidos. Eu tinha medo porque, se o Zé Dirceu não tivesse sido preso, poderia ter sido atacado por um fanático em alguma rua [...] de São Paulo e ser morto, tal era o ódio que eles disseminaram contra o Zé Dirceu [...]. O José Dirceu é um guerreiro. Acho que, às vezes, ele não cuida da própria imagem. Mas é um homem de muita dignidade e é um companheiro que soube enfrentar de cabeça erguida todo esse processo que está sofrendo (JINKINGS *et al*, 2019, p. 82).

Esse relato evidenciou a relação de Lula com parte da mídia. Assim, inferimos que pode ter ocorrido uma tentativa desse instrumento de comunicação de descredibilizá-lo antes e depois das eleições, condenando-o de maneira anterior à Justiça, formando a opinião do público, reforçando, portanto, MCIs de caráter negativo acerca da

<sup>80</sup> Para Jinkings *et al*, “o ‘Mensalão’ foi um caso surgido em 2005 e serviu como elemento de violenta pressão contra o governo Lula, ameaçando derrubá-lo ou, no mínimo, desgastá-lo fortemente para as eleições de 2006 (que acabaria vencendo), numa campanha que envolveu a imprensa conservadora, o PSDB e o Judiciário, em especial o STF. Apesar da falta de provas, foram vários os condenados, com destaque para José Dirceu [...]” (JINKINGS *et al*, 2019, p. 55)

<sup>81</sup> “José Dirceu de Oliveira e Silva foi um dos mais importantes líderes estudantis nas mobilizações contra a ditadura. Preso em 13 de outubro de 1968, com outros estudantes que participavam do XXX Congresso na União Nacional dos Estudantes (UNE), num sítio em Ibiúna (SP), foi um dos quinze presos libertados e banidos em troca do embaixador americano Charles Elbrick, sequestrado em setembro de 1969 numa ação da Ação Libertadora Nacional (ALN), do MR8 e da Dissidência Universitária da Guanabara. Dirceu foi para Cuba e retornou ao Brasil clandestinamente em 1971; viveu nessa condição até a anistia, em 1979. Foi um dos fundadores do PT. Foi deputado estadual por São Paulo e deputado federal. Tendo sido o principal formulador e articulador da campanha eleitoral vitoriosa de Lula em 2002, em 1º de janeiro de 2003, assumiu como ministro-chefe da Casa Civil, tornando-se o homem forte do governo Lula. Deixou o cargo em junho de 2005, em decorrência do caso conhecido como ‘Mensalão’. Em 2012, foi condenado pelo STF, em 2013, preso e, no ano seguinte, libertado para cumprir prisão domiciliar. Foi preso novamente em 2015. Em 2016, foi condenado a 23 anos e 3 meses de prisão para operação Lava Jato, tendo sido de novo condenado em 2017 a mais 11 anos e 3 meses. Preso outra vez, foi libertado em maio de 2017”. (JINKINGS *et al*, 2019, p. 82).

<sup>82</sup>

Disponível

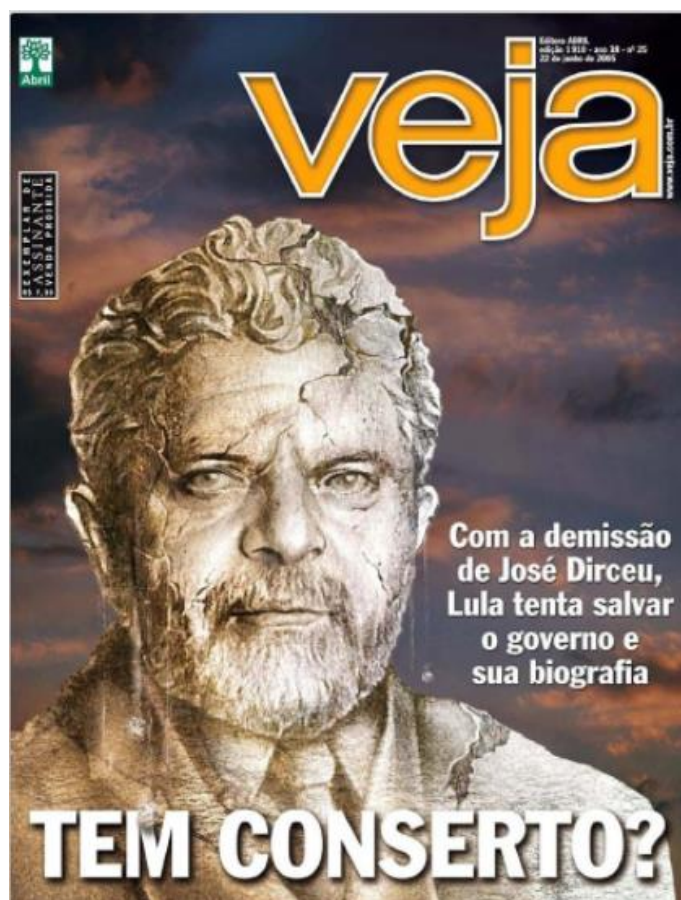
em:

<https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/308977/noticia.htm?sequence=1&isAllowed=y>.

Acesso em 16 dez. 2021.

conceptualização dele. A seguir, estudaremos a conceptualização de Lula em duas capas publicadas nesse contexto do Mensalão. Inicialmente, vejamos a capa da edição 1910:

Figura 28 – Capa da Revista *Veja*, edição 1910, publicada em 22/06/2005



Fonte: Arquivo Digital Veja

Nesta capa, há uma objetificação do político, pois Lula foi compreendido como uma escultura que precisa de reparos, bem como o seu governo e a sua biografia. Essa compreensão foi possível mediante a imagem de Lula como uma escultura rachada e, também, pela expressão linguística “tem conserto?”. Nesse sentido, acionamos os domínios ARTE, constituído, entre outros, pelo *frame* ESCULTURA. Ademais, mediante a imagem mencionada e a sentença “Lula tenta salvar o governo e sua biografia”, evocamos o domínio POLÍTICA formado pelos *frames* AGENTE POLÍTICO, ESQUERDA e GOVERNO.

Esses elementos do processamento metafórico nos permitiram, ainda, ativar, no primeiro domínio mencionado, a metáfora conceptual SER HUMANO É OBJETO e a metáfora situada *Lula é escultura*, as quais foram estruturadas pelo esquema imagético LIGAÇÃO, visto que há uma associação de Lula a um objeto, conceptualizando o seu

governo como uma escultura que necessita de reparos, devido ao escândalo do mensalão e decorrente da demissão de José Dirceu.

Já o segundo domínio citado foi requerido para a conceptualização metonímica de Lula, através do acionamento da metonímia PESSOA POR GOVERNO com a situada *Lula por governo*. Ademais, ativamos as metonímias PESSOA PELA OCUPAÇÃO, com a metonímia situada *Lula por presidente*, e, simultaneamente, acionamos OCUPAÇÃO PELA PESSOA e a metonímia situada *Governo por Lula*.

No domínio HISTÓRIA associado com o *frame* BIOGRAFIA (acionados pela expressão linguística “sua biografia”), verificamos a metonímia BIOGRAFIA POR PESSOA, com a metonímia situada *Biografia por Lula*.

Enfim, a partir da imagem do busto de Lula como uma estátua rachada, também retomamos o domínio CORPO HUMANO, bem como o *frame* BUSTO e a metonímia BUSTO PELA PESSOA, com a metonímia situada *Busto de Lula por Lula*. Esses processos cognitivos foram estruturados pelo esquema de imagem PARTE-TODO, pois há a ênfase em uma parte do corpo de Lula, o busto.

Com essas conceptualizações, podemos inferir uma resposta negativa da revista à pergunta “Tem conserto?”, já que, por nossa experiência, sabemos que uma escultura, quando quebrada, dificilmente há retificação e, se remendada, nunca mais será íntegra como antes. Nesse sentido, a escultura do político rachada evidencia de antemão o posicionamento da *Veja* sobre o governo. Paralelo a isso, tratar o político como um objeto e, ainda, danificado pode ser uma maneira de desconsiderar sua personalidade ou dignidade, o que ratifica a construção do MCI de Lula como um político imoral.

Agora, vejamos um quadro síntese acerca desse estudo:

Quadro 14 - Síntese acerca da conceptualização de Lula na capa da edição 1910, publicada em 22/06/2005

Domínio(s) de metáfora	Frame(s)	Expressões verbais	Expressões imagéticas	Contexto	Metáfora(s) conceptual(ais)	Metáfora(s) situada(s)	Esquema(s) imagético(s)
ARTE	ESCULTURA	Expressão linguística: “Lula tenta salvar a sua biografia”  Expressão linguística: “Tem conserto?”	Imagem de Lula como uma estátua deteriorada	Lula enquanto presidente	SER HUMANO É OBJETO	<i>Lula é escultura</i>	LIGAÇÃO
Domínio(s) da metonímia	Frame(s)				Metonímia(s) conceptual(ais)	Metonímia(s) situada(s)	Esquema(s) imagético(s)
POLÍTICA	AGENTE POLÍTICO				PESSOA PELO GOVERNO	<i>Lula por governo</i>	PARTE-TODO
	ESQUERDA				PESSOA PELA OCUPAÇÃO	<i>Lula por presidente</i>	
	GOVERNO				OCUPAÇÃO PELA PESSOA	<i>Governo por Lula</i>	
HISTÓRIA	BIOGRAFIA		BIOGRAFIA POR PESSOA		<i>Biografia por Lula</i>		
CORPO HUMANO	BUSTO	Imagem do busto de Lula	BUSTO PELA PESSOA	<i>Busto de Lula por Lula</i>			

Fonte: Elaborado pela autora



A seguir, continuaremos o estudo com uma capa publicada ainda nesse contexto do Mensalão, a da edição 1912. Nessa capa, há o perfil de Lula como uma sombra, sendo possível identificá-lo devido ao contorno exposto. No subtítulo<sup>83</sup>, o termo “Mesadão” diz respeito à mesada direcionada a parlamentares aliados do governo em troca de apoio político, conforme a *Veja* (2005). As denúncias indicaram que empresas de Marcos Valério<sup>84</sup> receberam 135,9 milhões de reais para quitar dívidas do PT e, de maneira ilegal, financiar campanhas eleitorais. Contudo, em 2006, de acordo com denúncia apresentada à Procuradoria-Geral da República, o mensalão teria sido feito para financiar o apoio a Lula no Congresso em 2003 e 2004. No total, 38 pessoas foram denunciadas e, em outubro de 2012, o STF (Supremo Tribunal Federal) condenou, por corrupção, José Dirceu, José Genoino<sup>85</sup> e Delúbio Soares<sup>86</sup>. Nesse contexto, a popularidade de Lula recebeu um golpe e o instituto de pesquisas Datafolha revelou que o então presidente perderia em uma eleição contra José Serra, de acordo com Nunomura (2012).

Nesse período, o jornal *Folha* (2005 *apud* Nunomura 2012) publicou o seguinte:

O presidente da República poderá considerar-se favorecido pela sorte se conseguir terminar o seu mandato, pois a hipótese de impeachment, remota até poucos dias atrás, se afigura hoje como possibilidade palpável (FOLHA, 2005, *apud* Nunomura 2012, p.2).

---

<sup>83</sup> Subtítulo da manchete, localizado na parte superior da capa: “O ‘MESADÃO’ DO PT: Valério ganhava contratos do governo e retribuía com depósitos para os petistas” (VEJA, 2005)

<sup>84</sup> Marcos Valério Fernandes de Souza, nascido em 29 de janeiro de 1961, é um publicitário e empresário brasileiro. Tornou-se conhecido no ano de 2005 devido ao mensalão. Conforme Marques (2022), colunista da *Veja*, nesse escândalo do mensalão, “o empresário foi condenado a 37 anos de cadeia. Quase dez anos depois de ele ter recebido a maior pena imposta pelo Supremo Tribunal Federal (STF) aos mensaleiros, [a] VEJA [revelou] trechos inéditos da delação premiada que o publicitário fechou com a Polícia Federal – e que foi homologada pelo ministro aposentado do STF Celso de Mello”. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/exclusivo-marcos-valerio-delata-relacao-do-pt-com-o-pcc/>. Acesso em 31 de jul. de 2022.

<sup>85</sup> José Genoino, nascido em 3 de maio de 1946, é ex-presidente do PT e ex-deputado federal pelo estado de São Paulo. No ano de 2005, foi denunciado no escândalo do mensalão por corrupção ativa e formação de quadrilha, sendo, posteriormente, condenado. O Supremo Tribunal Federal (STF) definiu o cálculo da pena desse político em 6 anos e 11 meses de prisão, além de multa no valor R\$ 468 mil. Disponível em: <https://g1.globo.com/politica/mensalao/noticia/2012/11/stf-define-pena-do-ex-presidente-do-pt-jose-genoino.html>. Acesso em 31 de jul. de 2022.

<sup>86</sup> Delúbio Soares, nascido em 6 de novembro de 1955, é ex-tesoureiro do PT. Em 2005, ele foi expulso do PT devido ao escândalo do mensalão, mas teve sua filiação de volta em 2015 e, conforme o site G1 (2019), “foi condenado a seis anos em segunda instância por lavagem de dinheiro. Em maio de 2018, o então juiz Sérgio Moro determinou a prisão preventiva”. Disponível em: <https://g1.globo.com/rs/rio-grande-do-sul/noticia/2019/01/23/trf-4-nega-recurso-de-delubio-soares-contrad-condenacao-na-lava-jato.ghtml>. Acesso em 31 de jul. de 2022.

Já, na revista *Veja* (2005), foi feito o seguinte comentário:

Foram necessários apenas 100 dias para que uma alucinante sucessão de revelações fizesse com que o partido fosse soterrado pelos escombros do seu patrimônio ético. Uma edificação não vai ao chão em tão pouco tempo a menos que seus alicerces estejam podres. É o caso do PT. (VEJA, 2005, p. 44-45)

Nesse sentido, apesar desse comentário feito pela *Veja*, compreendendo o PT em termos de uma construção que desmorona e acaba soterrada por suas bases frágeis, Lula reconquistou a sua popularidade e foi reeleito presidente do Brasil nas eleições seguintes. Ou seja, embora tenha sido feita uma construção de sentido negativo desse partido, que foi lida em muitos lares, centros médicos e outros locais nos quais circulava, Lula teve êxito. Assim, não ocorreu a imposição de metáforas como essa junto aos eleitores brasileiros, mas isso não quer dizer que o MCI de Lula não iria se construindo com metáforas semelhantes a essa, criando realidades a respeito do político.

Após essa contextualização, a seguir, apresentaremos a descrição da conceptualização de Lula na capa mencionada:

Figura 29 – Capa da Revista *Veja*, edição 1914, publicada em 20/07/2005



Fonte: Arquivo Digital Veja

Nessa capa publicada em julho de 2005, por meio da expressão linguística “Mesidão do PT: Valério ganhava contratos do governo e retribuía com depósitos para os petistas”, bem como mediante o item léxico “Mensalão”, ativamos o domínio ECONOMIA, integrado ao *frame* MESADA, e o domínio CORRUPÇÃO, relacionado ao *frame* MENSALÃO. A partir disso, inferimos que Lula foi compreendido como corrupto, porque, além da manchete “Mensalão: quando e como Lula foi alertado”, a luz branca que contorna o perfil de Lula (a qual, metaforicamente, pode ser associada a conhecimento, devido à metáfora CONHECER É VER) também indica que o então presidente tinha conhecimento sobre o pagamento de mesada a parlamentares, o que o tornaria, automaticamente, corrupto e imoral. Por conta dessa inferência de Lula enquanto corrupto e imoral, identificamos a metonímia QUALIDADE POR PESSOA, desdobrando-se na metonímia situada *Corrupto por Lula*, estruturadas pelo esquema imagético PARTE-TODO.

Localizamos, ainda, o domínio COR juntamente com o *frame* BRANCO, ativando a metáfora mais geral CONHECIMENTO É LUZ BRANCA, que atualiza a metáfora conceptual CONHECER É VER, e a metáfora situada *Luz sobre Lula é conhecimento sobre corrupção*. Essas metáforas foram estruturadas pelo esquema imagético LIGAÇÃO, pois há uma conexão entre conhecimento e esclarecimento e o termo “luz”, de acordo com os sentidos apresentados no Aulete Digital<sup>87</sup>.

Além disso, evocamos, novamente, o domínio POLÍTICA, integrando os *frames* AGENTE POLÍTICO, ESQUERDA e PARTIDO POLÍTICO. Tal domínio foi ativado não só pelo contexto, mas também pelos itens léxicos “Lula” e “petistas”, pela cor vermelha como fundo da imagem do presidente. Desse modo, encontramos as metonímias FILIAÇÃO POR PESSOA, PESSOA PELA OCUPAÇÃO e COR PELA INSTITUIÇÃO, respectivamente, com as metonímias situadas *Petista por Lula*, *Lula por presidente* e *Vermelho por PT*. Essas metonímias, também, foram estruturadas pelo esquema imagético PARTE-TODO, uma vez que aspectos dos domínios são focalizados em detrimento de outros. Ressaltamos, ainda, que a última metonímia situada mencionada (*Vermelho por PT*) está conectada à metáfora conceptual multimodal COR É INSTITUIÇÃO e à situada *Vermelho é esquerda*, o que configura a metaftonímia.

Por fim, acionamos o domínio CORPO HUMANO e o *frame* PERFIL DO ROSTO. Nele, identificamos a metonímia PERFIL DO ROSTO PELA PESSOA e a metonímia situada *Perfil do rosto de Lula por Lula*, estruturados pelo esquema de imagem PARTE-TODO.

Após esse estudo das conceptualizações de Lula, vejamos, a seguir, um quadro síntese do que foi descrito.

---

<sup>87</sup> Disponível em: <https://aulete.com.br/luz>. Acesso em 31 de jul. de 2022.

Quadro 15 - Síntese acerca da conceptualização de Lula na capa da edição 1914, publicada em 20/07/2005

Domínio(s) de metáfora	Frame(s)	Expressões verbais	Expressões imagéticas	Contexto	Metáfora(s) conceptual(ais) ou geral(ais)	Metáfora(s) situada(s)	Esquema(s) imagético(s)
COR	BRANCO	Expressão linguística: Mensalão quando e como Lula foi alertado	Imagem do perfil de Lula sendo contornado por uma luz branca	Lula enquanto presidente	CONHECIMENTO É LUZ BRANCA CONHECER É VER	<i>Luz sobre Lula é conhecimento sobre corrupção</i>	LIGAÇÃO
	VERMELHO				COR É INSTITUIÇÃO	<i>Vermelho é esquerda</i>	
Domínio(s) da metonímia	Frame(s)	Expressão linguística: “Mesadão por PT: Valério ganhava contratos do governo e retribuía com depósitos para os petistas”			Metonímia(s) conceptual(ais)	Metonímia(s) situada(s)	Esquema(s) imagético(s)
POLÍTICA	AGENTE POLÍTICO ESQUERDA GOVERNO				PESSOA PELA OCUPAÇÃO	<i>Lula por presidente</i>	PARTE-TODO
					INSTITUIÇÃO POR PESSOA	<i>Filiação por Lula</i>	
					COR PELA INSTITUIÇÃO	<i>Vermelho por PT</i>	
CORRUPÇÃO	MENSALÃO				QUALIDADE POR PESSOA	<i>Corrupto por Lula</i>	
ECONOMIA	MESADA						
CORPO HUMANO	BUSTO				PERFIL DO ROSTO PELA PESSOA	<i>Perfil do rosto de Lula por Lula</i>	

Fonte: Elaborado pela autora

Na próxima capa, publicada em setembro de 2005, faltando um ano para as eleições presidenciais do ano de 2006, há o foco no populismo associado a Lula. De acordo com Paraizo (2017), anteriormente à eleição de tal político, havia um descontentamento da burguesia com os aspectos neoliberais do governo FHC. Assim, o fato de o PT manifestar seu compromisso com o capitalismo na campanha eleitoral de 2002 foi considerado como uma possibilidade para atender aos objetivos dessa parcela da sociedade. Isso foi ratificado pela segurança que o vice-presidente de Lula, José Alencar, símbolo do empresariado brasileiro, transmitia a essa parcela da população. Ademais, havia o desejo de mudança das classes populares, e as promessas de campanha de Lula as contemplava. Nas palavras de Paraizo (2017, p.96):

Esta fração das classes dominadas, cuja principal característica consiste em sua desorganização política enquanto classe social, foi mantida desorganizada por meio do fetiche do Estado protetor, que, neste caso particular, recebeu um substrato material por meio das políticas focalizadas que melhoraram suas condições de vida. Deste modo, este imenso contingente de pauperizados foi precipitado na cena política brasileira enquanto classe-apoio do projeto de desenvolvimento do governo em favorecimento tanto dos interesses políticos, quanto dos interesses econômicos da burguesia interna, tornando-se o principal sustentáculo eleitoral do governo Lula em 2006 (PARAIZO, 2017, p.96).

Paraizo (2017) retoma, em seu estudo, o conceito de classe-apoio abordado por Poulantzas (1977), as quais são classes que apoiam o Estado capitalista, pois consideram um Estado protetor. Historicamente, essas classes-apoio foram evidenciadas no bonapartismo da França no século XIX, porque havia o apoio dos camponeses ao governo de Luís Bonaparte.

O estudo de Paraizo (2017), na área da Comunicação Social, nos permite dialogar, em alguns aspectos, com o de Lakoff (2007) sobre o *frame* do pai protetor. Para esse último autor, não há como falar de política sem falar de moral; esta, por sua vez, é construída a partir de nossa primeira experiência de vida: a família. Nesse sentido, conceptualizamos por intermédio de dois MCIs: o do pai severo e o do pai protetor. Esse último, como foi mencionado na fundamentação teórica, está ligado a uma moral baseada na empatia. O governo de Lula, voltado para as políticas sociais direcionadas à classe-apoio, nos permite compreendê-lo como um pai protetor, o que retoma o Estado protetor citado por Paraizo (2017).

Ainda conforme Paraizo (2017), o populismo é um modo do bonapartismo. Para a autora, associar as classes populares do governo Lula a classes-apoio de um projeto

neodesenvolvimentista (desenvolvimento de produção capitalista) é possível devido ao conceito amplificado de classe-apoio, o qual contempla as classes trabalhadoras. Logo, partindo do pressuposto de que as classes populares foram beneficiadas e serviram de classes-apoio para a burguesia, o populismo no governo Lula tinha uma particularidade que se distanciava e se aproximava do populismo de meados do século XX e, também do neopopulismo originado das práticas neoliberais.

Conforme Paraizo (2017), o populismo de Lula dialoga, por um lado, com o do século XX, porque traçou um projeto político e econômico favorável a uma parte da burguesia brasileira, envolvendo subordinadamente classes dominadas; por outro lado, distancia-se desse grupo social, pois a burguesia beneficiada “tem sua margem de ação limitada à conjuntura mundial, não ousando refutar as determinações do capital-imperialista” (PARAIZO, 2017, p.98).

Além disso, o populismo de Lula conversaria com o neopopulismo, porque ele se fundamentaria na motivação à autoexposição da personalidade individual como resultado do sistema jurídico-político do Estado capitalista e do discurso do então presidente. Em relação a isso, a citada autora faz a seguinte observação:

Este discurso [populista] articulou elementos heterogêneos como a noção do “Lulinha paz e amor” – inventada por ele mesmo em sua campanha de 2002 – sob o intuito de atenuar sua imagem atrelada às lutas sindicais de outrora; e a imagem do trabalhador migrante que ascendeu à presidência da República – conhecedor dos reais problemas brasileiros – que se preocupa em oferecer o padrão classe média ao trabalhador comum (PARAIZO, 2017, p.98)

Com essa abordagem sobre o populismo atribuído a Lula, podemos entender, na capa a seguir, o porquê de ele ter sido conceptualizado, pela mídia, como um defensor dessa tendência política e uma ameaça (uma granada) ao país. Sobre isso, é válido ressaltar, ainda, que a política experienciou um processo de coisificação e, assim, Lula foi reduzido a um objeto, utilizado em situações de confronto, tendo o MCI de uma guerra, como sustentador da conceptualização apresentada. Vejamos a capa:

Figura 30 – Capa da Revista *Veja*, edição 1922, publicada em 14/09/2005



Fonte: Arquivo Digital Veja

Nessa capa, acionamos o *frame* ARMA, integrando os domínios GUERRA e OBJETO, mediante a imagem de uma granada com a faixa presidencial em volta, uma vez que esta, metonimicamente, tem uma relação de contiguidade com o presidente do país. Nesse contexto, há as metáforas conceptuais POLÍTICA É GUERRA e SER HUMANO É OBJETO como base para a metáfora situada *Lula é granada*. A granada, conforme o Aulete Digital<sup>88</sup>, é um “projétil explosivo, incendiário ou lacrimogêneo, que se lança com a mão ou arma portátil”.

Nesse sentido, Lula foi conceptualizado como um explosivo, o que revela sua força prejudicial ao país. Além disso, inferimos que, de acordo com a *Veja*, houve uma guerra entre o Brasil (metonimicamente, o nome do país faz referência aos cidadãos brasileiros) e o seu governante, quem estaria relacionado ao populismo. Essa inferência foi possível por conta da expressão linguística “como o Brasil se blindou contra o populismo e as aventuras na economia”, o que evidencia o confronto mencionado. Por conseguinte, podemos compreender que Lula foi conceptualizado como um líder

<sup>88</sup> Disponível em: <https://aulete.com.br/granada>. Acesso em 18 dez. 2021.



autodestrutivo, pois, simultaneamente, é um presidente e uma granada, isto é, é um presidente que ameaça a sua própria liderança e, conseqüentemente, o país. Essas metáforas foram estruturadas pelo esquema imagético FORÇA, porque Lula exerce um poder sobre a organização do país e, também, pode destruí-lo.

Ligado ao domínio GUERRA, há o POLÍTICA, enquanto organização de uma sociedade, integrando os *frames* NAÇÃO, AGENTE POLÍTICO, ESQUERDA e POPULISMO. Nele, verificamos as metonímias (1) NAÇÃO POR SER HUMANO, juntamente com as metonímias situadas *Brasil por Lula* e *Brasil por cidadãos brasileiros*, (2) TENDÊNCIA POLÍTICA POR PESSOA, com a metonímia situada *Populismo por Lula*, todas estruturadas pelo esquema de imagem LIGAÇÃO. Essas conceptualizações foram possíveis por meio dos itens léxicos “populismo” e “Brasil”, além da imagem da faixa presidencial.

Enfim, evocamos o domínio ECONOMIA associado ao *frame* CRISE ECONÔMICA. Nele, identificamos a metáfora ECONOMIA É AVENTURA relacionada à metáfora situada *Estratégia econômica de Lula é aventura*, devido à sentença presente na capa “aventuras na economia”. Tais metáforas foram estruturadas pelo esquema de imagem PROCESSO e ORIGEM-PERCURSO-META. Isso porque há uma sequência de ações para estabelecer uma estratégia e alcançar uma meta.

No entanto, pela *Veja*, a economia no governo Lula foi compreendida como algo incerto, o que pode corroborar a abordagem de Paraizo (2017) acerca do populismo de Lula promover ações limitadas à burguesia, fazendo com que esta classe social, principal público da *Veja*, se sentisse insegura com o então presidente. Ressaltamos que, apesar de a conceptualização da economia ser tangente ao objeto de estudo, ela influencia a conceptualização de Lula ao indicar que este se aventura na economia. Essa conceptualização da economia somada à conceptualização de Lula como uma ameaça (granada) evidenciam a construção de sentido de um político imoral. Então, agora, verifiquemos, em um quadro, o resumo dessa descrição:

Quadro 16 - Síntese acerca da conceptualização de Lula na capa da edição 1922, publicada em 14/09/2005

<b>Domínio(s) de metáfora</b>	<b>Frame(s)</b>	<b>Expressões verbais</b>	<b>Expressões imagéticas</b>	<b>Contexto</b>	<b>Metáfora(s) conceptual(ais)</b>	<b>Metáfora(s) situada(s)</b>	<b>Esquema(s) imagético(s)</b>
GUERRA	ARMA	Item léxico: “contra”	Imagem da granada com a faixa presidencial	Lula enquanto presidente	POLÍTICA É GUERRA	<i>Lula é granada</i>	FORÇA/ BLOQUEIO
OBJETO	ARMA	Expressão linguística: “como o Brasil se blindou contra o populismo e as aventuras na economia”			SER HUMANO É OBJETO	<i>Lula é granada</i>	FORÇA/ BLOQUEIO
ECONOMIA	CRISE ECONÔMICA	Expressão linguística: “as aventuras na economia”			ECONOMIA É AVENTURA	<i>Estratégia econômica de Lula é aventura</i>	PROCESSO
<b>Domínio(s) da metonímia</b>	<b>Frame(s)</b>	<b>Expressões verbais</b>			<b>Metonímia(s) conceptual(ais)</b>	<b>Metonímia(s) situada(s)</b>	<b>Esquema(s) imagético(s)</b>
POLÍTICA	NAÇÃO ESQUERDA POPULISMO AGENTE POLÍTICO	Expressão linguística: “como o Brasil se blindou contra o populismo e as aventuras na economia”  Item léxico: “populismo”			NAÇÃO POR SER HUMANO	<i>Brasil por Lula</i>  <i>Brasil por cidadãos brasileiros</i>	LIGAÇÃO
			TENDÊNCIA POLÍTICA POR PESSOA	<i>Populismo por Lula</i>			

Fonte: Elaborado pela autora

No período de novembro de 2009, em uma entrevista concedida ao jornal britânico *Financial Times* (FT), Lula relatou que o setor privado, no Brasil, nunca ganhou tanto quanto no seu governo. Conforme matéria divulgada pela BBC News, o jornal FT questionou o petista sobre a influência do Estado na economia, mencionando a fundação da empresa destinada às reservas pré-sal e a exigência do governo para que a Vale produzisse aço no país. Sobre isso, Lula respondeu o seguinte: “sou contra o Estado ser o gerente da economia. O Estado tem que ser forte – mas como um catalisador do desenvolvimento. E temos mantido sólidas políticas fiscal e monetária. Foi por isso que o setor bancário não quebrou durante a crise no Brasil.” (FINANCIAL TIMES *apud* BBC NEWS, 2009)<sup>89</sup>.

O FT, além disso, citou as verbas direcionadas ao bem-estar social e à folha de pagamento do setor público, pois, segundo tal jornal, isso poderia ser uma bomba relógio fiscal. No mencionado veículo de comunicação, ainda, foi apresentado que Lula usa sua história pessoal para provar que o Brasil mudou de maneira irreversível. Nesse sentido, o então presidente relatou ao FT que amadureceu durante o período em que se candidatou às eleições, mas não venceu e disse: “eu era o único que não podia fracassar. Eu não podia fazer o que (Lech) Walesa fez na Polônia (num mandato tão pouco impressionante que ele não foi reeleito), ou nenhum trabalhador jamais poderia ser eleito presidente de novo” (FINANCIAL TIMES *apud* BBC NEWS, 2009).

Após a explanação desse contexto, a seguir, estudaremos a conceptualização de Lula em uma capa publicada em novembro de 2009:

---

<sup>89</sup> Setor privado nunca ganhou tanto dinheiro, diz Lula ao ‘FT’. *BBC NEWS Brasil*. Disponível em [https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2009/11/091109\\_lulaentrevistaft\\_ba](https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2009/11/091109_lulaentrevistaft_ba). Acesso em 05 de jan. 2022.

Figura 31 – Capa da Revista *Veja*, edição 2140, publicada em 25/11/2009



Fonte: Arquivo Digital Veja<sup>90</sup>

Na capa dessa edição, identificamos o domínio MITOLOGIA integrando o *frame* MITO. Neles, ativamos as metáforas mais gerais OBRA CINEMATOGRAFICA É MITOLOGIA e SER HUMANO É ENTIDADE SOBRENATURAL, ocasionando, respectivamente, as metáforas situadas *Filme sobre Lula é mito* e *Lula é Deus*. Esses mecanismos cognitivos foram ativados pelas expressões linguísticas “mito”, “o filme sobre a vida do presidente [...] endeusa o político” e “Lula”, bem como a imagem do político com uma auréola, formada por estrelas, sobre sua cabeça. Tais expressões verbo-imagéticas também nos permitiram acionar o domínio RELIGIÃO e os *frames*

<sup>90</sup> Manchete: “Lula, o mito, a fita e os fatos”.

Subtítulo: “Pago por empresas privadas com interesses no governo, o filme sobre a vida do presidente é um melodrama que depura a sua biografia, endeusa o político e servirá de propaganda em 2010”. (VEJA,2009)

AURÉOLA e SANTO. Neles, ativamos novamente a metáfora conceptual SER HUMANO É ENTIDADE SOBRENATURAL, bem como as metáforas situadas *Lula é santo* e *Lula é Deus*. Essas metáforas foram estruturadas pelo esquema imagético de FORÇA, visto que Lula foi conceptualizado como um Deus, ou seja, alguém que orienta o outro. Sobre isso é válido ressaltar a definição do item léxico “mito”. Conforme o dicionário Aulete Digital<sup>91</sup>, o mito é uma crença popular, uma narrativa fantasiosa, composta por elementos sobrenaturais, ou um acontecimento incomum, geralmente, distorcido pelo povo ou pela mídia, por exemplo. Nesse sentido, percebemos que a Revista *Veja* pode ter compreendido que o filme sobre Lula é uma narrativa distorcida da realidade.

A partir da imagem do então presidente, do item léxico “Lula” e do contexto, acionamos novamente o domínio POLÍTICA, integrando os *frames* AGENTE POLÍTICO, ESQUERDA e GOVERNO. Neles, encontramos a metonímia PESSOA PELA OCUPAÇÃO e a metonímia situada *Lula por presidente*.

Por fim, somado a isso, encontramos o domínio CORPO HUMANO relacionado com o frame BUSTO e a metonímia BUSTO PELA PESSOA; esta, por sua vez, integra a metonímia situada *Busto de Lula por Lula*. Esses elementos cognitivos foram estruturados pelo esquema de imagem PARTE-TODO, visto que houve a focalização de um aspecto do político em questão, isto é, eles revelam um padrão de organização cultural, demonstrando como a conceptualização humana seleciona características para fazer referência a um todo complexo.

Para além desse estudo de Lula na *Veja*, é válido acrescentar que, posteriormente, o FT reconheceu que houve a continuação de políticas econômicas, o que permitiu o crescimento e a estabilidade do país, que os programas sociais, como o Bolsa Família, e o Brasil como sede da Copa do Mundo, em 2014, e dos Jogos Olímpicos, em 2016, reforçaram os avanços da nação, ressaltando, ainda, a mudança na política internacional. Isso porque o governo Lula não focou somente parceiros comerciais, como os Estados Unidos e a União Europeia, mas também estabeleceu relações com a Ásia, o Oriente Médio e a África, sendo a China, na época, o seu maior parceiro comercial.

A seguir, vejamos um quadro que resume essas conceptualizações:

---

<sup>91</sup> Disponível em: <https://www.aulete.com.br/mito>. Acesso em 05 de jan. 2022.

Quadro 17 - Síntese acerca da conceptualização de Lula na capa da edição 2140, publicada em 25/11/2009

<b>Domínio(s) de metáfora</b>	<b>Frame(s)</b>	<b>Expressões verbais</b>	<b>Expressões imagéticas</b>	<b>Contexto</b>	<b>Metáfora(s) conceptual(ais)</b>	<b>Metáfora(s) situada(s)</b>	<b>Esquema(s) imagético(s)</b>
MITOLOGIA	MITO	Item léxico: “mito”  Item léxico: “Lula”  Expressão linguística: “endeusa o político [Lula]”	Imagem de Lula com auréola	Lula enquanto presidente	OBRA CINEMATOGRAFICA É MITOLOGIA	<i>Filme sobre Lula é mito Lula é Deus</i>	FORÇA
RELIGIÃO	AURÉOLA SANTO				SER HUMANO É ENTIDADE SOBRENATURAL	<i>Lula é santo Lula é Deus</i>	FORÇA
<b>Domínio(s) da metonímia</b>	<b>Frame(s)</b>				<b>Metonímia(s) conceptual(ais)</b>	<b>Metonímia(s) situada(s)</b>	<b>Esquema(s) imagético(s)</b>
POLÍTICA	AGENTE POLÍTICO  ESQUERDA  GOVERNO		PESSOA PELA OCUPAÇÃO		<i>Lula por presidente</i>	PARTE-TODO	
CORPO HUMANO	BUSTO		Imagem do busto de Lula		BUSTO PELA PESSOA	<i>Busto de Lula por Lula</i>	PARTE-TODO

Fonte: Elaborado pela autora

Em janeiro de 2010, conforme reportagem divulgada pelo site da *Veja* (2010)<sup>92</sup>, Lula foi internado em Recife (PE) devido a um quadro de hipertensão. Na ocasião, os médicos avaliaram o estado do político como uma crise hipertensiva ocasionada pelo estresse, pelas diversas demandas e por uma gripe não curada. Ainda de acordo com tal veículo de comunicação, Lula fora alertado em relação ao seu sobrepeso quando assumiu a presidência em 2003. Por isso, ele seguiu uma dieta para emagrecer e praticou exercícios diariamente. Apesar da crise, segundo o G1 (2010)<sup>93</sup>, Lula continuou cumprindo sua agenda de viagens, pois, para o então presidente, as obras precisavam ser fiscalizadas a fim de garantir a execução delas. Essa situação foi manchete da capa da revista *Veja*, publicada em 03 de fevereiro de 2010, apresentada a seguir:

---

<sup>92</sup> Disponível em: <https://veja.abril.com.br/saude/lula-sal-sobrepeso-e-stress-favorecem-hipertensao/>. Acesso em 26 de fev. 2022.

<sup>93</sup> Disponível em: <https://g1.globo.com/Noticias/Politica/0..MUL1469755-5601.00-LULA+DIZ+QUE+FICOU+PREOCUPADO+COM+PRESSAO+ALTA+MAS+CONTINUARA+VIAJANDO.html>. Acesso em 26 de fev. 2022.

Figura 32– Capa da Revista *Veja*, edição 2150, publicada em 03/02/2010



Fonte: Arquivo Digital Veja<sup>94</sup>

Nessa capa, encontramos o domínio DOENÇA, integrando o *frame* HIPERTENSÃO. Nesse contexto, Lula foi conceptualizado como alguém que sofre uma doença. Essa conceptualização foi possível devido à imagem de preocupação de Lula, além dos termos “pressão”, “stress” e “hipertensão” presentes, respectivamente, nas sentenças “Sob pressão” e “Lula exagera, ignora o stress e tem uma crise de hipertensão”. Nesta última, ainda, há a utilização do verbo “ter”, que, em uma de suas acepções, indica sofrimento (AULETE, 2023)<sup>95</sup>. Assim, identificamos as metonímias CAUSA-CONSEQUÊNCIA e DOENÇA POR SENTIMENTO, ancorando a metonímia situada *Hipertensão por sofrimento de Lula*, estruturadas pelo esquema de imagem PROCESSO, pois a doença provoca o sofrimento.

<sup>94</sup>Manchete: Sob Pressão. Subtítulo: Lula exagera, ignora o stress e tem uma crise de hipertensão que, como ensinam os médicos, poderia ser evitada.

<sup>95</sup> Disponível em: <https://www.aulete.com.br/desencadear>. Acesso em 13 de março de 2023.



Ademais, ativamos o domínio ESPAÇO, integrando o *frame* POSIÇÃO, e a metáfora conceptual (orientacional) RUIM É PARA BAIXO, estruturada pelo esquema imagético CIMA-BAIXO, por causa da imagem de Lula com a cabeça inclinada para baixo juntamente com a expressão linguística “Sob pressão”, porque o item léxico “sob” é uma preposição que indica posição inferior. Assim, a metáfora primária mencionada é estruturada pelo esquema imagético FORÇA.

É importante, ainda, ressaltar a polissemia do termo “pressão”, pois este pode estar relacionado tanto à pressão arterial de Lula quanto à força exercida por outrem. Ou seja, além da pressão ocasionada pela doença, há a pressão que sofre devido a outros fatores, como as demandas e o estresse.

Por fim, por meio das expressões verbo-imagéticas já mencionadas, ativamos também o domínio POLÍTICA constituído pelos *frames* AGENTE POLÍTICO, ESQUERDA e GOVERNO. Neles, encontramos a metonímia PESSOA PELA OCUPAÇÃO, com a metonímia situada *Lula por presidente*, estruturadas pelos esquemas-imagéticos LIGAÇÃO e PARTE-TODO.

Ademais, mediante a imagem de Lula, evocamos o domínio CORPO HUMANO e o *frame* BUSTO, ativando, ainda, a metonímia BUSTO PELA PESSOA e a metonímia situada *Busto de Lula por Lula*, estruturada pelo esquema imagético PARTE-TODO.

Então, depois dessa descrição dos elementos cognitivos acionados, veremos, agora, um quadro síntese sobre eles.

Quadro 18 - Síntese acerca da conceptualização de Lula na capa da edição 2150, publicada em 03/02/2010

Domínio(s) de metáfora	Frame(s)	Expressões verbais	Expressões imagéticas	Contexto	Metáfora(s) conceptual(ais)	Metáfora(s) situada(s)	Esquema(s) imagético(s)
ESPAÇO	POSIÇÃO	Item léxico: Pressão	Imagem de preocupação de Lula com a cabeça inclinada para baixo	Lula enquanto presidente	RUIM É PARA BAIXO		CIMA-BAIXO
Domínio(s) da metonímia	Frame(s)	Expressão linguística: “Lula exagera, ignora o stress e tem uma crise de hipertensão”			Metonímia(s) conceptual(ais)	Metonímia(s) situada(s)	Esquema(s) imagético(s)
DOENÇA	HIPERTENSÃO				CAUSA-CONSEQUÊNCIA	<i>Hipertensão por sofrimento de Lula</i>	PROCESSO
POLÍTICA	AGENTE POLÍTICO				DOENÇA POR SOFRIMENTO		
	ESQUERDA				PESSOA PELA OCUPAÇÃO	<i>Lula por presidente</i>	PARTE-TODO
CORPO HUMANO	BUSTO	Imagem do busto de Lula	BUSTO PELA PESSOA	<i>Busto de Lula por Lula</i>	PARTE-TODO		

Fonte: Elaborado pela autora

Em 2010, houve diversas reportagens acerca de denúncias sobre irregularidades envolvendo a Ministra da Casa Civil, Erenice Guerra<sup>96</sup>. Posteriormente, quando ela foi demitida da Pasta, Lula, em um comício no dia 18 de setembro de 2010, na Declaração de Campinas, disse o seguinte: “Nós vamos derrotar alguns jornais e revistas que se comportam como partidos políticos. Nós não precisamos de formadores de opinião. Nós somos a opinião pública” (JORNAL DO CAMPUS, 2010)<sup>97</sup>. Conforme o *Jornal do Campus* (2010), para alguns jornalistas e especialistas políticos, essa crítica de Lula destinada à mídia não foi uma explosão, mas, sim, uma atitude pensada. Ainda sobre essa situação, Eugênio Bucci, professor de Ética da Escola de Comunicações e Artes (ECA) da USP, defende:

Ela [(a fala de Lula)] começa pela necessidade de blindar a candidatura de Dilma Rousseff contra reportagens que possam minar o voto de confiança que ela vem recebendo nas pesquisas. Para isso, Lula caracteriza a imprensa como ‘partidos de oposição’. Ele iguala o discurso jornalístico ao discurso da oposição e, na sequência, conclama os eleitores a ‘derrotar alguns jornais e revistas que se comportam como partidos políticos’. Eis a fórmula da blindagem necessária. Portanto, o movimento teatral de Lula é estritamente racional, calculado. E faz sentido (JORNAL DO CAMPUS, 2010, p.1)

Essa defesa do professor ratifica, então, a opinião de que Lula fez tal crítica como uma estratégia. No entanto, ainda segundo o *Jornal do Campus* (2010), a Declaração de Campinas dividiu opiniões na mídia, por exemplo, o jornal Estado de S. Paulo, no seu editorial “O mal a evitar”, afirmou ser a favor do candidato José Serra, fazendo declarações negativas em relação a Lula, bem como repreendendo-o por suas falas. Isso foi feito com o objetivo de evidenciar o papel importante da imprensa ao fazer denúncias. Seguindo esse mesmo raciocínio, como veremos posteriormente, na Revista *Veja*, isso foi tratado como riscos à democracia, de modo que, nesse período, é publicada uma capa com o título: “A liberdade sob ataque”. Por outro lado, na revista *Carta Capital*, foi declarado que, devido a um sentimento de desespero por conta da possibilidade de vitória

---

<sup>96</sup> Erenice Guerra, advogada e política brasileira filiada ao PT, foi ministra-chefe da Casa Civil entre abril e setembro de 2010. Ela foi demitida depois das denúncias publicadas pela Revista *Veja* sobre seu filho Israel Guerra estar vinculado a um suposto esquema de corrupção para intermediar projetos privados. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/ex-ministra-de-dilma-atua-como-vendedora-de-cosmeticos/>. Acesso em 19 de set. de 2022

<sup>97</sup> Declarações de Lula não representam censura. *Jornal do Campus*. Disponível em: <http://www.jornaldocampus.usp.br/index.php/2010/10/declaracoes-de-lula-nao-representam-censura/>. Acesso em 19 de set. de 2022.

da candidata do PT à presidência, Dilma Rousseff, a oposição evocou fantasmas alimentados pela imprensa (JORNAL DO CAMPUS, 2010).

Sobre sua relação com a imprensa, antes de ser preso em 2018, em entrevista a Jinkings *et al* (2019), Lula afirma o seguinte sobre sua relação com a imprensa:

Eu tinha uma relação cordial com todo mundo. Apesar de não parecer, sou um cara muito cordial na minha relação humana com as pessoas. Eu tinha com a Bandeirantes, com a Globo, com a Record, com o Sílvio Santos, com a Folha (JINKINGS *et al*, 2019, p.80)

Além disso, o político aborda o tratamento da imprensa no que diz respeito à sua figura:

A *Veja*, a *IstoÉ*, essas revistas são a base de quase todas as investigações. Por exemplo, o apartamento: é tudo baseado nas reportagens mentirosas do jornal *O Globo*. O Moro cita *O Globo* quinhentas vezes. Então, como isso é baseado em mentira, e eles já estão há quatro anos mentindo, eles não têm como sair. Por isso é que eu disse para ele no meu depoimento: ‘Ô, Moro, você não tem como não me condenar. Você é refém da Globo’. E a Globo é refém dele. Um alimenta o outro (JINKINGS *et al*, 2019, p.80, *grifo do autor*)<sup>98</sup>.

Sobre isso, Lula ainda descreve o seu sentimento de injustiça:

[...] É o sentimento de injustiça, de canalhice, da mentira mais escabrosa que se inventou neste país, e o mal que causa aos meus filhos [...]. Quando a *Veja*, em 2006, resolveu fazer uma capa, era sabe para quê? Era para persegui-lo [o filho] [...]. Desde 2006! Estou falando de doze anos atrás. Então, não é só a questão do sentimento de inocência, mas a questão da perseguição (JINKINGS *et al*, 2019, p.81, *grifo do autor*).

Conforme Moraes (2021), em uma pesquisa feita nos editoriais dos principais jornais impressos do país: *Folha de S. Paulo*, *O Estado de S.Paulo* e *O Globo*, Lula, embora tenha sido abordado em textos de opinião, não teve tranquilidade em um espaço jornalístico que era direcionado a apresentar diversidade de pontos de vista. Isso porque, em 2016, tais influentes diários publicaram 114 textos “de opinião” desfavoráveis, 2 neutros e somente nove favoráveis. Posteriormente, em maio de 2017, ainda segundo o referido autor, em textos assinados por colunistas convidados ou assalariados, 76 aviltavam Lula, doze eram neutros e só um podia ser lido como favorável. Em abril de 2018, ainda em textos de opinião de articulistas convidados ou empregados dos veículos, 97 eram contrários a Lula, 37 neutros e 11 favoráveis (MORAIS, 2021, p.403-404).

Percebemos, portanto, que a abordagem de Lula pela imprensa era conturbada, tinha uma tendência a ser parcial, o que pode demonstrar uma estratégia para construir

<sup>98</sup> Neste relato, Lula faz referência à investigação da Lava Jato.

uma imagem negativa do petista, apesar da popularidade dele. Isso pode influenciar a conceptualização do público sobre o político, e essa consideração retoma o postulado de Lakoff (2016) sobre o fato de que quanto mais as opiniões sobre Lula forem discutidas na mídia, mais elas são acionadas e mais fortes ficarão. Ou seja, os *frames* acerca de Lula serão evocados tanto na mente de pessoas de esquerda quando na de direita.

Após essa contextualização, estudemos, a seguir, a referida capa da Revista *Veja* com a manchete “A liberdade sob ataque”:

Figura 33 – Capa da Revista *Veja*, edição 2184, publicada em 29/09/2010



Fonte: Arquivo Digital *Veja*

A partir da manchete, do seu subtítulo “A revelação de evidências irrefutáveis de corrupção no Palácio do Planalto renova no presidente Lula e no seu partido o ódio à imprensa livre” e do símbolo petista atravessando um trecho da Constituição Federal Brasileira, mais especificamente, a lei que garante a manifestação do pensamento, acionamos os domínios, JUSTIÇA e MÍDIA, com o *frame* LIBERDADE DE

EXPRESSÃO, e POLÍTICA, com os *frames* AGENTE POLÍTICO, PARTIDO POLÍTICO e ESQUERDA. O primeiro foi ativado principalmente pelas expressões linguísticas “liberdade” e “imprensa livre”, e o segundo, pelos itens léxicos “presidente Lula”, “partido” e “Palácio do Planalto”, além da ilustração da estrela vermelha. Diante desses acionamentos, percebemos que Lula foi conceptualizado como o membro proeminente do PT e como uma oposição que realiza uma ação de agredir moralmente a imprensa, o que é percebido pelo item léxico “ataque”. Este, por sua vez, possibilita-nos ativar o domínio GUERRA juntamente com o *frame* ATAQUE.

Desse modo, identificamos a metáfora conceptual POLÍTICA É GUERRA associada à metáfora situada *Lula é guerreiro*, que foram estruturadas pelo esquema imagético de FORÇA-BLOQUEIO, porque seria uma força para bloquear a liberdade de expressão (a mídia). Essa conceptualização corrobora a construção de uma imagem do petista como um político imoral e, ainda, através do contexto em que a capa foi publicada, podemos considerar que Lula foi estrategista, como afirmou o professor Bucci (*apud* Jornal Campus, 2010), já que, no MCI de GUERRA, para realizar um ataque, é preciso estratégia.

Ademais, a mídia foi metonimicamente acionada como liberdade de expressão e, metaforicamente, como vítima, dado que ela sofre o ataque de Lula. Isso é reforçado tanto pela ilustração da estrela, conceptualizada como o PT e como um objeto usado enquanto arma para ferir a constituição, quanto pelo uso da preposição “sob” (“liberdade de expressão sob ataque”), que significa estar em uma posição abaixo. Nesse sentido, acionamos as seguintes metonímias e metáforas: PARTE PELO TODO, FAZER JORNALISMO É GUERREAR (associada à metáfora situada *Imprensa livre é vítima de Lula*), SÍMBOLO É OBJETO e SÍMBOLO POR PARTIDO POLÍTICO. Esses dois últimos mapeamentos estão vinculados, respectivamente, às metáforas situadas *Estrela é arma*, estruturadas pelo esquema de imagem FORÇA, e à metonímia situada *Estrela por PT*, estruturada pelo esquema PARTE-TODO.

Por fim, identificamos também o domínio COR constituído pelo *frame* VERMELHO. Neles, há a metáfora conceptual COR É INSTITUIÇÃO ligada à metáfora situada *Vermelho é esquerda*, as quais foram cristalizadas na cultura da sociedade brasileira e estão relacionadas à metonímia COR POR INSTITUIÇÃO e à metonímia situada *Vermelho por esquerda/PT*, estruturadas pelo esquema de imagem PARTE-TODO.

No que diz respeito ao papel da mídia ao tratar de política, Lakoff e Duran (2018)<sup>99</sup> abordam algumas estratégias, como, por exemplo: (1) os jornalistas entenderem como a propaganda funciona cognitivamente em relação aos processos metafóricos, metonímicos etc.; (2) controlar seriamente as notícias coletadas sem deixar que um político as domine, ou seja, ser imparcial e narrar cada história com a verdade e o contexto do que realmente é importante para os cidadãos em uma democracia; e (3) não espalhar mentiras. Isto é, não disseminar mentiras de um político colocando sua linguagem específica nas manchetes.

Por isso seria interessante não as repetir, porque uma mentira repetida muitas vezes pode se tornar uma verdade, como foi dito na subseção 1.1.4 sobre *frames*. A repetição de mentiras as espalha. Porém a *Veja*, ao construir a imagem de Lula como oposição, pode disseminar uma percepção que inicialmente pode não coincidir com os fatos, dependendo do ponto de vista, mas que se tornará uma verdade mediante o processo de repetição. Por exemplo, a conceptualização de que o petista é uma força que ameaça a liberdade de expressão, associada às conceptualizações de Lula enquanto condenado, objeto etc. podem reforçar a compreensão negativa sobre ele.

A seguir, vejamos um quadro que sintetiza os mecanismos cognitivos evocados.

---

<sup>99</sup> LAKOFF, G.; DURAN, G. Trump has turned words into weapons. And he's winning the linguistic war. Disponível em: <https://www.theguardian.com/commentisfree/2018/jun/13/how-to-report-trump-media-manipulation-language>. Acesso em 03 de out. de 2022.

Quadro 19 - Síntese acerca da conceptualização de Lula na capa da edição 2184, publicada em 29/09/2010

Domínio(s) de metáfora	Frame(s)	Expressões verbais	Expressões imagéticas	Contexto	Metáfora(s) conceptual(ais)	Metáfora(s) situada(s)	Esquema(s) imagético(s)			
COR	VERMELHO	Expressão linguística: “A liberdade sob ataque”  Subtítulo: A revelação de evidência irrefutável de corrupção no Palácio do Planalto renova no presidente Lula e no seu partido o ódio à imprensa livre”	Cor vermelha da estrela atravessando a Constituição Federal Brasileira	Lula enquanto presidente	COR É INSTITUIÇÃO	<i>Vermelho é esquerda</i>	LIGAÇÃO			
POLÍTICA	AGENTE POLÍTICO				POLÍTICA É GUERRA	<i>Lula é guerreiro</i>	FORÇA-BLOQUEIO			
JUSTIÇA	LIBERDADE DE EXPRESSÃO				FAZER JORNALISMO É GUERREAR	<i>Imprensa livre é vítima de Lula</i>				
MÍDIA					SÍMBOLO É OBJETO	<i>Estrela é arma</i>				
SÍMBOLO	ESTRELA				Subtítulo: A revelação de evidência irrefutável de corrupção no Palácio do Planalto renova no presidente Lula e no seu partido o ódio à imprensa livre”	Cor vermelha da estrela atravessando a Constituição Federal Brasileira	Lula enquanto presidente	<b>Metonímia(s) conceptual(ais)</b>	<b>Metonímia(s) situada(s)</b>	<b>Esquema(s) imagético(s)</b>
<b>Domínio(s) da metonímia</b>	<b>Frame(s)</b>							SÍMBOLO POR PARTIDO POLÍTICO	<i>Estrela vermelha por PT</i>	PARTE-TODO
SÍMBOLO	ESTRELA							MEMBRO PROEMINENTE POR PARTIDO	<i>Lula por PT</i>	
POLÍTICA	AGENTE POLÍTICO  PARTIDO POLÍTICO							COR POR INSTITUIÇÃO	<i>Vermelho por esquerda/PT</i>	
COR	VERMELHA									

Fonte: Elaborado pela autora



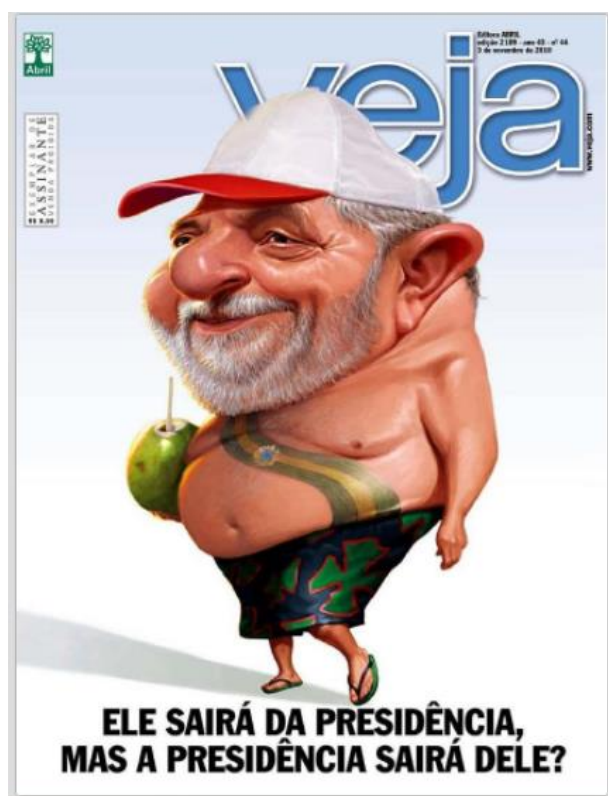
As próximas capas, uma publicada em novembro de 2010 e outra em dezembro do mesmo ano, marcam o fim do segundo mandato de Lula. Segundo uma reportagem veiculada no site da *Veja* (2010)<sup>100</sup>, o até então presidente finalizou seu governo com 87% de aprovação de acordo com uma pesquisa divulgada pelo Instituto Datafolha, como anteriormente mencionado. Ainda conforme essa reportagem, os antecessores de Lula encerraram o período na presidência com uma aprovação inferior, a saber: Fernando Collor, com 9% – devido ao processo de impeachment –; Fernando Henrique Cardoso, com 26%; e Itamar Franco – vice de Collor – com 41%. Ademais, nessa pesquisa, 84% das pessoas entrevistadas disseram que o país está melhor após oito anos do seu governo. Foi verificado também que Lula foi aprovado por 84% dos pobres, ao passo que 67% dos ricos consideraram o governo do petista bom ou ótimo. Na região Nordeste, 88% das pessoas disseram que a administração do então presidente foi boa ou ótima, já, na região Sul, 77% consideraram isso. Por fim, para 23% da avaliação popular, o pior aspecto da gestão de Lula foi a saúde, e, para 19%, o melhor foi o combate à miséria.

Então, verifiquemos, a seguir, a conceptualização de Lula no periódico publicado em novembro de 2010.

---

<sup>100</sup> Disponível em: <https://veja.abril.com.br/politica/lula-encerra-mandato-com-aprovacao-de-83-afirma-ibope/>. Acesso em 02 de março de 2022.

Figura 34 – Capa da Revista *Veja*, edição 2189, publicada em 03/11/2010



Fonte: Arquivo Digital Veja

Nessa capa, publicada em novembro de 2010, há uma caricatura de Lula, tatuado com a faixa presidencial, utilizando trajes de praia e, também, há a manchete “Ele sairá da presidência, mas a presidência sairá dele?”. Mediante esses elementos, ativamos o domínio FÉRIAS associado com o *frame* PERÍODO DE DESCANSO. Assim, considerando esses aspectos e o fato de que o segundo mandato de Lula terminara em 2010, identificamos a metáfora mais geral FIM DE MANDATO É FÉRIAS e a metáfora situada *Fim de mandato de Lula é férias*, estruturadas pelo esquema de imagem ORIGEM-PERCURSO-META, uma vez que houve uma trajetória no governo de Lula até chegar à sua finalização.

Embora o item léxico férias possa ser entendido como um período de descanso (AULETE, 2022)<sup>101</sup>, ao trazer Lula com o corpo tatuado com a faixa presidencial, compreendemos que, assim como é questionado na manchete, a presidência não sairá de Lula, visto que a tatuagem tem um efeito permanente, diferentemente das férias. Nesse sentido, além de o fim do governo de Lula ter sido compreendido como um período de férias, ou seja, um momento temporário, o corpo do político também foi conceptualizado

<sup>101</sup> Disponível em: <https://aulete.com.br/tatuagem>. Acesso em 02 de março de 2022.

como um recipiente, superfície para a tatuagem. Ou, ainda, podemos entender Lula também como um objeto no recipiente devido à expressão verbal “ele sairá da presidência”.

Desse modo, o domínio OBJETO e o *frame* RECIPIENTE foram ativados, bem como as metáforas conceptuais SER HUMANO É RECIPIENTE e SER HUMANO É OBJETO associada com a metáfora situada *Lula é recipiente* e *Lula é objeto*, as quais foram estruturadas pelo esquema de imagem DENTRO-FORA.

Enfim, devido ao item léxico “presidência” e ao pronome possessivo “dele” (relação de posse entre a presidência e Lula) e também devido à ilustração do então presidente, evocamos, ainda, o domínio POLÍTICA, sendo constituído pelos *frames* AGENTE POLÍTICO, ESQUERDA e GOVERNO. A partir disso, identificamos a metonímia conceptual PESSOA PELA OCUPAÇÃO relacionada à metonímia situada *Lula por presidente*, estruturadas pelo esquema imagético PARTE-TODO.

Após o estudo dessas conceptualizações de Lula, veremos, agora, um quadro síntese sobre o que foi apresentado.

Quadro 20 - Síntese acerca da conceptualização de Lula na capa da edição 2189, publicada em 03/11/2010

<b>Domínio(s) de metáfora</b>	<b>Frame(s)</b>	<b>Expressões verbais</b>	<b>Expressões imagéticas</b>	<b>Contexto</b>	<b>Metáfora(s) conceptual(ais)</b>	<b>Metáfora(s) situada(s)</b>	<b>Esquema(s) imagético(s)</b>
FÉRIAS	PERÍODO DE DESCANSO	Expressão linguística: “Ele sairá da presidência”	Imagem de Lula com caracterização de trajes de praia e, ainda, com uma tatuagem da faixa presidencial	Lula enquanto presidente	FIM DE MANDATO É FÉRIAS	<i>Fim de mandato de Lula é férias</i>	ORIGEM-PERCURSO-META
OBJETO	RECIPIENTE				SER HUMANO É RECIPIENTE	<i>Lula é recipiente</i>	DENTRO-FORA
					SER HUMANO É OBJETO	<i>Lula é objeto no recipiente</i>	
<b>Domínio(s) da metonímia</b>	<b>Frame(s)</b>				<b>Metonímia(s) conceptual(ais)</b>	<b>Metonímia(s) situada(s)</b>	<b>Esquema(s) imagético(s)</b>
POLÍTICA	AGENTE POLÍTICO  ESQUERDA  GOVERNO	PESSOA PELA OCUPAÇÃO	<i>Lula por presidente</i>	PARTE-TODO			

Fonte: Elaborado pela autora

A conceptualização de Lula que estudaremos na capa a seguir foi publicada no mesmo contexto da anterior, marcando a finalização do mandato do então presidente do país.

Figura 35 – Capa da Revista *Veja*, edição 2197, publicada em 29/12/2010



Fonte: Arquivo Digital Veja

Nessa capa, ativamos o domínio TEMPO constituído por *frames* como PASSADO e PERÍODO. Nesse contexto, Lula foi compreendido como um espectador, devido à manchete “O ano que Lula não queira ver terminar”, e também foi conceptualizado como relojoeiro, porque, na divisão da capa entre retrospectiva e perspectiva, o político está do lado que apresenta uma finalização, que ele tenta atrasar ao puxar o ponteiro. Nesse sentido, considerando, também, a expressão linguística “o Brasil depois de 8 anos”, identificamos a metáfora situada *Lula é espectador do tempo* e *Lula é relojoeiro*, a qual está integrada à metáfora conceptual TEMPO É ENTIDADE, porque, se Lula pode vê-lo, é algo que pode ser tangível.

Além disso, a cor preta – presente na roupa de Lula e no fundo da manchete – está relacionada à conceptualização do ex-presidente, pois ela é um elemento que, na capa, indica o fim de um período ou um momento de luto devido à tal finalização. Isso pode

ser explicado também pelo uso do termo “retrospectiva”. De acordo com o Dicionário Aulete Digital<sup>102</sup>, tal item léxico diz respeito à análise de ocorrências realizadas em um passado recente, logo um período que foi finalizado.

Assim, mediante as mesmas expressões verbo-imagéticas mencionadas e, ainda, por meio da frase “o ano que Lula não queria ver terminar”, verificamos o domínio COR e o *frame* PRETO, bem como a metáfora COR PRETA É LUTO, estruturada pelo esquema de imagem PROCESSO, por causa de o fim do mandato de Lula ter sido compreendido como um período de luto para o presidente, já que este, segundo a *Veja*, tinha um sentimento de negação quanto à finalização de seu governo.

Somado a isso, no domínio TEMPO, vinculado ao *frame* ANO, o período de 2010 foi o fim do governo de Lula. Assim, verificamos a metonímia conceptual ANO POR FINALIZAÇÃO DE PERÍODO integrando a metonímia situada *Ano por finalização do mandato de Lula*. Esses mecanismos cognitivos foram estruturados pelos seguintes esquemas imagéticos: PROCESSO e ORIGEM-PERCURSO-META, pois foram 8 anos de governo que chegaram ao fim, o que, além de indicar uma trajetória, mostra a retrospectiva de acontecimentos.

Por fim, evocamos, novamente, o domínio POLÍTICA associado aos *frames* AGENTE POLÍTICO e ESQUERDA, já que Lula é um político que defende uma ideologia de esquerda e, no contexto em que a capa foi publicada, ele era presidente do país. Assim, identificamos as metonímias MOVIMENTO POLÍTICO PELA PESSOA e PESSOA PELA OCUPAÇÃO, tendo, respectivamente, como metonímias situadas *Lulismo por pessoa* e *Lula por presidente*, estruturadas pelos esquemas de imagem LIGAÇÃO, pois, na primeira, há um termo associado ao nome do político, e PARTE-TODO na segunda, porque a ocupação é uma parte do todo (Lula).

É importante, ainda, observar como a formação do nome “Lulismo”, referente à postura política de apoio a Lula, é, metonimicamente, composta por um antropônimo (nome próprio de pessoa) mais o sufixo -ismo, o qual, segundo o Dicionário Aulete Digital<sup>103</sup>, é um formador de nomes de sistemas filosóficos, econômicos, políticos etc.

A seguir, veremos um quadro síntese sobre a conceptualização de Lula apresentada nessa última capa.

<sup>102</sup> Disponível em: <https://aulete.com.br/retrospectiva>. Acesso em: 13 de março de 2022.

<sup>103</sup> Disponível em: <https://aulete.com.br/ismo>. Acesso em 13 de março de 2022.

Quadro 21 - Síntese acerca da conceptualização de Lula na capa da edição 2197, publicada em 29/12/2010

<b>Domínio(s) de metáfora</b>	<b>Frame(s)</b>	<b>Expressões verbais</b>	<b>Expressões imagéticas</b>	<b>Contexto</b>	<b>Metáfora(s) conceptual(ais) ou geral</b>	<b>Metáfora(s) situada(s)</b>	<b>Esquema(s) imagético(s)</b>
TEMPO	PASSADO	Item léxico: “Retrospectiva”	Imagem de Lula segurando o ponteiro, e este sendo puxado para trás	Lula enquanto presidente finalizando o mandato	TEMPO É ENTIDADE	<i>Lula é espectador do tempo</i>  <i>Lula é relojoeiro</i>	PROCESSO
COR	PRETO	Expressão linguística: “o ano que Lula não queria ver terminar”	Imagem da cor preta na roupa de Lula e, também, no fundo no ano de 2010		COR PRETA É LUTO	-----	PROCESSO
<b>Domínio(s) da metonímia</b>	<b>Frame(s)</b>	<b>Expressões verbais</b>	<b>Expressões imagéticas</b>		<b>Metonímia(s) conceptual(ais)</b>	<b>Metonímia(s) situada(s)</b>	<b>Esquema(s) imagético(s)</b>
TEMPO	ANO	Expressão linguística: “o ano que Lula não queria ver terminar”	Imagem de Lula no lado do ano de 2010		ANO POR FINALIZAÇÃO DE PERÍODO	<i>Ano por fim de mandato de Lula</i>	FRENTE-TRÁS  PROCESSO  ORIGEM-PERCURSO-META
POLÍTICA	AGENTE POLÍTICO	Item léxico: “Lula”	Imagem de Lula		PESSOA PELA OCUPAÇÃO	<i>Lula por ex-presidente</i>	PARTE-TODO
	ESQUERDA GOVERNO	Item léxico: “Lulismo”			MOVIMENTO POLÍTICO PELA PESSOA	<i>Lulismo por Lula</i>	LIGAÇÃO

Fonte: Elaborado pela autora

A capa a seguir foi publicada em janeiro de 2015, ano que o PT completou 35 anos. A data foi marcada por um ato político realizado no Centro de Convenções Minas Centro, em Minas Gerais, Belo Horizonte. Além do aniversário do partido, nesse mencionado ano, também, foram comemorados os 13 anos de liderança do partido no governo brasileiro<sup>104</sup>.

Conforme divulgado pelo site Exame (2015)<sup>105</sup>, a acusação de corrupção na Petrobras poderia se tornar uma ameaça ao PT, porque Dilma Rousseff, presidenta do país nesse período, presidira o conselho da referida empresa durante 7 anos, entre 2003 e 2010. Ainda de acordo com tal veículo de comunicação, a Petrobras verificara 4,1 bilhões de reais em prejuízos com um esquema caracterizado por subornos de um cartel de empresas construtoras aceitos por executivos da empresa estatal. Pedro Barusco, quem era gerente de serviços da Petrobras e, posteriormente, testemunhou no caso, relatou aos investigadores, em um depoimento publicado em 5 de fevereiro de 2015, que o PT recebeu até US\$ 200 milhões (número representado na capa a seguir como a fumaça da vela de aniversário do PT), mediante um esquema, durante 10 anos até 2013.

No entanto, o partido assegura que todas as doações foram legais. Por fim, é válido ressaltar, também, que esse caso de corrupção está relacionado à operação Lava Jato, a qual foi uma investigação sobre corrupção no Brasil, que se iniciou em 2014 e foi finalizada em 2021. Segundo Jinkings *et al* (2019), essa operação “[...] passou a ser cada dia mais uma referência de desvio do Poder Judiciário, com a prática de falsificação de provas, chantagens e ameaças com aqueles que a força-tarefa considerou seus alvos” (JINKINGS *et al*, 2019, p.47).

A partir dessa contextualização, estudemos, então, a capa da Revista *Veja* relacionando o aniversário do partido político à lavagem de dinheiro.

---

<sup>104</sup> PT celebra 35 anos. *PT (org.)*. Disponível em: <https://pt.org.br/pt-celebra-35-anos-de-fundacao/>. Acesso em 10 de julho de 2022.

<sup>105</sup> Caso Petrobras é risco maior para PT do que foi o “mensalão”. *Exame*. Disponível em: <https://exame.com/brasil/caso-petrobras-e-risco-maior-para-pt-do-que-foi-o-mensalao/>. Acesso em 10 de julho de 2022.



Figura 36 – Capa da Revista *Veja*, edição 2412, publicada em 11/01/2015



Fonte: Arquivo Digital Veja

A partir desse contexto, nessa capa, há conceptualizações do partido político PT, o qual está relacionado a Lula, o seu fundador. A partir da cor vermelha que compõe a vela e o nome “Veja”, da sigla “PT”, da expressão linguística “partido de Lula, o domínio POLÍTICA vinculado aos *frames* AGENTE POLÍTICO, ESQUERDA e PARTIDO POLÍTICO foram ativados. Nesse domínio, Lula foi conceptualizado como proprietário do PT e o partido como um objeto. Logo evocamos a metáfora mais geral PARTIDO POLÍTICO É OBJETO, ligada à metáfora situada *PT é objeto* (devido à expressão verbal “Partido de Lula”).

Ainda nesse domínio, mediante as expressões verbo-imagéticas mencionadas e, também, pelo contexto de Lula ser ex-presidente associado a um partido de esquerda, o PT, identificamos a metonímia MEMBRO PROEMINENTE POR PARTIDO integrando a metonímia situada *Lula por PT*, além das metonímias PESSOA PELA OCUPAÇÃO, PARTIDO POLÍTICO PELA IDEOLOGIA e COR POR INSTITUIÇÃO, as quais,

respectivamente, estão vinculadas às seguintes metonímias situadas: *Lula por ex-presidente*, *PT por esquerda* e *Vermelho por PT*. É válido ressaltar que, essa última metonímia, relacionada à cor vermelha, é caracterizada por uma metaftonímia, visto que há tanto um mecanismo metafórico quanto um metonímico.

Somado a isso, os domínios FESTA, associado ao *frame* ANIVERSÁRIO, e SÍMBOLO, vinculado ao *frame* ESTRELA, também, foram ativados por meio da imagem da vela composta por uma estrela, além da sigla “PT”. No primeiro, verificamos a metonímia conceptual VELA POR FESTA DE ANIVERSÁRIO ligada à metonímia situada *Vela por festa de aniversário do PT*. No segundo, identificamos a metonímia SÍMBOLO POR PARTIDO POLÍTICO, associada à metonímia situada *Estrela por PT*.

Todos esses processos cognitivos foram estruturados pelo esquema imagético de LIGAÇÃO, pois o partido está diretamente associado ao político, bem como há um elo entre a vela e a festa de aniversário e entre o vermelho e o PT. Ademais, foi acionado o do esquema imagético PARTE-TODO, no caso das metonímias *Vermelho por esquerda/PT*, *Estrela por PT*, *Lula por PT*, *Lula por ex-presidente* e *PT por esquerda*, pois são focalizadas características do *frame* ESQUERDA.

Após essa descrição do estudo, verificaremos um quadro síntese acerca do que foi apontado.

Quadro 22 - Síntese acerca da conceptualização de Lula na capa da edição 2412, publicada em 11/01/2015

Domínio(s) de metáfora	Frame(s)	Expressões verbais	Expressões imagéticas	Contexto	Metáfora(s) conceptual(ais)	Metáfora(s) situada(s)	Esquema(s) imagético(s)
COR	VERMELHO	Sigla do Partido dos Trabalhadores: "PT"  Expressão linguística: "partido de Lula"	Cor vermelha da vela de aniversário com uma estrela  Cor vermelha do nome "Veja"	Lula enquanto ex-presidente	COR É INSTITUIÇÃO	<i>Vermelho é esquerda</i>	LIGAÇÃO
POLÍTICA	PARTIDO POLÍTICO				PARTIDO POLÍTICO É OBJETO	<i>PT é objeto</i>	
Domínio(s) da metonímia	Frame(s)				Metonímia(s) conceptual(ais)	Metonímia(s) situada(s)	Esquema(s) imagético(s)
FESTA SÍMBOLO	ANIVERSÁRIO				VELA POR FESTA DE ANIVERSÁRIO	<i>Vela por festa de aniversário do PT</i>	LIGAÇÃO
SÍMBOLO	ESTRELA				SÍMBOLO POR PARTIDO POLÍTICO	<i>Estrela vermelha por PT</i>	PARTE-TODO
POLÍTICA	AGENTE POLÍTICO				PESSOA PELA OCUPAÇÃO	<i>Lula por ex-presidente</i>	
	ESQUERDA				PARTIDO POLÍTICO PELA IDEOLOGIA	<i>PT por esquerda</i>	

	PARTIDO POLÍTICO				MEMBRO PROEMINENTE POR PARTIDO	<i>Lula por PT</i>	
COR	VERMELHA	Sigla: "PT"			COR POR INSTITUIÇÃO	<i>Vermelho por esquerda/PT</i>	

Fonte: Elaborado pela autora

Também em 2015, no mês de outubro, foi publicada uma capa da *Veja* em que Lula está em evidência. Nesse período, conforme o canal de comunicação *Época* (2015)<sup>106</sup>, vinculado à rede O Globo, tal político e a ex-presidente Dilma conversaram acerca da organização dos ministérios um pouco antes de ela viajar para os Estados Unidos da América, pois havia uma necessidade de mudar o governo devido à crise política e econômica. Assim, quando Dilma retornou de Nova York, houve a alteração nos ministérios, proporcionando maior espaço ao PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro), o qual passou a ocupar 7 ministérios, e, também, promovendo a fusão de 8 ministérios. Lula direcionou a negociação dessa reforma, escolhendo, por exemplo, os nomes do PT para demais ministérios (*ÉPOCA*, 2015). Ainda segundo o site *Época* (2015), o espaço dado ao PMDB revelou a influência do político e o seu protagonismo no governo de Dilma, promovendo a desmoralização dela, porque o Congresso atribuía poder a Lula.

Posteriormente, em março de 2016, o site *Exame* (2016)<sup>107</sup> publicou uma notícia relacionada ao fato de Lula ter-se tornado ministro-chefe da Casa Civil, substituindo Jaques Wagner. Consoante tal veículo de comunicação, o presidente do PT do Rio de Janeiro, Washington Quaquá afirmou que esse cargo do ex-presidente no governo de Lula facilitaria a mobilização contra os protestos em oposição ao governo de Dilma. Conforme Quaquá, a nomeação de Lula era uma estratégia de Dilma para continuar na presidência e evitar o impeachment. Por fim, esse contexto provocaria uma mudança na economia e uma nova articulação política.

Então, a partir dessa situação de transferência de poder apresentada pela mídia mencionada, faremos, a seguir, o estudo da capa da edição 2446.

---

<sup>106</sup> Disponível em: <https://epoca.oglobo.globo.com/tempo/noticia/2015/10/agora-quem-manda-e-o-lula.html>. Acesso em 20 de julho de 2022.

<sup>107</sup> Disponível em: <https://www.istoedinheiro.com.br/dilma-sofrera-impeachment-se-nao-governar-com-lula-diz-presidente-do-pt-rj/>. Acesso em 20 de julho de 2022.

Figura 37 – Capa da Revista *Veja*, edição 2446, publicada em 07/10/2015



Fonte: Arquivo Digital Veja

Nessa edição, Lula foi conceptualizado como um objeto e, também, como um criminoso. Isso pode ser percebido pela imagem do político como um boneco inflável, conhecido como João Bobo, vestido de presidiário – uma roupa listrada, geralmente marcada pelo crime 171<sup>108</sup> – e pela expressão linguística “Empreiteira do petrolão pagou reforma do apartamento de Lula” – informação que indica corrupção. Logo foram ativados os domínios OBJETO, CRIME e POLÍTICA.

No primeiro, o *frame* focalizado foi BONECO e a metáfora conceptual acionada SER HUMANO É OBJETO associada à metáfora situada *Lula é objeto*. No segundo domínio, os frames destacados foram PRISÃO e ROUPA DE PRISIONEIRO, visto que Lula é compreendido como um prisioneiro e, conseqüentemente, um criminoso. Isso nos leva ao processo metonímico ROUPA DE PRISIONEIRO POR PRISÃO ligado à metonímia situada *Roupa de prisioneiro por pessoa corrupta*. Assim, nesse último

<sup>108</sup> Conforme o site Jusbrasil (2021), o Art. 171 diz respeito a “obter, para si ou para outrem, vantagem ilícita, em prejuízo alheio, induzindo ou mantendo alguém em erro, mediante artifício, ardil, ou qualquer outro meio fraudulento [...]”. Disponível em: <https://www.jusbrasil.com.br/topicos/10617301/artigo-171-do-decreto-lei-n-2848-de-07-de-dezembro-de-1940>. Acesso em 22 julho de 2022.

domínio mencionado, percebemos a metaftonímia, pois, simultaneamente, acionamos um procedimento metafórico e metonímico ao conceptualizar Lula como um bandido e um prisioneiro. Sobre isso, é válido ressaltar que, em 2015, o ex-presidente, ainda, não tinha sido preso, mas a revista já o julgara como um criminoso. Esse mecanismo ativa *frames* relacionados à imoralidade, o que, devido à repetição destes, pode levar o leitor da revista a considerar Lula como um político imoral. Isso corrobora a influência da mídia na opinião das pessoas e pode explicar como indivíduos que, anteriormente, defendiam tal político passaram a desconsiderá-lo como uma pessoa moral e ética.

Por fim, mediante a imagem do boneco com uma faixa da presidência, verificamos a metonímia conceptual OBJETO PELA OCUPAÇÃO e a metonímia situada *Faixa da presidência pela presidência*. Com isso, concluimos que Lula é compreendido como presidente, o que revela o enfraquecimento do governo de Dilma. Enfim, esses mecanismos cognitivos foram estruturados pelo esquema imagético de LIGAÇÃO, mostrando uma relação de causa e consequência.

Agora vejamos o quadro que resume os processos cognitivos ativados:

Quadro 23 - Síntese acerca da conceptualização de Lula na capa da edição 2446, publicada em 07/10/2015

Domínio(s) de metáfora	Frame(s)	Expressões verbais	Expressões imagéticas	Contexto	Metáfora(s) conceptual(ais)	Metáfora(s) situada(s)	Esquema(s) imagético(s)
OBJETO	BONECO						
CRIME	PRISÃO ROUPA DE PRISIONEIRO	Item léxico: “Lula”			SER HUMANO É OBJETO	<i>Lula é boneco inflável</i>	
Domínio(s) da metonímia	Frame(s)	Expressões verbais			Metonímia(s) conceptual(ais)	Metonímia(s) situada(s)	
PRISÃO	ROUPA DE PRISIONEIRO	Expressão linguística: “Empreiteira do petrolão pagou reforma do apartamento de Lula”	Imagem de Lula como um boneco inflável vestido de prisioneiro	Lula enquanto ex-presidente	ROUPA PELA PESSOA  ROUPA DE PRISIONEIRO POR PRISÃO	<i>Roupa de prisioneiro por pessoa corrupta</i>	LIGAÇÃO
POLÍTICA	AGENTE POLÍTICO	Expressão linguística: “Dilma entrega o núcleo do governo a Lula, os grandes ministérios ao PMDB e se enfraquece ainda mais”			OBJETO PELA OCUPAÇÃO	<i>Faixa da presidência pela presidência</i>	

Fonte: Elaborado pela autora



Em junho de 2017, quando os partidos PT (acionado por Lula), PMDB (acionado por Temer) e PSDB (acionado por Aécio) tinham a necessidade de se unir devido às acusações que receberam, a *Veja* (2017) fez um editorial – posto em evidência na capa a seguir –. Nesse contexto, conforme a revista, havia uma expectativa de Lula ser condenado por Moro por causa do caso do apartamento do Guarujá<sup>109</sup>. Esse caso diz respeito ao fato de que, em 2015, o colunista Robson Bonin, em uma reportagem de capa da *Veja*, relatou que Léo Pinheiro<sup>110</sup> pretendia fazer uma delação. Foi mencionado, pela primeira vez, nessa reportagem, o Sítio de Atibaia, bem como a seguinte consideração sobre o triplex do Guarujá: a construção e reforma do imóvel, com elevador privativo e cozinha planejada, foram solicitadas, conforme o delator, por Lula, e este, por sua vez, apelara para que a OAS finalizasse as obras da Bancoop – cooperativa de bancários que faliu. Conforme o site da *Veja* (2021), Pinheiro delatou o seguinte:

a) o apartamento 164-A, tríplice, sempre pertenceu à família do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva; b) que foi solicitado a ele que o imóvel permanecesse em nome da OAS Empreendimentos; c) que as reformas foram feitas por solicitação do ex-Presidente e sua esposa; d) que os projetos de reforma foram aprovados pelo ex-presidente e sua esposa; e) que o preço do imóvel e o custo das reformas foram abatidos de conta corrente geral de propinas mantida entre o Grupo OAS e agentes do Partido dos Trabalhadores (VEJA, 2021)<sup>111</sup>.

Desse modo, isso revela a situação ruim a qual Lula estava vivenciado, o que será ilustrado na capa a seguir.

---

<sup>109</sup> Em abril de 2018, conforme o site da *Veja*, Lula foi condenado e preso, porém o advogado Cristiano Zanin descobriu que havia uma parceria entre a operação Lava Jato e o então juiz Sérgio Moro. Devido a isso, os atos e provas do caso foram declarados nulos pelo STF, e a investigação foi transferida de Curitiba para Brasília. Posteriormente, o Ministério Público Federal (MPF) decretou morte do caso triplex. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/mpf-decreta-morte-do-caso-do-triplex-do-guaruja-lula-venceu/>. Acesso em 20 de julho de 2022.

<sup>110</sup> “Léo Pinheiro, presidente da empreiteira OAS, foi condenado no contexto da operação Lava Jato a 26 anos de prisão. Preso em novembro de 2014, foi colocado em prisão domiciliar pelo STF em abril de 2015. Condenado inicialmente a 16 anos de prisão, teve sua delação premiada recusada porque insistia em inocentar Lula. Como retaliação, o TRF-4 aumentou sua pena em 10 anos. Preso novamente em setembro de 2016, passou a ser pressionado a mudar seu depoimento e acusar Lula, o que concordou em fazer em abril de 2017. Com isso, sua pena foi reduzida de 26 anos para 3 anos e meio.” (JINKINGS *et al*, 2019, p.44).

<sup>111</sup> Disponível em: <https://veja.abril.com.br/coluna/radar/mpf-decreta-morte-do-caso-do-triplex-do-guaruja-lula-venceu/>. Acesso em 20 de julho de 2022.

Figura 38 – Capa da Revista *Veja*, edição 2535, publicada em 21/06/2017



Fonte: Arquivo Digital Veja

Nessa capa publicada em 2017, ao ativarmos o domínio NAVEGAÇÃO, bem como o *frame* EMBARCAÇÃO, Lula foi conceptualizado como um canoeiro, juntamente com Temer e Aécio, a partir da metáfora situada *Lula é canoeiro*, associada à metáfora conceptual multimodal A VIDA É UMA VIAGEM DE BARCO/CANOA, as quais foram estruturadas pelos esquemas de imagem ORIGEM-PERCURSO-META e LIGAÇÃO, uma vez que a união (o mesmo percurso) entre Temer, Lula e Aécio tinha como objetivo de ir contra a Lava-Jato. A expressão linguística “Todos no mesmo barco” indica que esses políticos estão em uma mesma situação, mas a imagem e, também, o subtítulo da manchete revelam que a canoa está furada. Ou seja, os políticos estão em uma mesma situação ruim, a qual diz respeito à operação Lava-Jato, o que nos leva a acionar a metáfora primária SITUAÇÃO É RECIPIENTE.

Somado a isso, por meio do item léxico “oposição” presente, também, no subtítulo, identificamos o domínio GUERRA, focalizando o *frame* OPOSIÇÃO. Nesse contexto, Lula foi conceptualizado como um inimigo mediante a metáfora situada *Lula é inimigo*, ligada à metáfora conceptual POLÍTICA É GUERRA, as quais foram estruturadas pelo esquema de imagem FORÇA, especificamente CONTATO, pois uniu oposição (Lula) e governo, estabelecendo, também, uma relação com o esquema PERTO-LONGE.

No que diz respeito à imagem de um palco de teatro na capa, o que pode ser percebido pelas cortinas e pelo assoalho de madeira, identificamos a metáfora situada *Lula é ator*, associada à metáfora conceptual POLÍTICA É TEATRO, ativando o domínio ARTE e o *frame* TEATRO. Diante disso, Lula foi compreendido pela revista como alguém que está interpretando um papel e dissimulando, o que reforça, mais uma vez, a visão da imoralidade atribuída ao ex-presidente. Esses mecanismos cognitivos foram estruturados pelo esquema de imagem FORÇA, especificamente, PROCESSO, visto que, ao atuar, há uma sequência de ações que visam a alcançar uma meta, que, conforme a Revista *Veja*, seria uma estratégia contra a operação Lava-Jato.

Enfim, acionamos, ainda, o domínio POLÍTICA, associado aos *frames* AGENTE POLÍTICO, ESQUERDA e GOVERNO, a partir do item léxico “Lula” e da sua imagem, além do contexto de o político ser um ex-presidente acusado de corrupção. Assim, verificamos a metonímia PESSOA PELA OCUPAÇÃO, juntamente, com a metonímia situada *Lula por ex-presidente*, as quais foram estruturadas pelo esquema de LIGAÇÃO, pois há uma conexão entre esses aspectos que fazem parte de um mesmo domínio (SER HUMANO), construindo, então, a identidade de Lula.

Após essa descrição, verifiquemos, agora, um quadro síntese deles. Em seguida, abordaremos as considerações sobre a relação entre domínios e *frames* acionados, bem como o diálogo entre a multimodalidade e a TC.

Quadro 24 - Síntese acerca da conceptualização de Lula na capa da edição 2535, publicada em 21/06/2017

Domínio(s) de metáfora	Frame(s)	Expressões verbais	Expressões imagéticas	Contexto	Metáfora(s) conceptual(ais)	Metáfora(s) situada(s)	Esquema(s) imagético(s)
NAVEGAÇÃO	EMBARCAÇÃO	Expressão linguística: “Todos no mesmo barco”  Item léxico: “Lula”	Imagem de Lula em uma canoa furada em cima de um palco de teatro	Lula enquanto ex-presidente, bem como oposição política em relação a Aécio e Temer (presidente do Brasil em 2017)	A VIDA É UMA VIAGEM DE BARCO/CANOA  SITUAÇÃO É RECIPIENTE	<i>Lula é canoeiro</i>	ORIGEM-PERCURSO-META  LIGAÇÃO
GUERRA	OPOSIÇÃO	Item léxico: “oposição”  Item léxico: “Lula”			POLÍTICA É GUERRA	<i>Lula é inimigo</i>	FORÇA  CONTATO  PERTO-LONGE
ARTE	TEATRO	Item léxico: “Lula”			POLÍTICA É TEATRO	<i>Lula é ator</i>	PROCESSO
Domínio(s) da metonímia	Frame(s)	Expressões verbais			Metonímia(s) conceptual(ais)	Metonímia(s) situada(s)	Esquema(s) imagético(s)
POLÍTICA	AGENTE POLÍTICO  ESQUERDA  GOVERNO	Item léxico: Lula	PESSOA PELA OCUPAÇÃO	<i>Lula por ex-presidente</i>	LIGAÇÃO		

Fonte: Elaborado pela autora

Durante o estudo individual das capas, percebemos que, apesar de aparecer domínios novos, seguindo a Técnica da Saturação, alguns domínios e *frames* se repetiram, demonstrando, então, um padrão semântico. Por vezes, ao ocorrerem novamente, eles foram ativados por diferentes linguagens (verbal e não verbal), mas foram conduzidos a uma mesma conceptualização. Por isso, considerando o carácter complexo deste trabalho, na próxima subsecção, abordaremos a relação entre os domínios e os *frames*.

### 3.2 O ENTRELAÇAMENTO DOS DOMÍNIOS E DOS *FRAMES*

No total, identificamos 32 domínios envolvidos na conceptualização de Lula nas capas estudadas, a saber: ARTE, CORPO HUMANO, COR, CORRUPÇÃO, DOENÇA, ECONOMIA, ESTATÍSTICA, ESPAÇO, FAMÍLIA, FESTA, FÉRIAS, FORÇA, GUERRA, HISTÓRIA, JOGO, JUSTIÇA, MÍDIA, MITOLOGIA, NAVEGAÇÃO, OBJETO, POLÍTICA, PRISÃO, RELIGIÃO, SER HUMANO, SER VIVO, SÍMBOLO, MATÉRIA, SOCIEDADE, TEMPO, TRABALHO, VEÍCULO E VIAGEM.

Organizados por ano, os domínios, acionados pela *Veja* pela primeira vez nas capas estudadas, para a conceptualização de Lula se apresentam da seguinte maneira:

Quadro 25 - Domínios novos acerca de Lula em capas da Revista *Veja*

<b>Ano</b>	<b>Domínio(s)</b>
1979	CORPO HUMANO, ESPAÇO, GUERRA e TRABALHO
1980	ECONOMIA, POLÍTICA e SER HUMANO
1981	JUSTIÇA
1985	COR e SER VIVO
1989	JOGO, SÍMBOLO, MATÉRIA e VIAGEM
1994	ESTATÍSTICA e FORÇA
2002	SOCIEDADE
2003	ARTE, FAMÍLIA e VEÍCULO
2005	CORRUPÇÃO, HISTÓRIA e OBJETO
2009	MITOLOGIA e RELIGIÃO

2010	DOENÇA, MÍDIA, FÉRIAS e TEMPO
2015	FESTA e PRISÃO
2017	NAVEGAÇÃO

Fonte: Elaborado pela autora

Nesse quadro, foi explanada lista de anos e domínios que foram considerados neste trabalho a partir da Técnica da Saturação. Aplicar esse método foi importante, porque, ao considerarmos o estudo da conceptualização de Lula apenas nas capas em que acionamos novos domínios, percebemos que, apesar de eles variarem, não há indicações de mudança significativa no tocante à construção de sentido do político, apenas a manutenção dos elementos cognitivos, como domínio, metáfora, metonímia, *frame* e esquema imagético. Ou seja, mesmo com a ativação de domínios diferentes, como JOGO, DOENÇA, JUSTIÇA, PRISÃO, CORRUPÇÃO, OBJETO etc., no geral, a conceptualização é caráter negativo.

No que diz respeito à integração entre domínios e *frames*, retomamos o pressuposto de Lakoff e Wehling (2012) sobre o fato de que toda política é moral, porque todo líder político nos diz o que fazer, recomendando-nos o que está certo e errado, e concluímos que as conceptualizações de Lula construídas mediante as capas estudadas demonstram que a revista *Veja* entende Lula como imoral. Isso porque, além de o político ter sido compreendido com uma pessoa inapta ao cargo da presidência devido à sua classe social, foi considerado como uma ameaça ao país ao ser conceptualizado como um objeto ou, mais especificamente, uma granada; como um risco à economia, quando, por exemplo, Lula foi líder da greve do ABC paulista e compreendido como intransigente, ou quando foi conceptualizado como um agente que assustava o mercado; como um presidente de partido político que promove sublevação; como um prisioneiro em 2015 (quando ainda não tinha sido, de fato, preso); como um governo que era um show de factoides; como corrupto; como alguém que atacou a imprensa livre etc. Essas significações atualizam *frames* on-line e constroem a argumentatividade, conforme Vereza (2016) – promovendo metáforas e metonímias situadas –, pois são episódicas e podem ser intencionais.

Conforme Lakoff (2022)<sup>112</sup>, novos *frames* têm a estrutura de conceitos, como foi postulado por Fillmore (1975)<sup>113</sup>. Isto é, a concepção de um item léxico, por exemplo, é ligada a um frame, uma estrutura de conceitos que se relacionam em atividades comuns. No entanto, os novos *frames* são aplicados a diferentes atividades e aos conceitos relevantes para tais atividades. Ainda de acordo com Lakoff (2022), a estrutura dos *frames* pode existir de forma inconsciente, porém os *frames* precisam ser acionados para se tornarem conscientes.

Neste estudo, podemos considerar que os novos *frames*, como discutido por Lakoff (2022), podem ser evocados a partir de *frames* on-line, de caráter episódico (abordados por Vereza (2016)). Isso pode ser ilustrado quando Lula foi conceptualizado como um objeto nas capas das figuras 30 e 37, mais especificamente, na primeira, como uma arma e, na segunda, como um boneco. Ou seja, o mapeamento metafórico conceptual se deu mediante *frames* off-line, com a metáfora SER HUMANO É OBJETO, mas foi evocada de maneira episódica pelos *frames* on-line “arma” e “boneco”, tornando-se consciente. Vejamos as figuras mencionadas:

Quadro 26 - *Frames* na conceptualização de Lula em capas da Revista *Veja*

<p>Capa da Revista <i>Veja</i>, edição 1922, publicada em 14/09/2005</p>  <p>Fonte: Arquivo Digital Veja</p>	<p>Capa da Revista <i>Veja</i>, edição 2446, publicada em 07/10/2015</p>  <p>Fonte: Arquivo Digital Veja</p>
---	--

Fonte: Elaborado pela autora

<sup>112</sup> LAKOFF, G. Dr. George Lakoff answers your questions. Disponível em: <https://georgelakoff.substack.com/p/dr-george-lakoff-answers-your-questions> . Acesso em 20 de set. de 2022

<sup>113</sup> Ver seção 1.1.4, intitulada “O frame”.



Para haver tal acionamento, por exemplo, os *frames* precisam ser discutidos na mídia, o que aconteceu com a conceptualização de Lula apresentada nas capas da revista *Veja* que constituíram o corpus do estudo empreendido. Logo entendemos que, no caso, não seriam *frames* necessariamente novos, mas, sim, estruturas (re)ativadas, já que, possivelmente, passaram pela transição de inconsciência para consciência.

É possível inferir, portanto, que a revista reforça e (re)aciona Lula como um político imoral, enquanto um forte nome da oposição no Brasil. Em outras palavras, as conceptualizações das capas estudadas ativam o enquadramento sobre um político imoral, repetidamente, fortalecendo-o e aumentando a probabilidade de que o enquadramento ocorra facilmente. Assim, repetir exemplos de atitudes equivocadas de Lula, colocar em dúvida suas estratégias e comportamentos ou ainda estereótipos sociais reforçam a pretensa imoralidade do político, porque, para construir a imagem do petista como imoral, não se pode dizer apenas que ele não é moral, é necessário dizer, repetidas vezes, que ele é imoral, conforme já demonstrou Lakoff (2007).

Além disso, esse resultado demonstra que ser um pai protetor, MCI do qual Lula compartilha, para a *Veja*, pode ser visto como algo negativo devido a determinadas conceptualizações identificadas no corpus. Para o pai protetor, a democracia tem a ver com o cuidado que os cidadãos têm uns com os outros. Assim, a moralidade de um governo que defende esse raciocínio tem como objetivo proteger e empoderar a população, de modo que se atinja patamares de igualdade ou diminuir o patamar de desigualdade. Diante disso, serviços públicos são oferecidos para cumprir tal objetivo, o que é ratificado pelos projetos sociais proporcionados pelo governo Lula e outros ampliados advindos do governo FHC, como o Auxílio-Gás e Bolsa-Escola que se tornaram o Bolsa-Família<sup>114</sup> na administração do petista.

Já no ponto de vista dos conservadores, partícipes do MCI do pai severo – o que inferimos ser compartilhado pela *Veja* – acredita-se em uma democracia que serve para prover a liberdade de os cidadãos conquistarem os seus próprios interesses sem, necessariamente, terem o compromisso com o próximo. À luz dessa visão, o serviço público deve ser o mínimo possível, pois as medidas devem ser voltadas para o setor privado, no qual há um ideal moral que o governo não pode interferir, seja para dificultar,

---

<sup>114</sup> Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2007/09/20/perillo-lula-colhe-os-frutos-da-boua-politica-economica-de-fernando-henrique-117796703>. Acesso em 07 de agosto de 2022.



ajudar ou monitorar; além disso, ninguém precisa pagar para auxiliar o outro (LAKOFF; WEHLING, 2012).

Por exemplo, ao apresentar a trajetória de Lula, na edição publicada em 30 de outubro de 2002, a revista deu destaque a algumas falas, como a de 1998, quando o petista demonstra uma preocupação maior com o povo brasileiro:

Vou chamar os banqueiros e dizer: Olhem, eu até reconheço a dívida, mas entre pagar juros para vocês e encher a pança do povo, vou ficar com o povo brasileiro. Enquanto houver uma criança morrendo de fome [...] não terei como pagar a dívida. (VEJA, 2002, p.41)

Isso ratifica a defesa de uma perspectiva de esquerda, porque, como vimos, os serviços públicos são oferecidos para alcançar a igualdade (LAKOFF; WEHLING, 2012). Nesse sentido, percebemos como a moral política de Lula é caracterizada pelo modelo de família de pai protetor. Ao considerarmos como um pai protetor, sua moral é baseada na empatia, com o princípio de que todos devem ter um trabalho para viver e serem pagos justamente por isso (LAKOFF, 2007).

No que diz respeito aos domínios e *frames*, abordaremos os que foram ativados com maior frequência: CORPO HUMANO, CORRUPÇÃO, ECONOMIA, JOGO, JUSTIÇA e POLÍTICA. Os domínios CORPO HUMANO e POLÍTICA apareceram repetidamente. O primeiro foi evocado em 19 capas, exceto nas capas publicadas em setembro de 2005 (edição 1922) e em janeiro de 2015 (edição 2412); nelas Lula foi acionado pela faixa da presidência, pela menção de seu nome, pelo item léxico “populismo”, pela cor vermelha e pela sigla PT, juntamente com o símbolo da estrela. Já o segundo domínio foi acionado em 20 capas, com exceção da que foi publicada em março de 1970, quando Lula ainda não era um político, mas um ativista na greve do ABC paulista e líder do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo. Essa recorrência é decorrente de o foco do estudo ser voltado para uma personalidade política.

No domínio CORPO HUMANO, a repetição dos *frames* ROSTO e BUSTO revela um padrão de organização das capas da *Veja* em que Lula aparece: a metonímia PARTE PELO TODO, estruturada pelo esquema imagético PARTE-TODO. Esse padrão de organização não apenas caracteriza a revista, mas, também, um MCI da nossa sociedade, o de utilizar uma parte do corpo para fazer referência à pessoa como um todo.

No domínio POLÍTICA, a recorrência dos *frames* AGENTE POLÍTICO, ESQUERDA, SINDICALISMO, ELEIÇÃO e PARTIDO POLÍTICO reforça a construção de significado acerca de Lula e do que ele representa politicamente. Isso pode

motivar conceptualizações metonímicas no que diz respeito, por exemplo, a pessoas que defendem uma tendência esquerdista serem associadas, automaticamente, a Lula e à imagem negativa vinculada a ele pela mídia ou ao antipetismo que também pode ocorrer de uma parte da esquerda.

O domínio CORRUPÇÃO, no geral, integrou o frame MENSALÃO, e está intimamente ligado ao domínio JUSTIÇA, o qual envolveu *frames* como PODER JUDICIÁRIO. O domínio JOGO integrou os *frames* COMPETIÇÃO e BARALHO. O frame COMPETIÇÃO está ligado ao frame ELEIÇÃO. Assim, percebemos que, embora as capas de revista sejam criativas e apresentem variações no que diz respeito à ativação de domínios e *frames*, elas também têm um padrão. Por exemplo, geralmente, o domínio JOGO está relacionado ao POLÍTICA, quando este apresenta o *frame* ELEIÇÃO, como nas seguintes conceptualizações de Lula em capas da *Veja*. Nelas, tais domínios foram acionados pelo contexto de eleição e pelas expressões verbo-imagéticas: imagem das cartas de baralho com figuras políticas e o termo “disputar” na frase “Empresários disputam a agenda do petista” (posto em verde no alto da capa constante da figura da edição 1752):

Quadro 27 - *Frames* na conceptualização de Lula em capas da Revista *Veja*

<p>Capa da Revista <i>Veja</i>, edição 1101, publicada em 17/10/1989</p>  <p>Fonte: Arquivo Digital <i>Veja</i></p>	<p>Capa da Revista <i>Veja</i>, edição 1752, publicada em 22/05/2002</p>  <p>Fonte: Arquivo Digital <i>Veja</i></p>
--	---

Fonte: Elaborado pela autora

Por fim, o domínio ECONOMIA foi associado a *frames* como VALOR, MERCADO, CLASSE SOCIAL e CRISE. Percebemos, ainda, que os domínios POLÍTICA e ECONOMIA estão associados tanto durante o período eleitoral quanto após as eleições, o que foi estudado na capa da figura 22, apresentada anteriormente.

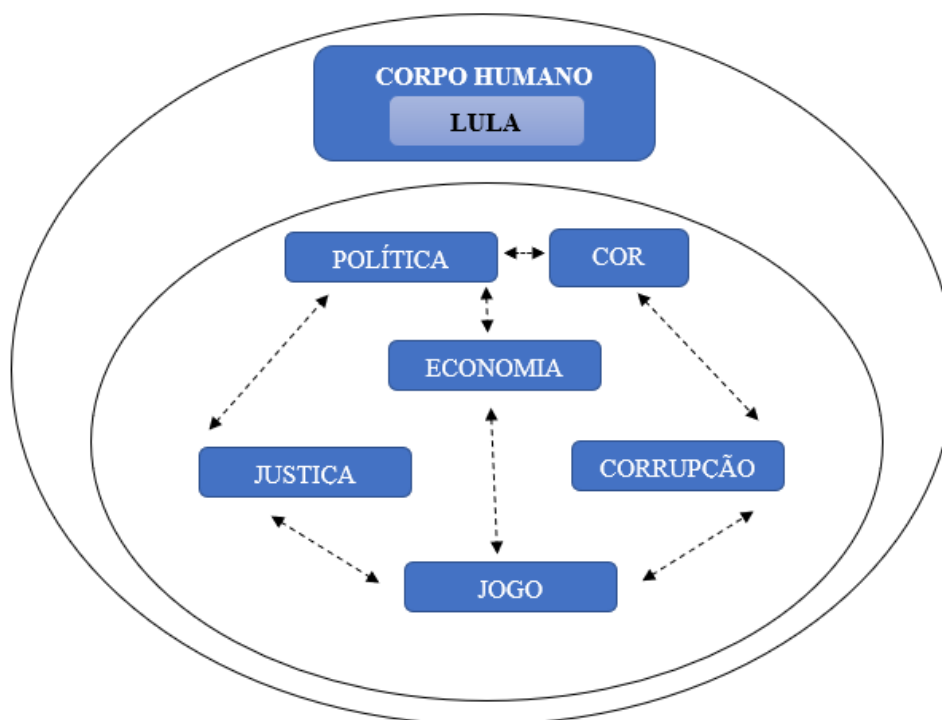
Nesse sentido, a política é compreendida como um valor econômico e não, necessariamente, como um valor moral, o que importa, principalmente, é como Lula lida com o mercado e não com os direitos. Além disso, tal político é conceptualizado como alguém que pode ameaçar a economia e, também, é compreendido como bem-sucedido, pois teve seu triunfo histórico, porém é categorizado como pobre. Isso ocorre devido à sua classe social de origem ser destacada na revista ao colocar a manchete “O candidato operário”. Ademais, a *Veja* reforça que Lula teve uma “dura jornada”, o que revela a ascensão de uma pessoa de origem humilde que lutou até conseguir a vitória e que tem a liberdade para conquistar seus próprios objetivos. Essa abordagem nos faz inferir uma relação com a meritocracia, reforçando o *frame* de uma ideologia política conservadora, ou seja, de direita, mas Lula é um político que defende uma ideologia de esquerda. Logo, conforme foi abordado, o pensamento inconsciente atua mediante mecanismos, como o *framing* (processo de evocação de *frames*), os exemplos cotidianos e a gramática (mecanismos postulados por Lakoff, (2016)) que podem ser utilizados pela mídia, a fim de conduzir o leitor para a direção que se quer, evidenciando a argumentatividade apontada por Vereza (2016).

A recorrência desses domínios e *frames* manifestam a relação intrínseca entre eles e fortalece as sinapses, o que retoma mecanismos citados por Lakoff (2016), como as palavras repetidas, pois, quanto mais uma palavra é ouvida ou lida, mais um circuito é ativado. Por exemplo, o *frame* Lula foi acionado frequentemente pelo verbal através do seu próprio nome, da sigla PT, dos itens léxicos esquerda, presidente, petista, candidato operário, ex-petista etc., e, ainda, mediante o imagético com sua fotografia, com a ilustração do símbolo do partido, a cor vermelha e a faixa da presidência.

No geral, o governo Lula, propriedade do domínio POLÍTICA, no corpus, está associado à guerra, à economia, ao jogo, à corrupção, à prisão e à justiça. Essa associação, por vezes, demonstra a ausência de conceptualizações positivas, pois, ao relacionar POLÍTICA a ECONOMIA, por exemplo, são utilizadas expressões linguísticas como “Lula assusta o mercado” ou “Preço da intransigência”; além de PRISÃO e CORRUPÇÃO serem domínios ligados a um MCI de caráter negativo. A seguir, vejamos

a relação entre esses domínios que constroem a conceptualização de Lula para a Revista *Veja*:

Figura 39 – Interação dos domínios



Fonte: Elaborado pela autora

Nessa figura, concebemos o domínio CORPO HUMANO, integrando o *frame* LULA, os quais, por sua vez, contemplam os domínios POLÍTICA, COR, ECONOMIA, JUSTIÇA, CORRUPÇÃO e JOGO. Esses domínios estão relacionados como uma rede, a qual é representada pelas setas tracejadas, pois revelam que alguns *frames* dos domínios foram compartilhados entre eles e, também, pelo círculo, o qual desfaz a ideia de hierarquia e cria um movimento contínuo. Sobre isso, é necessário observar, ainda, que, apesar de termos realizado a apresentação do estudo em ordem cronológica, compreendemos que as conceptualizações se repetem em anos seguidos e/ou com intervalos, o que revela padrões de organização ligados por rede e ratifica o diálogo entre a Teoria da Saturação e a Teoria dos Fractais. Para ilustrar isso, verifiquemos o quadro a seguir:

Quadro 28 - Domínios novos na conceptualização de Lula em capas da Revista *Veja*

Domínios	Ano de publicação das capas
CORPO HUMANO	1979 a 2020
CORRUPÇÃO	2005, 2006, 2010, 2012, 2014, 2015, 2016, 2017 e 2018
COR	1985, 1989, 1994,1998, 2001, 2002, 205, 2010, 2011, 2016, 2017, 2018, 2019 e 2020
ECONOMIA	1980, 1989, 2002, 2003 e 2005
JOGO	1989, 1994, 1998, 2002 e 2014
JUSTIÇA	1981, 1989, 2005, 2006, 2009, 2011, 2012, 2014, 2015, 2016, 2017, 2018 e 2019
POLÍTICA	1980 a 2020

Fonte: elaborado pela autora

Nesse quadro, percebemos que os domínios foram repetidos, revelando que não há mudança, embora possa haver variações no acionamento dos *frames* que foram destacados. Ou seja, o todo está na parte, e a parte está no todo. Partindo dessas observações e inferências, percebemos que o *frame* LULA metonimicamente nos faz evocar os *frames* ESQUERDA e DIREITA. Isso pode reforçar e/ou ativar a memória e as sinapses de indivíduos biconceptuais<sup>115</sup>. Assim, para que a mídia consiga modificar ou atualizar um conceito, ela precisará de mais do que a apresentação desses exemplos cotidianos citados, porque, para que possamos significá-los, eles deverão ser encaixados com o que já está nas sinapses do cérebro. Portanto, defendemos que esse encaixe pode ocorrer a partir da repetição do *framing* e dos fatos, o que configura um ciclo retroalimentar, visto que o *frame* é evocado por diversos modos de linguagem e à medida que ele é reforçado, o conceito é fixado na memória.

Feitas essas considerações sobre o entrelaçamento entre domínios e *frames* e a argumentatividade e a construção de sentido promovida por ele, a seguir, apresentaremos as considerações sobre a multimodalidade e a TC.

<sup>115</sup> Conforme apresentado na subseção 1.1.4, biconceptuais são pessoas que têm *frames* relacionados aos dois modelos, do pai protetor e do pai severo (LAKOFF,2016).

### 3.3 O ASPECTO SISTÊMICO MULTIMODAL NA CONCEPTUALIZAÇÃO DE LULA

As capas de revista são um complexo que, ao possibilitarem construir sentidos mediante a interação entre o verbal e o imagético, produzem emergências na história da linguagem, e esta, por sua vez, constrói a história do ser humano através dos tempos. Conforme já destacamos, os MCIs são recursivos à medida que, no processo de conceptualização, o(a) conceptualizador(a) aciona *frames* e domínios, compartilha experiências, de maneira metonímica ou metafórica, respectivamente, intra ou entre domínios, estruturando, ainda, essas experiências a partir de esquemas-imagéticos. Logo o MCI se configura como um ciclo retroalimentar, pois, além de partir de outras conceptualizações, fortalece, reelabora e elabora *frames* que se auto-organizam para manter o equilíbrio-instável, elaborando, então, outros conhecimentos adquiridos em determinado domínio. Isto é, esse ciclo ratifica o que Almeida (2016) postula sobre a linguagem ser, metonimicamente, parte do ser humano, porque é um domínio que integra esse ser humano, quem a realiza, cria e recria.

O gênero da linguagem em questão, geralmente, é caracterizado por apresentar acontecimentos no tempo presente e Lula é, normalmente, categorizado como político. No entanto, quando Lula é conceptualizado como granada (objeto), por exemplo, o político é deslocado para um contexto de guerra, fazendo com que a interação entre esses dois domínios (política e guerra) crie uma emergência, uma nova organização acerca do conhecimento que se tem sobre Lula. Isso caracteriza o princípio dialógico entre ordem, desordem e organização, visto que partimos do que conhecemos (ordem), depois, o que conhecemos é deslocado para uma situação distinta (desordem) e, por fim, organizamos essa interação entre a ordem e a desordem, o que acontece também em outros gêneros e com outros políticos (ALMEIDA, 2018).

Paralelo a isso, há o princípio sistêmico e organizacional da Complexidade. Se pensarmos em Lula em um contexto isolado das capas, iremos conceptualizá-lo/categorizá-lo como um político. No entanto, durante o estudo das capas, observamos que houve um deslocamento de sentido, pois Lula não foi compreendido, apenas, como candidato à presidência, presidente ou ex-presidente, mas como viajante, objeto, corrupto, condenado, prisioneiro entre outras possibilidades. Relembremos a capa da figura 22 no quadro a seguir:

Quadro 29 - Princípios da complexidade na conceptualização de Lula em capas da *Veja*

Capa da Revista *Veja*, edição 1101, publicada em 17/10/1989



Fonte: Arquivo Digital Veja

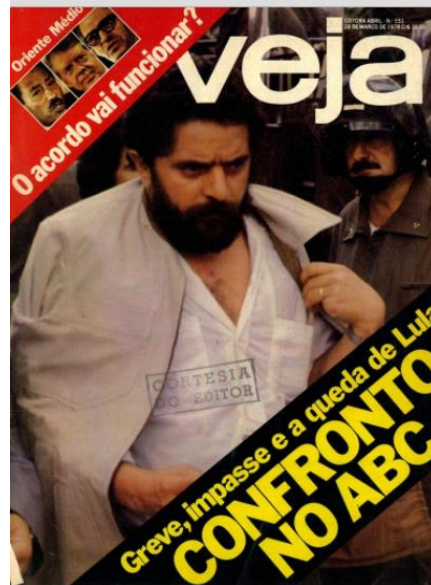
Fonte: Elaborado pela autora

Nessa figura acima, estabelece-se a interação entre o pictórico (a imagem de Lula e de Brizola como cartas de baralho) e o verbal (“A esquerda sobe. Lula encosta em Brizola e entra na briga pelo segundo turno”). Ademais, há um deslocamento de sentido, pois Lula deixa de ser compreendido apenas como um político e passa a ser conceptualizado como uma carta de baralho, compreendendo a política em termos de um jogo de baralho, em que os políticos são as cartas, o que nos permitiu gerar sentidos diferentes do de Lula político.

No que concerne ao princípio hologrâmico da Complexidade sobre a parte estar no todo e o todo estar na parte, podemos notar que a sociedade está nas capas, e estas estão na sociedade, conforme demonstrou Almeida (2018) ao desenvolver o estudo da conceptualização de políticos em memes. Identificamos que o mesmo que ocorre com os memes acontece com as capas, de modo que consideramos que os acontecimentos cotidianos estão na composição das capas e as capas estão na sociedade, circulando nas bancas de revista, nas clínicas, nas casas das pessoas, gerando discussão entre as famílias, entre amigos etc. Essa premissa dialoga com o conceito de memória da história do presente, uma vez que, ao realizarmos este estudo, temos acesso a uma memória coletiva sobre um sujeito público: Lula. Verifiquemos o exemplo a seguir:

Quadro 30 - Princípios da complexidade na conceptualização de Lula em capas da *Veja*

Capa da Revista *Veja*, edição 551, publicada em 28/03/1979



Fonte: Arquivo Digital Veja

Fonte: Elaborado pela autora

Nessa capa, o episódio sobre o movimento sindical de operários brasileiros, quando Lula era líder do Sindicato dos Metalúrgicos de São Bernardo do Campo, estabelece uma inter-relação com a capa. Assim, os acontecimentos de uma sociedade compõem a capa de uma revista e esta, por sua vez, circula na sociedade, como um processo retroalimentar.

Por fim, no que diz respeito ao princípio da autonomia/dependência, consideramos que a linguagem se auto-organiza, à medida em que o ser humano e a sociedade fazem uso do seu sistema para se adequarem às situações do ambiente, promovendo, inicialmente, uma desorganização que, depois, constitui-se em uma nova organização, e, então, estabelece-se um padrão. Por exemplo, o padrão do gênero da linguagem capa de revista tem uma organização, mas, também, é uma estrutura aberta para influências externas, que, dependendo da necessidade do ser humano, se atualiza e forma uma nova organização. Assim, a linguagem vive um caos entre a estabilidade, a instabilidade e a auto-organização. Ademais, de modo simultâneo, o ser humano é produtor de uma cultura, como os gêneros da linguagem, e é produto dessa mesma cultura, sendo um ciclo retroalimentar, o que caracteriza o princípio da reintrodução do conhecimento em todo



conhecimento e para a compreensão de como ocorre a conceptualização/categorização de Lula. Verifiquemos esse processo na capa a seguir:

Quadro 31 - Princípios da complexidade na conceptualização de Lula em capas da *Veja*



Fonte: Elaborado pela autora

Nessa edição, retomamos os princípios sistêmico e organizacional, bem como o dialógico, pois, primeiramente, categorizamos Lula como um político (ordem/estabilidade), mas há um deslocamento de sentido quando ele é conceptualizado como um objeto, mais especificamente, uma granada (desordem/desorganização/instabilidade). Posteriormente, ocorre um processo de auto-organização, o qual é produto dos aspectos sócio-histórico-culturais e, também, produtor deles. Para ilustrar isso, podemos pensar que, antes de essa capa ser publicada, Lula já era conceptualizado como corrupto, condenado, arma (explosivo) etc., o que pôde acionar *frames* e MCIs acerca do petista com uma indicação negativa, produzindo, então, sentidos e possíveis estereótipos sobre tal político. Ao visualizarmos essa capa de 2005, lembraríamos dessa ilustração que seria um produto da sociedade (mecanismo que retoma o conceito de memória coletiva da História do Tempo Presente) reforçado pelos sentidos produzidos a partir da conceptualização de Lula na capa em questão. Logo esse processo se configura como o princípio da reintrodução do conhecimento em todo conhecimento.

Enfim, a partir do conceito fractal, percebemos que o padrão organizacional da capa de revista e o da conceptualização de Lula, ao mesmo tempo que são fragmentados quando, metonimicamente, acionamos os *frames* de Lula e da *Veja*, em um processo de descompressão, podemos juntá-los. Ao integrá-los, em um processo de compressão e de mapeamento metafórico, por exemplo, podemos ativar o todo e inferir que, no geral, Lula é conceptualizado/categorizado como um político imoral pela Revista *Veja*. Paralelo a isso, considerando que os MCIs são modelos culturais, notamos que a função retroalimentar da capa de revista promove o compartilhamento das metáforas conceptuais **POLÍTICA É MORAL**, **POLÍTICA É FAMÍLIA** e **PAI PROTETOR É IMORAL**, atualizando padrões de organização que, embora haja expressões verbo-imagéticas para acionar processos cognitivos distintos em cada capa analisada, essa descompressão nos leva à compressão.

Concluimos, portanto, que a multimodalidade atua acionando circuitos-neurais que estão relacionados a domínios, *frames*, metáfora, metonímias e esquemas de imagem utilizados para conceptualizar a experiência humana. Neste estudo, esses processos cognitivos no âmbito da conceptualização de Lula ficaram mais evidentes, quando visualizamos a linguagem ativadora por meio da composição da capa de Revista da *Veja*. A repetição frequente pode torná-los permanentes, mudando a maneira como compreendemos o mundo, o que pode ter acontecido, por exemplo, com eleitores de Lula que, inicialmente, poderiam considerá-lo como um pai protetor, mas, posteriormente, passaram a conceptualizá-lo como um político imoral, pois, mesmo quando um domínio ou *frame* é negado, ele é evocado e fortalecido.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo geral desta Tese foi estudar a conceptualização de Lula em capas da Revista *Veja*, entre os anos de 1979 e 2017, à luz da Linguística Cognitiva e da Teoria da Complexidade. Para tanto, selecionamos os pressupostos teóricos que fundamentam este trabalho, apresentados na Seção 1 (*A rede teórica*). A escolha dessas áreas do saber se deu pelo interesse de verificarmos como a experiência corporificada influencia a maneira como compreendemos o mundo, particularmente, o político Luiz Inácio Lula da Silva, e, ademais, pela necessidade de entender como ocorre a interação entre as linguagens verbal e imagética no fenômeno da conceptualização, e, em particular, desse político.

Ainda na seção teórica, foram desenvolvidas reflexões sobre o conceito de metáfora e metonímia, a fim de procurar por uma definição que melhor contemplasse o objeto de estudo. Nesse contexto, entendemos que a Teoria da Metáfora Conceptual e a da Metonímia Conceptual não eram suficientes para explicar tal objeto, visto que ele e o corpus eram específicos e demonstravam, particularmente, elaborações dos sentidos online acerca do político. Por isso, adotamos o conceito de metáfora situada, proposto por Vereza (2016), e desenvolvemos o conceito de metonímia situada, considerando que não só as metáforas, mas também as metonímias localizadas também ocorrem em um determinado evento discursivo e são menos convencionais.

Posteriormente, seguindo a ordem cronológica, a partir da Técnica da Saturação, identificamos as capas da Revista *Veja*, nas quais Lula é abordado como notícia principal, como foi descrito na Seção 2 (*A rede metodológica*). Tal técnica nos possibilitou fazer um recorte do corpus e otimizar o estudo da conceptualização de Lula nas capas. Isso porque, como exposto na seção destinada à metodologia, inicialmente, foram coletadas 85 capas, uma quantidade improdutiva para se realizar uma análise detalhada acerca do objeto durante o período de desenvolvimento da pesquisa. Desse modo, ao aplicarmos a Técnica da Saturação em um estudo de linguagem, foi reafirmada a possibilidade desse diálogo já constatada por Almeida e Santana (2020), além de nos permitir verificar um padrão semântico. Por fim, como ficou constatado, essa metodologia pode ser aplicada para analisar a representação de outras figuras políticas na mídia, de modo a incluir políticos de diferentes partidos, níveis de governo ou países.

Depois dessas etapas, investigamos os mecanismos de conceptualização presentes nas capas selecionadas: *frames*, metáforas, metonímias e esquemas imagéticos, formadores de MCIs. Assim, na Seção 3 (*A rede conceptual de Lula em capas da revista*

*Veja*), descrevemos tais mecanismos, através da interação entre as diversas modalidades da linguagem e do contexto sócio-histórico-cultural-ideológico, buscando, ainda, identificar como o não equilíbrio, como prolatado pela TC, funciona como fonte de ordem e como se interconectam linguagem, cognição e conceptualização.

Diante das capas estudadas, a nossa hipótese sobre a mídia tradicional, especificamente, a Revista *Veja*, construir uma imagem de Lula que pôde ter influenciado e, ainda, pode influenciar a percepção dos leitores se confirmou devido à recorrência de conceptualizações que evocam um modelo cognitivo idealizado negativo, apesar da expressiva popularidade do político, bem como devido às perspetivações feitas nas capas, conforme demonstrado na seção analítica desta Tese.

Também, percebemos que as conceptualizações foram possíveis e construídas mediante a interconexão entre o verbal e o imagético, contemplando desde a motivação das cores e a imagem escolhida até as palavras para expressar a conceptualização do petista. Por exemplo, é frequente a publicação de uma imagem de Lula, juntamente com elementos na cor vermelha, dialogando com a linguagem verbal, como a sigla PT e os itens léxicos “Lula” e “esquerda”.

Essa interação, também, foi manifestada pelos domínios mais predominantes POLÍTICA e CORPO HUMANO, tendo como recorrentes os seguintes padrões metonímicos: PARTE PELO TODO e TODO PELA PARTE, acionados pelas metonímias ROSTO PELA PESSOA, BUSTO PELA PESSOA, PESSOA PELA OCUPAÇÃO e OCUPAÇÃO PELA PESSOA, que estão associadas, respectivamente, às metonímias situadas *Rosto de Lula por Lula*, *Busto de Lula por Lula*, *Lula por ex-presidente/presidente* e *Presidente por Lula*. Os dois primeiros mapeamentos revelam um padrão organizacional do gênero da linguagem capa de revista, e os últimos o padrão das conceptualizações de Lula.

Paralelo a isso, também, no domínio POLÍTICA, há a metafotnímia COR É INSTITUIÇÃO e COR PELA INSTITUIÇÃO, vinculadas às metáforas e metonímias situadas *Vermelho é esquerda/PT* e *Vermelho por esquerda/PT*. Essas ocorrências indicam aspectos ligados à conceptualização de Lula e ao seu lado profissional.

Quanto ao esquema imagético, os mais frequentes foram PARTE-TODO e FORÇA. A recorrência desse último ratifica o estudo de Johnson (1991 [1987]) sobre como tal estrutura pré-conceptual nos auxilia a moldar domínios-alvo abstratos. Ademais, confirmamos a premissa abordada pelo referido autor acerca das experiências corporais de força gerarem esquemas imagéticos modificados, ampliados e elaborados em domínios

que não estão estritamente ligados ao corpo, como quando Lula foi conceptualizado como uma granada, sendo uma espécie de bloqueio.

Por meio das conceptualizações abordadas neste estudo, notamos como linguagens, cognição e conceptualização interagem para manter, conforme preleciona a TC, o equilíbrio-estável da semântica de Lula, pois, inicialmente, conceptualizamos/categorizamos Lula como político, mas a multimodalidade das diversas capas nos permitiu outras conceptualizações (objeto, criminoso, inimigo, granada, líder, prisioneiro etc.). Esse deslocamento de sentido opera como uma desordem, que, posteriormente, origina nova organização que pode se tornar um conhecimento dentro de determinado contexto. Somado a isso, as conceptualizações apresentadas revelaram um padrão de organização tanto do gênero da linguagem capa quanto da construção de um *frame* de Lula através da mídia conservadora.

Partindo dos elementos, citados por Lakoff (2016), que influenciam o pensamento inconsciente e moldam a construção de significado, percebemos que as metáforas, metonímias, os domínios e os *frames*, acionados por meio de expressões verbo-imagéticas, reforçam a conceptualização de Lula como imoral. Desse modo, podemos inferir que o político precisou lidar com uma mídia de caráter conservador para chegar à presidência e para permanecer nela. É possível que esse MCI de caráter negativo sobre Lula tenha sido construído pela *Veja*, por causa do preconceito já existente em relação ao fato de Lula ser nordestino e de ter sido operário sem nível superior ou devido ao preconceito alimentado pelo modelo de pai severo que organiza a visão de mundo conservadora e, assim, não permite enxergá-lo de outra forma, mas julgamos que não temos elementos suficientes para confirmar isso. Temos, então, outra hipótese que se pode ser confirmada ou não em outros estudos a serem desenvolvidos.

Diante do exposto e considerando os objetivos estabelecidos neste trabalho, bem como os questionamentos levantados, concluímos que domínios, *frames*, metáforas, metonímias e esquemas-imagéticos, formadores de modelos cognitivos idealizados, são os mecanismos envolvidos na conceptualização de Lula em capas da Revista *Veja*. As considerações feitas nesta Tese revelam como, na construção do significado, há uma rede, uma teia de linguagens que interconecta cognição, história, cultura, ideologia e sociedade em um processo retroalimentar, pois as experiências entre os domínios são compartilhadas, sendo difícil estabelecer fronteiras entre um conhecimento e outro ou entre as dicotomias tradicionais da Linguística, por exemplo. O ser humano produz conhecimento, produz linguagem ao mesmo tempo que é produto desse contexto geo-

sócio-histórico-cultural-ideológico, e esse último se auto-organiza, à medida que se adequa à situação na qual estamos inseridos, como evidencia a TC. Como dissemos, os limites semânticos podem ser, relativamente, instáveis, porém os fios de uma teia semântica só podem ser esticados até determinado ponto.

Assim, os resultados encontrados nesta Tese de cunho qualitativo contribuirão não só para a construção de saberes da LC e da TC, mas, também, para outras áreas que tenham interesse em um suporte empírico, a exemplo da Filosofia e da Sociologia, ratificando, assim, o desdobramento interdisciplinar presente no meio científico, inscrito no novo Paradigma da Complexidade e na própria LC. No diálogo entre a LC e a TC, a Tese contribui ao fornecer um estudo detalhado de como essas teorias podem ser empregadas à análise da mídia. Isso pode ser útil para pesquisadores das áreas mencionadas, bem como para profissionais de comunicação que buscam entender o funcionamento da linguagem, das imagens e das cores para gerar significado.

Ademais, o estudo oferece uma análise detalhada de como uma figura política é construída na mídia, neste caso, Lula na Revista *Veja*. Isso pode ajudar leitores a identificar recursos midiáticos e compreender, criticamente, como a mídia pode moldar a percepção pública de figuras políticas. Para os profissionais de mídia, a pesquisa pode promover *insights* sobre como suas escolhas de linguagem e imagem podem influenciar a percepção do público, o que pode levar a uma reflexão mais profunda acerca da responsabilidade midiática na apresentação justa e precisa de figuras públicas.

Também, a Tese pode ser usada como um recurso educacional em cursos de comunicação, linguística, estudos de mídia e ciências políticas, pois apresenta um exemplo de como a análise crítica da mídia pode ser realizada e como as teorias acadêmicas podem contribuir para a análise de textos da vida real. Por fim, a Tese pode ter implicações para a política, ajudando políticos, assessores e estrategistas a entender melhor como a mídia pode influenciar a percepção pública de uma figura política. Isso pode indicar estratégias de comunicação e gestão de imagem.

Enfim, é importante ressaltar, ainda, que tais resultados não são concludentes nem descartam outras perspectivas de investigação, mas, sim, mostram que, além da compreensão da conceptualização de Lula, há caminhos para outras pesquisas, pois um estudo complexo acerca desse político poderá indicar distintas interpretações. Nesse sentido, a pesquisa poderia ser expandida para incluir outras fontes de mídia, além da Revista *Veja*. Tal expansão poderia incluir outros jornais e revistas, bem como mídia digital, televisão e rádio.

Além disso, poderia ser feita uma comparação entre diferentes fontes de mídia que poderia revelar diferenças na forma como as figuras políticas são compreendidas. Além disso, como o estudo contempla um período de quase 40 anos, futuras pesquisas poderiam continuar a analisar outras capas da Revista *Veja* para verificar como a conceptualização de Lula, ou até mesmo de outras figuras políticas, evoluiu ao longo do tempo. Por fim, a conclusão desta Tese, ainda, sugere que a mídia pode influenciar a percepção pública de figuras políticas. Então, trabalhos posteriores poderiam explorar mais essa ideia, como, por exemplo, através de pesquisas de opinião ou de estudos experimentais.

Em suma, o resultado deste estudo contribui para compreender, à luz da LC e da TC, como a Revista *Veja* conceptualizou Lula, identificando, ainda, uma possível influência da mídia na opinião popular, através da construção de um MCI de natureza negativa. Isso evidencia como a análise da interação entre o verbal e o imagético pode acionar e elaborar *frames* on-line, e, por conseguinte, produzir significados emergentes que podem se cristalizar, contribuindo para a criação de novas realidades.

## REFERÊNCIAS

- ACERVO VEJA. Disponível em: <https://acervo.veja.abril.com.br/#/archive/1989/11>. Acesso em 08 de março de 2019.
- ALCÂNTRA. Lula e a lei. 2016. Disponível em: <https://acervo.veja.abril.com.br/#/edition/37078?page=1&section=1>. Acesso em 09 de julho de 2019.
- ALMEIDA, Aurelina Ariadne Domingues. *Brasil, 2015: como a presidenta, seu partido, seus eleitores e seu governo podem ser conceptualizados em rede social*. SCRIPTA, Belo Horizonte, v. 20, n. 40, 2º sem, 2016.
- ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. Multimodalidade, cognição e complexidade: memes em foco. In: GABRIEL, Rosângela et al (Org.). (Per)cursos (inter)disciplinares em letras. Campinas – SP: Pontes Editores, 2018.
- ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. Estamos sempre em guerra? Estudo cognitivo sócio-histórico de uma metáfora da gripe espanhola e da covid-19. *Estudos Linguísticos e Literários*. Nº 69, NÚM. ESP., Salvador, 2020. p. 366-395
- ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. A semântica sócio-histórico- cognitiva: antecedentes, estado da arte e propostas para o futuro. SANTANA, Neila Maria Oliveira; ALMEIDA, A. Ariadne Domingues (orgs.) In: *Semântica cognitiva sócio-histórica estudos sobre o significado*. Salvador: EDUNEB, 2020, p.232.
- ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. A tessitura do conhecimento: o corpus na construção de estudos semânticos sócio-histórico-cognitivos. Anais do IX Seminário de Estudos Filológicos (IX SEF), Salvador-BA,
- ALMEIDA, A. Ariadne Domingues. Como posso te achar no facebook? Você me acha como... Questões sobre metonímia, modernidade líquida e emoção na antroponímia. In: *Linguística*. v.36. Junho: ALFAL, 2020.
- ALMEIDA, M.C; SOUSA, B. de.; ORFÃO, P.; TEIXEIRA, S. *Jogar futebol com as palavras: imagens metafóricas no jornal A Bola*. Edições Colibri, 2013.
- ALVES, A. J. O planejamento de pesquisas qualitativas em educação. *Cadernos de Pesquisa*, n. 77, p. 53-61, 1991.
- ANDRADE, Adriano Dias de. *Metáforas multimodais em anúncios publicitários impressos*. Tese (Doutorado) – Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Artes e Comunicação. Letras, 2016.
- BAKHTIN, M. Estética da criação verbal. Os gêneros do discurso. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- BLACK, Max. More about metaphor. In: ORTONY, Andrew. *Metaphor and Thought*. Cambridge MA: Cambridge University Press, 1979, p. 19-43.



BARCELONA, Antonio. La metonimia conceptual. In: IBARETXE-ANTUÑANO, Iraide; VALENZUELA, Javier (Cord.). *Linguística Cognitiva*. Barcelona: Anthropos, 2012. p. 123-146.

BARCELONA, Antonio. O poder da metonímia, *Cadernos de tradução – Linguística Cognitiva*, Instituto de Letras, UFRGS, n. 25, 2009[1996], p. 7-24, jul.-dez.

BARCELONA, Antonio (Ed.) *Metaphor and Metonymy at the Crossroads: A Cognitive Perspective*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2003.

CASTILHO, A. T. de. Repetição e constituição da sentença na língua falada. *Gramática do Português Brasileiro*. São Paulo: Contexto, 3ª reimpressão, 2014, p.156-163.

CAPRA, F. *A teia da vida: uma compreensão científica dos sistemas vivos*. (Newton Roberval Eicheberg, trad.). São Paulo, SP: Cultrix, 2006 [1996].

CIENKI, Alan. Frames, ideal cognitive models and domains. In: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert. (Ed.) *The Oxford handbook of cognitive linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007. p. 170-187.

DUQUE, Paulo Henrique. A covid-19 em charges: uma análise baseada em frames. *Estudos Linguísticos e Literários*. Nº 69, NÚM. ESP, Salvador, 2020. p. 106-127.

FERREIRA, Barbara Cabral. *Dilma: mãe ou madrasta? Metáforas conceptuais que categorizam a presidente em charges*. Tese (Doutorado): Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2015.

FONTANELLA, Bruno J. B. et al. Amostragem em pesquisas qualitativas: proposta de procedimento para constatar saturação teórica. *Caderno de Saúde Pública*, v. 2, n. 27, p. 389- 203 394, 2011. Disponível em: <https://www.scielo.org/pdf/csp/v27n2/20.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2018

FERREIRA, Marieta de Moraes; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. *História do tempo presente e ensino de história*. Revista História Hoje, v. 2, n. 4, p. 19-34, 2013.

FORCEVILLE, Charles. Pictorial and Multimodal metaphor. In: NINA-MARIA KLUG; HARTMUT STÖCKL. *The Language in Multimodal Contexts Handbook*. Linguistic Knowledge series. Berlin: Mouton de Gruyter, 2016.

FORCEVILLE, Charles. From image schema to metaphor in discourse: The FORCE schemas in animation films. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/318093796>. Acesso em: 09 de julho de 2019.

FORCEVILLE, Charles. Non-verbal and multimodal metaphor in a cognitivist framework: agendas for research. In: FORCEVILLE, Charles; URION-APARISI, Eduardo. *Applications of cognitive linguistics: multimodal metaphor*. New York: Mouton de Gruyter, 2009.

FORCEVILLE, Charles. *Pictorial Metaphor in Advertising*. London/New York: Routledge, 1996.

GEERAERTS, Dirk. Prototype theory. In: GEERAERTS, Dirk (ed). *Cognitive Linguistics: Basic Readings*. Berlin/New York: Mouton de Gruyter, 2006.

GRADY, Joseph. A typology of motivation for conceptual metaphor: correlation vs. resemblance. In: GIBBS, Raimond; STEEN, Gerard. (Ed.). *Metaphor in cognitive linguistics*. Amsterdam: Benjamins, 1999. p. 79-100.

GRADY, J.E. *Foundations of meaning: primary metaphors and primary scenes*. PhD Dissertation, University of California, Berkeley, 1997.

GRADY, Joseph et al. Primitive and compound metaphors. In: GOLDBERG, Adele (Ed.). *Conceptual structure, discourse and language*. Stanford: CSLI Publications, 1996. p. 177- 197.

ILARI, R. e GERALDI, J. W. *Semântica*. 3. ed. São Paulo, Ática, 1995.

IBARRETXE-ANTUNÃNO, Iraide. *Metaphorical Mappings in the Sense of Smell*. 1999. Disponível em: <file:///C:/Users/Lorena/Downloads/Ibarretxe-Gibbs-Steen-99.pdf>. Acesso em: 08 de julho de 2019.

JEWITT, C.; OYAMA, R. Visual meaning: a Social Semiotic approach. In: VAN LEEUWEN, T.; JEWITT, C. *Handbook of visual analysis*. London, Thousand Oaks, New Delhi: Sage Publications, 2001. p. 134-156.

JIKINGS, Ivana et al. *A verdade vencerá: o povo sabe por que me condenam*. 1ª ed. Boitempo: São Paulo, 2019, p.256.

JOHNSON, M. *The body in the mind*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

KÖVECSES, Z. *Metaphor*. A practical introduction, Oxford, Oxford University Press, 2002.

KRESS, Gunther; VAN LEEUWEN, Theo. *Reading images: the grammar of visual design*. London: Routledge, 2006.

——— *Multimodal Discourse – The Modes and Media of Contemporary Communication*, London, Edward Arnold, 2001.

LAKOFF, G. *Women, fire and dangerous things*. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. *Metaphors we live by*. Chicago: The University of Chicago Press, 2003 [1980].

LAKOFF, G.; *Understanding Trump*. 2016. Disponível em: <https://georgelakoff.com/2016/07/23/understanding-trump-2/>. Acesso em 06 de junho de 2019.

LAKOFF, George; TURNER, Mark. *More than Cool Reason: A Field Guide to Poetic Metaphor*, Chicago, The University of Chicago Press, 1989.

LANGACKER, R. W. Foundations of Cognitive Grammar. Vol.1: *Theoretical Prerequisites*. Stanford: Stanford Press, 1987.

LULA. ‘Se me deixarem solto, viro presidente’. *UOL*, 2016. Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2016/03/09/se-me-deixarem-solto-viro-presidente-diz-lula.htm>. Acesso em 11 de junho de 2023.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: *Gêneros textuais e ensino*. São Paulo: Parábola Editorial, 2010, p. 19-38

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Repetição. In: JUBRAN, Clélia Cândida A. Spinardi; KOCH, Ingedore G. Villaça (org.). *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2006, v.1. p. 219 – 254.

MATURANA R., Humberto. *Cognição, ciência e vida cotidiana*. Tradução: MAGRO, Cristina; PAREDES, Victor Paredes. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2001.

MINAYO, M. C. S. (Org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Vozes, 2001.

MORAIS, Fernando. *Lula: Biografia*. v.1. São Paulo: Companhia das Letras. 2021, p.416.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand, 2009.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand, 2001.

NUNOMURA, Eduardo Yoshio. *O mensalão impresso: o escândalo político-midiático do governo Lula nas páginas de Folha e Veja*. 2012. Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27153/tde-18122012-125216/>. Acesso em: 11 jun. 2023.

OLIVEIRA E PAIVA, Vera Lúcia Menezes. O processamento metonímico/metafórico à luz da teoria do caos/complexidade. *Revista Portuguesa de Humanidades. Estudos Linguísticos*, nº 15/1, 2011.

OLIVEIRA E PAIVA, Vera Lúcia Menezes de. Gêneros da linguagem na perspectiva da complexidade. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 19, n. 1, p. 67-85, jan./abr. 2019.

OLIVEIRA E PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. *A metonímia como processo fractal multimodal*. 2010. Disponível em: <http://www.ufjf.br/revistaveredas/files/2010/08/ARTIGO-1.pdf>. Acesso em: 16 de outubro de 2018.

PARAIZO, Maria Angélica Chagas. *Populismo e o projeto de desenvolvimento do governo Lula*. Dissertação: Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Faculdade de Filosofia e Ciências – UNESP, 2017, p.118.

PINHEIRO, G. L. de A. 2010. *Metáfora e metonímia na mensagem visual publicitária: uma perspectiva cognitivista para a análise retórica da imagem*. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/3831/3375> Acesso em 20.01.2018.

PEÑA CERVEL, Maria Sandra. Los esquemas de imagen. In: IBARETXE-ANTUÑANO, Iraide; VALENZUELA, Javier (Cord.). *Linguística cognitiva*. Barcelona: Anthropos, 2012. p. 69-96.

PEREIRA, Daniel. Um tiro no pé. 2012. Disponível em: <https://acervo.veja.abril.com.br/#/edition/32200?page=1&section=1>, Acesso em: 09 de agosto de 2019.

PORTELA, Fábio. A liberdade sob ataque. 2010. Disponível em: <https://acervo.veja.abril.com.br/#/edition/32291?page=1&section=1>. Acesso em: 09 de agosto de 2019.

RADDEN, Günter; KÖVECSES, Zoltán. Towards a theory of metonymy. In: EVANS, Vyvyan; BERGEN, Benjamin; ZINKEN, Jörg. *The cognitive linguistics reader*. London: Equinox, 2007. p. 335-359.

SANTANA, Neila Maria Oliveira; ALMEIDA, A. Ariadne Domingues; A Semântica Cognitiva Sócio-Histórico-Cultural: Questões Epistemológicas. In: *Língua e Sociedade: Diferentes Perspectivas*, Fim Comum. São Paulo: Blucher, 2019, p. 113 -132.

SANTANA, Neila Maria Oliveira. *Estudo sócio-histórico-cognitivo das conceptualizações e categorizações do amor em cartas dos séculos XIX e XX*. Tese: Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura, 2019, p.213.

SANTOS, E.S. dos. O Estudo do significado sob a perspectiva da Linguística/Semântica Cognitiva. *Pontos de Interrogação*, v.5, n.1, 2015, p.11-17.

SCHMITT, Rudolf. Systematic Metaphor Analysis as a Method of Qualitative Research. *The Qualitative Report*, vol.10, n. 2. Junho de 2005, p. 358 – 394. In: <http://www.nova.edu/ssss/QR/QR10-2/schmitt.pdf> Acesso em 12 de novembro de 2018.

SCHMITT, Rudolf. *Análise sistemática de metáforas: um método de pesquisa qualitativa*. Tradução ANDRADE, Adriano Dias de. Recife: Ed. UFPE, 2017.

SILVA, Augusto Soares da. *A semântica do deixar: uma contribuição para a abordagem cognitiva em semântica lexical*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e Tecnologia, 1999.

SILVA, Augusto Soares da. Linguagem, cultura e cognição, ou a linguística cognitiva. In: SILVA, Augusto Soares da.; TORRES, Amadeu; GOLÇALVES, Miguel (Org.). *Linguagem, cultura e cognição: Estudos de Linguística Cognitiva*. v. 4. Coimbra: Almedina, 2004.

SILVA, L.M.O.C; CABRAL, L.R. *Construção de sentido: análise no gênero capa de revista*. Littera Online. n. 10. Departamento de Letras: Universidade Federal do Maranhão, 2015. p. 1-26.

SILVA. Condenado. *Acervo Veja*. 1981, p.45. Disponível em: <https://acervo.veja.abril.com.br/#/archive/1989/11>. Acesso em 08 de março de 2019

SILVA LOPES, D. M. M. *Implantação da TV digital no Brasil: os discursos e a produção de sentidos nos jornais Folha de São Paulo, Correio Brasiliense e O Globo*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Piauí, 2011.

SILVEIRA, Denise Tolfo; CÓRDOVA, Fernanda Peixoto Córdova. A pesquisa científica. In: GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo (orgs). *Métodos de pesquisa*, Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2009.

SORIANO, Cristina. La metáfora conceptual. In: IBARETXE-ANTUÑANO, Iraide; VALENZUELA, Javier (Cord.). *Linguística cognitiva*. Barcelona: Anthropos, 2012. p. 97-122.

SOUZA, E.W.E; DUQUE, P.H. *O processo cognitivo-discursivo de construção de sentido em notícias e piadas: uma abordagem baseada em frames*. DLCV: Língua, Linguística e Literatura. João Pessoa, PB, v. 14, n. 2, p. 377-401, jul./dez, 2018.

TEIXEIRA, José. *O equilíbrio caótico do significado linguístico*. Diacrítica. Série Ciências da Linguagem, nº 18/1, Universidade do Minho, Braga, 2004.

TURNER, M; FAUCONNIER, G. Metaphor, metonymy, and binding. In: *Metaphor and metonymy at the crossroads: a cognitive perspective*. Berlin, New Yoork: Moutonde Gruyter, 2003b.

VELASQUEZ, Muza Clara Chaves; KUSHNIR, Beatriz. *Veja*. Disponível em: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-tematico/veja>. Acesso em 12 de novembro de 2018.

VEREZA, Solange Coelho. Cognição e sociedade: um olhar sob a óptica da linguística cognitiva. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 16, n. 3, p. 561-573, set./dez. 2016.

VIEIRA, Ricardo Pereira. *Memória e discurso: Chávez na mídia impressa*. Dissertação: Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. Vitória da Conquista, 2009.